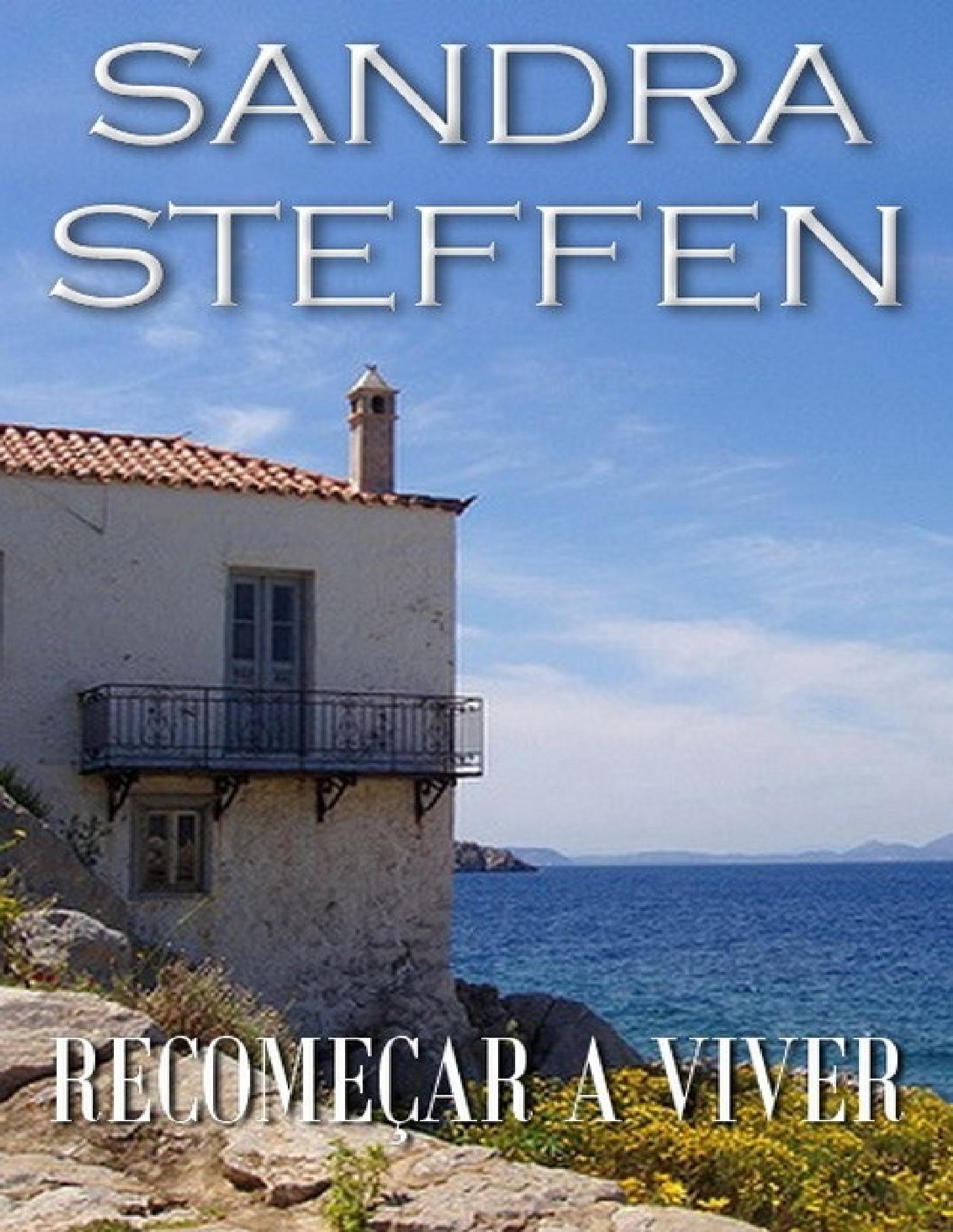


# SANDRA STEFFEN

A photograph of a white stone building with a balcony and a small tower, overlooking the sea. The building is built on a rocky cliffside. The sky is blue with some clouds. The sea is a deep blue. The text 'SANDRA STEFFEN' is at the top and 'RECOMEÇAR A VIVER' is at the bottom.

RECOMEÇAR A VIVER

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# RECOMEÇAR A VIVER

Just Between Friends

*Sandra Steffen*

## **RENUNCIAR A TUDO E DAR UMA NOVA CHANCE AO CORAÇÃO!**

Brooke Valentine parecia ter tudo: um marido lindo e dedicado, uma filha adolescente muito inteligente, uma grande carreira e, uma casa maravilhosa na Filadélfia. No entanto, sua segurança é abalada quando descobre que está sendo traída pelo marido. Arrasada e sem saber o que, fazer, Brooke decide então voltar para sua cidade natal com a filha e recomeçar a vida. Lá conhece Michael Mackenzie, um homem tão sério quanto charmoso... Ele está na cidade para cuidar de seu pai, mas assim como Brooke, vai descobrir que aquele lugar será também onde ele recomeçaria sua vida e daria uma segunda chance ao amor!

# CAPÍTULO I

Os olhos de Kyra Valentine se abriram antes de o despertador tocar, assim como vinha ocorrendo em cada uma das manhãs daquele último ano. Ela começou a se levantar, mas, em vez de encontrar a beirada da cama, achou um obstáculo sólido e morno, seu marido Colin, que, apesar de ser esguio e atlético ainda assim era uma barreira.

— A saída do leito é por ali — balbuciou ele, noventa e nove por cento adormecido.

Kyra continuou deitada, tentando se orientar. Aquela cama nova ia ser sua perdição. Nunca conseguia sair dela. O problema não era o móvel em si, com sua manta grossa e os luxuosos lençóis de algodão egípcio. Não podia nem mesmo culpar a exaustão, apesar de vir se sentindo cansada demais. A questão era que estava dormindo do lado errado. Um ano inteiro e ainda não se acostumado com a mudança.

Um ano inteiro...

Fazia doze meses que se mudaram para um dos locais mais pitorescos e históricos da Filadélfia, que para eles marcava um novo começo. Society Hill era um lugar maravilhoso. Sophie gostava da escola. Colin adorava o prestígio de viver em uma cidade histórica. E Kyra se alegrava por ver seu marido e sua filha felizes.

Colin suspirou em meio ao sono, e o desejo surgiu dentro dela. Se pelo menos pudesse ficar ali mesmo e esquecer o resto do mundo e todas as forças externas que os puxavam e empurravam..

Sophie podia continuar dormindo enquanto eles não dormiam, como costumavam fazer tantos anos atrás. Em seguida, arrumariam desculpas para não ir ao trabalho, e Kyra faria um imenso café da manhã para os três e comeria sem se preocupar com as calorias. Ficariam de pijamas, e ela nem mesmo se importaria em vestir a saia cinza e a blusa de seda cinza-azulada, aquela que tinha a mesma cor de seus olhos, a blusa que comprou em especial para a reunião daquele dia. "É hoje!" Suas pálpebras se ergueram. Mas continuava sendo uma lástima não poder ficar ali, pois seu marido era um homem em grande forma e muito excitante. Descobriu isso na primeira vez em que pôs os olhos nele, quinze anos antes, na faculdade. As colegas de quarto de Kyra avisaram que jamais conseguiria conservá-lo. E ela o fez. Porém, teve de pagar o preço. Mas isso era parte do passado.

O despertador começou a tocar. Ouvindo a música suave, Kyra imaginou a que horas Colin teria chegado. O pobrezinho trabalhava tanto quanto ela. Resolvendo deixá-lo dormir mais meia hora, algo de que sem dúvida precisava, ela girou as pernas dessa vez para a esquerda, seu novo lado do leito.

Erguendo-se com cuidado, apertou o botão para desligar o radio relógio e pegou o livro na cabeceira. Cento e Uma Maneiras de Acrescentar um Tempero Sexual a Seu Casamento. Naquela noite, ia sugerir que tentassem de novo o número dezessete.

Estava tudo planejado. A garrafa de Château Latour já se encontrava na geladeira. E, como Sophie ia passar a noite na casa de uma amiga, Kyra e Colin teriam a casa só para eles.

Tinham muito o que celebrar, pois acabavam de completar o primeiro ano na nova residência, o casamento tornara-se sólido de novo, Sophie desabrochava, e a carreira de Kyra na publicidade ia de vento em popa.

Malcolm Klein faria um anúncio importante na reunião da diretoria naquele dia. Os colegas de Kyra concordavam que todo o trabalho duro dela merecia ser recompensado.

Kyra sorriu em antecipação, pois havia de fato trabalhado muito, dando cem por cento em todas as áreas de sua vida.

Ao consultar o relógio, constatou estar um pouco atrasada. Compensou o atraso passando reto pela janela, onde costumava parar toda manhã para cumprimentar o dia. Por hábito, tirou a camisola pela cabeça e entrou no banheiro grande da suíte.

Nua, subiu na balança. Dali foi para o chuveiro.

Trinta minutos depois, vestida, maquiada, perfumada, achava-se pronta para ser esposa, mãe e profissional por mais vinte e quatro horas.

A luz da cozinha estava acesa quando chegou lá. Sophie, sua filha de doze anos, sentada perto da janela, acariciava a gata da família.

— Bom dia, querida. E para você também, Fofura.

— Bom dia, mamãe.

Fofura, como sempre, ignorou Kyra. Adotaram a gata fazia um ano, e ela ainda não se acostumara com a mãe de Sophie. Não importava o que Kyra tentasse, não conseguia de jeito nenhum conquistar o animal.

— O que quer para comer, Sophie?

— Panqueca de amora com melado de verdade e pãezinhos. Ainda tem algum sonho?

Kyra abriu o recipiente hermético e passou os sonhos para ela.

— Tem certeza de que seu estômago tem fundo?

— Meu metabolismo é rápido. — Sophie Nicole Valentine tinha o metabolismo do pai e os olhos da mãe.

Devia ter herdado a confiança também de Colin, mas a personalidade peculiar era toda dela, e se tornara evidente antes de a menina aprender a andar.

Vestindo um avental antigo, que adorava e guardava desde a adolescência, um período em que sonhava em tornar-se uma *chef* de renome internacional, Kyra pegou a frigideira, acendeu o fogo, foi buscar uma tigela no armário e quebrou um ovo dentro dela com uma mão apenas. Existia um ritmo no processo de cozinhar, uma sequência correta de movimentos e uma mistura de odores e sons.

Era costume de Sophie acordar cedo. Ela sempre se sentava meio de lado diante da janela por onde entrava a luz do sol, falando sobre tudo. Naquela manhã, reclamava do irmãozinho de sua melhor amiga.

— Sempre quis ter uma irmã ou irmão mais novo, mas agora Makayla é quem queria ser filha única.

— Toby tem sete anos, Sophie. Ele vai parar de fingir que é o Homem-Aranha. — Kyra virou as panquecas com habilidade. — O que você e Makayla farão hoje?

— Nada de mais. Por piercings na língua, fazer tatuagens, pegar carona até a pista de turfe e falar com nosso agenciador de apostas. Você sabe, as coisas de sempre.

Sim, Sophie tinha a estrutura óssea da mãe e o cérebro do pai, e como eles diziam, o senso de humor do limpador de piscina.

Ela e Colin não faziam mais essa piada. Não porque não tivesse graça, mas porque Kyra descobriu

por experiência própria que não havia nada de engraçado na infidelidade.

— Mãe, você sabe que hoje é quinta e... Toda quinta a sra. Prescott leva você e Makayla para cavalgar.

— Isso mesmo!

Mãe e filha esboçaram sorrisos idênticos.

Sophie continuou a falar, enquanto seu desjejum era preparado. E dava risadas, fazendo gestos amplos e falando alto. "Não é de admirar que este seja meu período favorito do dia", pensou Kyra.

Arranjando a comida em um prato, Kyra ficou do outro lado do balcão, vendo a filha dar a primeira garfada.

Sophie fitou o teto. Dramática, tudo que a menina sentia ficava evidente em suas expressões. Kyra deu uma mordida na torrada de trigo integral sem nada em cima e imaginou o que tinha feito para merecer uma criança como aquela.

Colin chegou no momento em que ela cortava a banana no meio.

— Bom dia, garotas.

— Olá, pai.

Ele beijou o rosto de Sophie, entregou-lhe um guardanapo e esperou até que a filha o usasse antes de seguir até a máquina de café.

Fofura apareceu, esfregando-se nos tornozelos dele e ronronando. Kyra olhou para a gata, depois para Colin. Ele usava um terno italiano escuro e camisa branca. Seus olhos ficavam profundos no rosto, e os cabelos eram da cor do café. Se Adônis tivesse ficado grisalho, Kyra poderia jurar que teria a mesma aparência de Colin, com um pouco de prateado nas têmporas. Os malaras eram tão proeminentes quanto o queixo anguloso e simétrico. Poucos homens no planeta eram assim atraentes. Colin colocou creme no café, tomou um gole com satisfação e pôs a xícara no balcão perto da torrada de Kyra.

— Está fazendo dieta?

Nada escapava a Colin Valentine. Kyra engordara um quilo.

— Devo ter ingerido muito sal ontem...

Colin se posicionou atrás dela, passando as mãos pelos quadris da esposa, por cima da saia cinza nova.

— A balança não mente. Mas você me parece muito bem. Aquilo era um cumprimento. Ela sabia disso, mas ainda assim sentiu como se tivesse levado um tapa. — E seu cheiro também está ótimo.

Colin afagou-lhe a nuca com o nariz, e Kyra relaxou.

— Você sabe que tenho cócegas aí.

— Sei de outro lugar onde tem cócegas... — disse ele com a voz grave, bem baixo, de forma que só ela escutasse, o que acendeu seu desejo de novo.

Do outro lado do balcão, Sophie terminou as panquecas e atacou os pãezinhos.

— Ei, estou tentando comer aqui!

Colin piscou para a filha, e Sophie sorriu. E naquele momento tudo estava certo no mundo de Kyra.

Ela colocou mais massa na frigideira. Colin se sentou e abriu o Wall Street Journal. Ele se dizia um

tritador de números supervalorizado, mas a verdade era que, com trinta e nove anos de idade, era brilhante em resolver problemas, tendo uma longa lista de credenciais, incluindo um MBA pela Colúmbia. Sua reputação era de conseguir resultados, e costumava ser requisitado por grandes corporações tanto na cidade quanto em todo o país.

Vinha se mostrando bastante afetuoso nas últimas semanas. Decerto porque sabia que, apesar de ela o ter perdoado, a indiscrição ainda era um peso para Kyra às vezes, quando pensava nisso. Sobretudo naquele período do ano, pois fora no começo de um verão que descobriu sobre o caso do marido.

Colin vinha tentando com grande empenho acertar as coisas com a mulher naqueles dois anos. Meses se passaram antes que Kyra conseguisse fazer amor com ele depois daquilo sem ficar chorando em seguida, e mais um ano foi necessário para que parasse de imaginar se o marido a estava comparando à ex-amante.

Um psicólogo ajudara a lidar com a dor. Kyra perdoou o marido. Não que fosse esquecer. Descobrira que o perdão não era algo que caía do céu como milagre. Tratava-se de uma decisão consciente que requeria força e tenacidade da parte dela, e paciência da parte dele.

Mas na hora H, Colin a reconquistou. Nenhum outro homem a fazia se sentir do jeito que o marido conseguia. Ela o amava. Lá no fundo, Kyra sabia que sua vida seria mais simples se não o amasse.

Sophie correu escada acima para pegar a roupa de cavalgar. Sozinha na cozinha com Colin, Kyra tirou o avental e levou o prato para ele. O marido agradeceu, apertando sua mão.

— Sabe aquele ponto de cócegas de que você falou, Colin? Estou com vontade de derramar o Château Latour sobre ele antes de nossa celebração, hoje à noite.

Uma expressão passou pelos olhos dele tão depressa que Kyra chegou a crer que fosse sua imaginação.

— Algo errado? — ela quis saber.

Ele voltou a atenção para o café, a mão firme mexendo o creme da segunda xícara.

— McCowan me convidou para acompanhá-lo no jantar com o vice-presidente. Mas vou dizer a ele que não posso ir.

Kyra sorriu, empilhando os pratos na pia para Portia, a empregada que vinha por duas horas toda manhã.

Deixando Colin com seu café e o jornal, Kyra escovou os dentes no lavabo. Estava verificando sua aparência uma última vez quando Sophie entrou correndo na cozinha com uma sacola de náilon em que levava tudo de que ia precisar para a noite que passaria com a amiga.

— Você vai se mudar daqui?

— Não, papai. Vou ficar com Makayla. Até amanhã. — E beijou o rosto dele.

Kyra apanhou sua bolsa de couro.

— Vejo-o de noite, Colin. Deseje-me sorte.

Ele se levantou, ajeitando a gravata, os olhos azuis examinando-a inteira.

— Nós fazemos nossa própria sorte, Kyra.

Por que será que aquela declaração a perturbou?

Kyra caminhou na direção da porta, que Sophie deixou aberta.

— Kyra?

Ela olhou por cima do ombro. Colin pegara a gata e a acariciava. Kyra compreendia bem a expressão deliciada de Fofura.

— Você está linda, e se não fosse borrar seu batom e atrasá-la, eu provaria o quanto. Estarei preso em reuniões o dia todo, mas devo chegar em casa lá pelas sete. Podemos começar nossa celebração nesse horário. Não tire a rolha do vinho até eu chegar. Adorarei vê-la derramando-o em todos aqueles locais, tanto quanto bebê-lo.

Os joelhos de Kyra ficaram moles. Não se importaria de ter o batom borrado e se atrasar um pouco. Mas o orgulho e a experiência a impediram de dizer isso.

Colin soltou a gata, dobrou o jornal e colocou o prato na pia.

Kyra deixou a casa, o batom impecável, o horário intacto.

O celular de Kyra começou a tocar no momento em que entrou no saguão do prédio onde ficava a Agência de Propaganda Wilson.

O percurso até o centro da cidade fora angustiante. Os fundadores, que denominaram a Filadélfia como a Cidade do Amor Fraternal, nunca passaram por uma manhã típica no trânsito local.

A vida na Filadélfia era imensamente diferente da que levava em Alcott, New Hampshire, onde cresceu. Kyra e a irmã, Eve, nasceram quando os pais já tinham uma certa idade. A infância foi tranquila, sem grandes problemas. Naquela época, parecia que os dias longos e preguiçosos de verão durariam para sempre.

Os pais eram carinhosos, a irmã a tratava bem, e suas duas melhores amigas a compreendiam melhor do que qualquer outra pessoa na face da terra. Até Colin aparecer, é claro.

Kyra não conseguia lembrar a última vez em que conversou com Sara ou Cláudia. As Três Tagarelas, como se autodenominavam.

Ela se mantinha tão atarefada que esquecia como sentia saudade delas. Ocorreu-lhe que também sentia falta de Colin, o que era estranho considerando que vivia com ele, dormia com ele. compartilhava a vida com ele. Estava com um humor estranho naquela manhã, disso não havia dúvida.

Pegou o celular na bolsa, seguindo pelo patamar no meio da escada que levava ao primeiro andar. Ergueu o aparelho, dizendo:

— O que foi que você esqueceu, Sophie?

— Quase acertou, mas não vai ganhar o prêmio.

— Eve! Estava pensando em você! — Kyra fez uma pausa ao chegar ao segundo andar para recuperar o fôlego.

— Mesmo? Escute, sei que você está ocupada, mas tenho boas novas. Eu vou me casar!

— Quer dizer que Jack McCall finalmente...

Eve riu, e Kyra a imaginou com seu metro e setenta e cinco, na maior parte de pernas, os cabelos até a cintura, os olhos cinzentos.

— Não é Jack, Kyra, e sim o irmão dele, Carter.

Kyra entrou nos escritórios do terceiro pavimento, onde trabalhava.

— Você... e o bad boy Carter McCall?! Só pode estar brincando! Ficou maluca?

— Maluca de amor. Você sabe como é...

No reflexo na janela, o sorriso de Kyra perdeu todo o brilho. Colocando a bolsa pesada sobre a mesa, sentou-se em sua cadeira.

— Quando? Como? Nossa, você deve estar bem ocupada!

— Não tem ideia do quanto. Carter pediu minha mão faz duas semanas, e eu mal sei por onde começar, Kyra. O câncer de Tommy voltou, mas ele já está melhorando de novo.

— Oh, Eve, aquele menino tão lindo... É leucemia, não é? E você está mesmo noiva faz duas semanas?

— Foi tudo muito de repente. Estou tão feliz que não consigo pensar em mais nada!

Kyra tinha dúvidas sobre a notícia. Enumerou algumas delas com o máximo de gentileza, como sabia bem fazer. Eve se mostrava muito segura de si, certa da decisão, e bastante sincera quanto a seus sentimentos em relação a Carter McCall.

As irmãs conversaram até o sr. Klein abrir a porta da sala dele, o que sinalizava que estava pronto para a reunião.

— Eve, tenho de ir. Parabéns, meu bem. Se Carter de fato a ama, e você o ama, fico muito feliz pelos dois.

— Nós nos amamos, Kyra. Jamais imaginamos ser possível amar assim.

— Então está bem. Ligo para você mais tarde.

E guardou o telefone. Erguendo-se, alisou a saia, rememorou mais uma vez o discurso de agradecimento e acompanhou os colegas até a sala de conferências.

— Kyra, ninguém acredita nisso.

— É. É mesmo injusto.

— Todos sabemos que a economia tem andado péssima. E isso nos inspira a trabalhar ainda mais. Não passaria pela cabeça de nenhum de nós que levaria a isso.

— É um choque, sem dúvida. — Kyra não ergueu os olhos da caixa sobre a escrivaninha, onde colocava suas coisas.

Se o fizesse, sabia que ia perder a batalha para conter as lágrimas. Conseguia senti-las vindo, se acumulando, a garganta quente, a dor no peito, que tentava dominá-la.

Mas não ia deixar que acontecesse. Não podia. Ainda não.

Não conseguira uma promoção. Havia sido...

Não conseguia nem mesmo pensar na palavra. Não fora fácil para Malcolm Klein verbalizá-la também. Estava certa de que o remorso dele havia sido sincero, pois o presidente da Wilson possuía uma honra que ela sempre respeitou. — O dinheiro está curto... — dissera Malcolm.

Era evidente que a agência passava por uma situação ruim.

Os consumidores não estavam comprando, e apenas algumas companhias podiam gastar o alto preço das propagandas, e o que elas queriam eram patos falantes ou luta na lama.

Naquela manhã, Malcolm anunciou que esperava que a empresa conseguisse sobreviver até um período em que as propagandas de bom gosto retornassem. A questão básica eram os recursos. Não era

nada pessoal. A decisão fora corporativa.

No entanto, parecia algo muito pessoal para Kyra. Sob o aspecto intelectual, ela sabia que era algo ligado ao tempo de casa. Saía da Agência Pratt fazia um ano, pouco antes de ela e Colin se mudarem, porque aquele trabalho implicava um trajeto bem mais curto, e os dois decidiram que seria melhor se Kyra pudesse ficar mais tempo em seu lar.

Não havia sido a única a ser demitida. Doogan, o jovem recém-contratado da área de artes, e Polly, da contabilidade, também estavam enchendo caixas. Os demais ficavam se perguntando quem seria o próximo.

Sem mais nada a dizer, os dois colegas perto da mesa de Kyra foram em silêncio para seus cubículos.

Kyra pegou sua última peça particular. Colin não gostava de bagunça, por isso ela levava para o trabalho a foto emoldurada das Três Tagarelas tirada no verão antes da formatura do colégio.

Olhou para os três rostos sorridentes na fotografia e a colocou na bolsa junto com o bilhete azul e o cheque. Mordendo o lábio, fitou os colegas. Ou melhor, os ex-colegas. Acenou rápido, despedindo-se, pegou a caixa e seguiu Doogan para o corredor.

— Isso é uma droga! — disse ele no elevador.

Kyra assentiu.

— Tenho contas para pagar! Chegando ao térreo, Kyra o encarou.

— Boa sorte.

— Para você também, Kyra.

O que tinha sido mesmo que Colin dissera naquela manhã? "Nós fazemos nossa própria sorte."

As lágrimas surgiram em seus olhos. Pensar em Colin a fez resistir. Odiava a ideia de contar a ele sobre aquilo.

No estacionamento, lutou para encontrar as chaves do automóvel, acabou por derrubá-las e quase deixou a caixa cair também. Quando conseguiu colocá-la no assento de trás, abrir a porta da frente e sentar-se atrás da direção, suas mãos tremiam.

Ela queria...

O quê? Uma amiga com quem falar? Um ombro no qual chorar?

Queria que Colin a abraçasse. Queria tanto que doía.

Agarrando o volante com as duas mãos, prestou atenção no trânsito e manteve a mente vazia.

Não a surpreendeu ver-se perto do prédio onde Colin trabalhava.

Era sempre difícil estacionar no centro. Naquela ocasião, Kyra não se importou com isso, pois procurar uma vaga onde parar lhe dava algo no que se concentrar.

Encontrou um espaço vago a três quadras de distância. Mais calma, começou a andar, notando pela primeira vez como o dia estava bonito. O tempo, pelo menos, se mostrava bom. O sol brilhava forte, a temperatura era agradável. Uma perfeita manhã de julho.

Iria conseguir outro emprego. Evidente! E, até lá, tinha sua saúde, sua família e a luz do sol.

Teria de mudar os planos da celebração para aquela noite. Sentia-se vulnerável e desapontada.

Precisava que Colin a abraçasse e a fizesse se sentir querida e segura. O psicólogo lhe dissera que tinha de aprender a pedir o que necessitava. E vinha trabalhando nisso.

Esperou com o grupo de pedestres até que o sinal verde se acendesse na esquina. Mantendo o passo com os outros, saboreou os odores de gengibre, laranja e café que vinham de um bar com mesas na calçada, no final do quarteirão seguinte.

Eram onze e meia, e estava faminta. Talvez Colin tivesse tempo para um lanche rápido. Quem sabe agora, que estava sem trabalho, pudesse ir sempre almoçar com o marido.

A ideia pareceu-lhe ótima. Contava trinta e seis anos de idade e não conseguia se lembrar da última vez em que tirara férias de verdade.

Superaria aquilo. Afinal, não superara situações ainda piores?

Acelerou o passo, e seu humor melhorou um pouco. Logo alcançou um grupo de turistas. Como agora tinha todo o tempo do mundo, andou mais devagar e respirou fundo outra vez.

Estava perto o bastante para ver as pessoas saboreando seus almoços nas pequenas mesas com guarda-sóis no pequeno jardim adiante. Uma mistura de turistas e trabalhadores, a maioria parecendo satisfeita com a comida e o ar fresco.

Uma mulher loira com um maravilhoso vestido vermelho chamou sua atenção. Podia ser Marilyn Monroe reencarnada, incluindo os lábios carnudos e o decote generoso. A seu lado, um homem moreno em um terno escuro. Ele parecia atraente pelas costas, mas foi o modo como a moça se moveu, sinuosa e sedutora, que fez Kyra olhar de novo.

Os turistas pararam diante de Kyra para admirar algo em uma vitrine. Ela também parou, intrigada por algo que não conseguia precisar. Talvez fosse o modo como as unhas da mulher brilhavam com o esmalte vermelho quando ela pousou a mão no braço do homem. Talvez fosse o modo como ele se inclinou para ela, a incentivá-la, a atraí-la até que se curvasse sobre a mesa e o beijasse ali, diante de todo o mundo.

O beijo não terminava. E quando por fim acabou, a jovem sorriu, sem fôlego, dando a ele uma vista generosa dos seios, que forçavam os botões do vestido vermelho brilhante. A moça estendeu a mão e limpou o batom dos lábios dele com o polegar. Seu acompanhante disse algo que fez o sorriso dela aumentar, então entregou-lhe seu guardanapo. Havia algo de familiar naquele gesto.

Naquele instante, o garçom apareceu. Os amantes se viraram para ele, sorridentes. E Kyra pôde ver o perfil do homem.

Os turistas voltaram a caminhar. Kyra ficou congelada no lugar.

Colin.

O homem era Colin.

Correu para a proteção da loja mais próxima e ficou ali, escondida, como se tivesse feito algo errado. Mas o que fizera fora testemunhar seu marido beijando outra mulher. Seu marido, que não quis lhe dar um beijo de despedida para não borrar seu batom, acabara de beijar outra mulher bem ali, à luz do dia. E decerto não estava preocupado com o batom dela.

Dar-se conta disso fez os olhos, a garganta e o peito de Kyra arderem. Virou-se, atordoada. Endireitando a coluna, voltou na direção de onde viera.

Colin prometeu, prometeu que aquilo nunca tornaria a acontecer

Aquele era o aniversário do dia em que começaram. Um ano antes haviam refeito o compromisso um com o outro, virando uma página, olhando para o futuro, deixando o passado para trás.

Não haveria celebração alguma mais tarde.

"Você é uma decepção, Colin Valentine."

## CAPÍTULO II

A casa estava silenciosa, imaculada, com o cheiro do produto de limpeza com limão que Portia gostava de usar e que causava dor de cabeça em Kyra.

Os saltos de seus sapatos ecoaram quando atravessou as salas bem decoradas com poucos móveis do imóvel antigo onde morava fazia um ano. Podia ter ligado o rádio ou a televisão para encobrir a sensação de vazio. Mas parecia mais adequado daquele jeito.

Vestiu um moletom largo e um top branco e mirou seu reflexo. Os cabelos castanhos até o queixo eram sem graça, o rosto, pálido, os olhos, inexpressivos.

As pessoas diziam que possuía uma beleza atemporal. Naquele dia, não se achava nem um pouco bonita. Parecia sem vida. Não exatamente doentia. Parecia, de alguma forma, desbotada. Onde foram parar sua decisão, seu estilo, seu espírito?

Lembrou-se da imagem de Colin beijando aquela outra mulher. Como seria bom hibernar por um ano!

Por que não estava furiosa?

As horas passam devagar, mas passaram. Kyra ainda não chorara. A necessidade de fazê-lo se amontoava em seu peito, tornando difícil respirar.

Nunca fora fácil para ela chorar. Desejava poder colocar aquilo para fora, acabar corria tudo depressa. Com olhos secos e calada, andou pela residência silenciosa e meticulosa que ela e Colin compraram como símbolo do novo começo.

Era tudo mentira.

A casa tinha três andares e pé direito alto, com lareiras originais e uma arquitetura adorável. Exceto pelo quarto de Sophie, que em geral era um verdadeiro desastre, a cozinha era a única dependência que tinha a personalidade de Kyra. Talvez por isso se sentisse menos solitária ali. Não era surpresa que fosse lá que permanecera o resto das horas antes de os passos de Colin soarem nos degraus da escada.

Mantendo-se de costas para a porta, Kyra o ouviu cheirar o ar, apreciando o aroma.

— Que cheiro maravilhoso! Desde quando você tem tempo para cozinhar às quintas-feiras?

Ela ergueu os olhos quando ele se aproximou. Antes que pudesse responder, Colin lhe deu um belo buque de rosas amarelas. Devia ser pelo menos uma dúzia. Kyra soltou uma exclamação. Não pôde evitar. Era mesmo um arranjo espetacular.

— As mais belas flores do mundo para a mais bela mulher do universo. — Colin pegou um cogumelo direto da panela, esboçou aquele seu sorriso esplêndido e completou: — E você também sabe cozinhar.

Se não soubesse o que sabia, Kyra teria acreditado que a devoção dele era real. Observou o rosto do marido mudar, as expressões, perguntando-se como um homem podia ir de beijar a amante e dar flores e elogios à esposa sem nenhum indício de remorso.

— Está quieto aqui sem Sophie, não está?

Kyra assentiu. Colin podia ser péssimo marido, mas era um bom pai. Ficou do lado de Kyra nos

exames de obstetrícia, nas vinte e sete horas de trabalho de parto, e no nascimento da filha. Trocou fraldas e também se levantava durante a noite.

Ela adorava ouvir a voz dele falando sobre filosofia com o bebê. Escolheram juntos a creche e selecionaram com todo o cuidado a pré-escola para Sophie. À medida que a menina crescia, eles foram se afastando? Foi isso o que ocorreu? Ou Colin já a enganava naquele período?

Kyra desejava outro filho. A princípio Colin não estava pronto, e depois sempre parecia ter um motivo para justificar por que não era a hora certa. Kyra não sabia dizer quando fora a última vez que mencionara a ideia.

— A que horas chegou, Kyra?

— Pouco depois da reunião desta manhã. — Ela pegou um vaso de cristal no armário.

Por que estava fazendo aquilo? Por que apenas não jogava o buquê no lixo e acabava logo com tudo?

Colin tirou o paletó, afrouxou a gravata e ergueu as mangas da camisa. A natureza dera a ele um corpo magnífico. Jogar tênis ajudou muito a mantê-lo tão bem. Rápido e com muita concentração, Colin tinha espírito competitivo.

Kyra gostava de tênis, mas não tinha o instinto assassino de Colin. Aprendeu bem cedo que era melhor se exercitar na academia, onde podia estabelecer seu próprio ritmo.

— Não vai me contar a boa notícia?

— Acho que não.

— Como assim?

— Não há boa notícia, Colin.

Kyra levou as flores para o balcão e começou a arrumá-las, uma por vez.

— Não conseguiu a promoção?

— Não houve promoção. A empresa está se retraindo. É por isso que estou aqui.

Colin pendurou o paletó no espaldar da cadeira e a encarou.

— Está dizendo que o Klein a despediu?

A voz dele demonstrava que não acreditava naquilo. Kyra considerou que o marido não fingia, mas como ter certeza?

— Ele é maluco?! Tem de ser, para demiti-la! — De súbito, tomou-a nos braços. — Meu bem, eu lamento tanto! Mas o azar é dele. Você sempre trabalhou duro.

Kyra sentiu-se mal. E decerto Colin percebeu seu tremor. Mas como não havia jeito de ele saber a causa, sem dúvida assumiu que a reação era resultado do desapontamento por perder o emprego.

Colin a acariciou e massageou-lhe os ombros.

— Vai ficar tudo bem. Talvez a Pratt a aceite de volta. Se não, a cidade está cheia de oportunidades. Irá encontrar outra agência, uma melhor, que reconheça sua criatividade e ética.

"Ética! Essa é muito boa!"

— Enquanto isso, no verão, será bom para Sophie que você esteja em casa. E para mim também, se isso quer dizer que irá cozinhar assim todos os dias. Você precisará malhar mais na academia, mas isso

não será problema, não é?

A insinuação foi colocada de forma tão suave e sem esforço que ficou difícil refutá-la. Em algum ponto ao longo do caminho, Kyra perdera a vontade de tentar.

— Está com fome?

— Sim, querida, mas não há pressa. Temos a noite toda. Eu estava ansioso por esta noite. E você?

Curvando-se, Colin a beijou no pescoço. Não foi fácil para ela não se encolher. Afastando-se com gentileza, fitou-o.

— Por que não serve o vinho?

Colin pegou a garrafa na geladeira, tirou a rolha com habilidade e serviu. Segurou as duas taças por um momento, e Kyra soube que o marido desejava que parasse de mexer o arroz e pegasse a taça para que ele fizesse um brinde.

Kyra não ia suportar aquilo, por isso continuou a se ocupar com a comida.

Sem se deixar abater, ele colocou a taça dela no balcão e pegou seu vinho tinto. Tomou um gole, apoiou-se de costas, cruzando as pernas, muito à vontade, como se nada fora do habitual tivesse acontecido.

Colin bebeu e falou, contando sobre a reunião da tarde e as demissões que ocorreram. Sobre a nova política do escritório, o aumento do problema com as gangues na Inglaterra e a tensão crescente com uma empresa que sua companhia estava absorvendo na Europa. Falava sem parar, com segurança, bem informado e interessante.

A mente dela pôs-se a divagar.

A moça de vermelho seria uma colega, uma cliente, ou alguém que Colin conheceu por acaso? Kyra procurara pistas nos bolsos de todos os ternos que o marido usou no último mês. Não encontrou nada, e examinou as gavetas no escritório, tomando o cuidado de deixar tudo como estava. Depois, verificou os e-mails particulares dele.

Seu estômago fez barulho. Colocando a mão na barriga, ela vacilou de leve. Temeu passar mal.

— Está com fome, meu bem. O que posso fazer para ajudar?

Kyra pegou dois pratos e colocou neles os pedaços de frango, o espinafre com queijo e o arroz. Depois de acrescentar legumes, entregou os pratos para que ele levasse para a mesa. Seu estômago fez mais barulho.

— Não tive vontade de comer hoje. E você? O que almoçou? — ela conseguiu dizer, sem engasgar.

Colin não gostava que ela fosse curiosa, mas naquele momento não pareceu se sentir incomodado. A culpa parecia estar servindo para alguma coisa.

— Estive tão ocupado que mal saí o dia todo. Kyra não gostou da imagem que lhe ocorreu.

— Você não costuma deixar de almoçar.

— Não se preocupe. Pedi alguma coisa e comi em minha escrivaninha.

"Mentiroso!"

Pegar a taça de vinho deu a ela algo para o que olhar e o que fazer com as mãos. Kyra girou o líquido vermelho e tomou um gole.

Ele fez o mesmo.

— Posso entender por que os vinhedos australianos estão ficando conhecidos. Esse vinho está muito bom, não é?

Ela fez que sim.

— Está muito quieta, Kyra. O dia não foi fácil para você... Respirando fundo, Kyra avançou para o inevitável.

— Tive um dia longo. Muitas coisas na cabeça. Estive perto de seu trabalho hoje. — Sentiu a mudança no olhar dele.

— Você devia ter ido até lá.

— Achei melhor não incomodá-lo.

— Nunca estou ocupado demais para você, Kyra.

Ah, mas ele era mesmo bom naquilo.

— Você estava com as mãos bem ocupadas.

Kyra viu o brilho sumir dos olhos dele. Estendendo o braço, ela passou o polegar pelo lábio superior de Colin, do mesmo modo como viu a loira fazer.

— Ela esqueceu um pouco.

— Um pouco do quê? — Como ele podia fingir tamanha inocência?!

Kyra não quis estender mais o drama.

— Eu vi você, Colin.

— Não tenho ideia do que está falando.

— Já pensou em se tornar ator?

— Não gosto nada dessas insinuações.

— E eu não gostei de vê-lo enfiando a língua na garganta de outra mulher à luz do dia.

— Não vou comentar como o que acaba de dizer é vulgar, mas você sempre teve um lado assim, não é?

Kyra encarou-o, sem hesitar.

— Eu o vi.

Como a estratégia não estava funcionando, Colin mudou de tática:

— Não foi o que você pensou. Deirdre é muito ousada. E foi só isso o que viu, Kyra: ela sendo ousada. Não tenho nada a ver com aquilo.

— Está dizendo que é algo que não faz diferença?

— Claro que não faz!

— Então é só sexo?

— Não disse que há sexo envolvido.

— Apenas não admitiu.

— Acredite Kyra, não ia arriscar perder você uma segunda vez.

No passado, ela teria acreditado. Como fora patética!

— A verdade é que não está tendo um caso, Colin? Ele a olhou nos olhos.

— Sim, meu bem, é isso mesmo.

No passado, também teria acreditado nisso.

— Então você poderia jurar sobre uma pilha de Bíblias?

— Juro por tudo e qualquer coisa. Faço o que você quiser para provar.

Colin se aproximou como que para tomá-la nos braços. Kyra ergueu a mão, detendo-o. Tirou um papel do bolso, que desdobrou e entregou a Colin. O bilhete continha a correspondência que ele e Deirdre haviam trocado por e-mail.

— Como consegui minha senha?

Kyra ergueu a taça, tomando todo o vinho. O líquido queimou ao deslizar pela garganta.

— Como ousou invadir minha privacidade?!

— Como eu ousei?! — Kyra tremia de emoção. Lágrimas surgiram em seus olhos, uma reação atrasada. — Vocês dois estavam sugando os lábios um do outro sem o menor constrangimento, e você nem mesmo me deu um beijo de despedida para não borrar meu batom!

— Talvez devesse tentar separar os lábios quando beija... Em um segundo o espinafre foi parar sobre Colin.

Ela não soube dizer quem ficou mais surpreso, mas sabia quem sentia mais raiva. A fúria fez os olhos dele brilharem.

O creme deslizou pelo rosto dele, pingando no peito. Kyra seguiu uma porção do creme até que caísse sobre o sapato italiano.

A voz dele vibrava de ira quando tornou a falar:

— Você alcançou um novo recorde de baixeza.

— Eu estava pensando o mesmo de você. Agora saia daqui!

— O quê?!

— Que parte da frase você não entendeu?

Coberto de comida, Colin não estava vestido de forma adequada para sair. Kyra chorava. Seus olhos queimavam. O nariz escorria. O peito pesava.

— Saia! Não quero mais olhar para você!

Foi quando a porta dos fundos se abriu e Sophie entrou.

— Mãe, pai, eu voltei. O irmão de Makayla está com catapora, então a mãe dela me trouxe.

Colin e Kyra viraram-se ao mesmo tempo ao ouvirem a voz da filha.

— Você tinha de ver Toby. Ele... — Sophie parou no meio da cozinha. Com os olhos muito arregalados, fitou a mãe, o pai e a mãe outra vez.

O dia não parava de ficar pior.

— O que estão fazendo?! — E deixou a sacola de náilon cair no chão.

Kyra não podia sequer imaginar como aquilo devia parecer Para alguém com doze anos. O jantar

estava servido, Kyra chorava sem controle e Colin encontrava-se coberto de espinafre.

Foi ele quem conseguiu se controlar primeiro.

— Sua mãe e eu estamos discutindo um problema, Sophie. É algo pessoal. Por favor, vá para seu quarto.

Assustada, a menina correu dali e fez o que o pai mandou. Tendo recuperado o controle, Colin pegou um guardanapo e começou a se limpar.

— Depois disso, ela vai precisar de terapia. Espero que esteja orgulhosa do que fez.

“Esse homem é de um cinismo assombroso!”

— Apenas vá embora, Colin.

— Você não quer mesmo que eu vá. Não pode ser isso o que quer, não é?

— O que quero não importa.

— O que você vai fazer? — Ficava evidente que ele não estava tão no controle, como pretendia fazer parecer.

Kyra mirou a fotografia das Três Tagarelas, que trouxera do escritório. Até aquele momento, não tinha ideia da atitude a tomar.

— Conversarei com Sophie e depois vou ligar para Eve e dizer que minha filha e eu vamos visitá-la.

— Não pode fazer isso, Kyra.

— Não posso levar nossa filha para visitar a tia?

— Não pode tirá-la de mim!

Kyra respirou fundo, tremendo.

— Dê-me um pouco de crédito, Colin. Sou uma idiota, mas não tanto assim. Não vou virá-la contra você. Não porque você não mereça, mas porque iria magoar Sophie. Ela o ama. Preciso de alguns minutos com ela. Depois, vá e assegure que isso não tem nada a ver com a menina. Diga que a ama e que sempre a amará.

— Nós não podemos ajeitar nosso casamento se você estiver em Alcott.

A gota d'água.

Kyra olhou para o vaso com as rosas amarelas e outra vez para Colin. Ele não era um Adônis. Não passava de um homem em uma camisa branca suja, com a gravata solta e os olhos azuis com expressão culpada.

— Não irei para Alcott para dar um jeito em nosso casamento, mas sim para decidir o que fazer com essa farsa que nós chamamos de casamento.

E talvez, apenas talvez, pudesse descobrir como se tornara aquela mulher faminta, solitária, invisível e dispensável.

Sophie estava sentada no meio da cama, acariciando Fofura, quando Kyra bateu e entrou. A menina ergueu o rosto, os olhos azul-acinzentados muito abertos, a expressão de interesse e surpresa.

— Você jogou mesmo aquele espinafre em papai?

Kyra fechou a porta e abriu caminho pelo chão coberto de roupas, sapatos e várias outras coisas.

Quando preparou o espinafre com queijo, pensava em produzir algo saboroso. Entretanto, o fim inesperado que deu a ele parecia agora ainda mais delicioso.

Suspirou.

— Não planejei fazer aquilo, não sinto orgulho do que fiz, mas sim, eu o joguei em seu pai.

Sophie olhou ainda mais surpresa para a mãe.

— Nossa! Ele deve ter feito algo muito ruim.

— Isso é entre seu pai e mim. — Kyra sentou-se perto da filha.

A gata parou de ronronar, olhando-a com desconfiança.

— Quero conversar com você sobre uma coisa, filha. A menina parou de acariciar Fofura.

— Papai está saindo com outra mulher de novo? É isso?

Kyra não pôde acreditar nas coisas que as meninas de doze anos sabiam naqueles dias.

— A vida sexual de seu pai não é de sua conta.

Sophie se calou por um momento, digerindo aquilo, como se algo que influísse na casa que não era da conta dela fosse um conceito novo.

— E a vida sexual dele é de sua conta?

— Ah, sim... Sem sombra de dúvida.

— O que fará a respeito, mãe?

Fofura se levantou, se espreguiçou e arqueou as costas. Passando bem longe de Kyra, saltou do colchão e desapareceu debaixo da cama.

— Essa gata não gosta de mim.

— Foi você quem deu a ela o nome de Fofura. O que mais queria? — Sophie se deitou de costas. — Mãe, eu já tive catapora?

Como com qualquer adolescente típica, o mundo de Sophie girava ao redor dela. O que tornava a vida simples.

Kyra pensou que seria ótimo se houvesse um modo para os pais manterem as vidas dos filhos assim simples para sempre. Apesar de não ter nada a ver com aquilo, a vida da menina acabara de se tornar muito mais complexa. Kyra não sabia como protegê-la daquilo.

— Teve uma catapora terrível quando estava com três anos, querida. Decidimos não lhe dar a vacina porque ela era bastante nova, e ficamos preocupados com os possíveis efeitos colaterais. Por isso, você pegou o vírus. Aquilo coçava tanto! É um milagre que não tenha ficado com cicatrizes. Mas pelo menos não precisarei me preocupar com isso quando formos para Alcott.

— Nós vamos para lá? Kyra fez que sim.

— Papai também?

— Não.

— Quer dizer que iremos passar o fim de semana?

— Um pouco mais que isso.

— Quanto mais?

— Algumas semanas, pelo menos. Talvez pelo resto do verão.

Sophie se levantou.

— Não podemos! E seu trabalho?

— Fui mandada embora hoje.

— Mas não posso deixar Makayla. Nem Toby!

Ainda naquela manhã Sophie reclamara do irmãozinho da amiga. Mas Kyra não mencionou o detalhe.

— Tia Eve vai se casar. Você devia ver como parecia animada ao telefone. Terei de ligar de novo para saber dos pormenores e para dizer que estamos indo.

— Eu tenho de ir?

Kyra teria apreciado algum entusiasmo.

— Sim, Sophie, tem sim. Sairemos amanhã cedo.

— E minhas aulas de equitação?

— Acredite ou não, também há cavalos em New Hampshire.

— Mas, mãe, como você conseguirá acertar as coisas com papai se estivermos lá?

Às vezes Sophie agia como se fosse filha apenas de Colin. Kyra não disse nada.

— E papai não vai ficar solitário sem nós?

Kyra se conteve para não dizer o que estava pensando. Pôs a mão no joelho da filha.

— Colin sabe se cuidar. Além do mais, iremos para Alcott, não para o Polo Norte. Seu pai pode ir visitá-la, e você poderá ligar para ele todo dia, se quiser. Não tem de gostar do fato de estarmos indo embora da Filadélfia, querida, mas espero que mantenha a mente aberta quanto a nossa visita à costa. Quem sabe? Pode até ser divertido.

Sophie a encarou, as mãos cruzadas no colo.

Nesse instante bateram na porta. — Entre, pai.

Colin havia trocado a camisa e lavado o rosto, mas os cabelos continuavam a parecer grudentos. Kyra ainda não podia crer que fizera aquilo.

Erguendo-se, ela assentiu para a filha. Mantendo a coluna reta, fitou Colin dentro dos olhos por um momento e saiu do quarto.

No corredor, encostou-se na parede. Soltou a respiração que vinha segurando e foi ligar para a irmã.

Sophie chorou ao se despedir do pai, com muitas lágrimas escorrendo pelo rosto. Os olhos de Colin também estavam úmidos.

Ele ia sentir falta das duas. E tudo o que Kyra podia considerar era por que Colin não pensara nisso antes de começar mais um caso? E quantos outros não teriam ocorrido?

Deixou as rosas no balcão da cozinha e jogou o guia de sexo no lixo. Tinha limpado a sujeira do chão, mas não fez o café da manhã. Ninguém estava com fome. Nem mesmo a gata.

Sophie soluçou quando Kyra ligou o carro. Colin ficou ali parado diante da garagem da casa

maravilhosamente restaurada em um dos melhores bairros da Filadélfia.

Kyra se recordava muito bem do dia em que assinaram os papéis. Algumas semanas depois, mudaram-se. Colin a carregou no colo quando entraram. E depois, quando Sophie dormia, eles fizeram amor. Com a postura número vinte e dois

Mesmo nessas situações especiais, precisavam do manual. Kyra apostava que Deirdre não usava nenhum guia.

Sophie acenou. Colin ergueu o braço e deu-lhe adeus. Kyra manteve as duas mãos na direção.

Ele tentou convencê-la a não partir, seguindo-a pela casa toda, incansável em sua determinação. Disse que lamentava. Talvez fosse verdade. Colin jurou que a amava e apenas a ela. Mas Kyra já escutara aquilo antes. E, como dissera ao marido na véspera, Colin tinha jeitos estranhos de demonstrar seu amor.

Ele não soube o que dizer diante disso.

Colin estava magoado. Kyra viu isso em seus olhos antes de por o automóvel em movimento. As íris azuis dele eram incríveis. Foram a primeira coisa que ela reparou nele, quando se conheceram, na Colúmbia. Foi a primeira parte dele pela qual se apaixonou. E seriam a última coisa para ela superar. Tal ideia a entristeceu.

— Você devia ter tentado o número oitenta e três.

— Que número oitenta e três, Sophie?

— De seu livro. Kyra se espantou.

— Meu quarto é proibido para você, mocinha.

Além do mais, Kyra ainda não chegara a esse ponto do manual.

Qual era o problema? Era uma mulher sem graça? Não sabia beijar direito, como Colin insinuara? Era por isso que ele procurava outras? Seria sua culpa? Ou dele? E que diferença fazia? Como Kyra poderia voltar a confiar no marido?

Dúvidas. Eram tantas...

E a maior de todas: o que fazer dali em diante?

Quando era mais jovem, a resposta para essa questão fora simples. Nos tempos em que constituía um terço das Três Tagarelas, trabalhando na pizzaria com Cláudia e Sara toda noite de sexta-feira, sabia muito bem o que viria a ser. Talvez parte disso, ou a maior parte disso, fosse a arrogância cega e a imensa autoconfiança da juventude. Restava algo daquela garota em Kyra?

Kyra Nelson Valentine era uma mulher de trinta e seis anos, desempregada, com cabelos castanhos lisos e um armário cheio de roupas que só serviriam se fizesse uma boa dieta. Tinha um marido infiel, uma filha muito linda, inteligente e mimada ali no assento ao lado, e uma gata que não gostava do próprio nome e ficava miando no assento traseiro.

— Não é o fim do mundo. Vai ficar tudo bem. Você vai ver.

Fofura sibilou.

Sophie fechou o cenho.

Kyra continuou dirigindo.

Mais um dia no paraíso.

Mas, quando deixaram a cidade para trás, ela estava certa de uma coisa: era bom estar indo para casa.

## CAPÍTULO III

Havia mais ou menos quatrocentos quilômetros entre a casa de Kyra na Filadélfia e a cidade costeira de Alcott, New Hampshire. A viagem transcorreria em um período relativamente curto se Boston e Nova York não estivessem no caminho. Contorná-las exigia paciência e nervos de aço.

Por sorte, Fofura cansou de reclamar cerca de uma hora após o início do trajeto. Mas Sophie era muito mais resistente. Todas as tentativas de Kyra de conversar foram recebidas por respostas como "sim", "não", e a favorita de Sophie: "é". Por isso, Kyra parou de tentar.

Sophie e Fofura dormiram durante as duas últimas horas de viagem, assim apenas Kyra viu o mato nos mangues balançando ao vento, as curtas aparições do oceano, o voo desengonçado de uma garça.

Não esperara pela onda de emoção que a tomou quando avistou as placas escritas a mão anunciando frutos do mar frescos. Bem adiante via-se o campanário branco da velha Igreja de Pedra nos arredores da cidade, e a placa anunciando os limites da vila: "Alcott, New Hampshire, população: três mil".

Parecia um lugar tão grande enquanto Kyra crescia, e depois tão pequena quando vinha passar as férias da faculdade... Agora não era nenhum dos dois. Ou ambos.

— Acorde, Sophie. Já chegamos. — Kyra baixou o vidro, inalando o cheiro do mar. — Está sentindo o aroma?

Sophie olhou ao redor. Piscando várias vezes, torceu o nariz como se tivesse sentindo um odor ofensivo.

Eve devia estar olhando da janela, porque abriu a porta e desceu a escada da varanda assim que o carro parou diante da residência.

Usando uma saia azul-marinho e uma blusa sem manga da mesma cor, parecia um copo alto de água correndo na direção delas. Os cabelos compridos ondulavam ao vento, e esboçava um sorriso iluminado pela afeição ao abrir a porta do veículo.

— Achei que vocês não iam chegar nunca!

Em seguida, Kyra foi arrancada do banco do motorista e abraçada pela irmã caçula. Sua garganta se apertou e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não chore! — sussurrou Eve. — A menos que deseje que a primeira impressão que Carter tenha de você seja a de uma mulher com nariz vermelho, pálpebras inchadas e pele embaçada.

Kyra não só não chorou como começou a rir.

— Lamento o dia em que você ficou mais alta que eu...

— Que garota! — Eve correu para o outro lado. — Meu Deus, Sophie, você está tão linda! O que fez com minha menina, e quem é essa criatura tão esbelta? Como foi a viagem?

— Contornar Nova York é uma droga.

As sobrancelhas de Eve subiram, mas ela riu.

— É sempre assim.

E então Sophie foi arrancada do carro e também estreitada.

Nem mesmo a garota conseguiu manter o mau humor diante de tanto entusiasmo.

— Vocês trouxeram a Fofura. Ela está grávida?

— Não, apenas gorda.

— O que gosta de comer?

— Fofura aceita ração, mas adora atum.

— Teremos de comprar. Deixe-me ver esse jeans. É isso o que os jovens vestem agora na Filadélfia? E seus cabelos! Estão quase tão compridos quanto os meus. Quando foi que furou as orelhas, Sophie? Doeu? Ora, diga-me que não furou nenhum outro lugar.

Foi bom para o coração de Kyra ver o rosto da filha se alegrar e ouvi-la ficar mais animada a cada pergunta que respondia.

Mas Eve não parava. Ela levou Kyra para o círculo, envolvendo-a também com sua exuberância.

Carter McCall apareceu na varanda, mas se manteve a distância, longe das mulheres efusivas. Tinha os cabelos penteados para trás, chegando até quase os ombros. Usava jeans desbotado e uma camiseta branca. Os pés, descalços.

Mantinha-se ali, parado, as pernas separadas, as mãos nos quadris, a cabeça um pouco inclinada. O sol se refletia no diamante em sua orelha.

— Você é o noivo de tia Eve?

Carter sorriu para Sophie e estendeu-lhe a mão.

— Sou Carter McCall. E, cá entre nós, ainda não acredito que ela disse "sim". Você deve ser Sophie. Vamos. Eu ajudo a carregar as coisas.

Sophie segurou Fofura, e Carter se encarregou das malas.

— Todos em Alcott andam descalços? — Sophie indagou, ao subirem.

— Só quando não estamos nos preparando para velejar e cair pela beirada desse mundo muito, muito plano, sabe?

Sophie ficou surpresa, e Kyra considerou que a filha podia ter encontrado alguém capaz de enfrentá-la. Pelo menos imaginava que a garota jamais voltaria a subestimar Carter.

Eve também não colocara calçados. E o que era aquela mancha avermelhada no pescoço da irmã? De súbito, Kyra entendeu por que Eve estava tão radiante, tão relaxada e exultante. Ela e Sophie chegaram fazia cinco minutos, e Kyra já se sentia um incômodo. Começava a duvidar de sua decisão de ir para lá. Mas para onde mais poderia ter ido?

Olhando por cima do ombro para ter certeza de que estavam sozinhas, Eve se aproximou dela.

— Este é um bom momento para me contar o que o Colin fez desta vez.

Kyra pegou a sacola da mão dela.

— A questão é quem, não o quê.

— Ah, não!

— O nome dela é Deirdre. Tem o corpo de Marilyn Monroe e os lábios de Angelina Jolie.

— Duvido que a aparência dela importe. Se Colin está interessado na moça é porque deve ser muito hábil na cama.

— Eve, por favor!

— É isso mesmo. Mas entendo seu espanto. Acho que eu, enfim, estou saindo de minha concha. Já era na hora, não acha?

— Sim, é ótimo. Mas creio que você gostava do Colin. Eve abriu a porta da frente.

— Eu gostava dele. Mas não foi a mim que Colin enganou. O que foi que ele disse?

— Que lamenta, me ama, me quer, e que eu preciso perdoá-lo.

— E você pode?

— Acho que não. Não de novo. E isso vai partir o coração de Sophie.

Encontraram Carter e Sophie descendo a escada estreita enquanto elas subiam. Quando tudo havia sido trazido para o quarto de hóspedes, Eve disse:

— Estaremos na cozinha. Que, aliás, Kyra, vou entregar em suas mãos enquanto estiver aqui.

Dizendo isso, o casalzinho enamorado desapareceu. Sophie analisou o quarto pequeno com o teto inclinado, uma janela e duas camas.

— Temos mesmo de ficar no mesmo aposento?

Kyra abriu a gaveta de cima da cômoda perto da entrada.

— Não divido um quarto desde que Eve e eu éramos crianças. Acho que será divertido.

Sophie deu de ombros, um gesto que fazia sempre, e Kyra e Colin não conseguiram mudar. Ajoelhando-se, olhou embaixo das camas.

— Será que um dia Fofura sairá dali?

— Ela vai se arriscar quando estiver pronta. — Mais preocupada com a adaptação da filha, Kyra pegou o celular na bolsa e o entregou a Sophie. — Por que não liga para seu pai e conta que chegamos bem? Talvez você queira ligar para Makayla também.

— Imagine! — Mas então suspirou. — Mãe, eu não queria ser estraga-prazeres.

Kyra a abraçou.

— Eu te amo, Sophie. — Deu-lhe um beijo. — Vou descer, está bem?

Antes de apertar o último algarismo do telefone de casa, Sophie parou.

— Quer que eu diga algo para papai?

— Sim, que nós duas chegamos inteiras. — E saiu do dormitório.

Carter e Eve riam quando Kyra chegou à cozinha. Ela parou à soleira. Eve arqueou uma sobrancelha.

— Diga que não está esperando ser convidada, Kyra.

— Sophie está ligando para o Colin. Acho que vou ler uma revista na sala.

Carter e Eve se entreolharam. Kyra notou que ele prendera os cabelos em um rabo-de-cavalo e não estava mais descalço. Daquele jeito parecia mais com os outros McCall, que eram todos gente boa, honrada e trabalhadora.

— Se quiser ler, vá em frente. Mas não se preocupe, achando que Eve e eu queremos ficar sozinhos. Quando há vontade, há um modo. Não conheci seu marido, mas tenho certeza de que é um tolo. Irei até o

celeiro enquanto ainda tem luz natural. Foi bom revê-la, Kyra.

Carter olhou mais uma vez para Eve, sorriu para ela e saiu. Kyra o observou pela janela.

— O bad boy Carter McCall está apaixonado. Não há dúvida quanto a isso.

Eve se aproximou.

— Não acho que algum dia foi mau. Carter não respeita regras e assume riscos. As pessoas acham que isso significa que é um selvagem.

Carter colocou um capacete, ligou uma motocicleta grande e pesada e virou-se para a vidraça, como se soubesse que Eve o olhava. Acelerou a moto e partiu, depois de brindá-la com um lindo sorriso.

Colin Valentine III procedia de uma boa família, teve boa educação e se comportava bem. Seguiu todas as regras enquanto subia a escada do sucesso. Mas nunca fitou Kyra do modo como Carter fitava Eve. E Kyra sabia que perdera algo precioso.

— Carter disse que está indo para o celeiro, Eve?

— Bem, o lugar era um celeiro. Agora é um estúdio onde ele transforma aço, ferro e cobre, e às vezes latão, em obras de arte.

— Carter é um artista?

— Ele se diz um artesão. Foi Liza quem o convenceu a se dedicar a esse trabalho. Você não acredita o quanto as pessoas pagam por portões, esculturas, mesas, telas para lareira e treliças exclusivas.

— Quem é Liza?

— Liza e Laurel Cassidy eram gêmeas idênticas.

Eram? Kyra se lembrava de ter ouvido falar sobre a misteriosa Laurel Cassidy quando a ruiva chegou à cidade, fazia seis anos. Eve ficou desolada quando Jack McCall e Laurel se apaixonaram à primeira vista.

Laurel deixou Alcott de súbito, menos de um ano depois, levando o coração partido de Jack consigo, e deixando para trás o bebê recém-nascido deles, Tommy.

— Laurel não só deixou este lugar, como pensávamos. — Eve abriu a janela. — Tinha um tumor cerebral e morreu na cirurgia, no centro médico de Boston. Nós todos achávamos que sofria de enxaqueca. Nem mesmo Jack sabia que Laurel estava morrendo. É uma longa história, mas ele não imaginava também que Laurel tinha uma irmã no Oeste, e Liza não sabia que Laurel teve um filho. Parece que Liza começou a ter sonhos sobre um garoto ruivo. Acho que isso a assustou muito. Quando os sonhos pararam de repente, ela veio para Alcott atrás de respostas. Meses antes de Liza aparecer, Carter surgiu em Alcott em sua Harley. Ele não parava em lugar nenhum, e tínhamos acabado de saber sobre a leucemia de Tommy. A chegada dele coincidiu com a remissão do câncer do menino. Carter era arrogante o bastante para achar que teve algo a ver com a cura da doença, por isso ficou.

Kyra devia estar demonstrando o quanto aquilo a impressionou, porque Eve sorriu e puxou uma cadeira.

— Faz muito tempo que você saiu daqui. Sente-se e vou lhe contar tudo o que tem acontecido em nossa cidadezinha a um quilômetro e meio do mar.

Uma hora depois, Kyra sabia que Tommy McCall estava respondendo bem à nova sessão de quimioterapia. O pai dele e Liza haviam se casado fazia uma semana. E Eve, que correria atrás de Jack

por vinte anos, não só estava feliz por eles como gostava da futura cunhada.

O irmão McCall do meio havia realizado a cerimônia do casamento. Kyra não conseguia encaixar a imagem que fazia de Brian McCall em um pastor. Aparentemente ele também estava noivo, de uma mulher chamada Natalie.

— Espere até você conhecê-la. Natalie é advogada. Sapatos de salto alto, meias arrastão e uma língua afiadíssima. Foi Natalie quem sugeriu que eu fosse atrás de Jack e abrisse os olhos dele de uma vez por todas. Deu tudo errado, e acabei foi abrindo os olhos do Carter. Todos estes anos fiquei esperando por Jack, que era alguém tão errado para mim... E quando dei por mim, ali estava Carter, que é tão adequado.

O vento morno de julho passou pelas cortinas da janela. Além do vidro, o sol começando a descer para o Oeste.

Kyra ouviu pássaros cantando lá fora, o ocasional bater dos pés de Sophie no chão e a voz dela, lá em cima. Podia dizer pela entonação e pelas risadinhas que a pessoa do outro lado da linha não era Colin.

— Estou fazendo a coisa certa, não estou, Eve? A irmã a encarou.

— E você alguma vez deixou de fazer a coisa certa? Isso fez Kyra parar para ponderar.

— Kyra, era uma pergunta retórica. Você tomou a melhor atitude. Como sempre.

— Não tenho certeza disso.

— E você veio para o lugar perfeito para pensar no assunto. Enquanto estiver aqui, poderá me ajudar a planejar o casamento. Seis semanas! O que eu estava pensando quando marquei a data para o começo de agosto? Deste agosto!

— Conte, o que estava pensando?

— Bem... que eu amo de verdade esse moço. E o sexo, Kyra! Não sabia que podia ser assim. — Eve ficou vermelha.

Kyra percebeu que a irmã não necessitava de um livro que a guiasse.

— Estou com trinta e cinco anos, e já esperei demais. Por isso não vi nenhum motivo para perder mais tempo.

— Não se preocupe. Podemos planejar tudo em seis semanas.

Eve exalou um suspiro tão alto quanto ela.

— Estou tão feliz por você estar aqui!

— Diga-me algo que eu não sei.

Um brilho competitivo apareceu nas pupilas de Eve.

— Está bem, você pediu por isso.

Esfregando as mãos, começou a contar as histórias e os mexericos mais notáveis sobre os cidadãos de Alcott.

Quando terminou, o chá que tomavam encontrava-se pela metade, assim como o pacote de biscoitos que Eve encontrou no armário.

— Acho que isso é tudo. Ah! As srtas. Rose e Addie ainda produzem suas flores, mas Rose está

diminuindo o ritmo. Ando preocupada com ela. Tudo melhorou para elas, agora que Sara e Seth mudaram-se para as acomodações no jardim das irmãs.

— Sara? Você está falando de Sara Walsh?

— Ex-Walsh. Você se lembra de que ela se casou com Roy Kemper, não é?

Claro que Kyra lembrava. Afinal, compareceu ao casamento.

— Deve haver algo no ar... — comentou Eve. — Porque, enfim, Sara se separou de Roy. Jack, Brian e Carter deram uma mãozinha. Você pode falar com Sara amanhã, no beisebol. O filho dela, Seth, é o principal arremessador.

— Mas o que os irmãos McCall tiveram a ver com a separação de Sara?

— Sabia que o Roy batia nela?

— Ouvi rumores a respeito.

— Pois é. Os rumores tornaram-se manchas roxas bem visíveis, faz alguns anos. E se isso não bastasse, no mês passado alguém começou a vandalizar as luzes da praça da cidade. Jack calculou que era coisa de adolescentes. Ou o que era mais provável, de um adolescente. Um garoto com a mira muito boa e um braço muito forte.

— O arremessador principal da Alcott High? — sussurrou Kyra. — Quer dizer, o filho de Sara, Seth?

Eve deu de ombros.

— Ninguém afirmou que ele estava fazendo aquilo. Seth é um ótimo garoto. Se foi mesmo ele, Seth só o fez para forçar Sara a deixar o Roy. Pelo menos é o que eu acho. Quem sabe Sara lhe conte o resto.

Pobre Sara, pensou Kyra.

Uma coisa ela notou naquele seu retorno para casa. Sempre havia alguém com problemas piores do que os dela.

Sara Kemper estava sentada no mesmo lugar que sempre ocupava para assistir Seth jogar beisebol, perto do centro da antiga arquibancada de madeira, na segunda fileira. Havia outras pessoas ao redor, parentes e amigos dos jogadores, na maioria, mas ninguém sentado com ela.

Era assim fazia muito tempo.

Tratava-se de um comportamento difícil de mudar. O psiquiatra sugerira que Sara desse um passo por vez.

E, enfim, deixara Roy três semanas atrás. Aquele foi o começo. O mais importante de tudo.

Sara acordava todas as noites suando frio, aterrorizada, pensando que estava de volta na cama com Roy. Aos poucos, conseguia enxergar os contornos da janela do pequeno quarto no jardim da casa das tias, e o terror diminuía.

Abandonar Roy não fora um sonho. Era verdade. Fizera mesmo feito aquilo. Precisara de anos para reunir coragem. Calculava que levaria o resto da vida para acertar o resto das coisas.

Mas talvez agora pudesse começar a viver. E Seth também. Era isso o que mais importava. Se Seth estivesse bem, tudo estaria bem.

E, naquele momento, o beisebol era o mundo de Seth.

O garoto se achava no montinho do arremessador. Era o quinto período. O sol estava muito forte, o ar, úmido, as pessoas na arquibancada, em silêncio. Sara era a mais quieta de todas.

Roy comparecera.

Por dentro, Sara implorava que o filho o ignorasse. "Você pode fazer isso. Finja que ele não está aqui."

Roy parara junto da cerca, uma presença enorme e ameaçadora.

Sara mantinha-se imóvel.

"Seu filho vem jogando beisebol desde os oito anos de idade, Roy, e nunca foi ver um jogo dele. Seth vinha se saindo muito bem antes de você aparecer. Vá embora. Não necessitamos de você. E não o queremos!"

De soslaio, ela via Roy olhar em sua direção de vez em quando. Mas não o fitou. Não lhe daria essa satisfação.

Sara sabia que ele ia aparecer. Fora até lá para fazê-la sofrer. E o único modo de realizar esse intento era por intermédio de Seth.

O precioso, forte e impressionante Seth.

O rapazinho se curvou, pegando um pouco de terra. Erguendo-se, ele a soltou no ar, devagar, avaliando a direção do vento.

"Isso, filho. São só você, a bola e aquele garoto com o taco."

Sara sempre ficava muito impressionada com a força, agilidade e determinação do menino. Apesar de ele ser mais alto que ela já fazia três anos, isso ainda a surpreendia, às vezes. Aos quinze anos, Seth era tão loiro quanto a mãe, mas o rosto se modificara. Em breve, teria a aparência de um homem adulto. Mas, em se tratando de caráter, ele já era.

Seth foi até o centro do monte, mexeu na aba do boné, levantou a manga da camisa, apoiou os pés no chão. Olhou direto para a frente. Concentrando-se. Quando por fim se moveu, torceu-se, contraindo-se como uma mola.

Sara conteve a respiração.

A bola saiu da mão dele como um foguete. E errou a zona de strike por trinta centímetros.

Os expectadores soltaram exclamações de desânimo, e o terceiro rebatedor foi para a primeira base. Todas as bases se achavam ocupadas. E os fãs começavam a ficar inquietos.

— Tudo bem, Seth! — gritou um dos colegas de classe dele. — Você vai pegar o próximo!

Sara viu o treinador apontar para um jogador no banco. Depois de escutar atento as instruções do treinador, o garoto assentiu e correu para o campo, para ocupar o lugar de Seth.

A humilhação do filho de Sara era quase total.

A vontade dela era de começar a chorar. Mas se manteve firme. E a partida prosseguiu. Sara só queria que terminasse de uma vez.

Nunca odiara Roy Kemper tanto quanto naquele momento.

Se o tivesse deixado antes, aquilo faria parte do passado deles. Devia ter tomado a decisão anos atrás, no instante em que o marido deu-lhe o primeiro tapa.

Imagens das outras vezes emergiram de sua memória, e Sara recordava com clareza cada uma delas.

Na primeira, Seth tinha acabado de completar sete anos. Sara organizara uma festa de aniversário para ele. Roy trabalhava na fábrica em Manchester, naquela época. Quando chegou em casa, os pais já tinham vindo buscar os meninos, e para ela ficou a bagunça toda para limpar.

Seth ia pernoitar na residência de um amigo, porque Sara e Roy iriam para a reunião de dez anos de formatura do colégio dela, naquela noite.

Sara ficou surpresa, porque Roy quis ir com ela. E contente. No entanto, em vez de participar, ele ficou sentado a uma mesa, bebendo sem parar. E não abriu a boca no caminho de volta.

Roy costumava estar sempre calado.

Feliz e animada por causa da reunião, Sara o ajudou a sair do carro e entrar em casa. Assim que chegaram à sala, ele disse:

— Minha esposa, a mulherzinha à toa.

Sara se divertira, mas não chegara ao ponto de dançar com ninguém. E era isso o que estava dizendo para Roy quando ele a atingiu no rosto com as costas da mão.

A força do golpe a fez recuar cambaleando, e Roy perdeu o equilíbrio e caiu. Sara o fitou, incrédula, o rosto em chamas. Ele balbuciou algo ofensivo e perdeu os sentidos.

Em choque, ela foi correndo até a casa da mãe.

Pensando naquilo, Sara se dava conta de que esse fora seu erro. A mãe adorava Roy. De acordo com Agnes Walsh, Roy Kemper era um homem perfeito. Se havia algo de errado, tinha de ser por culpa de Sara.

Assim, acabou voltando, ferida em mais de uma maneira.

Na manhã seguinte, Roy não se lembrava de nada sobre o incidente. Ou pelo menos foi o que afirmou.

Sara jamais esqueceu.

A violência se repetiu quando Seth estava com dez anos. De novo, apenas um tapa. Apenas... Como se isso tornasse a atitude menos ofensiva, menos brutal, menos errada. Roy dormiu, mas na manhã seguinte ela disse que, se aquilo tornasse a acontecer, iria deixá-lo. E falou sério.

Roy parecia ter acreditado. Ou quem sabe não. Levou dois anos e meio para acontecer outra vez.

Foi depois de Agnes quebrar o osso da bacia e ter de ir para uma casa de repouso. Sara sabia que era um gesto honrado da parte de Roy pagar a conta, ainda mais porque ele iria precisar fazer muitas horas extras para isso.

Sara entregava jornais e realizava outros trabalhos, para terem um pouco mais de dinheiro. Almejava um emprego em tempo integral, mas Roy não queria nem ouvir falar do assunto. E ela podia perceber que o marido ficava cada vez mais tenso.

Em uma noite de sábado, Roy insistiu que a vira flertando com um frequentador da igreja na semana anterior. No momento, Sara pensou que era estranho ele ter esperado uma semana para reclamar.

Quando o marido bateu nela, foi com o punho fechado. O olho preto a impediu de sair na manhã de domingo. Naquela ocasião, Sara não tinha ninguém a quem recorrer. As contas para pagar formavam uma pilha. Parecia que os pés de Seth ficavam maiores que os sapatos todos os meses. Roy dizia que todo seu

salário ia para a comida do garoto.

Sara não foi embora. Decerto por medo. Ou por falta de perspectivas. Mas sem dúvida era pela dependência.

Enquanto Sara andou na ponta dos pés, falou bem baixo e manteve suas opiniões para si mesma, tudo ficou bem. Durante algum tempo. Mas então algo acontecia, e Roy ficava distante, acusava-a de flertar com o carteiro ou com o rapaz do balcão do supermercado. Após alguns meses, ele começou a jurar que ela estava tendo um caso com o xerife McCall.

E sempre tudo terminava com Sara apanhando. Roy esperava Seth ir para a cama. Mas o menino sabia. Aquilo era o que deixava Sara mais envergonhada.

Ela nunca temeu pela própria vida, como acontecia com tantas mulheres que apanhavam dos maridos. Roy jamais chegara a esse ponto. Sara não sabia como nem por que o marido se continha, mas era o que acontecia. E enquanto Roy não batesse em Seth, ela dizia para si mesma, ainda podiam ser uma família.

A raiva de Roy não fazia sentido. Quando ele começou a demonstrar interesse por ela, pareceu ser a resposta para as preces de Sara, que fora abandonada pelo namorado do colégio no inverno anterior, e suas duas melhores amigas estavam para ir para a faculdade.

Sara sonhava em tornar-se uma concertista de piano, mas não dispunha de recursos para as aulas de música, nem para um nível mais alto de educação. O outono se aproximava, e ela via-se ficando sozinha com sua mãe amarga, que via defeitos em tudo o que fazia.

Então um dia um rapaz alto e bem-apegoado de Rye parou na pizzaria onde ela trabalhava. O nome dele era Roy Kemper, e parecia o cavaleiro de armadura reluzente dos contos de fada. Levá-lo para casa para conhecer sua mãe foi a primeira atitude correta de Sara desde 1979. Ou pelo menos foi o que ela contou, rindo, para Cláudia e Kyra.

Cláudia, Kyra e Sara, as autodenominadas Três Tagarelas durante o primeiro grau. E nos três anos seguintes, tornaram-se inseparáveis. Ah, aqueles tinham sido bons tempos...

— Strike três!

Ao redor de Sara, todos saltaram, exultantes. Ao olhou para a frente, pôde ver o rebatedor do outro time caminhar abatido para o banco. Outro rebatedor ocupou seu lugar.

O novo arremessador testou a direção do vento da mesma forma que Seth havia feito antes. Os expectadores gritaram, estimulando-o, e o garoto, chamado Billy, fez o lançamento.

O rebatedor girou o taco e acertou a bola, jogando-a na direção do lado esquerdo do campo. Os fãs gritaram quando a bola foi pega com facilidade. Com mais confiança, Billy removeu esse novo rebatedor também. E aquele tempo terminou.

Com isso, a humilhação de Seth se tornou completa.

Ainda recusando-se a olhar para Roy, Sara se recolheu a seus devaneios outra vez.

Vinha pensando muito nas Três Tagarelas. Naquela manhã, soube que Kyra e a filha vieram para uma visita à cidade. Cláudia não vinha para casa fazia anos. Pelo que Sara sabia, as outras duas Tagarelas eram tão bem-sucedidas quanto sempre soube que seriam. Kyra se casara com um homem rico cujos ancestrais vieram no Mayflower. E Cláudia fazia *Chapéus*.

Sara usava um deles, naquele dia.

Tirou-o da cabeça e o girou nas mãos. Encontrou-o no fundo de uma gaveta fazia três semanas, quando arrumou as malas com suas coisas e as de Seth. Era um chapéu simples, pequeno e branco, tendo como ornamento apenas uma fileira simples de bordado na faixa. Do lado de dentro, uma etiqueta: "*Chapéus* de Cláudia".

Recolocando-o na cabeça, Sara memorou todos os *Chapéus* de abas largas, que usava para esconder as manchas roxas, que deixara nos cabides perto da porta dos fundos.

Eles serviam para esconder mais do que os hematomas. Havia feito com que seu filho a levasse a ver no que se transformara. Seu filho precioso, talentoso, desafiador e com olhos tristes.

Não era fácil não começar a chorar por causa dele, naquele instante.

— Sara?

A voz veio de trás, e Sara virou-se.

— Kyra! Fiquei sabendo hoje que você estava em Alcott. — E abraçou a amiga.

Depois que se sentou, Kyra encarou Sara.

— A rede de falatórios está enferrujada, porque cheguei ontem. Roy está parecendo bem convencido. Vamos fingir que ele não está aqui.

— Então você já sabe.

O sorriso de Kyra foi curto, mas sincero.

— Eu disse que a rede de mexericos enferrujou, não que não funciona. — Apontou para o outro extremo da arquibancada. — Aquela é minha filha, Sophie, sentada sozinha, emburrada. Ela fará treze anos em agosto.

Sara digeriu a informação. Indicando a outra direção, foi a vez dela de falar:

— E aquele é meu filho, Seth, no banco do time, aborrecido. Fez quinze em junho.

As duas se olharam outra vez, sentindo os anos que haviam se passado. Então, sorriram. Os lábios de Kyra tremeram.

— Por favor, não vá dizer nada que me emocione ou eu vou responsabilizá-la por meus olhos inchados e o nariz vermelho.

Sara lembrava que Kyra odiava chorar.

— Digo-lhe o mesmo. Prefiro morrer a dar a Roy a satisfação de me ver em lágrimas.

As duas respiraram fundo.

Kyra fitou para o campo, reparando no placar.

— Ainda podemos pegá-los, não podemos?

Sara estudou o perfil de Kyra. A amiga estava mais magra do que recordava, e com os cabelos mais curtos, mas a beleza clássica continuava lá.

A srta. Addie contou que Kyra estava de visita. Não mencionara problemas. Mas Sara podia ver muito bem que a ausência do comentário não queria dizer que não existisse.

— Você sabe de Cláudia? Kyra fez que não.

— Só recebo cartões no Natal.

— Eu também. O que acha que ela iria dizer se estivesse aqui?

Kyra arqueou uma sobrancelha.

— Na certa iria sugerir que amarrássemos Colin e Roy em um barco a remo com um buraco no fundo e esperássemos a maré subir.

As pessoas ao redor olharam para as duas quando começaram a gargalhar. Era um som novo por ali.

— Acho que é muito bom que Cláudia nunca tenha se casado.

E a brincadeira de Sara as fez começar a rir ainda mais. Quando pararam, o jogo já tinha terminado. Mas a amizade delas mal havia recomeçado.

## CAPÍTULO IV

A cozinha na pequena casa de Eve não tinha muito espaço sobre o balcão. Nem medidores. Ou tigelas para mistura.

O que não impediu Kyra de improvisar.

Havia preparado um grande desjejum para Sophie fazia algumas horas. Apesar de reclamar de não ter com que se ocupar, a menina falara bastante, parecendo-se mais como antes, e retornou ao quarto, para escrever em seu diário.

Por ser professora da escola primária, e assim ter o verão inteiro de férias, Eve preferia comer cereais com leite frio ao despertar. Até onde Kyra sabia, a irmã vinha compondo a lista de convidados para o casamento no computador da sala.

Era quarta-feira, e Kyra tinha muitas coisas na cabeça. Preferia pensar quando estava ocupada. Assim, cada centímetro de superfície plana na cozinha se achava coberto com os frutos de seu trabalho. A maior evidência eram os aromas de dar água na boca que se espalhavam pelos cômodos.

Carter foi o primeiro a ir buscar a origem dos cheiros. Como era comum fazer, entrou na cozinha, abriu a geladeira e ficou parado diante dela como se precisasse se refrescar no ar frio.

Não que tivesse dormido ali. Kyra não sabia onde ele passara a noite, mas apreciava os esforços dele e de Eve para dar um bom exemplo para Sophie. O que não queria dizer que não reparasse nas evidências que percebia na irmã com certa regularidade. Ficava claro que Kyra não era a única boa em improvisar.

— Quer que eu prepare alguma coisa para você comer, Carter?

Ele consultou o relógio, coçou o peito por cima da camiseta desbotada e por fim fechou a geladeira.

— Não, obrigado. — Pegou uma tortinha de limão e a colocou inteira na boca. — Você faz mágica!

Carter McCall crescera em uma casa cheia de homens. Jack era três anos mais velho do que Kyra, Brian, um ano mais novo do que ele, e Carter tinha alguns anos a menos. Alguém se encarregara de fazer com que todos soubessem que talheres usar. Carter dizia "por favor" e "obrigado" quando achava adequado. Só que isso não acontecia sempre. Kyra considerou aquele aspecto dele muito interessante.

— Já me compreendeu por inteiro, Kyra?

Carter sempre fazia isso: mencionar em voz alta quase na íntegra o que ela estava pensando.

— Não sou muito boa em tentar compreender os outros, sobretudo homens. Meu marido é um grande exemplo disso.

— Ele é um grande exemplo de idiota, isso sim.

— Você não conhece Colin.

— Não preciso. — Carter se apoiou no balcão, cruzando as pernas, e comeu outra tortinha de limão. — Se um sujeito age errado com uma mulher, ainda mais se for uma como você, então é um idiota.

Kyra analisou o futuro cunhado. Era bom ter alguém a seu lado, mas isso não mudava o que havia de errado em sua vida, ou no casamento.

Observara Carter naquela semana que passou, em especial o modo como tratava Eve. Ele parecia mesmo ser sincero nas atitudes e emoções.

— Aprecio seu voto de confiança, Carter, mas li em algum lugar que se alguém trai você uma vez, é culpa dele. No entanto, se trai duas vezes, a culpa é sua.

— E de quem é a culpa de ele ser um cretino? É fácil atribuir categorias aos homens. Ao contrário de vocês, mulheres, que são muito complicadas.

Kyra tirou a primeira fornada de biscoitos do forno.

— Conte-me sobre as categorias dos homens.

— Você já conhece a dos idiotas, tendo estado casada com um deles por... quantos anos foram? Treze?

— Catorze.

— Os idiotas são, sem dúvida, os piores. Existem também os burros, os metidos a espertos, os lamentáveis e, por fim, os espertalhões.

Apesar de tudo, Kyra sorriu.

— E em qual desses tipos você se enquadra?

Carter enfiou os polegares nos bolsos.

— Sou um espertalhão, lógico. Às vezes esses limites não são muito precisos, mas no geral essas categorias são adequadíssimas.

Kyra gargalhou.

— Você pensou bastante no assunto. Sendo assim, me diga: por que as mulheres se interessam por vocês?

— Porque somos irresistíveis. Houve uma longa pausa. — Este é o momento da conversa em que você diz o que está pensando, Kyra.

Ela colocou a segunda assadeira no forno.

— Mas a arte da conversa não está só em dizer o que é certo na hora certa, mas em deixar o que é errado sem ser pronunciado nos momentos mais tentadores?

— E onde está a graça de fazer isso?

Kyra piscou depressa, sem entender.

— Se não há graça, então não é arte.

— Mas não é.

— Agora você está pegando o jeito da coisa... Ela o fitou.

— Alguém consegue dar a última palavra com você?

Carter deu de ombros, o que a fez se lembrar de Sophie.

— Eve consegue, mas essa informação é algo que eu preferiria compartilhar com os rapazes ao redor de uma mesa de sinuca do que com a irmã dela. Mas que não se diga que um McCall não sabe ser educado.

Kyra cerrou as pálpebras, meneando a cabeça. Eve não teria nenhum momento de tédio com aquele

moço.

Fofura entrou, indo direto para sua tigela de ração. Como estava vazia, ela olhou em volta com ar de desdém, e Kyra correu para alimentá-la.

Ignorando Kyra e a comida, Fofura foi até Carter e se esfregou nas pernas dele. Carter se abaixou para acariciá-la. Claro, ele podia fazer isso.

— Como pode? Salvei essa gata da carrocinha e ela acabou me odiando!

— Você tenta demais.

Kyra se virou para Carter, depois para Fofura, que ronronava com os carinhos.

— Mesmo?

— Sim. Se quer que um gato goste de você, ignore-o. Deixe que ele se aproxime. Sempre dá certo.

— Seguirei seu conselho.

— Que bom que pude ajudar!

Carter se levantou e deu uma risadinha ao sair.

— Eu disse que era um espertalhão!

Ele havia sumido antes de ela perceber que Carter dera a última palavra.

Os biscoitos estavam prontos quando Eve chegou.

— Nossa! Não sei como você conseguiu fazer tudo isso!

Kyra espremeu o detergente na pia e abriu a torneira.

— Fazer biscoitos não é difícil, só faz sujeira. Eve serviu-se de café.

— Falando nisso, como foi seu telefonema para o Colin, esta manhã?

— Não muito bem.

— Isso explica a maratona de biscoitos. O que ele disse?

Esfregando uma panela com mais força do que o necessário, Kyra falou sem parar o trabalho:

— Ele está abatidíssimo porque fugi de nossos problemas. Pelo visto, Colin está me tomando por uma mulher mais profunda e com mais força de caráter.

Eve abriu a boca para começar a falar, mas Kyra ergueu a mão.

— Antes que diga que sou uma fraca, saiba que eu disse a ele que a declaração teria muito mais energia se eu não tivesse ouvido uma voz de mulher ao fundo quando ele atendeu ao telefone.

— Havia uma mulher em sua casa?!

— Colin insistiu que era a televisão, mas eu sei que não era.

— Oh, Kyra, não! O cretino nunca a mereceu. — Eve apontou o jornal aberto nos classificados. — Está procurando emprego?

— Não exatamente.

— Então está interessada em alugar uma casa pelo resto do verão? — Eve contornou a mesa, para ver o anúncio que Kyra marcou.

— Acho que seria melhor para a Sophie se tivéssemos nosso próprio canto. Você não ficaria brava?

Os cabelos longos de Eve estavam presos nos lados por dois prendedores simples da mesma cor do vestido tricotado. A tonalidade tornava o rosto dela pálido, e os olhos cinzentos, mais metálicos.

— E eu iria me aborrecer por você passar o verão em Alcott? Está brincando?! — Afastou o jornal e pegou um biscoito com cobertura. — Sabe que é bem-vinda para ficar aqui o quanto quiser, minha irmã, mas apoiarei toda decisão sua. Carter está indo para o estúdio, e eu tenho de correr. A reunião da Sociedade das Mulheres Pioneiras começa em cinco minutos, e eu sou a secretária.

— Espere! — Kyra arrumou alguns biscoitos e tortinhas em um prato grande e cobriu, apressada, com um plástico. — Leve estes. Vamos ficar doentes se tentarmos comer tudo.

Eve piscou.

— Aguarde elogios de todo o mundo. Até mais!

— Até, Eve.

— Que cheirinho bom! — Sophie foi direto da porta para a mesa, para preparar um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. — Conversei com Makayla de novo. Imagine! Os Prescott irão para a Europa por três semanas inteiras, assim que acabar a doença do Toby.

— Que bom, meu bem!

— Eles têm tanta sorte... — A menina olhou para todos os utensílios e talheres que a mãe usara, agora empilhados na pia. — Aposto que você está sentindo falta da lavadora de pratos, não é?

— Pode apostar.

— Também não há um forno elétrico.

— Tia Eve não gosta muito de aparelhos.

— É, acho que não. Nossa cozinha tinha todo o conforto possível. Você deve sentir a maior falta.

Não era preciso uma inteligência superior para entender o que a filha pretendia fazer. Kyra lavou mais alguns talheres.

— Ei, Fofura! — chamou a menina, ajoelhando-se perto da soleira e acariciando a gata. — Também não tem muito espaço para a caixinha de areia da Fofura aqui. Não sei quantas vezes já vi alguém tropeçar na tigela de ração dela.

— Sim, estamos amontoadas nesta casa. Eu queria mesmo conversar com você a respeito.

— Mesmo?!

— Não queremos estragar a boa acolhida que tivemos aqui, não é?

Sophie assentiu com entusiasmo.

— Vamos dar um passeio?

— Passeio?

— Claro. Está um dia lindo.

— Mas não devíamos fazer as malas?

— Primeiro temos de ir dar uma olhada na casa de veraneio.

— Que casa de veraneio? — Sophie pulou, como se estivesse sendo ameaçada.

— Aquela na travessa do Capitão. Eu marquei o anúncio. — Kyra indicou o jornal. — O preço é

razoável, e já está vazia. Não sei em que condições se encontra, mas podemos ir até lá dar uma olhada.

— Você não pode esperar que eu fique nesta droga de cidadezinha!

Kyra virou-se, as mãos molhadas deixando pingar água no piso.

Podia ser verdade que a gata a desprezava porque tentava demais se aproximar dela. E talvez Colin a enganasse porque, de alguma forma, permitia que ele agisse assim. Mas Sophie começava a entrar na adolescência, e Kyra sabia que o modo como lidasse com aquela situação naquele momento marcaria a relação das duas por anos.

— Se quiser erguer a voz, vá em frente. Deixe sair a pressão. Fale o que quiser falar. Mas não tolerarei essa linguagem. E espero que você também não!

Sophie de repente pareceu ver algo muito interessante na ponta do sapato.

— Compreendo que isso é difícil para você, Sophie. Sei que sente saudade dos amigos, de seu quarto e de seu pai. E talvez você preferisse estar indo para a Europa, mas isso não lhe dá o direito de me desrespeitar e de usar esse tipo de linguagem.

— Desculpe...

Kyra sentiu vontade de chorar. Sophie estava magoada, e o primeiro impulso dela era correr para a filha e abraçá-la. Mas não podia agir assim.

— É duro passar pelo que você está passando.

— É uma droga!

— Sim, sem dúvida. Aconteceram coisas, das quais você não tem culpa alguma. Está zangada comigo? Não creio que eu mereça, mas pelo menos a emoção é honesta. E a honestidade é nosso recurso mais puro e precioso. Ela se renova. As palavras, não. Assim que as dizemos, ficamos devendo o que significam. Não podemos pegá-las de volta. Pense sobre isso. A menina suspirou.

— Compreendo. Você está certa, mãe.

Kyra apanhou o pano de prato e enxugou as mãos.

— Então vamos dar aquele passeio?

— Posso tomar um copo de leite antes?

— Lógico.

— E comer um desses biscoitos?

— À vontade.

— Eu te amo, mãe.

— E eu amo você. — Naquele momento, ela foi abraçar a filha.

Logo as duas saíram para a rua, sob o sol forte do final da manhã.

Daniel Mackenzie passou os dedos sob o queixo, assentindo para uma das cinco mulheres que vieram de carro de Boston naquela manhã para a sessão de terapia em grupo.

Eram todas ricas e tinham idade entre os trinta e cinco e quarenta e cinco. Estavam sendo atendidas juntas já fazia quatro anos. E nem mesmo a inesperada e temporária mudança de Daniel de Boston para Alcott abalou a vontade delas de continuar com o tratamento.

Sendo um psiquiatra especializado em aconselhamento de grupos e famílias, Daniel era bom com

mulheres. Elas o adoravam. E, sem sombra de dúvida, fascinavam-no.

Nadine, por exemplo, sentada junto do armário baixo do outro lado da sala. Ela perdera a filha fazia quatro anos, e só recentemente começou a remover a expressão torturada do rosto.

Junto dela encontrava-se Rita que, aos quarenta e cinco aparentava trinta e cinco, graças ao botox e a dezenas de tratamentos de pele. Rita tolerava as infidelidades do marido em troca de gastar o dinheiro dele como quisesse.

Meredith odiava o pai e muitos outros homens, incluindo o ex-marido, mas confiava em Daniel. No final da terceira sessão, ele estava bastante certo de que ela era lésbica. Meredith sabia que Daniel sabia, e esse era um dos motivos de sua total confiança. Após algumas sessões particulares, ela lhe contou seus motivos para não se revelar. Daniel jamais contestou seu silêncio.

À esquerda de Rita estava Tess, que falava sempre sobre o aborto que seus pais a forçaram a fazer quando tinha dezesseis anos. Ela e Nadine ficaram muito amigas nos últimos quatro anos. Casada pela segunda vez, parecendo feliz, Tess era mãe de dois filhos saudáveis, e algumas semanas atrás falara muito sobre como era ser mãe.

Em seguida vinha Georgeanne, que parecia não ter nenhum esqueleto no armário, nenhum pesadelo, nenhuma fobia ou obsessão. Ela era divertidíssima e dava apoio às outras quatro. Além do tédio, o maior problema de Georgeanne era a tendência a beliscar o traseiro de Daniel sempre que tinha oportunidade. Ele cuidava para que houvesse sempre pelo menos mais duas pessoas entre eles.

Um ano antes, Daniel expressou sua opinião de que aquele grupo não necessitava mais dele, dizendo com toda a honestidade que sentia como se estivesse tirando o dinheiro delas em troca de nada. As cinco foram para a sessão seguinte com problemas suficientes para durar mais uma década. Naquele dia, ao sair do consultório, Rita parou, sorriu para Daniel e disse:

— Está pronto para ceder? Porque isso é bom para nós. Seus *insights* nos são muito valiosos. Queremos gastar cem dólares para conversar por uma hora. Na semana passada, Stanley gastou mais do que isso com flores para a amante dele.

Assim, Daniel concordou que continuassem pagando.

Desde então, Meredith começou a falar sobre suas preferências sexuais, e Georgeanne acabou por se abrir sobre seu passado secreto. Daniel fez o que pôde para ajudá-las a se ajudar. E se, quando a sessão terminava, ele se sentisse menos realizado do que quando se reunia com o pequeno grupo no porão da igreja perto de Manchester, então teria de conviver com isso.

Lá no fundo daquela casa monstruosa no número 211 da Main Street, o telefone tocou. A secretária eletrônica atendeu.

Em outra sala do térreo, seu pai gritava para que alguém lhe levasse uma bebida gelada. Daniel levava algo gelado para ele fazia cinco minutos.

O pai gostava de ficar gritando quase tanto quanto de tornar a vida de Daniel um inferno. Precisava de uma assistente para atender às ligações e de uma enfermeira para cuidar do pai. A agência mandaria candidatas para as duas posições, naquela tarde.

Três das últimas quatro enfermeiras não duraram um dia. Daniel não as culpava. Não ia ficar cuidando de seu pai idoso se tivesse a opção.

Daniel não tinha lembranças claras de uma época em que o pai lhe parecera jovem. Não que Archibald Mackenzie tivesse agido de forma ativa na criação de Daniel.

Daniel contava um ano de idade quando os pais se separaram. Dali em diante, a mãe se assegurou de fazer com que ele e o pai soubessem onde o outro estava, mas quase nunca se viam. O arranjo era adequado para os dois.

Até que, de uma hora para outra, Daniel foi chamado para visitar Archibald em seu leito de morte. Daniel contou ao associado em Boston que voltaria em uma semana. Devia ter imaginado que o pai não iria se deixar morrer assim fácil. E também não quis ir para Boston com Daniel. Assim, Daniel teve de ir para Alcott, New Hampshire, e ficar com o pai de oitenta e quatro anos, que desaprovava tudo o que o filho dizia ou fazia, escutando com um ouvido Rita Delaney falar sobre a plástica que pretendia fazer na barriga, enquanto Tess tentava convencê-la a desistir da operação.

— Mas que droga, Daniel! Vai me deixar morrer de sede aqui?!

Rita se calou e consultou o relógio.

— Acho que nossa hora acabou.

Na verdade, acabara fazia dez minutos.

Daniel se ergueu com agilidade. As pacientes estavam no meio do processo de ir juntas até a porta de entrada, quando bateram. Elas giraram a maçaneta e saíram.

— Até mais, doutor!

— Vejo vocês na próxima sessão, Meredith. Boa semana, Rita.

— Vou aguardar ansiosa.

Uma mulher esguia e uma menina se afastaram para não serem pisoteadas. Daniel não viu nenhum carro, o que explicava a transpiração no rosto delas.

— Ninguém o condenaria se colocasse o velho em uma casa de repouso e o deixasse lá — declarou Tess, ao passar por ele.

Nadine concordou:

— O sótão seria ainda melhor.

Daniel sorriu. Onde estava Georgeanne? Ele deu um passo para o lado no instante exato de escapar do beliscão.

Enquanto os cinco pares de pés avançavam para o Mercedes de Rita, e cinco bocas falavam ao mesmo tempo debatendo o melhor local onde parar para almoçar, Daniel voltou a atenção para as duas paradas à soleira.

— Você é médico? — a menina quis saber.

— Sim, psiquiatra.

Daniel as avaliava. Pré-adolescente e no meio da casa dos trinta, cabelos e olhos da mesma cor. A filha tinha um ar de curiosidade; a mãe, uma expressão de cautela. Ambas com postura de rainha. A garota com pernas muito longas, a mãe usando calça bege e sandálias Prada, se não se enganava. E Daniel não costumava se enganar.

— Estamos aqui por causa do anúncio.

Ele não tinha ideia de por que uma mulher levaria a filha para uma entrevista de emprego, mas via-se desesperado demais para pôr de lado aquele pormenor.

— Pedi que a agência não mandasse ninguém antes do almoço, mas, já que você está aqui, entre.

As duas se entreolharam.

— Agência?

— Não está aqui para se candidatar à vaga de enfermeira ou assistente?

Kyra fez que não.

— Viemos por causa de uma casa para alugar.

— Ah!

Daniel anunciara no jornal fazia três semanas, por causa da insistência de Archibald. Não aparecera ninguém, por isso se esqueceu do assunto.

— O anúncio menciona que é uma casa de veraneio — disse a menina. — Minha mãe disse que você sem dúvida não é daqui.

Os olhos de Kyra se arregalaram, e Daniel percebeu que ela teria dado um cutucão na garota, se tivesse algum jeito de fazê-lo com discrição.

Ele examinou o rosto dela, detalhe por detalhe. Os olhos eram belos, a pele, boa, a estrutura óssea, delicada. A boca, um pouco larga demais para o conjunto, mas os lábios eram cheios o bastante para serem interessantes.

A menina se parecia muito com a mãe, e Daniel sorriu-lhe.

— Eu adoraria saber como sua mãe chegou a essa conclusão.

Como muitas mulheres no planeta, Sophie reagiu ao jeito tranquilo e sorriso suave dele.

— É por causa do modo como o anúncio foi escrito. Mamãe disse que ninguém em Alcott chamaria essas residências de "casa de veraneio".

— Apesar de as placas na rua dizerem que o nome é rua Alta, todos aqui a chamam de travessa do Capitão.

O jeito de falar era educado, e Daniel gostou dela. E havia também uma aliança de casamento na mão esquerda com um diamante de quatro quilates.

— E por que a chamam assim?

— Porque este é o único lugar em Alcott com vista para o mar — explicou Sophie —, então os velhos capitães ricos construíram suas mansões aqui em cima, na virada do século passado.

Kyra deu prosseguimento:

— E isso termina a lição de história de hoje. Sou Kyra Valentine, e esta é minha filha, Sophie.

— Daniel Mackenzie. — Ele estendeu-lhes a mão.

Os dedos de Kyra eram longos, e o aperto, seguro. Por um instante, o olhar dela ficou mais agudo. Mas o cumprimento terminou antes de Daniel compreender o motivo.

— Que grande droga, Daniel, você está aí?!

"Ótimo. Papai de novo..."

— Você tem um fantasma aqui?

— Não tenho tanta sorte, Sophie. Por favor, me deem licença. Se quiserem esperar, voltarei em um minuto.

Ele as deixou na entrada e foi para a grande sala, onde havia uma cama hospitalar e vários equipamentos médicos. Da entrada, viu a expressão de vitória no rosto de Archibald.

— Talvez agora que aquelas mulheres pararam de beliscá-lo você possa mover essas pernas preguiçosas e ossudas e ir pegar alguma coisa para eu beber!

Atrás dele, Sophie comentou:

— Não o estávamos beliscando. Mãe, você acha as pernas dele ossudas?

A pergunta de Sophie fez Kyra olhar rápido. Mas não respondeu. Muitas mulheres prestavam atenção aos ombros, outras, aos cabelos ou sorrisos. E existiam aquelas que preferiam traseiros e pernas. Kyra reparava nos olhos.

O resto também importava, mas os olhos vinham primeiro. E os de Daniel Mackenzie eram verdes, seguros e inteligentes.

Algo na boca de seu estômago a fez lembrar que não estava ali para travar contato com ele. Tinha ido falar sobre uma casa, e foi nisso que concentrou a atenção.

A travessa do Capitão fazia uma curva no extremo norte de Alcott. Kyra não a via desde a adolescência. Naquela época, muitas das residências de capitães foram convertidas em prédios de apartamentos ou abandonadas. A que procuravam continuava intacta.

O pé direito era alto, o assoalho, original. As luminárias, antiquadas, mas todas funcionavam. Era um imóvel grande e arejado, cheio de sombras e isolado.

Kyra podia imaginar a casa em seus tempos áureos, quando era nova, brilhante e opulenta.

Mas não conseguia imaginar-se vivendo ali pelo resto do verão.

A explosão de Sophie na cozinha de Eve a fez compreender a necessidade da filha de saber que a mãe estava segura e estável. Por isso, Kyra decidiu que ia se afinar com seus instintos e sua intuição, e eles lhe diziam que ela e a filha seriam mais felizes em algum lugar mais aconchegante e mais perto da casa de Eve.

Tinham visto o bastante. Kyra imaginou quanto tempo ainda teriam de esperar pelo retorno do dr. Mackenzie. Ouvia mais gritos vindos da outra sala. Mas, apesar disso, a voz de Daniel Mackenzie permanecia calma.

Entretanto, a do outro homem, não.

— Tire suas mãozinhas delicadas de mim! Posso cuidar disso sozinho.

— Pai, você vai cair.

— Então eu cairei. Agora, saia de minha frente!

— O que acha que está acontecendo lá, mamãe?

— Não sei, querida.

Foi a curiosidade que fez Kyra e Sophie seguirem avante, indo na direção das vozes. Elas moveram-se de forma furtiva, do modo como Fofura fazia quando não queria fazer barulho.

— Você sabe que não farei isso, pai. Sendo assim, pare e deixe-me ajudá-lo.

Uma série de palavrões foram emitidos com tamanha ferocidade que fez Sophie dar risada. O som alertou Daniel e Archibald, que avistaram Kyra e Sophie paradas bem na entrada de uma sala que parecia ser de estar, mas que continha uma cama de hospital, uma cadeira de rodas e um andador tamanho adulto.

Um senhor idoso e muito magro estava sentado no leito, com as mãos agarrando as grades de metal dos lados. Havia um copo quebrado no chão no meio de uma poça de água.

Além dele, uma janela deixava ver um gramado amplo, o sol e o mar. Gaivotas planavam nas correntes invisíveis, e a luz solar brilhava na água, lá longe.

Archibald não parecia interessado na vista. Ele tossia e praguejava, determinado a se virar sem o auxílio do filho.

— Vocês estão bem? — indagou Kyra.

Um par de olhos verdes desbotados a fitaram.

— Eu pareço estar bem? Derrubei meu copo e preciso de outro, e meu filho miserável não dá a mínima!

— Talvez se o senhor pedisse com educação... — Sophie sugeriu.

Archibald olhou para a menina.

— Eu chamo uma espada de espada.

— Faz um minuto que o senhor o xingou de um nome muito feio.

— Sophie!

A garota se aproximou da cama.

— Sabe, senhor, a honestidade é um recurso renovável. Mas as palavras não são. Uma vez que se diz algo, não podemos mais retirar.

E foi bem daquela vez que Sophie resolveu ouvir o que Kyra disse!

— O que minha filha está querendo dizer...

— Ela falou para meu ouvido bom, moça. Escutei direitinho.

— Archibald tremia, mas parou de tossir e praguejar. — Estou morrendo. Se quero ser um pouco ranzinza, acho que tenho o direito.

— Se está morrendo, por que não está no hospital? Kyra ficou surpresa quando o velhinho respondeu com gentileza.

— Hospitais são para pessoas doentes.

— Quer dizer que está fingindo? Kyra virou-se para o idoso.

— Por favor, desculpe minha filha, sr. Mackenzie.

— Por quê? Ela produziu algo fedorento?

— O senhor ia saber se eu tivesse feito.

Kyra ficou horrorizada. E a sensação não diminuiu quando Archibald sorriu.

Ela virou-se para Daniel em busca de apoio. Ele parecia avaliar a situação em uma posição típica de alguém de sua profissão, com um braço cruzado diante do corpo, apoiando o outro cotovelo, e essa mão como que segurava o queixo.

As mãos de Archibald relaxaram o aperto nas grades, e ele não parecia mais estar tentando levantar, com ou sem ajuda.

— Já estava na hora de aparecer alguém que não fica andando nas pontas dos pés perto de mim. Meu nome é Archibald Mackenzie. Meus amigos me chamam de Archie. Estou doente, mas na maior parte meu problema é velhice. E só há um jeito de resolver. Enquanto isso não acontece, você não acha que não seria pedir muito que meu filho não muito bonzinho me trouxesse algo gelado para beber?

— Talvez ele esteja achando que, se esperar bastante, o senhor poderá morrer de sede.

Kyra pegou a mão de Sophie e a puxou para fora do alcance de Archie.

— Você tem uma menina bem esperta aí. Costumo latir mais do que morder. A verdade é que não poderia machucá-la nem se quisesse, e posso garantir que não quero. — Archie piscou para Sophie.

Algo não mencionado foi trocado entre os dois, e a menina sorriu.

— Posso usar seu banheiro?

— Sophie... — avisou Kyra. — Nós já estamos indo para casa.

— Quando você tem de ir, você tem de ir. Não é verdade, mocinha? — Archie apontou um indicador trêmulo. — Ali no corredor. Segunda porta à direita.

No momento em que Sophie saiu, Kyra tomou consciência do silêncio. Tentando preenchê-lo, mostrou as janelas muito altas.

— O senhor tem uma vista magnífica daqui. Archie se deitou de novo, outra vez emburrado.

Kyra olhou para Daniel, que sorriu-lhe. E ela descobriu o que causou as rugas nos cantos dos olhos.

— Você e sua filha são daqui de Alcott?

— Eu cresci aqui, mas Sophie e eu estamos só de passagem.

Daniel a fitou daquela forma que apenas os homens conseguem fazer. O olhar não ficou parado em ponto nenhum de seu corpo além do considerado educado, mas a sensação era de estar sendo examinada.

Kyra não conseguia pensar em mais nada para dizer, e lhe ocorreu que Daniel estava com o mesmo problema.

Foi um alívio quando Sophie voltou, trazendo um copo de água. Tomando cuidado com os cacos no chão, ela balançou, gentil, o ombro de Archie.

— Sr. Mackenzie?

Ele abriu os olhos e umedeceu os lábios secos.

— Até que enfim alguém que sabe escutar... — Pegando o copo com as duas mãos por causa do tremor, Archibald bebeu toda a água. Enxugando a boca com as costas da mão, entregou o copo vazio de volta. — Você tem um emprego, minha jovem?

Kyra se adiantou:

— Sophie é jovem demais para trabalhar.

— Qual sua idade?

— Vou fazer treze no mês que vem.

— Quando eu tinha treze anos, trabalhava do nascer ao pôr do sol. As crianças são mimadas, hoje em dia. E os pais ficam imaginando por que a sociedade está se desmantelando.

— Papai, talvez o senhor devesse mostrar a nossas visitas seus prêmios de pai do ano.

Archibald ficou vermelho. O maxilar do filho se contraía. Olhando de um para o outro, Kyra aguardava pela explosão. Mas, em meio à quietude, o que se ouviu foi Sophie dizer:

— O que eu teria de fazer, se eu trabalhar para o senhor?

— Sophie...

— Pai...

— O que foi? — indagaram ao mesmo tempo Sophie e Archie para Kyra e Daniel.

— Estou procurando alguém com treinamento em medicina — Daniel afirmou.

— O dinheiro que vai pagá-la é meu, rapaz.

— Só porque o senhor se recusa a aceitar apoio financeiro meu.

— Recuso mesmo! Não preciso de seu dinheiro. Tenho muito do meu. Muito! — Archie encarou Sophie. — Você é uma dessas meninas mimadas cujo principal problema na vida é entrar para o clube certo?

— Sr. Mackenzie, se minha filha é mimada ou não, não é de sua conta.

— Não acho que eu seja mimada, mas venho agindo como se fosse. No entanto, sou bem forte e mais ou menos esperta. O senhor quer me pagar para fazer coisas?

— Pode ser.

— De que tipo?

— Sophie, eu não acho que...

— O senhor não usa fralda geriátrica, usa? Kyra ficou mais do que horrorizada.

O rosto de Archie se fechou de tal forma que era difícil dizer se ele estava se preparando para praguejar ou rir.

— Meu encanamento ainda funciona, na maior parte do tempo, mas não é nada disso. — A respiração tornou-se pesada. — Quero escrever algumas cartas, por exemplo. Você poderia me dar uma mão. Meus olhos não valem mais nada. E também leria para mim. Sabe jogar xadrez?

— Sim, mas não muito bem.

— Terá de praticar. Vou deixar sua mãe e Daniel cuidarem dos pormenores. Será bom encontrar algo no que usar o refinamento dele.

Archie afundou nos travesseiros.

— Está na hora de irmos.

Sophie olhou para a mãe com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu quero fazer isso, mamãe. O sr. Mackenzie não precisa nem me pagar. Podemos só conversar.

— Discutiremos isso em casa.

— Não vamos para casa, lembra? Por semanas e semanas. Você quer que eu faça amigos aqui. Acabo de fazer um. Archie gosta de mim. Mas essa é outra daquelas coisas sobre as quais não tenho controle, não é?

— Sophie, ele precisa de uma enfermeira.

— Sei disso, mas Archie também me quer. E aposto que sabe muitas histórias, e nós podemos jogar.

— Entregando o copo vazio para Daniel, Sophie suspirou. — Foi um prazer conhecê-lo, dr. Mackenzie. E você também, Archie.

Archibald grunhiu uma resposta.

Erguendo os olhos e empinando o queixo, Sophie virou-se para a mãe.

— Gostaria de ir para a casa de tia Eve agora. Daniel a interrompeu:

— Não quer ver a casa de veraneio? Sophie fez que não.

— O que eu quero não importa, dr. Mackenzie. Mãe, posso ir embora, por favor?

Kyra entregou a chave para a filha. Quando Sophie se afastou, ela se voltou para Daniel.

— Acabei de me meter em uma bela encrenca.

Daniel sorriu, e Kyra experimentou um arrepio quente subir por sua coluna.

Depois de se despedir de Archie, Kyra acompanhou Daniel até a outra sala. Ali, ela sussurrou:

— Não é engraçado, dr. Mackenzie.

— Rir é um bom remédio. Aconselho para as mães e as filhas, maridos e esposas, irmãs e amigos, e às vezes até para inimigos. Você deve ter notado que a área onde não tenho nenhuma habilidade é a relação com meu pai. E parece que você e sua filha estão se dando bem. E, por favor, me chame de Daniel. Gostaria de dar uma olhada na casa ao lado? Meu pai é dono das duas, mas a outra é a que está vazia.

— Decidi que prefiro procurar algo menor e mais perto da residência de minha irmã.

— Sua filha se entendeu com Archie. Ela deve ser muito hábil. Necessito de uma enfermeira para ajudar a cuidar dele, mas talvez Sophie pudesse ficar com meu pai por uma ou duas horas, alguns dias por semana. Pode ajudá-lo a passar o tempo, e talvez ela sinta que tem algum controle sobre a própria vida.

— Sophie já está passando por um período ruim.

— Por que você e o pai dela se separaram?

Kyra não queria falar sobre aquilo. Não naquele momento, nem com ele.

— Perdoe se sou rude, mas me aflige imaginar que a única amizade de Sophie em Alcott seja alguém tão doente. Ela irá se magoar se vier a se ligar a ele.

— Talvez fique mais magoada se não o fizer. Kyra não tinha como refutar aquilo.

— Segundo minha experiência, Kyra, essas situações costumam se resolver sozinhas.

A confiança dele era perturbadora.

— Olhe, não o conheço e você não me conhece. Talvez eu seja maluca e não precise dizer isso. Mas vou falar assim mesmo. Fala macia e sorrisos podem funcionar com aquelas mulheres que quase me pisotearam quando cheguei, mas já fui bastante exposta, e por isso me tornei imune.

— Por que estou com a sensação de estar sendo insultado? Daniel não parecia ter se ofendido. Ao contrário, mostrava se divertir muito.

— Bom dia, dr. Mackenzie.

Ele abriu a porta da frente para ela. Cuidando para não tocá-lo, Kyra saiu.

— Kyra?

— Sim?

— Se quiser dar uma olhada na casa de veraneio, ela está aberta. Fique à vontade. E, claro, seria conveniente para o trabalho de Sophie.

— Você é muito engraçado.

— Acha mesmo?

— Está fazendo aquilo de novo: tentando me cativar. E esse é um eufemismo para flertar.

Daniel a encarou.

— Se estou fazendo algo com você, é sem dúvida flertar. A porta se fechou, e Kyra ficou ali parada, sob a luz do sol, com o cheiro maravilhoso do mar e um pensamento na cabeça. Carter McCall não era o único espertalhão da cidade.

## CAPÍTULO V

Sophie estava sentada no chão da varanda da casa de Eve, com Fofura no colo, as pernas balançando do lado de fora, com ar desconsolado, quando sua mãe chegou.

Sentando-se no degrau mais alto, Kyra olhou para a rua tranquila sob o sol do meio-dia.

— Eu faço o que posso, Sophie. Estou lidando com isso um dia por vez. Foi aqui que cresci, e é bom estar de volta. Preciso desse tempo para pensar, mas também é importante para mim que você esteja bem. Será tão terrível se ficarmos em Alcott até o final do verão?

Sophie ficou calada por tanto tempo que Kyra começou a duvidar que fosse lhe responder.

— Talvez nem tanto.

Aquela era uma das coisas que mais gostava na filha. Sophie sempre deixava seu senso de humor transparecer.

— Ainda está furiosa com papai, não é, mãe?

— Seria bem mais fácil de lidar com a questão se eu estivesse sentindo apenas raiva.

— O que ele fez?

Alguém ligou um cortador de grama a alguma distância, e Bruce e Doreen Briggs acenaram ao passar com o cachorro na calçada em frente.

— Eu não poderia querer um homem que gostasse mais de você do que seu pai gosta.

— Ele não a ama? É isso o que acha?

— Imagino que sim, lá do jeito dele.

— Mas ele a engana.

Kyra virou o rosto depressa para a filha, espantada.

— Quem lhe disse que Colin está tendo um caso?

— Eu imaginei. Bom, não foi difícil de chegar a essa conclusão. Você não teria atirado comida nele se não fosse algo ruim de verdade. Vocês vão se divorciar?

— Não sei.

Mas Kyra não via outra saída.

— Não quero que vocês se divorciem.

— Entendo, Sophie. — Kyra cobriu a mão da filha com a sua.

— Ele é mesmo um bobo. — Sophie suspirou. — Mãe, quer que eu finja que estar aqui é uma aventura?

Kyra conhecia bem a filha e não baixou a guarda.

— Defina aventura.

— Nunca tive um avô. Ter um seria uma aventura. Posso fazer de conta que Archie é meu vovô enquanto estivermos em Alcott.

Um avô de mentira que estava morrendo. Sophie sabia disso, mas não queria desistir. Talvez Daniel estivesse certo. Não ia fazer mal se ela ficasse amiga do velhinho.

— Quero fazer uma investigação antes. Pelo que sabemos, Archie bem que pode ser o inimigo público número um do FBI.

— E se não for, poderei visitá-lo? Kyra assentiu.

Sophie tornou a suspirar.

— Tentarei parar de reclamar.

— Que garota!

Mãe e filha observaram duas crianças passarem de bicicleta comendo pedaços de pizza.

— Aquela pizza parece boa...

— Já é hora do almoço. Está com fome?

— Eu estou sempre com fome, mãe! Sabe o que seria ótimo?

— Melhor que pizza?

— Um hambúrguer com batata frita!

Kyra se levantou e estendeu a mão para a menina.

— Vamos colocar Fofura para dentro. Conheço um lugar onde fazem hambúrgueres imensos e a melhor batatinha do planeta!

Kyra não reconheceu a mulher sentada no banco da praça diante do Restaurante Cooper, mas havia algo de familiar nas quatro meninas de cabelos ruivos que a acompanhavam.

— Todas as mesas lá dentro estão ocupadas — informou a mulher, com sotaque sulista e olhos castanhos.

— Temos de esperar até que alguém saia antes de podermos entrar — disse uma das meninas, de íris azuis como as outras três.

— Sou Kyra Valentine, e esta é Sophie. Estamos visitando minha irmã.

— Ginger Callaway. — A estranha indicou a criança a seu lado. — E esta aqui é a Rachel. Ela tem quinze anos.

— Saia de perto de mim! Mãe, a perna de Reba está tocando a minha!

— E do lado dela está Rebecca, com treze.

— É nada, é a perna da Renee que está tocando a minha.

— Não está, não!

— Está, sim.

— E os dois anjinhos são Reba e Renee.

— Vocês são tão infantis... — disse Rachel.

— E você é mimada.

— É!

— Nossa! Encontrou sozinha essa resposta? "É"?

— Mamãe, Rebecca está me provocando!

A mais velha olhou para Ginger. Com expressão de martírio que só uma garota com irmãos menores conseguia produzir, falou:

— Agora você entende por que eu não queria vir? Não dá mais para aguentar essas duas.

Ginger fitou Kyra.

— É por isso que existe aquela espécie de peixe que come os filhotes. Dê-me licença por um momento. — Virou-se para as filhas. — Obrigada por causarem uma primeira impressão tão maravilhosa. Não me deixem esquecer de comprar papel na volta para começar uma petição para que as aulas durem o ano todo. Se não pararem com isso, não andarão a cavalo quando retornarmos!

As quatro não demonstraram ter ficado muito assustadas, nem arrependidas. Decerto porque não era a primeira vez que ouviam aquela ameaça.

— Vocês têm cavalos? — Sophie quis saber.

— Minha égua é malhada e se chama Polly. — Reba sorriu. A irmã mais nova comentou, a seguir:

— E a minha é a mãe de Polly, Bunny.

— Bunny nasceu na Páscoa. — Rebecca ajeitou os cabelos.

— Eu tenho treze anos, então cavalgo um macho. Ele é um morgan castrado chamado Grandão.

— Ele é metade morgan — corrigiu uma das pequenas, Reba ou Renee, Kyra ainda não sabia dizer qual era qual.

— Bem, Grandão parece inteiro morgan. Pronto. Sophie entrou na conversa:

— Minha amiga Makayla tem três appaloosas.

— Ela tem três cavalos?

— Bem, eles são da família.

— Nós temos seis.

— Fora aqueles de que cuidamos.

— Quando mamãe era criança, tinha um albino.

— De olhos azuis como os de papai. Era o cavalo mais difícil de montar de todo o Kentucky.

Ginger piscou para Kyra.

— Não pergunte.

— De todo o Sul! — gritou a menina menor.

— É verdade. — Rebecca deu risada. — Você já montou um albino?

Sophie fez que não.

— Nem eu. Ainda.

Alguns dos carros que passavam tinham rádios ligados a todo o volume e alto-falantes velhos. Em vez de esperar que passassem, as meninas apenas falavam mais alto. Percebendo o desespero de Kyra, Ginger sorriu-lhe.

— Nesta família, falar é uma competição. A primeira pessoa que para para respirar é declarada uma ouvinte. Minhas meninas não respiram desde que as aulas acabaram.

— É, parece que...

— Vocês querem almoçar conosco?

Kyra descobriu que era mais fácil assentir do que tentar argumentar.

No que pareceu ser um tempo muito curto, o restaurante esvaziou um pouco, e o grupo das sete entrou. Ginger colocou todas as garotas em uma mesa grande no canto.

— Não digam palavrões, não falem com a boca cheia e não briguem. Reba, você e Renee ficam no comando. Concorda, Sophie?

— Eu, não! — Rebecca interveio. — Elas só têm dez e oito anos!

Rebecca teria continuado a discutir se a mãe não a olhasse de cenho franzido.

As meninas mais novas distribuíram menus e talheres. Ficaram tão ocupadas com o trabalho de comandar que não tiveram tempo de discutir. Kyra pensou em tomar notas sobre a ideia brilhante.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, Ginger a conduziu para o lado oposto do estabelecimento.

— Pensei em sentarmos aqui, a menos que você prefira ficar com elas e não dizer uma palavra.

Kyra, sorrindo, puxou uma cadeira.

Não entrava no Restaurante Cooper fazia muitos anos. A decoração ainda tinha como tema um barracão de pescaria. As mesmas doze mesas de fórmica rodeadas pelas mesmas cadeiras pintadas. As cortinas eram feitas de redes de pesca de verdade, e os pratos especiais, listados a giz em uma lousa decorada com conchas. A única coisa nova ali era o desenho de um mural em uma das paredes.

— Há uma artista nova na cidade, Kyra. Teremos um farol a distância ali, naquela parede, quando a Liza terminar. Pete quer contratá-la para fazer algo em um de nossos celeiros.

Sentando-se, Kyra a encarou.

— Pete Callaway estava três classes adiante de mim, na escola. Era muito grande e jogava como corredor de fundo no time de futebol americano.

— Engordou um pouco desde então. Ele jogou futebol e só tirava nota A na Faculdade Estadual do Kentucky. Eu o conheci lá. Pete ia fazer história, e eu, veterinária especializada em animais de grande porte. Fiquei grávida na primeira vez em que ele olhou para mim. E, como você pôde ver, Pete olha para mim com grande frequência. Depois que Renee nasceu, eu disse a meu marido que desistisse de tentar ter um menino ou eu iria iniciar uma greve de sexo que duraria vinte anos.

Kyra não podia se imaginar dizendo algo assim para Colin.

— Você tem três chances para adivinhar o que ele preferiu. — Ginger examinou o menu plastificado. — Adoro um homem que sabe o que é bom para ele.

As meninas podiam ter herdado a cor dos olhos do pai, mas o impulso de tagarelar vinha todo da mãe.

Kyra ficou contente por Sophie ter tido vontade de comer batata frita, e de elas terem ido até o Cooper. Mais que tudo, estava feliz por terem ido para Alcott naquele verão.

— Pete dá aula de História e é treinador de futebol americano em Portsmouth. No tempo livre, criamos crianças e cavalos em uma fazenda que pertence à família dele faz duzentos anos. E eu só ameaço castrá-lo nos meses pares.

Kyra gargalhou.

Do outro lado do restaurante, Sophie parou de escutar as irmãs Callaway por um momento, prestando atenção a um som que não ouvia fazia anos. Era sua mãe. Ela parecia tão tranquila...

O vento estava quente, e a cidade ainda adormecida na manhã de sexta-feira. Com a exceção de um homem passeando com seu cachorro, Daniel tinha as calçadas todas só para si. Não se importava com os arredores, só se concentrava em manter o passo e respirar direito.

Um barulho alto o fizera acordar às quatro da manhã. Saltou de imediato da cama, colocou o abrigo e desceu correndo até o quarto improvisado do pai.

Archie caíra no chão, um braço agarrando o peito, o outros membros embaraçados no andador que ele insistia em usar, no lugar de uma cadeira de rodas.

A nova enfermeira apareceu correndo ao mesmo tempo em que Daniel pegou o telefone. Não queria nem saber se os médicos não atendiam mais em casa. Com a quantidade obscena de dinheiro que Archie pagava para Giles Grayson, o doutor bem que podia abrir uma exceção.

Giles chegou em minutos, as roupas amassadas, com os poucos cabelos que tinha ainda arrepiados. Àquela altura, Archie conseguia respirar melhor.

Após o exame, o dr. Grayson olhou para Daniel.

— Acho que seu pai sofreu outro pequeno ataque cardíaco. Mas agora está descansando, e a cor melhorou.

Em outros termos, aquele dia não seria o dia.

O doutor pretendia ficar por lá mais um pouco. Greta havia feito um bule de café. E Daniel apanhou seus tênis no armário.

Saiu de casa correndo e não parou até chegar ao final da rua Quebra-Mar. O incidente com Archie o assustou muito, e não sabia a quem culpar, se ao pai cabeça-dura ou se à mulher mais manipuladora de todo o planeta.

Sua mãe...

Com as mãos apoiadas nas coxas, Daniel respirou fundo, olhando para o oceano. Aquilo fora ideia dela. A última coisa que desejava era Ficar na cabeceira do leito de morte de Archie. E dissera isso para ela com todas as palavras quando se falaram ao telefone, fazia cerca de um mês.

— Não é algo de que alguém goste, meu filho, mas tem de ser feito. Ninguém deveria morrer sozinho, nem mesmo seu pai.

— Se acha assim tão importante, então vá você.

— Archie deixou de ser minha responsabilidade desde que tive o bom senso de me divorciar dele, trinta e oito anos atrás. Mas ele é seu pai. Você é tudo que Archie tem.

Yvonne Winton criara Daniel, e sabia muito bem como lidar com ele. Decidira que o filho iria fazer as pazes com o pai, a quem mal conhecia, antes que fosse tarde demais. E o único ponto em que Daniel e Archie pareciam concordar era: tarde demais.

Mas apesar disso, ali estava ele, sem ter conseguido nenhum avanço na área da paz, enquanto o fim parecia se aproximar de Archie a passos largos.

— O destino prevalecerá, meu bem — disse Yvonne, na última vez em que ligou.

"Destino coisa nenhuma!" Era a vontade da mãe que sempre prevalecia.

Daniel virou-se e começou a voltar. Não acreditava muito em destino, mas a realidade era que se a rua Alta não terminasse em um penhasco de dez metros acima da rua do Porto, não teria de tomar o caminho mais longo para o retorno.

E não teria chegado à esquina da Mangue com a Bordo às oito e quinze naquela manhã de sexta-feira. E não teria visto Kyra Valentine correndo em sua direção.

Mesmo àquela distância, soube que era Kyra. Os cabelos castanho-claros balançavam, soltos, quase tocando os ombros. As pernas eram longas, o corpo, esguio e bem proporcionado.

Kyra tinha um caminhar firme e estava em forma, correndo em uma velocidade muito boa para alguém que se movia com tanta graça. Daniel desejou estar por trás dela, de onde teria uma vista mais completa...

Ela usava short azul-escuro, camiseta branca e, pelo jeito, um sutiã bem leve. Pensando melhor, a vista dali onde estava era muito boa.

E foi difícil desviar o olhar.

"A mulher era casada, Mackenzie." Lógico que havia problemas no paraíso, mas a aliança continuava firme e sólida no anular esquerdo. E Daniel não se envolvia com mulheres comprometidas.

Contudo, não estava se envolvendo, mas apenas olhando. E o que via era uma beleza.

— Bem que achei que você andava como alguém que corre — disse ela, parando perto dele. — Sabe o que estou querendo dizer.

Sim, Daniel sabia. E era um cumprimento.

— Correr é bom para a cabeça, para o corpo e para a alma. E você parece fazer isso há tempos. Não está sequer ofegando.

— Corri três quarteirões apenas.

Quanta honestidade! Daniel ficou tentado a sorrir pela primeira vez desde que se levantou às quatro da manhã.

— Estou contente por tê-lo encontrado.

Ele gostou mais do som daquilo do que alguém que estava só olhando deveria gostar.

— Eu ia passar em sua casa para dizer que, se Archie ainda quiser que Sophie o visite, decidi concordar.

— Direi a ele. — Daniel calculou que ela fizera uma investigação para proteger a filha.

E tinha razão. Hoje em dia, as mães têm de pensar em tudo. Kyra apontou para o imóvel na esquina.

— Vê aquela casa? Nós a chamávamos de Casa de Pedra quando eu era criança.

— Sem dúvida é um nome perfeito.

— Os Bailey moravam lá. Mas foram embora já faz anos. Fico imaginando a quem pertence agora. Veja, parece que tem uma placa ali escondida pelas roseiras selvagens.

Os dois se aproximaram para verificar. Kyra afastou as plantas.

— Ora, está para alugar, mas a placa está aqui faz tanto tempo que não dá mais para ver todo o

número do telefone. — Ela olhou ao redor. O jardim fora tomado pelo mato, e havia árvores imensas nos extremos. — Sophie iria adorar este lugar.

Kyra foi até a janela da sala.

— E tem móveis!

Daniel também verificou o interior.

— Mas precisa de uma boa faxina. Como a empresa de propaganda onde eu trabalhava encolheu e me despediu, e de repente não posso mais aguentar olhar para meu marido, não é como se eu tivesse algo urgente para fazer. — Kyra, pensando alto, foi tentar abrir a porta. — Está trancada.

— Imagino que o motivo de você não conseguir mais olhá-lo se deva ao fato de ter crescido nele um segundo nariz.

— Não, o rosto de Colin continua tão lindo quanto antes. A loira com quem o vi parecia concordar com minha opinião. O que já é mais informação do que você queria. Falando em informação, eu não tinha ideia de que seu pai ganhou um Prêmio Pulitzer nos anos cinquenta. Rose e Addie Lawson não conseguiam mais parar de falar sobre Archie quando mencionei o nome. Parece que eles conheciam as mesmas pessoas quando eram jovens. Disseram que Archie era órfão, e doou cerca de três milhões para orfanatos ao longo da existência. Daniel segurou a maçaneta.

— Meu pai, o humanitário...

A fechadura fraca cedeu com o primeiro empurrão que ele deu com o ombro.

— Daniel, o que está fazendo?

As dobradiças rangeram quando a porta foi aberta.

— A fechadura não está funcionando direito.

— Agora não está, mesmo.

— Já que abriu, podemos dar uma olhada.

— Mas isso é invasão.

— Pretende estragar alguma coisa?

— De forma alguma, mas...

— Nem eu.

Daniel entrou. Kyra ficou olhando.

Havia algo de diferente nele, naquele dia. Daniel se movia com a mesma agilidade de antes, mas tinha algo, uma tensão, que não existia na véspera. Ela não achava que fosse raiva, apesar de saber como era difícil lidar com Archie Mackenzie.

— Como está seu pai hoje? — perguntou, da soleira.

— Dormia quando saí. A nova enfermeira e o médico ficaram com ele.

— O médico estava lá?

— Sim.

— Problemas?

Ele só ergueu os ombros, mas Kyra calculou que chegava perto da origem de sua agitação.

— Deve ser triste ver a saúde de seu pai declinar.

— Tudo com ele é difícil.

Daniel fazia muitas questões, mas suas respostas eram curtas.

— Você pode não querer, mas o ama.

— Essa é sua opinião profissional, sra. Valentine?

— É minha opinião honesta. Às vezes não há como explicar por que gostamos do que gostamos. Eu sou um ótimo exemplo.

Daniel passou pelo fogão a gás com seis bocas e abriu uma porta, que devia levar ao porão. Então, fechou-a e abriu outra.

— O que há aí?

— Venha ver. Kyra olhou em volta.

— Se eu terminar presa, Sophie acabará comigo.

Mas seguiu avante, assim mesmo. Sentiu-se fazendo algo proibido e perigoso. E divertido.

Tudo, desde a mesa e as quatro cadeiras diferentes até os armários brancos manchados, precisava de uma boa limpeza. Havia dois quartos pequenos e uma sala que continha um sofá, duas poltronas, mesa e outros móveis.

— É por isso que está em Alcott? — perguntou Daniel, ainda na cozinha. — Porque descobriu sobre o caso de seu marido?

— Da primeira vez, fiquei e enfrentei. Mas sim, agora eu tinha de ir para algum lugar. Talvez tenha sido por causa do destino que minha irmã ligou dizendo que irá se casar no mês que vem.

— Acredita em destino?

— Você não?

— "Destino" é como minha mãe controladora e manipuladora chama minha estada aqui.

— Ah, as mães... Sophie e eu declaramos uma trégua temporária — Kyra olhou dentro do forno.

— Como vai Sophie?

— Melhor, acho. Ajuda o fato de ter feito novas amigas. Quatro irmãs, na verdade. Acho que nunca se deve ter amigos demais. E só pode ser coisa do destino elas terem cavalos. Sophie está limpando baias neste exato momento. Ela jamais arruma o quarto, mas se ofereceu para dar uma mão com o trabalho mais sujo que existe em uma fazenda. Evidente que as meninas aceitaram de braços abertos. E bocas abertas. Você não ia acreditar em como elas falam. Todas ao mesmo tempo. Sem parar.

— Tenho um grupo de terapia idêntico. Ela deu risada.

— Se este fogão funcionar, sem dúvida não será o sonho de nenhuma cozinheira.

— Gosta de cozinhar, Kyra?

— Queria ser uma chef, quando jovem. Mas no fim acabei me tornando publicitária. E você? Sempre sonhou em ser psiquiatra?

— Eu queria ser bombeiro.

— É muito bom em abrir fechaduras. Por que mudou de ideia?

— Meu pai aprovou.

Kyra endireitou o corpo e o fitou. Apesar da escuridão, podia enxergar-lhe os olhos. E foi incrível como, quando Daniel a olhou, a cozinha pareceu ficar sem ar.

— Hum...

A sobrancelha dele ergueu-se um milímetro.

— Ajudaria se você dissesse algo.

— O que você quer que eu diga, Kyra?

— O que quiser. Meu futuro cunhado chama isso a "arte da conversação". Lembre-me de um dia lhe contar sobre as cinco classes de homens segundo Carter.

— Estou ouvindo.

Daniel era um bom ouvinte, algo raro entre os homens. Mas estavam muito isolados, e Kyra sentia-se consciente demais disso.

— Está calado esta manhã. Podia me contar por quê.

— Não há companhia tão boa quanto o silêncio.

— Quanto a solidão. Foi sobre a solidão que Thoreau escreveu.

— Certo, eu errei.

Ele estava ali parado, examinando o rosto dela. Ficou analisando Kyra por tanto tempo que ela pensou que Daniel poderia...

O quê? Aproximar-se? Tocá-la?

O momento passou e, em vez de se aproximar, Daniel se afastou. Só aí Kyra percebeu que prendia a respiração.

A sós na cozinha empoeirada, reorientou-se e saiu da casa também.

A temperatura lá fora já estava quente, e ia ficar pior, mas pelo menos havia vento.

— Pretende alugar essa casa?

— Acho que sim.

— Eu mudaria a fechadura, se fosse você.

— Mesmo?

— Qualquer um poderia entrar.

Tudo voltou ao normal assim que saíram. Kyra conseguiu raciocinar com coerência de novo.

— Alguém já entrou.

— Eu não conto se você não contar. — Daniel, sorriu, e Kyra teve mais uma vez aquela sensação na boca do estômago.

— Creio que você ficou com a impressão errada de mim.

— Minha impressão é de que seu marido e meu pai nos colocaram em situações sobre as quais temos pouco controle. É apenas natural que sintamos empatia um pelo outro.

Kyra não vira por aquele ângulo, mas fazia sentido.

— Entretanto, essa atração não tem nada a ver com a empatia.

— Você não está ajudando em nada! — Kyra ficou vermelha.

— Apenas fiz um comentário amistoso.

— É assim que prefere chamar?

— Foi você quem disse que não se pode ter amigos demais. Terá de lidar com a atração por seu lado, e eu lido pelo meu. Porque não gracejo com mulheres casadas.

— Você disse "gracejo"? Daniel riu, cheio de charme.

— Li Orgulho e Preconceito no verão em que completei dezessete anos.

Kyra se considerava bastante inteligente, mas não foi fácil compreender a associação.

— Você leu um livro como esse nas férias de verão, sem ser obrigado?

— Estava tentando aborrecer meu pai.

— E deu certo?

— Foi perfeito. Mas o tiro saiu pela culatra, porque parte do vocabulário foi incorporado ao meu.

— Aos dezessete anos somos muito impressionáveis. — E Kyra notou que sorria. — Estava falando sério, não é?

Ele assentiu.

— Muito sério. Leve Sophie para visitar meu pai quando quiser.

Os dois se calaram.

— Foi bom conversar com você, Daniel. De verdade. — E, antes que aquelas íris verdes a prendessem no lugar outra vez, acrescentou: - Vou indo. E logo trarei Sophie.

Daniel foi o primeiro a voltar a correr. Não se afastara muito quando algo maior que ele fez com que parasse e se virasse.

Kyra corria, com passos suaves e muita graça, na direção oposta.

E Daniel constatou que acertara. Ela parecia ótima, vindo e indo.

Caminhou o resto do caminho até a casa do pai.

## CAPÍTULO VI

Kyra olhou para o celular, que tocava em cima da mesa na casa que acabara de alugar. Eram cinco da tarde de uma sexta-feira e, de acordo com o número no visor, o chamado vinha do escritório de Colin. Só podiam ser ele ou seu assistente.

— Quer que eu atenda, mãe?

— Estou sendo ridícula. Deixe que eu atendo. — Kyra abriu o aparelho. — Sim?

— Olá, Kyra. Era Colin.

— Alô, Kyra? Você está ouvindo?

— Sim, Colin, estou.

— Como vai?

— Bem.

Ali estavam os silêncios pesados entre cada frase. Tinha sido assim entre eles nos últimos dois anos.

— Sophie disse que você alugou uma casa até o fim do verão. Verdade?

— É.

— Mas por quê?

Kyra respirou fundo antes de responder:

— Você sabe por quê.

Eve não tinha ideia de quem era o dono da Casa de Pedra, mas sabia a quem perguntar. Elas visitaram Addie e Rose Lawson. Depois, foi questão de dar alguns telefonemas para encontrar os proprietários, um casal de aposentados que morara ali por poucos meses antes de mudar-se para Manchester para estar mais perto do filho. Eles adoraram a ideia de ir até lá naquela mesma tarde para mostrar o imóvel para ela e Sophie.

— Decidiu ficar em Alcott até o fim do verão sem se importar com o que eu possa dizer ou fazer? Quer que eu implore? É isso o que quer?!

Sara, que esfregava o chão, olhou para a mãe e se levantou, prendendo os cabelos muito loiros atrás da orelha, e saiu da cozinha.

Kyra foi até a porta de tela e olhou para fora. Um carro passou devagar. Crianças passaram correndo pela água que saía de um regador automático no jardim do outro lado da rua. Alguém ali perto estava fazendo churrasco.

— Eve vai se casar no mês que vem. Ficarei para ajudar.

— Está mantendo Sophie longe de mim como punição, e sabe bem disso.

Kyra sentiu uma dor de cabeça começando.

— Engano seu.

— Ela é minha filha também, Kyra.

— Quer vir buscá-la para passar o fim de semana com você, ou até mesmo uma semana inteira? É isso o que quer?

— Ora, não posso ficar uma semana sem trabalhar sem avisar com muita antecedência.

O que queria dizer que esperava que Kyra fosse junto com Sophie. E que cuidasse dela.

— Eu tenho meu trabalho. Ou esqueceu que temos uma hipoteca para pagar?

Ela não esquecera. Nem deixava de perceber como Colin tentava fazer parecer que era uma incompetente.

Até ali, Kyra e Sophie estavam vivendo da indenização que recebeu ao ser demitida. Mas ela e Colin tinham uma boa quantia no banco e outros investimentos. Dinheiro não seria problema, por enquanto.

— O que você quer, Colin?

— Venha para casa. Por favor. A casa está vazia sem você. Nossa cama, então... Minha vida não vale nada. Eu te amo.

Kyra pensou em Deirdre.

— Você tem um jeito estranho de demonstrar amor.

— Desculpe-me. Não sei o que ia em minha cabeça, mas aquilo acabou quando você partiu. É a única mulher que eu amo, Kyra.

As palavras dele a entristeceram.

— Como eu falei, ficarei aqui até o casamento de Eve e Carter. Se quiser algum tempo com Sophie, tenho certeza de que ela irá gostar. Mas deixo a decisão e detalhes com você.

— Sophie está aí?

— Foi fazer uma visita, mas voltará em uma hora. Direi para ela ligar para você.

O resto da conversa girou em torno dos antigos afazeres de Kyra. Contas a pagar? Podia cuidar delas pelo computador. Portia recebia seu pagamento no dia quinze. Havia sido convidados para um jantar na noite seguinte, e, a menos que Colin quisesse ir sozinho, teria de ligar para os Hanover e dizer o que houve. Ou inventar uma desculpa.

Kyra ouviu Colin tomando notas.

— Algo mais?

— Acho que isso é tudo.

— Tudo?! Não está com saudade de mim?

— Não dá nem para começar a contar o que estou sentindo em relação a você, Colin.

Foi a vez de ele suspirar.

— Eu estava vulnerável, Kyra. Pode entender isso? Ela não respondeu.

— Quero você de volta. Faço qualquer coisa, se me der mais uma chance.

Colin dissera a mesmíssima frase dois anos antes.

Dois anos... Colin teria alguma ideia do que ela sentira ao ser enganada, ouvir mentiras e depois fazer tanta força para acreditar nele, só para descobrir que tinha sido tudo à toa?

Será que ele podia compreender quanto esforço, quanta energia fora necessária, dia após dia, para conseguir perdoar? E pelo quê? Para terminar no mesmo ponto onde começou?

Tudo porque ele se sentia vulnerável! O que havia de vulnerável em ir para a cama com outra mulher? Ele foi cruel. Egoísta. E Colin não era um homem com falta de autoconfiança. Não precisava de um caso para conseguir atenção. O que significava que fazia aquilo porque queria, e porque podia.

Mas ele dera sua palavra. E a palavra dele não valia mais nada para Kyra.

O lábio inferior dela começou a tremer. Decidiu que chegara a hora de interromper a ligação.

— Eu ligo se me lembrar de mais algum pormenor. Se não, talvez nos falemos na semana que vem.  
— Desligou sem se despedir, e ficou ali parada, com o telefone na mão.

Um som atrás a fez se virar.

Sara estava à soleira, os olhos azuis muito grandes no rosto estreito.

— Acha que vai ficar mais fácil?

— Espero que sim. — Kyra recolocou o telefone na mesa. Calçando as luvas de borracha, começou a esfregar os armários. — Homens...

— É...

— Existem bilhões deles no mundo, e eu me casei com um que não consegue manter o zíper da calça fechado. E você escolheu um que lhe batia. Nós poderíamos ser mais estúpidas ou sem sorte?

Sara molhou a escova na água com sabão no balde e voltou a trabalhar no assoalho.

— Você teria se casado com Colin se soubesse na época o que sabe agora?

— Boa pergunta. Teria se casado com o Roy? Sara parou de esfregar, com um gesto veemente.

— Se não tivesse me casado, não teria Seth.

Fazia uma semana que Kyra chegara a Alcott, e naquele período sempre imaginava como Sara pudera ficar com um sujeito violento. Aos poucos, ia descobrindo que seus motivos tinham a ver com desespero, e não com fraqueza. E desespero e fraqueza eram coisas muito diferentes.

— E eu não teria Sophie. — Kyra voltou a trabalhar nos armários.

Ela e Sara se afastaram ao longo dos anos, mas suas vidas correram paralelas em muitos aspectos. Os filhos eram o que as duas tinham de mais precioso.

— Sophie tinha três quilos e duzentos, e nasceu chorando. Não estou brincando. O médico não teve de dar-lhe o tapa.

— Seth veio ao mundo com três e oitocentos. E era tudo cabeça! Era careca, com a cabeça muito redonda. Foi só quando fez quatro anos que o corpo alcançou o tamanho dela. — Sorriu. — Nunca contei isso para ninguém.

Kyra e Colin contaram para todos sobre Sophie, família, amigos, colegas. E Sara não disse a ninguém. A realidade e enormidade do isolamento dela fez surgir lágrimas nos olhos de Kyra.

— Não sinta pena de mim.

— É ótimo, Sara, porque isso consome energia, e nesses dias não venho tendo sobra alguma.

As duas se olharam, e Sara foi a primeira a sorrir.

— Conte mais sobre sua filha. Kyra também retomou o trabalho.

— Ah, meu bem, você está pedindo por isso! Quando Sophie estava com um ano e meio, uma das mães no grupo do parque começou a se gabar dizendo que sua filha, que era dois meses mais nova, já gostava de música clássica e sabia pegar o Boa Noite, Lua entre centenas de livros na estante.

— E Sophie?

— Antes de seu terceiro aniversário, o amor de Sophie pelos livros se resumia a arrancar as páginas deles. Mas isso não quer dizer que não fosse brilhante. Aos dezesseis meses, fazia uma imitação perfeita de sirene de polícia.

— Nossa, que habilidade! Kyra gargalhou.

— Eu falei... E Seth? Andou e falou antes da hora?

— Começou a andar com dez meses, mas demorou para falar. Ainda é um rapaz muito quieto. Tinha quase um ano e meio quando disse sua primeira palavra.

Kyra ficou impressionada com a beleza frágil da amiga.

— O que Seth falou?

— Eu ficava apontando objetos e pessoas. Um dia ele pegou uma das pequenas âncoras de ferro de Roy e a jogou pela janela. A âncora tinha quase o mesmo peso que Seth. Enquanto o vidro quebrava, ele verbalizou, com toda a clareza e muito calmo: "bola".

— Seth já era um lançador de primeira! Sara achou graça.

— Não tinha pensado nisso, mas você pode estar certa. Tudo o que Seth sempre quis fazer foi ser um jogador profissional de beisebol. E eu estou torcendo para Roy não aparecer no jogo amanhã.

— A que horas devo ir pegá-la?

— A partida começa às duas.

— Então, irei buscá-la dez minutos antes.

— Dez para as duas. Estarei pronta.

— Vai estar quente no campo de beisebol hoje. — Sara colocou leite e queijo ralado no macarrão.

Seth rosqueou de volta a tampa da embalagem de pasta de amendoim.

— O técnico nos faz beber muita água quando estamos no campo.

Estavam preparando o almoço mais cedo do que de hábito. O garoto cortou os sanduíches e os colocou em um prato enquanto a mãe punha o macarrão em uma travessa. Poderiam comer sem sujar mais louça, mas para os dois era importante arrumar e servir a mesa do melhor modo possível.

Sentaram-se à mesinha do apartamento onde viviam fazia um mês e baixaram as cabeças para rezar. Aquele era o terceiro dia seguido em que comiam lanches de pasta de amendoim e macarrão. Seth não reclamava. Ele nunca reclamava. O que não era normal em um menino de quinze anos. Mas Seth não era como os outros.

Sara o observou comer, satisfeita com o entusiasmo dele. Roy também comia daquela forma. Seth herdara, além disso, o tamanho do pai, mas, graças aos céus, não o temperamento.

Sem dúvida, todas as mães achavam que seus filhos eram lindos. Seth tinha boca de poeta e o começo de um queixo forte. Bem maduro para sua idade, era o grande orgulho da vida da mãe.

Bastava olhar para o garoto para os olhos de Sara se encherem de lágrimas. Antes que Seth a

pegasse olhando, ela apanhou um sanduíche.

— Quantos gramados você cortou esta manhã, filho?

— Três. Espero que chova logo para a grama de todo o mundo crescer depressa.

Mais ambicioso do que os adolescentes costumavam ser, Seth vinha cortando grama desde o final do ano letivo. Sara sabia que o filho se preocupava com as finanças deles, mas não permitia que a ajudasse com as contas. Todo o dinheiro que conseguia juntar era levado semanalmente para o xerife McCall. Ninguém mencionava que servia para pagar as luzes das ruas que "alguém" quebrara. Apenas algumas pessoas sabiam que Seth era o responsável por aquilo. E essas mesmas pessoas estavam descobrindo como ele era responsável.

Seth poderia ter ido para a cadeia.

E seria culpa dela.

Sara não fora forte o suficiente para fazer o que devia ter feito anos antes. Costumava dizer a si mesma que, como Roy não batia no filho, tudo ia bem.

Assim, arriscando o próprio futuro, Seth começou a agir, para forçá-la a ver que o fato de o pai bater em Sara não magoava apenas a ela.

Seth quase perdeu a oportunidade de conseguir uma bolsa como jogador de beisebol. Imaginar que o filho poderia ter terminado em um centro de recuperação de jovens, ou na cadeia, causava-lhe pesadelos.

O reverendo McCall vinha aconselhando Seth. Sara ia a reuniões de terapia de grupo na igreja perto de Manchester uma vez por semana, e via também o dr. Mackenzie. Progredia, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer.

Levantava-se bem cedo todas as manhãs para entregar jornais. Em troca da ocupação do pequeno apartamento, ela e Seth cuidavam do jardim para as tias. Não passavam fome, e Seth sorria com mais frequência.

Sara fazia o que fosse melhor para o filho. O dr. Mackenzie dizia que também tinha fazer o que fosse melhor para si mesma.

Mas Sara não sabia dizer o que era melhor para ela. Ainda. No entanto, morar ali era um bom começo. Ter aquela paz.

— Você vai comer esse sanduíche, mãe? Sara fitou o lanche em sua mão.

— Não, pode pegar. Já está difícil terminar este aqui. Seth se serviu.

— Acho que posso cortar a grama dos Havlick antes do aquecimento. O que você vai fazer?

— Visitar sua avó na clínica.

O sanduíche se desintegrou na mão de Seth. Ele a encarou, nervoso, mas manteve a boca fechada.

— Já está na hora de eu contar a sua avó que deixei seu pai.

— Ela não gostará disso.

O garoto tinha razão. Agnes não gostava de nada do que a filha fazia.

— Irei com você, mãe.

Lágrimas surgiram nos olhos de Sara. O filho não acreditava que ela fosse forte o bastante para fazer o que devia ser feito. Passara tempo demais sem que lhe desse alguma razão para acreditar em sua

força.

Mas isso acabara.

— Você tem de pagar sua dívida, querido. E eu preciso fazer isso sozinha.

— Ela vai chorar. E depois fará você voltar.

O trabalho com o psiquiatra vinha ajudando a enxergar como Roy a privara de si mesma. E tirado a segurança de Seth.

Sara não ia deixar que isso tornasse a acontecer. Todas as pacientes no grupo tinham histórias diferentes, mas o medo que sentiam era o mesmo. Ela conhecia as estatísticas. Sabia que muitas mulheres espancadas voltavam para os maridos. Os homens representavam segurança, e isso era algo que Sara também queria. Daniel tentava fazer com que elas vissem que aquela era uma imagem distorcida, uma segurança falsa.

O que existia de seguro em viver sob medo constante? Onde ia parar a segurança quando encontrava-se ajoelhada, sentindo dor, implorando para Roy parar?

O dr. Mackenzie não economizava palavras. Ele sabia que a verdade às vezes era difícil de ouvir. E se assegurava de que elas a ouvissem com frequência.

Começavam cada sessão com uma declaração. "Não deixarei o medo do amanhã roubar minha alegria de hoje."

Sara repetiu a frase para si mesma naquele momento.

Tinha um longo caminho a percorrer, e cada passo parecia insignificante. O dr. Mackenzie dizia que o futuro era uma reunião de milhares de passos insignificantes dados um por vez.

Respirou fundo e olhou firme para o filho.

— Conversei com o dr. Mackenzie sobre isso, meu amor. E já lhe dei minha palavra, mas vou dizer de novo: não voltarei para seu pai. Nem hoje, nem nunca.

Parte dela queria voltar. Parte dela estava desesperada por isso. Mas não ia fazê-lo. Já sobrevivera um mês, e tinha a vida toda pela frente.

— Agora, termine seu sanduíche e vá até os Havlick. Kyra virá me pegar um pouco antes das duas. Vejo-o no campo.

Sara levou os pratos para a pia e foi para o quarto minúsculo, trocar de roupa.

As palmas de Sara estavam suadas quando parou a perua enferrujada no estacionamento da clínica nos arredores de Manchester. Enxugou as mãos na calça e ajeitou os cabelos antes de sair do carro.

Sentia as pernas moles ao caminhar pelo longo corredor até o quarto onde a mãe ficava. Fez uma pausa quando chegou à porta.

A outra senhora, com quem Agnes dividia os aposentos, dormia o tempo todo. A mãe de Sara também estava deitada, com os olhos fechados.

Algumas das residentes tinham plantas nos dormitórios, e tricotavam. Aquele quarto estava escuro e cheirava a leite azedo.

Quando Agnes se mudou para ali, Sara desmontou o quarto todo, limpando-o de alto a baixo. Mas o cheiro azedo não sumiu. Não vinha do cômodo em si, mas das residentes. A mãe reclamava de tudo o mais, mas parecia não reparar no odor.

Agnes Walsh era uma mulher grande, que não costumava sorrir. Muitas pessoas encolhiam com a idade. Mas não a mãe de Sara.

— Olá, mãe.

Agnes virou a cabeça e abriu os olhos.

Sara viu a luz nas pupilas tristes quando Agnes olhou além dela, para o corredor. E viu a luz sumir quando Agnes não avistou Roy.

Sara sentou-se na poltrona ao lado da cama. Agnes criara a filha sozinha, depois que o marido morreu. Sara não recordava o pai, mas costumava ver fotografias e imaginar. Ele, como a filha, tinha pele clara e constituição pequena. Sem dúvida tratava-se de um homem gentil e agradável. Como a própria Sara.

— Como vai, mãe? Agnes pigarreou.

— As enfermeiras daqui são horríveis. Eu já lhe disse isso milhares de vezes.

"Acho que foi um milhão", pensou Sara.

Com setenta e cinco anos, Agnes era uma das moradoras mais novas da clínica. E também uma das mais maldosas. As enfermeiras e ajudantes podiam não ter tanta paciência com ela como com as outras, mais gentis, mas também não eram cruéis.

— E a comida? Eu não a daria para um cachorro. Quando você e Roy vão me levar para casa? Roy está trabalhando? Ele é tão bom... Você tem tanta sorte, Sara. Muito mais do que eu tive.

Sara fitou as mãos. Por mais que quisesse, não conseguia dizer. Sentiu o coração acelerar e a boca secar.

— O meteorologista falou que hoje vai ser o dia mais quente do verão até agora.

— Ora! E o que eles sabem?!

— Você tem praticado usar o andador?

— Queria ver aquele médico idiota usando isso!

O que queria dizer que não.

— Você não poderá sair daqui até voltar a andar, mãe.

— Roy é forte. Ele pode me carregar. E eu posso usar uma cadeira de rodas.

— Roy não irá carregá-la.

Agnes abriu a boca, mas tornou a fechá-la. Olhou para Sara, que esfregava a marca que a aliança deixara em seu dedo.

— Por que não está usando a aliança? Sem graça, Sara escondeu a mão.

— Você reclama comigo quando Roy fica bravo. O que quer?

— Não quero nada de você, mamãe.

— Ah, lá vamos nós de novo! A viagem da culpa. Você sempre foi uma chorona. Não é de admirar que Roy se canse. É melhor ir para casa e colocar a aliança antes de seu marido notar, se sabe o que é bom para você.

Sara encarou a mulher a quem deveria amar acima de tudo. Uma dor imensa surgiu em seu peito. Podia não saber direito o que seria bom para si mesma, mas sabia bem que não conseguiria isso nem de

sua mãe, nem do marido. O dr. Mackenzie dizia que aquilo teria de vir de dentro. Que estava lá. Ela só tinha de achar.

— Não reclamarei do Roy com você, mãe.

— Aleluia! Então...

— Eu o deixei.

A boca da mãe se escancarou.

— Está mentindo!

— Não é mentira. Eu o deixei já faz um mês.

— Mas vai Voltar.

— Não vou.

— Você tem de voltar!

— Não. Prometi ao Seth e a mim mesma.

— Seth? Você mimou aquele menino! Sempre mimou! E quanto a mim? Como pode fazer isso comigo?!

— Roy me batia, e você sabe disso. Sempre soube. No começo era raro, mas nos últimos três anos tenho vivido apavorada. E isso não é jeito para sua filha e seu neto viverem.

— Ele cuida bem de você e de Seth. "Roy cuida bem de você, Agnes..."

O dr. Mackenzie dissera que era bem possível que Roy tivesse tratado bem Agnes porque isso lhe dava uma boa vantagem sobre Sara. Ele usava a dependência da sogra por ele para controlar a mulher, para garantir que ela ficaria onde "devia".

— Você sempre foi uma menina egoísta. Não sei o que deu errado. Sem Roy, apodrecerei neste lugar.

— Pratique usar o andador. Agnes começou a chorar.

Sara chorava também, ao percorrer o corredor e durante todo o trajeto até sua casa.

Sara sentia-se vazia quando Kyra chegou, pouco antes das duas. Sem dúvida também mostrava uma aparência horrível. Só tivera tempo para jogar água no rosto e pegar o chapéu de Cláudia.

Kyra devia ter percebido que ela estivera chorando. Sentindo que Sara não tinha forças para falar naquilo no momento, Kyra iniciou uma conversa unilateral sobre a festa que planejava para Eve antes do casamento.

Falou durante todo o trajeto até o campo de beisebol. E não parou até Sara ocupar seu lugar habitual na velha arquibancada.

Kyra sentou-se ao lado dela. Sem uma única nuvem no céu, o sol se tornava implacável. Kyra colocou óculos escuros, Sara puxou a aba do boné mais para baixo. Mais pessoas vieram, e a arquibancada ficou quase cheia.

E Roy também compareceu. Postou-se junto da cerca, uma presença ameaçadora.

Além dele, Seth aquecia o braço. Era evidente que ele também a esperava. Assim que a viu, o garoto foi até a cerca, a uma boa distância do pai, e olhou para Sara, fazendo uma pergunta silenciosa.

Ela assentiu, o que era tudo o que Seth precisava para saber que a mãe mantivera a promessa. O

menino puxou o boné e, apesar de não sorrir, Sara soube que o filho ficou feliz.

O jogo começou animado. Seth tirou o primeiro rebatedor, e depois o segundo.

Como na semana anterior, Sara sentiu Roy olhando para ela de vez em quando. Mas não o fitou. Em vez disso, manteve a atenção concentrada no filho, escutou a torcida, saboreou o calor do sol.

Chorou quando o último rebatedor caminhou desanimado de novo para o banco do time. A multidão explodiu em vivas.

Seth eliminou todos sem uma única rebatida. Um jogo perfeito.

Seus companheiros correram até ele e o ergueram nos ombros, dando a volta no campo. Os espectadores saltaram, pularam e gritaram.

Sara permaneceu sentada. Kyra passou o braço pelo dela.

— Milhares de passos insignificantes... — sussurrou Sara, e suas lágrimas secaram com o vento.

## CAPÍTULO VII

Havia uma festa acontecendo na Casa de Pedra. Balões presos em fitas vermelhas balançavam no ar, e vários carros encontravam-se estacionados na rua em frente.

Daniel estacionou perto da esquina, entre uma Harley e um carro branco com vários amassados e um para-lama verde. Sophie não falara nada sobre a festa quando foi visitar Archie, mais cedo. Batucando com os dedos na direção, Daniel pensou em voltar mais tarde. Mas levava o presente para a nova residência, e prometera a Greta que lhe daria a noite de folga, por isso, não poderia sair mais tarde. Desse modo, decidindo que ia entregar o presente e sair depressa, desceu do veículo com o embrulho na mão.

Música e risadas vinham do quintal. Uma menina de cerca de dez anos espionava na esquina, uma mangueira apontada e pronta para disparar. Uma outra, um pouco mais nova, se escondia perto da varanda. Ignorando a abelha zunindo em torno de sua cabeça, ela se abaixou, levando um dedo aos lábios.

Daniel piscou para a garota e se dirigiu à perseguidora, que examinava o arbusto mais próximo.

— Esta é a casa de Kyra Valentine?

— E, sim. — A pequena terminou a inspeção do arbusto. — Esse presente é para Seth?

— Seth? — Daniel franziu o cenho.

Em seguida, ela lançou um jato de água em um arbusto inocente, onde cresciam rosas.

— Seth Kemper fez um jogo perfeito hoje. A festa é para ele. Viu uma menina ruiva por aqui?

— Você é ruiva.

Certa de que ele não servia para nada, a garota avançou com cautela na direção da varanda. Daniel achou que seria muito saudável sair da linha de fogo, ou de água, e subiu, batendo na porta de tela.

Sara Kemper veio atender.

— Dr. Mackenzie!

— Olá, Sara. Kyra está?

— Tudo ficou muito confuso aqui depois do jogo do Seth, mas sim. Basta procurá-la. — Equilibrando uma bandeja grande em uma das mãos, ela abriu a porta.

— Como você está?

Sara não respondeu de imediato. O que não era problema. Daniel se acostumara a esperar pelas respostas.

— Contei a minha mãe que deixei o Roy. Ele aguardou que ela o fitasse antes de falar:

— Como você se sentiu?

Sara mordeu o lábio, respirando fundo.

— Ainda como uma menina má. Mas também aliviada. E, como sempre, assustada.

— São reações muito compreensíveis. Roy foi ver seu filho jogar hoje?

— Sim. Mas Seth não se deixou afetar. Ele nunca jogou tão bem. E foi como você falou. Seth está começando a confiar em mim, acreditando que farei o que é melhor para nós dois. Não sei como lhe agradecer.

Sara olhou para todos os lados, menos para ele.

— Não pare por minha causa.

Ela não o entendeu, por isso olhou para Daniel, que sorriu.

— Nunca interrompo quando estou sendo elogiado.

Sara achou graça, e o sorriso mudou a fisionomia dela. Era a primeira vez que Daniel tinha uma ideia de como Sara devia ser antes de o marido começar a espancá-la.

Como gostaria de passar dez minutos em uma viela escura com Roy Kemper...

Mas aquela briga era de Sara, não sua. Aconselhar era noventa e cinco por cento ouvir, cinco por cento sugerir e zero por cento amassar o nariz de um sujeito covarde, por mais satisfação que isso pudesse causar.

— Kyra estava na cozinha agora há pouco, doutor. Vejamos se não saiu de lá.

Daniel a seguiu. Apesar de não achar Kyra, encontrou várias outras pessoas.

O lugar fora limpo desde que ele e Kyra o viram juntos. As janelas estavam abertas, e o assoalho, brilhava. Sophie e mais uma menina ruiva riam à mesa, arrumando torrinhos no formato das letras do alfabeto.

Uma mulher que mexia uma jarra com uma bebida amarela se aproximou e leu a mensagem que elas produziam:

"Rachel quer namorar o..."

— Meninas, arrumem essas torrinhos como estavam antes, estão me ouvindo? E por favor, não vão escrever "congratulações" errado. — Então, virou-se para um homem alto que acabava de entrar na sala. — E você, seu palerma desajeitado, devia estar ajudando! Veja se faz algo de útil!

O camarada, que Daniel calculou ser o marido dela, e portanto o pai das ruivinhas, e, em vez de pegar a jarra com limonada que a mulher lhe estendia, esquivou-se e a beijou no pescoço.

— Isso não o livrará do serviço duro, moço. Ele fez massagem nos ombros dela.

— Por outro lado, você conseguirá o que quiser...

Nesse momento, a garota que Daniel vira escondida perto da varanda entrou correndo, parou e olhou ao redor.

— Mãe! Reba está molhando todo o assoalho de Kyra!

— Reba, pelo amor de Deus!

— Não me culpe! A culpa é de papai!

— Céus, Pete, qual sua idade?

— Dedo-duro! — Pete jogou um pano de prato para a menina. Então, apanhando a jarra e os copos, ele deu uma piscada para Daniel. — Não acho que fomos apresentados ainda. Sou Pete Callaway.

Várias cabeças se viraram para ele.

— Daniel Mackenzie.

— Olá, Daniel! — Sophie o cumprimentou.

Ainda segurando a bandeja, Sara saiu pela porta que dava para o quintal.

— Vou ver se acho Kyra. Pete indicou a outra mulher.

— Aquela é minha esposa, Ginger, e duas de nossas filhas, Reba e Rebecca. Vamos lá para fora. Graças ao time de beisebol, nós homens não estamos em minoria no quintal.

— Eu não vou ficar. Só vim trazer isto para Kyra...

Mas Pete já tinha passado pela porta que Sara acabara de abrir, e ninguém mais o escutava.

Atrás de Daniel, várias vozes femininas riam e conversavam ao mesmo tempo. Ele decidiu se arriscar no quintal.

— Você conhece todo mundo nesta mesa, Daniel?

— Não, Pete.

— Estas senhoras adoráveis são Adeline e Rosalie Lawson. Srta. Addie, srta. Rose, este é Daniel Mackenzie.

Daniel deu a mão para as duas.

— Ele tem os olhos de Archie — disse uma delas para a outra.

— Sim, sem dúvida, irmã.

— Kyra mencionou que as senhoras conheciam meu pai.

— Rose e eu conhecemos Archie faz muitos anos. Você se lembra daquele dia, Rose?

— Se lembro! Como poderia esquecer? Archibald Mackenzie falava muito alto, e era, sem querer ofender, meu rapaz, muito mal-educado.

Addie se inclinou para a frente.

— Rose desfaleceu.

— Eu não fiz nada disso!

— Claro que fez! Minha irmã e eu conhecemos seu pai em um baile, Daniel. Ele foi com prima Theresa.

— Quem?

— Theresa, Rose. Ela não era mesmo nossa prima, lógico, pois era parente da segunda mulher do tio Robert, tia Sônia.

— Sônia foi a terceira mulher de tio Robert. Úrsula foi a segunda.

— Ah, sim, Úrsula... Ela se achava a mais bela do baile. Ninguém a suportava. Nem mesmo tio Robert. Pelo que recordo, foi por isso que se separou dela.

Addie e Rose Lawson pegaram seus copos e tomaram limonada sem reparar que tinham fugido por completo do tema. Pete tocou o braço de Daniel.

— E esta é Eve Nelson.

— Você é a irmã de Sophie — disse Daniel. Eve sorriu.

— Sim — Pete se adiantou. — O rapaz de brinco, sentado do lado dela, é o bad boy Carter McCall.

Carter estendeu a mão para Daniel.

— Eve é a única que me chama de bad boy, mas ela conquistou o privilégio. Se é que me entende.

Daniel desconfiou que as pessoas sempre entendiam o que Carter McCall queria dizer.

— Kyra contou que Sophie ficou amiga de seu pai, dr. Mackenzie — comentou Eve.

— Apenas Daniel, por favor. Pete quis saber:

— Você é médico?

— Psiquiatra.

Pete passou um guardanapo de papel pela testa.

— Nesse caso, pode tentar colocar algum bom senso em Carter antes que seja tarde demais. Diga a ele que o casamento é um circo completo.

Nesse momento, Reba jogou água no pai, gargalhando.

— Ei, mocinha, volte aqui! — Pete saiu correndo atrás dela, e os dois sumiram pela lateral da casa.

— Pessoal? — Sophie apareceu junto da mesa deles. — Mamãe pediu para eu perguntar se posso trazer os pratos da srta. Rose e da srta. Addie. E disse também que é melhor todos irem comer alguma coisa enquanto ainda estão vivos.

— As mulheres Nelson são autoritárias!

Eve deu um tapinha no noivo, mas Sophie achou graça.

— Daniel, para quem é o presente?

— Para a casa nova de vocês.

— Mãe! Veja o que Daniel trouxe para nós!

E lá estava Kyra, de sandálias, uma saia leve e uma blusa finíssima, sem manga. Cada músculo no corpo dele ficou tenso.

Daniel fizera sua tese baseada em impulsos psicológicos e a reação humana a substâncias químicas naturais, mais especificamente, sobre feromônios, as substâncias químicas liberadas pelos animais para atrair o sexo oposto pelo odor. Existiam evidência da existência dos feromônios também na espécie humana, mas os cientistas ainda não haviam provado que esses afetassem o comportamento das pessoas. Entretanto, naquela tarde de julho, Daniel tentava esconder a prova de todos os demais.

— Posso abrir?

A voz de Sophie pareceu vir de muito longe.

Sentindo o presente ser tirado de suas mãos, Daniel voltou-se para a filha de Kyra. Em torno dele, foi como se os sons retornassem. Conversas, gritos de crianças, mosquitos, risadas.

Sophie ergueu a caixa aberta.

— Maçanetas? Você nos trouxe maçanetas? Por quê? As mãos de Kyra pousaram nos ombros da filha.

— Acho que elas vêm junto com as fechaduras, Sophie. Esse imóvel velho necessita mesmo de fechaduras novas. Muito obrigada, Daniel.

Ele não esperava que mais ninguém entendesse a piada, mas decerto não foi o único a perceber o

tom baixo da voz de Kyra. Se ela estava usando perfume, não dava para notar. Até a maquiagem era muito sutil. E ele não conseguia desviar os olhos dela.

— Sophie não contou que vocês planejam dar uma festa.

— Ela não sabia.

Daniel considerou que o sorriso de Kyra era cansado.

— Até algumas horas atrás, nem mesmo eu sabia. Você já comeu?

— Não posso ficar.

— Mas tem bastante comida.

— Obrigado, mas tenho de cuidar de meu pai.

— Como está Archie, dr. Mackenzie? — perguntou a voz frágil de Addie Lawson, trazendo Daniel de volta para o nível onde existia o resto do mundo.

— Na mesma.

— Dê-lhe nossas recomendações.

— Pode deixar. Foi ótimo ver todos vocês. — Com um aceno rápido, Daniel saiu.

— Daniel? — Kyra o alcançou no gramado da frente. Ele parou à sombra de uma árvore e voltou-se para ela.

Estava tenso. Seth e os amigos tinham chegado com camisetas com as mangas arrancadas e bermudas muito largas. Pete e Carter usavam jeans desbotados. Daniel vestia uma calça cinza com vinco e camisa branca com as mangas enroladas, sua única concessão ao vestir informal.

Os dois olharam quando ouviram um carro passando devagar. O homem na direção era grande e grisalho. Em vez de acenar, fechou o cenho.

— Eu não via Roy Kemper há anos.

— Esse era o marido da Sara?

— Sim. Apareceu nos jogos do Seth por duas semanas seguidas.

— Você sabe se ele tem aparecido em algum outro lugar?

— Não, mas vou perguntar a Sara. — Kyra estremeceu ao imaginar aquele homem batendo na amiga. Depois que o carro desapareceu adiante na rua, fitou Daniel. — O que o está incomodando?

— Quem disse que algo incomoda?

— Sophie comentou que seu pai não estava falando muito, hoje.

Um músculo se contraiu no rosto dele, e essa foi a única indicação de que Daniel a ouviu.

— Vocês brigaram?

Ele cruzou os braços no gesto universal dos homens, que dizia que nem um bando de cavalos selvagens poderia arrancar algo dele. E os homens ainda diziam que as mulheres são obstinadas...

A sombra trazia alguma proteção do sol. Todavia, os mosquitos voando diante do rosto de Kyra também a preferiam. Afastando-os com a mão, ela estudou Daniel.

Ocorreu-lhe que ele era um homem de “quases”. Quase alto, quase loiro, quase bonito. Havia algo nele que chamava a atenção. Tinha um ar de refinamento e classe, mas também um quê de não civilizado.

Daniel Mackenzie era um desses seres que andavam até a linha e olhavam por cima dela, quase passando, mas sem cruzar o limite.

Em algum lugar da residência, Reba Callaway gritou.

— Todas as Callaway têm gritos capazes de quebrar vidros. Encontrar quatro meninas em uma família foi ótimo para Sophie. Ela não para de falar nelas.

— Parece que sua menina está se adaptando bem à estada temporária em Alcott. E quanto a você? Com está se ajustando?

Com toda a honestidade, Kyra se sentia um pouco perdida. Mas não fora atrás de Daniel para falar de si mesma.

— Minha amiga Cláudia diz que se pode saber muito sobre um homem por duas coisas.

— Já ouvi comentários. Tem algo a ver com o fio das luzes de Natal embaraçado e um dia de chuva. Ou isso é sobre bagagem perdida e o resfriado?

— Trata-se dos sapatos em seu armário e o carro que ele dirige. Você não compra seus sapatos no supermercado, e não vejo nenhum Mercedes, Porsche ou Corvette, que são os favoritos do Colin. O veículo que você escolheria seria forte, e nunca pequeno. Rápido, mas não demais. E nada de vermelho. — Apontou para o Volvo prateado estacionado diante da Harley de Carter. — Aposto que aquele ali é o seu.

Andaram juntos, os ombros próximos, mas sem se tocar, as sombras flutuando na grama diante deles.

— Um conversível. Muito bom. Linhas duras, interior luxuoso. Tentamos pegar a conta de propaganda para esse modelo, mas perdemos por pouco.

— Você é muito sagaz, Kyra.

— Sagaz? Bom, isso soa melhor do que intrometida. Daniel sorriu.

— Sabe o que eu acho, Kyra?

— É isso o que vim descobrir.

— Que esse é o único carro aqui com placas de Massachusetts.

Ela achou graça.

— Você me pegou, mas eu peguei você. também.

— Devo entender que crê que já me compreendeu por dentro e por fora?

— De jeito nenhum. Mas entendi algumas coisas sobre você. As pupilas dela brilharam. Kyra estava gostando daquilo, o que era perigoso. E tentador. O desejo surgiu nele outra vez, e não tinha nada a ver com feromônios.

— Acredito que sei qual é o problema.

— Sabe mesmo?

— Não é um problema de fato...

— Estou escutando, Kyra.

Ela recuou um pouco, dando espaço para Daniel abrir a porta do automóvel.

— E bom perceber algo assim, e ainda melhor abrir o jogo. Ele entrou e fechou a porta, antes de

responder:

— Do que você está falando?

— Bem, de sua...

— Sim?

— Não há por que ficar embaraçado ou envergonhado. "Meu Deus, que conversa de doidos!"

— Sério, Daniel. Não tem nada de errado em ser tímido. Eu acho muito doce.

"Essa é uma definição bem suave."

— Você parece surpreso.

Daniel tentou pensar em algo, mas não encontrou. Então, recorreu ao óbvio:

— Quanto a suas maçanetas, o rapaz da loja virá instalar.

— Não será necessário, mas obrigada. Você está fazendo de novo...

— O quê?

— Tentando mudar de assunto. Mais provas de que estou certa sobre sua timidez. É por isso que responde perguntas com perguntas. Sente-se mais confortável falando sobre os problemas dos outros do que sobre os seus próprios.

— Eu sou tímido. — Daniel deu a partida.

— Pronto, está vendo? Agora você pode admitir.

Kyra apoiou a mão esquerda na porta, e o diamante da aliança brilhou ao sol.

Ele olhou para a pedra e engatou a primeira.

— Acho que isso é tudo. — Eve cobriu o resto de salada de batata com o plástico e a entregou para Kyra. — Venha à Taverna da Dusty conosco.

Kyra colocou o prato na geladeira com o restante da sobre de comida. Não que fosse muita. Os rapazes do time de beisebol devoraram quase tudo.

— Obrigada, Eve, mas estou caindo de cansaço. Eve lavou as mãos e as enxugou no pano de prato.

— Eu queria que Sophie não tivesse ido com as Callaway.

— Ficarei bem.

— O que irá fazer?

— Dormir.

— Kyra...

— Minha querida, fico grata por sua preocupação. Mas superarei isso.

Eve suspirou.

— Queria dizer a Colin o que penso dele.

— E eu ia adorar ver isso! As duas sorriram.

— Estou pensando no menu para a festa de seu casamento. Por que você e Carter não vêm para cá amanhã, depois da igreja? Acho que farei entradas para vocês experimentarem.

— Que tipo?

—Começamos com sanduíches de aspargos, queijo de cabra com manjericão e cogumelos, tomates e um pouquinho de alho. E, para a entrada em si, sugiro frango ao limão ou pedaços de carne com cogumelos.

— Que maravilha! — E Eve tornou a ficar séria. — Tem certeza de que não quer ir ao bar?

Kyra apertou a mão da irmã e assentiu.

A festa para Seth fora ótima. Os rapazes do time ficaram depois para ajudar com as mesas e cadeiras. O garoto da loja de fechaduras chegou enquanto Sara e Eve ajudavam Kyra a guardar a comida.

Kyra não tinha ideia de quanto a loja cobrava para fazer instalações na noite de sábado, mas o ajudante nem quis tocar no assunto, e terminou logo o serviço, enquanto Carter recolhia latas de refrigerante e lixo. Logo, Eve e Carter saíram, e Kyra ia ficar sozinha.

E foi o que aconteceu.

Minutos depois, a luz de faróis brilharam na parede da sala, e o barulho da Harley de Carter foi se afastando, sumindo a distância.

Kyra estava quase dormindo quando o celular tocou. Fofura, acomodada junto de Kyra, abriu um olho.

— Quem será?

Ela olhou o aparelho, sem reconhecer o número que chamava.

— Alô?

— Acordei você?

— Daniel! Não. Quase... Fofura começou a ronronar.

— Estava com medo de que fosse um desses sujeitos que ofegam e dizem frases obscenas no meio da madrugada.

— Posso fazer isso, se você quiser.

— Não, obrigada. — Kyra sorriu.

— O que está fazendo?

— Acariciando a gata. Não sei por que, mas ela de repente começou a gostar de mim. E você?

— Digamos apenas que não tenho um gato.

— Sei... Se você começar a ofegar, vou desligar.

Ele deu risada, e o som foi como um bálsamo para a sensação ruim no estômago dela.

— Onde você está? — Kyra quis saber.

— Na cama. E se me perguntar o que estou vestindo, ouvirá aquele ofegar a que se referiu.

Foi a vez dela de rir. O que perturbou Fofura, que se levantou e foi para o pé da cama, onde se enrolou e dormiu de imediato. Kyra ficou onde estava, deitada de lado no escuro, olhando a lua pela janela.

— Não há muito o que fazer em Alcott, não é?

— Isso é parte do charme desta cidade. Alcott não tinha sequer calçadas quando eu era menina. Era tão tedioso naquela época... Mas, pensando naquilo agora, parece idílico.

— Teve uma infância feliz, Kyra.

— Sim. Possuía uma cama quente, além de minha irmã mais nova e pais que me amavam. E amigas, sonhos... Ah, eu achava que meus pais eram muito estritos, e Alcott pequena demais, achava que ia conquistar o mundo! Ou pelo menos resolver o problema da fome mundial.

— A julgar pela festa de hoje, diria que você ao menos está alimentando uma boa parte de Alcott.

Kyra não via da mesma forma.

— Sara ajudou muito. Ela sempre foi assim. Mesmo no colégio, era Sara quem supria, eu era quem realizava, e Cláudia, o espírito livre. Trabalhávamos na pizzaria na sexta à noite e fazíamos planos para o futuro.

Kyra não planejava casar com um homem que a traía, nem Sara com um que batia nela.

— Kyra, você está aí?

— Desculpe-me. É que algo me ocorreu.

— Quer falar a respeito?

— Prefiro falar sobre você.

— Acredite, não é uma boa ideia.

— Onde cresceu?

Daniel ficou quieto, e Kyra chegou a achar que não iria responder.

— Posso tentar adivinhar, se preferir. Mas a conversa ia ficar muito longa.

— Fui criado no norte do Estado de Nova York, e depois em Seattle, quando meus pais se separaram.

— Como eles se conheceram?

— Minha mãe foi para Nova York para ser modelo. Terminou trabalhando na loja de departamentos Saks. Claro, Archie estava na cidade promovendo um de seus livros. Chovia. Ele precisava de um guarda-chuva. Os dois se conheceram. Ela ficou grávida, e eles se casaram.

— Com mais alguns detalhes ia ser bem romântico.

— Não quero ouvir isso, Kyra.

— Você está errado. Tem ideia de por que o casamento deles não durou?

— Mas durou. Um ano e meio.

— O que houve?

— Archie nunca se prendeu a uma mulher apenas. "Ora, ora, quantos homens existem assim?"

— Falar sobre si mesmo não é assim tão duro, não é, Daniel?

— E fácil conversar com você.

— Você quer dizer aborrecido.

— Não ponha palavras em minha boca. Você me acalma, Kyra. Bem, a maior parte de mim.

Quando ela começou a rir, Daniel a acompanhou.

Comentaram sobre o tempo, política, livros que leram e o buraco na camada de ozônio.

Kyra contou sobre Fofura, e Daniel falou do cachorro que teve quando era garoto. Kyra tinha quase apenas amigas. O pai a amava, mas deixava a criação toda ao encargo da mãe. Kyra gostava de homens, mas mesmo Colin, que era simpático e falante até quando estava tendo um caso, parecia ser de outra espécie.

Homens tinham pomos-de-adão, vozes graves, barba e um absoluto fascínio pelo controle remoto da televisão. Daniel Mackenzie decerto compartilhava de vários desses aspectos, o que tornava ainda mais curioso que se sentisse tão confortável conversando com ele.

— Refere-se a ontem, não é, Daniel? Silêncio.

— Daniel?

— Estou aqui. Por que você não refresca minha memória?

— Você disse que não mexe com mulheres casadas.

— De fato.

— Então por que me ligou?

Daniel levou um susto e bateu o cotovelo na cabeceira.

— Acho que me deixei levar um pouco. Telefonei para saber se foram instalar as fechaduras.

— Vieram, sim. Obrigada. Agora, voltando a sua mãe...

Daniel se ajeitou nos travesseiros e olhou pela janela. Escolhera aquele quarto no terceiro andar por causa da vista. Naquela noite, só podia ver o céu escuro e as estrelas. Talvez fosse a noite, ou o modo como ele e Kyra estavam ali presos em Alcott como que em uma parada para reabastecimento em suas vidas. Fosse qual fosse o motivo, não o aborrecia falar com ela sobre seus assuntos pessoais.

— O que tem minha mãe?

— Tornou a se casar?

— Por que ela o faria se tinha a mim para coagir e manipular?

— Odeio ser eu a lhe dizer isso, mas estou captando afeição em sua voz mesmo com esse comentário. Você ama sua mãe e tem uma relação de amor e ódio com seu pai.

— Colocado dessa forma, eu pareço um caso clássico de desenvolvimento interrompido.

— Quem disse que não é?

A risada dele ecoou pelo quarto escuro da velha casa na travessa do Capitão. Então ele a ouviu bocejar.

— Acho melhor irmos dormir.

— Estou contente por você ter ligado, Daniel.

— Posso perguntar por quê?

— Adormecerei antes de poder explicar. Basta que saiba que eu estava precisando de um bom amigo, hoje. Durma bem.

Kyra desligou antes de receber a resposta. Era como se soubesse que ele não pretendia falar mais nada.

Daniel ficou na cama, sonolento, coberto até a cintura pelo lençol, pensando. O que dissera na véspera? Devido a circunstâncias além do controle, ele e Kyra se achavam presos temporariamente em

Alcott. Compreendiam a situação um do outro. E assim surgiu uma amizade especial.

Ocorreu-lhe que poderia estar brincando com fogo, e isso causou-lhe um calafrio.

## CAPÍTULO VIII

Ali está Greta — disse Sophie. Kyra parou o carro e olhou em meio à garoa para a mulher que tentava manter-se seca sob a lona branca e azul, que pingava.

Greta Cavanaugh dizia ter apenas quarenta e cinco anos. Kyra teria dito cinquenta, e isso sendo gentil. Possuía ombros largos e olhos castanho-claros, um anel no polegar e pelo menos uma tatuagem. E era maravilhosa com Archie e Sophie.

— Olá, Greta — chamou Sophie, tomando cuidado para permanecer sob o guarda-chuva que a mãe carregava. — Achei que você ia pedir demissão.

— E de que adiantaria? — Greta deu uma última tragada no cigarro antes de amassá-lo com a sandália. Reparando que as duas estavam com as mãos ocupadas, abriu-lhes a porta.

— Como está Archie hoje? — Kyra quis saber.

— Acho que os alienígenas se esqueceram de retirar a sonda. Kyra entrou na casa sorrindo.

Não parecia que sorriam muito no 212 da rua Alta. Archie gritava e tossia.

— Tire essa droga de comida daqui! Está tentando me envenenar?!

— Nada disso. Vamos, pai, você tem de comer.

— Pare de me tratar como se eu tivesse dois anos!

— Então pare de agir como se tivesse dois anos!

Kyra e Sophie arrumaram depressa a refeição quente nos pratos e os colocaram em uma bandeja velha, na qual Kyra pôs também um vaso improvisado com margaridas.

— Experimente pelo menos a sopa.

— Faça isso você!

Daniel estava de costas para elas, mas Archie sabia muito bem que Kyra e Sophie estavam ali. O que não o impediu de continuar reclamando:

— Como é possível alguém queimar sopa enlatada?! Eu achava que um garotinho da mamãe como você ao menos saberia cozinhar.

— Como vai, Archie? Olá, Daniel. — Sophie avançou com cuidado, para não derrubar nada. — Mamãe e eu lhe trouxemos uma surpresa.

— O que é? — Archie tossiu mais um pouco.

Kyra foi até o outro lado da cama, pegou o prato de sopa e abriu espaço para a bandeja.

— Arroz com molho, pedacinhos de carne...

Ela olhou para Daniel. Os cabelos estavam despenteados, a barba por fazer.

—... cogumelos, aspargos e... E o que mais?

Trovões soavam a distância. Gotas de chuva colidiam no vidro da janela, formando uma cortina cinzenta entre a casa e o oceano.

Kyra ouvira falar de pessoas que ficavam com os pensamentos enevoados quando o barômetro caía,

mas isso não costumava acontecer com ela.

— Preparei algumas entradas como experiência para o casamento da minha irmã. Trarei o frango assado amanhã, se você quiser.

Archie grunhiu algo, mas ao menos demonstrou algum interesse pela comida. Daniel deixou a sala sem dizer nada. Kyra o seguiu até a cozinha.

— Está se divertindo?

— O velho idiota não quer nem ao menos dar uma colherada no que cozinho.

— Que cheiro é esse? É alguma coisa queimada.

— Muito engraçado... Certo, eu queimei o hambúrguer, mas não tem nada de errado com a sopa.

— Estou falando sério, Daniel. Algo está queimando.

— Droga!

Daniel abriu o forno, e uma fumaça escura escapou de lá de dentro. O alarme de incêndio disparou, quase rompendo os tímpanos de todos.

Kyra procurou bicarbonato de sódio nas gavetas. Ele lançou mão do extintor de incêndio no armário das vassouras e apontou para o forno. A fumaça continuou a subir. O alarme continuou tocando. Mas o fogo apagou.

Sophie correu até eles, tapando os ouvidos.

— O que está acontecendo?!

— Havia algo queimando no forno, mas Daniel já cuidou disso! — gritou Kyra, para ser ouvida.

Constatando que tudo estava sob controle, Sophie voltou para a sala, fechando a porta.

Daniel abriu as janelas, e Kyra acionou o exaustor. Ela usou uma tampa de caixa de pizza para abanar o detector de fumaça, que por fim parou de tocar.

Daniel ficou ali parado diante do fogão velho, um pano de prato no ombro, a travessa com comida queimada segura pela mão com o protetor. Kyra se aproximou, olhando para o que tinha sido um pão italiano congelado.

— Daniel, acho que seu forno estava um pouco quente demais. Ele travara uma batalha com o pai o dia todo. Não pretendia quase queimar a casa. Não sabia que Kyra e a filha iam trazer comida, e sem dúvida não imaginava que ficaria tão agradecido por elas o terem feito. E o humor de Kyra iniciou uma vibração dentro dele. Não esperava por isso também.

Ela se curvou e cheirou a sopa, torcendo o nariz.

— O gosto deve estar melhor que o aroma, certo? Daniel fez que sim.

— Quer experimentar?

— Não.

O fato de ele ter dado um passo para trás, com os olhos arregalados, devia ter sido engraçado, porque Kyra começou a rir. Daniel não pôde evitar, e a acompanhou. Os dois riram tanto que saíram lágrimas de seus olhos.

E aquilo foi ótimo.

Tentando se controlar, respiraram fundo. Mas então olharam para o pão calcinado e gargalharam de

novo.

— Vou quebrar as costelas desse jeito... — dizia ela, sem parar de rir.

Daniel a viu com grande clareza naquele momento, uma mão no ventre, a outra sobre o peito. Os incríveis olhos cinza-azulados, os dentes um pouco juntos demais, apenas o suficiente para distinguir o sorriso dela do de qualquer outra pessoa.

Percebendo que ainda segurava a travessa com o pão, ele a jogou na pia. Kyra o fitou, e Daniel achou se ela sabia como tinha chegado perto de beijá-la.

— Sabe, Daniel, é uma pena que Greta não possa ajudá-lo com as refeições.

— O hambúrguer foi ideia dela.

Por que aquilo era hilariante ele não sabia dizer, mas eles desataram a gargalhar mais uma vez.

Foi assim que Sophie os encontrou quando veio trazer a bandeja.

— O que é tão engraçado?

— Nada...

— Tudo... — disse Daniel, ao mesmo tempo em que ela. — Archie terminou de comer?

— Ele dormiu.

Daniel fitou a comida intocada e ficou sério de imediato. Archie estava perdendo o apetite. O dr. Grayson avisara que isso ia acontecer.

Kyra pegou os pratos e recipientes vazios e entregou o guarda-chuva para a filha.

— Acho que sei por que um garoto que queria ser bombeiro terminou sendo psiquiatra.

— Sério? Então, por favor, me conte.

— Você tem o melhor de dois mundos. Ajuda as pessoas com os problemas delas e apaga fogo.

Ele ficou com o sorriso dela na memória até bem depois de mãe e filha terem ido embora.

Kyra guiou sem pressa até a Casa de Pedra. Sophie olhava pela janela. Não era normal a menina estar assim tão quieta.

— O que foi, querida?

— Estava pensando... Mãe, tem cavalos no paraíso?

Kyra não se lembrava de nenhuma menção a cavalos no paraíso nas histórias da Bíblia que ouviu quando criança.

— Acho que é possível.

— E cobras?

— Se me recordo bem, a única era a serpente do Jardim do Éden.

— E jacarés?

— Jacarés?

— E aranhas?

— Houve flagelos, penúria e nuvens de gafanhotos, mas isso foi na terra, não no paraíso.

— E quanto a morcegos, escorpiões e tubarões?

— O que há com eles, Sophie?

— Não existem oceanos no paraíso, então não pode haver tubarões, certo?

— Parece lógico.

— Nesse caso, acho que Archie ficará bem lá.

"Quer dizer que essa é a questão." Kyra estendeu a mão e acariciou o rabo-de-cavalo da filha.

— Acho que a morte é pior para aqueles que ficam. Tenho certeza de que as almas no paraíso adoram estar lá.

— Tanto que não querem voltar? Sophie fazia as perguntas mais difíceis.

— Li sobre uma mulher que morreu em uma operação e foi para o paraíso. Quando os médicos fizeram seu coração bater de novo, ela teve de regressar, e não gostou nada da ideia.

— Por que não?

— Porque adorou o outro lado. Pelo visto, o nome "paraíso" não é obra do acaso.

— Espere até Archie chegar lá. Garanto que os anjos farão uma petição para mandá-lo de volta.

Kyra deu risada. Parecia que andava rindo bastante ultimamente...

— Olá, Sara.

Sara parou no meio do passo.

— Como tem estado? — a voz de Roy vinha de algum ponto atrás dela, um barítono profundo que parecia o barulho de um motor.

Os joelhos dela ficaram moles.

— Estou bem — afirmou, sem olhar para ele.

— Sua mãe me ligou hoje. Por que foi contar para ela? Agora Agnes está preocupada. Venha para casa, Sara.

A picape entrou na linha de visão dela. Tinha mesmo ouvido dizer que Roy comprara um carro novo. E ela e Seth vivendo de macarrão e pasta de amendoim..

Sara cerrou as pálpebras. Quando as abriu, fixou a vista na Casa de Pedra, a meia quadra dali.

Seth saíra para passar a semana fora, e Sara decidiu ir visitar Kyra. Era segunda-feira. Por que Roy não estava no trabalho?

Ainda não conseguia encará-lo. E o dr. Mackenzie dissera que não precisava fazê-lo até estar pronta.

Repetiu uma das afirmações que ele fazia o grupo dizer em todas as sessões: "Estou no comando de minha vida. Estou no comando da minha vida. Estou no comando da minha vida".

A princípio, seus pés não se moveram. Mas Sara forçou e colocou um adiante do outro.

— Sara, espere! Só quero falar com você. Ela começou a correr.

— Vólte aqui! Está cometendo um erro! Ouviu?!

Sara subiu correndo pela entrada de carros da residência da amiga.

— Você vai se arrepender! — gritou Roy lá atrás.

Com o coração saltando no peito, bateu com o punho fechado na porta de Kyra. "Deus, ela tem de estar em casa!" Sara pulou para dentro assim que a porta se abriu.

— O que foi?!

— Roy...

— Onde?

Sara não conseguia sequer olhar naquela direção.

— Ele me seguiu.

Kyra olhou para os dois lados.

— Não tem ninguém aqui, Sara. Ele já foi embora.

Por fim, Sara se virou. Constatando que ele se fora, começou a se sentir tola. Não era capaz de fazer nada direito. Kyra a levou até o sofá.

— Diga o que ele fez.

— Nada, só falou comigo.

— O que Roy disse?

— Que estou cometendo um erro. E que vou me arrepender. Kyra sentou-se no braço do sofá.

— Roy passou por aqui no sábado, também. Deve ter visto sua perua na entrada. Escute, tenho uma reunião com uma advogada daqui a pouco. Acho que você devia vir junto.

— Você vai falar com uma advogada? Kyra hesitou, então resolveu se abrir:

— Meu casamento acabou. Olhe, até agora só contei para você e para minha gata, ontem à noite. Preciso de aconselhamento legal. Nós precisamos.

Sara começou a tremer.

— Gastei todo o dinheiro que tinha pagando o acampamento de beisebol de Seth. Não teria condições de pagar um advogado.

Kyra se levantou e fez Sara se erguer.

— Se é assim, venha me dar apoio moral. Quem sabe, talvez dê para fazer um bom negócio com Natalie Harper.

— De que tipo?

— "Compre um e leve dois."

Embora ainda assustada, Sara esboçou um pequeno sorriso.

— O que exatamente seu marido disse, sra. Kemper?

O escritório de Natalie Harper ficava em uma antiga casa vitoriana numa esquina de frente para a praça da cidade. Continha os móveis habituais de um escritório, incluindo arquivos de aço e os diplomas na parede.

— Por favor, me chame de Sara. Bem, o que Roy disse foi que queria falar comigo.

Kyra se recostou, considerando se não devia ter ido mais longe em busca de um advogado. Eve recomendou Natalie, que era noiva de Brian, o irmão de Carter. Kyra costumava confiar nas opiniões da irmã, mas agora que conheceu a advogada estava com dúvidas. Ela parecia muito diferente do habitual,

com seu decote aberto, saia curta e meia arrastão.

— Só isso?

— Roy me cumprimentou e falou para eu esperar. Depois, que eu voltasse para casa. E que eu estava cometendo um erro e iria lamentar.

— Você ficou com medo?

— Faz um bom tempo que tenho medo até de minha própria sombra. — Sara baixou os olhos. — Não sou muito forte.

— É isso o que ele quer que você pense. Você o deixou. Isso requer coragem.

— Tenho pavor de que o Seth passe fome. E às vezes sinto falta de Roy.

— Sente falta de ser espancada?

Kyra estava pronta para intervir. Natalie a deteve com um gesto de mão.

— É isso, Sara?

— Não.

— E?

— Nunca deixarei Roy fazer isso comigo de novo. Não vou voltar para ele.

— E quem falou que você não é forte?!

Kyra começou a reconsiderar sua primeira opinião. Natalie podia não se vestir como a advogada típica, mas sabia o que estava fazendo.

— Sara, pode ser considerado uma ameaça seu marido ter dito que você vai lamentar. Levando em conta o histórico de abusos da parte dele, e o fato de que Roy tem passado de carro onde quer que você esteja, temos base para pedir uma ordem judicial impedindo que se aproxime de você. O xerife McCall pode ajudar nisso.

A advogada abriu uma gaveta à procura de algo.

— Não posso fazer isso — declarou Sara. Kyra e Natalie a encararam, surpresas.

— Como assim?

— Não tenho como pagar. Natalie sorriu.

— Escute, a casa onde você e seu filho viveram todos esses anos é metade sua. E tem direito à metade da aposentadoria de seu marido, entre outras coisas. Vamos fazer com que o miserável que lhe batia pague por isso. Acredite, isso é o mínimo que podemos fazer. Imagino que terei trabalho para receber, mas não me importo. Vejo como uma justiça poética fazer algo assim. Além do mais, se eu quisesse ser uma advogada rica, teria dormido com um dos sócios de uma firma em Boston, quando ele me fez a proposta.

Diante da expressão horrorizada de Kyra e Sara, ela continuou:

— Não costumo ser assim direta. Está bem, acho que costumo, sim. Vocês sabem que irei me casar com Brian McCall.

— E isso é um problema?

— Sim! Casamento não estava em meus planos. Então, conheci Brian McCall, um pastor, entre todas as profissões possíveis. O que posso dizer? Eu o amo, e o amor muda até os planos mais cuidadosos. O

bom reverendo acha que devemos dar um bom exemplo. Diz que é algo como praticar o que prega, e como Brian aconselha os jovens a não praticar sexo antes do casamento... Vocês podem adivinhar.

— Seth está no grupo de jovens de Brian.

— Portanto, você sabe do que estou falando. A princípio, achei isso muito doce, mas agora, está nos deixando loucos. Creio que se pode dizer que estamos profundamente...

Kyra e Sara aguardaram, cheias de expectativa.

— Frustrados. — Natalie sorriu. — Mas as duas não vieram aqui para falar de mim. Sara, veja o que iremos fazer.

Depois de conversarem muito sobre a questão, a advogada de cabelos castanho-escuros virou-se para Kyra.

— Tem algum assunto para tratar comigo?

— Há duas semanas eu vi meu marido beijando outra mulher.

— Ele sabe que você o viu?

— Esperei horas e depois o confrontei.

— Seu marido admitiu que tinha um caso?

— Não até eu mostrar evidências. Aí, Colin tentou dizer que o caso era culpa minha.

— Em geral, eles fazem isso mesmo. E você?

— Eu o deixei parado no meio da cozinha com o espinafre escorrendo da cabeça.

— Belo detalhe! — cumprimentou-a Natalie. — Já decidiu o que quer fazer?

— Quero um divórcio.

— Tem certeza?

— Sim.

Natalie esperou um momento antes de prosseguir:

— Ele vai lutar contra a decisão?

— Colin ficará bravo, mas será justo. Porém, contar para ele não vai ser fácil.

Natalie afastou a franja dos olhos.

— Querida, seu espinafre já falou bem alto, não acha? Bem, façamos o seguinte...

Kyra balançou o vinho no fundo da taça. Do outro lado da sala pequena, Sara serviu-se de mais um, tarefa que requereu muita concentração.

— Acho que estou ficando um pouco bêbada — sussurrou. Elas ficaram um pouco bêbadas com a primeira garrafa.

Àquela altura, ao terminarem a segunda, estavam bem tortas. Aquela não fora a intenção de Kyra ao abrir o vinho barato, dizendo:

— Aos nossos casamentos. Que descansem em paz.

De algum modo, com Sophie dormindo na casa de Eve, e Seth passando a semana no acampamento de beisebol, um brinde levou a outro.

Sara se deitou no sofá, e Kyra sentou-se numa das poltronas macias, com uma das pernas por cima do braço do móvel. Seus rostos estavam vermelhos, as roupas, amassadas, os sapatos, perdidos pela casa.

Olhando pela janela, Kyra perguntou-se quando a noite teria chegado. Ela e Sara conversaram sobre tudo e todos, da forma como faziam quando crianças. Sara contou sobre a primeira vez que Roy bateu nela, e Kyra, sobre o dia em que descobriu o primeiro caso de Colin. Falaram sobre o amor de Sophie pelos cavalos, e o de Seth pelo beisebol, o casamento de Eve e o dilema de Natalie Harper.

— Lembro-me de quando o reverendo McCall falou ao grupo de jovens que ele e Natalie iam esperar até estarem casados — comentou Sara. — Acho que ele não pretendia falar isso, mas Jeremy Baker foi direto na questão, e Brian não podia mentir. Em um instante, a cidade toda ficou sabendo. Alguns dos pais ficaram bravos porque falavam de sexo diante das crianças. Na igreja, no domingo seguinte, Brian, com o rosto muito corado, tentou explicar a importância de discutir coisas assim. Você devia ter visto o crescendo.

— Que crescendo?

— Natalie toca órgão. O da igreja. Aquele com tubos. No plural.

As duas caíram na gargalhada.

— Não sei se sou eu ou se é Alcott... — Kyra, enfim, conseguiu falar. —... mas faz muito tempo que não rio tanto.

— Nem eu. — Sara tomou o resto do vinho. — Estou fazendo a coisa certa.

— Está sim.

— Estou mesmo fazendo a coisa certa.

— Sem dúvida. E eu estou orgulhosa de você. Se Cláudia estivesse aqui, também estaria.

— Lembra como Cláudia costumava nos fazer gargalhar nas noites de sexta?

Kyra sorriu.

— Acredita que ela é feliz, Kyra?

— É só ligar e perguntar.

Kyra precisou tentar duas vezes antes de conseguir sair da poltrona. Pegando o telefone, discou.

— Está chamando, Sara.

— O que você vai dizer?

— O que quer que eu diga?

— Pergunte se Cláudia está tendo mais sorte com o amor do que nós.

— Não. Perguntarei apenas se ela tem com quem dormir. As duas riam muito quando o telefone parou de tocar.

Cláudia Reynolds arrastou as malas pela varanda larga, soltando tudo assim que entrou. Apoiando-se no batente, tirou o chapéu, uma de suas criações, e os sapatos.

Seu dedão do pé esquerdo coçava fazia dias, o que a punha louca. Saltando numa perna só, coçou-o.

Era meia-noite, horário de Charleston. Tinha sido meia-noite em Beijing séculos atrás. As segundas-

feiras nunca eram dias bons, e fora pior que tudo ter de passar por aquela segunda-feira duas vezes. Mas pelo menos estava em casa.

Com o chapéu na mão, passou por cima das malas. Fazia cinco anos que comprara aquele imóvel, com suas colunas brancas brilhantes e a deliciosa varanda, no distrito histórico de Charleston. Como sempre, seu faro fora preciso. Ocorreu uma explosão no preço das casas logo depois. Tentaram comprar a sua várias vezes, e oferecendo um lucro muito considerável.

O dedão começou a coçar de novo. Esfregá-lo no chão de mármore ajudou um pouco. Julian devia ter passado por ali mais cedo, baixando a força do ar-condicionado e instruindo Marie para preparar comida. Julian sempre cuidava de tudo.

Mancando, seguiu o perfume das gardênia até a biblioteca, onde as flores enfeitavam sua grande mesa de mogno. Perto das flores encontrava-se a correspondência de duas semanas, tudo muito bem arrumado em ordem de importância. Ao lado, o contrato que Julian vinha negociando, da linha Lacroix. Só o que Cláudia tinha de fazer era assinar, e seu lucro iria dobrar. De novo.

O dedão passou a incomodar no exato instante em que a luz piscou na secretária eletrônica. Afastando os cabelos do rosto, imaginou um bom banho e sua cama macia.

E a luz piscando.

Deixaria aquilo para a manhã seguinte.

Ora, quem desejava enganar? Nunca deixava nada para o dia seguinte.

Apertando o botão, reconheceu a voz e ficou contente por ter atendido.

— Cláudia! Sou eu, Kyra Valentine. Ex-Kyra Nelson. Lembra-se de mim?

Cláudia sorriu, apesar do cansaço de doze horas no avião. Sentando-se na beirada da mesa, escutou, atenta. No fundo, Sara Walsh disse algo que ela não conseguiu entender. E as duas riram.

Kyra seguiu em frente.

— Cláudia, acho melhor explicar. Natalie não pode fazer sexo porque irá se casar com Brian McCall, o novo pastor aqui de Alcott, e ele acha que é importante dar um bom exemplo. Eve também não, porque Sophie foi passar a noite lá. E Sara, porque deixou Roy. E eu, porque Colin está tendo um caso com Deirdre...

Cláudia escutou a confusa mensagem, apertou o botão para voltar e ouviu de novo.

Sem dúvida, Kyra e Sara tinham bebido um tanto além da conta. Mas ainda assim havia muita novidade ali. Kyra Nelson sempre colocava muita informação em pouca conversa, mesmo quando só ela falava.

Deixando o chapéu de brim e imitação de diamante em cima da mesa, Cláudia salvou a mensagem, desligou o abajur e subiu a escada.

Pensava em Kyra, Sara e na vida mais simples, quando reparou no sapato tamanho quarenta e dois mal equilibrado na beirada do último degrau.

O que seria aquilo?

Encontrou o par logo adiante. Depois, vieram duas meias brancas, a alguns metros uma da outra.

Pouco mais a frente no corredor, uma camisa fina tricotada que ressaltava o tom âmbar dos olhos de Julian. Era fácil imaginá-lo tirando-a, pois gravara na memória a última vez em que assistira à cena.

Passou por último por cima da calça, com o cinto de couro que dera para ele no Natal. Com cuidado para não derrubar a cueca branca pendurada na maçaneta, ela entrou no quarto.

Avistou Julian Bartholomew estendido em sua cama, apoiado nos travesseiros, usando apenas um de seus *Chapéus* e sorrindo.

O homem era ousado, e era por isso que o achava tão atraente. As luzes estavam fracas, dando um tom dourado à pele dele. Julian tinha vinte e oito anos, sete a menos que ela, jovem demais pelo padrão de Cláudia.

E Cláudia não conseguia desviar o olhar.

— Achei que você estaria a caminho de Baton Rouge a esta altura...

Julian acomodou-se melhor e dobrou um joelho.

— O pessoal da Lacroix vai ter de esperar até que eu chegue para começar as negociações.

Aquele incrível sotaque britânico a cativou na primeira vez em que o ouviu. Cláudia soube que teria problemas no dia em que o conheceu, fazia três anos, em um pub em Gales. A atração foi tão imediata que era incrível terem conseguido esperar até chegarem ao quarto dela.

Quando Cláudia saiu, na manhã seguinte, com o sono atrasado, mas satisfeita, estava convencida de que o tirara de seu sistema. Daí, Julian apareceu em Charleston duas semanas mais tarde.

Parecia que o homem era capaz de fazer qualquer coisa. Estudara advocacia, mas não tinha o diploma. Cursara a faculdade de Administração, mas não terminou. Ele não seguia padrões convencionais, preferindo traçar o próprio caminho. Fazia com que Cláudia se lembrasse de alguma outra pessoa. Levou alguns meses até descobrir quem.

Ela mesma.

Julian ficou por ali, e quando Cláudia não estava completamente tomada pela paixão, descobriu que conseguia discutir problemas com ele. Contratou-o no mesmo instante.

Julian sabia lidar com contratos difíceis e pessoas idem. Era dono de um senso brilhante para negócios, e sempre fazia reuniões parecerem jogos de pôquer.

E a expressão dele era a de um jogador de pôquer, sem sombra de dúvida.

Naquela noite, Julian a fitava, preguiçoso. A penumbra tornava seus olhos mais profundos, acentuando os detalhes.

— O que está fazendo em minha cama, sr. Bartholomew? — A respiração dela acelerou.

— É minha função antecipar suas necessidades, srta. Reynolds. Como foi a viagem?

— Longa. E bem-sucedida. — Esfregou o pescoço.

— Você poderia conter o entusiasmo?

— Estou cansada, está bem?

— Pobre Cláudia... Você viu o *Times*?

Cláudia mirou a cabeceira, avistando o jornal aberto em uma foto da rainha mãe usando uma de suas criações.

— Vocês, ingleses, adoram meus *Chapéus*.

Ela apontou para aquele que Julian estava usando. Era o protótipo a partir do qual ela fez o outro,

para a rainha. E Julian não o colocara na cabeça.

— Não acha que combina comigo? Cláudia sorriu.

— Para ser honesta, acho que fica muito melhor em você do que na rainha.

— Oh, Cláudia, você é tão maldosa!

Ele fez aquilo soar como um cumprimento.

Cláudia passou as mãos pela cabeleira. Não estava usando maquiagem. Tinha boa pele e uma boa estrutura óssea, sobrancelhas negras, cílios grossos e longos. Os cabelos também eram escuros, chegando à altura do queixo. Eram ondulados o suficiente para resistir a qualquer penteado. Algumas pessoas a consideravam bela. Mas Julian era mais bonito.

Ele odiava quando ela dizia isso. E Cláudia o fazia cerca de uma vez por semana.

Mas não naquela noite.

Notando que ela esfregava o dedão no carpete, Julian deu tapinhas na cama.

— Venha aqui. Eu cuido desse dedo para você.

Uma massagem nos pés era demais para resistir. Cláudia sentou-se no colchão, e Julian se aproximou, massageando sua nuca e depois colocando, com toda a gentileza, o chapéu na cabeça dela.

Cláudia começava a formar outra imagem mental, mas bem antes de Julian entrar em seu campo de visão ele bateu palmas duas vezes, e as luzes apagaram. Saiu da cama, as mãos tocando os pés dela, canelas, joelhos, coxas, e entrando por baixo da saia. Achando a beirada da meia de náilon, ele a puxou. Cláudia gemeu em antecipação quando Julian tomou seu pé nas mãos.

E massageou, com leveza, com gestos suaves, dando atenção a cada ponto. Ela gemeu várias vezes durante o processo, e também quando ele repetiu tudo com o outro pé.

Quando terminou com os pés, Julian passou ao restante do corpo dela. Quando alcançou aos ombros, o ritmo forte da respiração de Cláudia era igual ao dele.

Ela apoiou as mãos no peito de Julian, acariciando. Ele a beijou em todos os lugares, exceto na boca, criando ansiedade, antecipação. Por fim, tocou o lábio de cima com a língua. Quando Cláudia gemeu, Julian riu.

— E quem está sendo maldoso agora? — ela sussurrou. Por fim, Julian a beijou. Com uma concentração e um desejo que negavam sua calma e suposta paciência.

Cláudia estava feliz por estar em seu lar. E por Julian se encontrar ali. Havia algo de surpreendente naquilo. Como alfinetadas em um paciente em coma, aquilo não penetrava por completo sua paixão e seu desejo.

Ele a virou de costas, deitou-se em cima de Cláudia e separou suas pernas com o joelho.

— Cláudia?

— Hum?

— Quem é Deirdre?

Demorou alguns segundos para ela entender que Julian se referia à mulher que Kyra mencionou na mensagem.

— Não sei, mas, seja quem for, parece que é a única que está fazendo sexo com frequência.

Julian a mordiscou.

— Bem... talvez não a única...

## CAPÍTULO IX

Eram dez e quarenta e cinco quando Cláudia entrou na cozinha e serviu-se do café com o melhor aroma do mundo. Acordara aos poucos depois de um sono profundo, graças a Julian. O cansaço da viagem tornara-se pouco mais do que uma vaga lembrança, também graças a Julian.

Os cabelos ainda estavam molhados do banho; os pés, confortáveis em sandálias. A camiseta de seda era justa, terminando pouco acima da cintura da calça larga e leve, presa por um cordão.

Marie já estivera ali e partira, mas seu trabalho ficava evidente no suco de laranja fresco na geladeira, nas frutas na bandeja e nas panquecas no prato sobre o fogão.

Cantarolando, Cláudia tomou um gole da bebida fumegante, serviu-se do suco e levou os dois para a biblioteca, onde o aroma das gardêneas impregnava o ar.

Olhou para as flores, que não vira direito na véspera, e aspirou seu perfume.

Sorriu. Julian de fato pensava em tudo.

Mas seu dedão continuava coçando. Tinha ido ao médico examinar aquilo fazia dez anos. Quando começaram com exames em sua cabeça, soube que os médicos descartaram problemas neurológicos, tais como tumores cerebrais, epilepsia e até coisas mais assustadoras, como miastenia, por exemplo. Vários especialistas e um ano depois, por fim recebeu um diagnóstico. A coceira em seu dedão era psicossomática. De certo modo, os primeiros doutores estavam certos. O problema, afinal de contas, ficava mesmo em sua cabeça. Era como um tique nervoso.

Às vezes passava meses sem sentir nada. Então, de repente, o dedo começava a coçar sem parar. Seu psiquiatra insistia em dizer que ela não era maluca. Era mais do tipo excêntrico.

Cláudia tocou a aba do chapéu que usou na viagem de volta da China. Lógico que era excêntrica. Fazia *Chapéus*. E eles valiam uma fortuna.

Esfregando o dedão sem pensar, ouviu a mensagem na secretária eletrônica outra vez. Era bom escutar a voz de Kyra, mesmo que um pouco bêbada. Desde quando não se viam? Havia cinco anos, pelo menos. Como tanto tempo assim podia ter passado sem que notasse?

Apanhou o contrato que Julian preparou, com bilhetes adesivos colocados nos locais que ele queria que lesse com mais atenção. Uma das maiores redes de lojas dos Estados Unidos pretendia comprar uma dúzia de seus desenhos e lançar os *Chapéus* no mercado de massa.

Cláudia verificou o valor altíssimo que lhe ofereciam. Seria dinheiro fácil.

Entre goles de café, releu o último parágrafo. Estava olhando para o valor e esfregando o dedão na beirada da mesa quando a porta se abriu. Consultou o relógio. Julian dissera que voltaria às onze. E eram onze e um.

Os passos familiares pararam à soleira. Fitando aquele par de olhos de um marrom-dourado, Cláudia experimentou uma onda de excitação.

Julian tinha um apartamento no centro. Ele sempre ia para lá depois de fazerem amor. Certas ocasiões, Cláudia pensava que seria ótimo acordar do lado dele. Mas nunca o convidou para ficar. Nem ele se ofereceu.

Julian se aproximou. Cláudia tomou um pouco do suco e sorriu.

— Fico imaginando por que você gasta seu tempo comigo. O sol matinal iluminava o rosto jovem dele, o sorriso lento, o brilho de alguma outra coisa que passou rápido pelo semblante.

O dedão dela tornou a coçar. Cláudia o fitou, mais atenta. O que quer que ela quase conseguiu ver tinha sumido. Ou fora encoberto.

— Algo errado com o contrato, Cláudia? — indagou, sorrindo com grande candura.

Ela o vira sorrir daquela forma em reuniões antes de destruir um blefe ou rejeitar propostas de seis dígitos. O que aquele rosto de jogador de pôquer escondia naquela manhã?

— Estão oferecendo muito dinheiro.

— Não assine. Posso conseguir mais.

Cláudia não necessitava de mais, mas mesmo assim colocou o documento de lado. Mais uma vez, analisou Julian.

Ele se aproximou, tirou o copo de suco da mão dela e bebeu metade.

— Não pense demais, Cláudia. Não queremos que se machuque.

O que aquilo queria dizer?

Julian pretendia distraí-la. Por quê?

— Está bem, Julian, não tomarei uma decisão sobre isso até você voltar de Baton Rouge.

— E onde ficará enquanto isso?

— O que o faz crer que não estarei aqui?

— Eu a conheço. Está pensando que gostaria de terminar tudo. Vender a casa, rasgar o contrato, ir para uma praia qualquer, construir uma cabana, plantar legumes. Talvez arrumar um cachorro ou, melhor ainda, um periquito e uma arara.

Ele era perceptivo demais para alguém tão novo.

— Sim, bem... nós dois sabemos que isso não irá acontecer. Julian esboçou aquele sorriso que aquecia sua nuca, entre outras partes do corpo.

— Não posso ficar, Cláudia.

Ele sabia. Ele sempre sabia. E aquilo era desconcertante.

— Deixei o carro ligado. Estão me esperando em Baton Rouge, e não posso fazer com que me esperem demais. Ligo quando tiver algo novo.

— Está bem. Boa sorte.

— Quando se é bom, não é preciso sorte.

E o dedo coçando...

Julian olhou para a secretária eletrônica com a luzinha piscando, e Cláudia calculou que ele também sabia daquilo.

Assim que ela aparecesse no quartel-general da fábrica, assim que desse uma olhada no pessoal talentoso que empregava, para transformar seus desenhos nos *Chapéus* que eram usados pela realeza, por modelos e atrizes de cinema, Cláudia ia fazer outra viagem. Dessa vez, não iria para o Oriente, se bem

que Alcott parecia tão distante quanto. Assim que fosse, iria para casa.

Fitando Julian, que saía, parte dela quis chamá-lo de volta.

Os passos se afastaram. A porta de entrada da casa foi aberta e fechada.

Recolocou o pé na sandália.

Já era tarde na noite de quarta-feira quando o telefone de Kyra tocou. Sophie dormia, e todas as luzes da Casa de Pedra encontravam-se apagadas. Não havia vento, mas a lua cheia iluminava a cabeceira da cama e o canto da cama onde Fofura se enrodilhou.

Kyra pegou o aparelho. A princípio, só escutou música.

— Reconhece? — perguntou Daniel. Ela escutou com atenção, e sorriu.

— Luar sobre Miami?

— Você tem bom ouvido para músicas antigas.

— Meus pais eram mais velhos, lembra?

Fazia quinze anos desde a morte da mãe, e doze do pai. Kyra sentia muita saudade dos dois. Era uma sensação constante, mas tornada mais forte pelo retorno para Alcott.

Tentara explicar isso para Daniel em um dos telefonemas noturnos. Foi na mesma ocasião em que ele tentou descrever a relação que teve com Archie, enquanto crescia.

Aquelas conversas tinham se tornado um ritual. Algumas vezes se falavam só por alguns minutos, em outras, por uma hora. Kyra sempre desligava sentindo-se compreendida.

— Apesar de eu adorar Luar sobre Miami, não posso ficar conversando muito hoje, Daniel. Sophie quer começar cedo amanhã.

— Irão a algum lugar?

— Sim, para Filadélfia.

Daniel ficou tenso. E a música ter chegado ao fim, pondo a sala num súbito silêncio, não ajudou.

Depois de uma série de ruídos, outro disco começou a tocar.

— Está na hora de voltar, Kyra?

— Sophie não vê o pai faz três semanas.

Era difícil interpretar aquilo. E Daniel não iria ser direto. Esfregou a ponta do nariz.

Kyra nunca falava sobre o casamento, e Daniel não questionava. Preferia não pensar no que isso podia significar.

— Sophie não quer dar uma passada aqui para dizer adeus para Archie?

— Ela se despediu hoje. Ele não contou?

— Deve ter esquecido.

— Ficaremos lá alguns dias.

Pelo menos uma boa notícia. Daniel relaxou um pouco.

— Eu estava em uma sessão de grupo quando Sophie veio aqui. Por isso, não pude falar com ela. Mas, agora que fiquei sabendo disso, a garota parecia muito feliz quando acenou para mim.

— Sophie está animada com a ideia de ver o pai. E também porque Eve a convidou para ser dama de honra.

Daniel sorriu, enquanto Kyra entrava em seu assunto favorito.

— No instante em que o médico falou "É uma menina", eu me imaginei criando uma criança que seria parte bailarina, parte cientista. E sempre que acho que começo a vislumbrar a bailarina, Sophie me lança uma bola curva. Hoje foi na forma de um cavalo.

— Se serve de consolo, meninas que adoram cavalos levam mais tempo para se interessar por meninos. O que ela fez?

— Sophie perguntou se poderia montar um cavalo no casamento.

— Eve se casará a céu aberto?

— Não. E eu garanti que o reverendo McCall não vai concordar com cavalos dentro da igreja. Sophie acha que ele pode abrir uma exceção, porque o noivo é seu irmão.

Daniel achou graça.

— Ela parece ter planejado tudo.

— Sophie é sempre assim. Mas, Daniel, estou preocupada porque seu pai não lhe falou que íamos viajar. Não entendo por que Archie o trata assim. Não sei como um homem pode financiar sua educação, suas viagens à Europa e jamais ter lhe dado um presente de aniversário ou Natal quando você era garoto.

— Também nunca entendi. De muitos modos, meu pai sempre foi um homem generoso. Quando a loja de roupas de minha mãe faliu, ele tentou pagar as dívidas dela. Até hoje os dois brigam por causa disso, porque mamãe não deixou que Archie pagasse. Meu pai doou muito dinheiro para boas causas. Quando era jovem, construiu uma cabana de troncos sozinho e a deu para um casal pobre da área. Pilotou aviões e escreveu livros. Foi amigo de Hemingway. Certa ocasião, liderou um safári perdido até saírem da selva africana. Archie podia fazer qualquer coisa.

— Exceto ser um pai carinhoso? Daniel deu de ombros.

— Enquanto você estiver fora, eu vou equilibrar um pouco essa balança.

— Como assim?

— Archie terá de comer minha comida.

— Daniel, não há motivo para agir com crueldade! Os dois desligaram, sorrindo.

— Meu Deus! Esta casa é imensa! — Sophie saltou do carro, como se fizesse três meses desde que saíram dali, e não três semanas. Correu escada acima, direto para os braços de Colin.

Kyra a seguiu com mais calma.

Colin estava mais ou menos no mesmo lugar onde o vira pela última vez.

— Olá, Kyra — Colin tinha os olhos azuis mais impressionantes do mundo.

— Como vai, Colin? — Ela se manteve a distância e, apesar de sorrir, aquilo pareceu estranho.

— Vou pegar a gata.

— Nós não a trouxemos, pai.

Colin olhou para Kyra, que se viu explicando:

— Ela não gosta de andar de carro.

— Então vocês vão voltar para lá?

Sophie fitou a mãe e depois o pai, que se encararam por minutos antes de Kyra se dirigir à filha.

— Sophie, você está com fome?

— Sempre estou!

Colin sorriu para a menina.

— Está com sorte, amorzinho. Portia encheu a geladeira com tudo o que fica ótimo em sanduíches, esta manhã.

Sophie entrou correndo.

— Lave as mãos antes de comer — disseram Kyra e Colin ao mesmo tempo.

Passarinhos cantavam e, ao longe, passou um avião. Tudo estava calmo.

Kyra não pretendia informar a Colin que estavam indo, e não o teria feito se não fosse um pneu furado perto de Boston. Tiveram de esperar muito pelo guincho. Colin ligou enquanto aguardavam. Ao conversar com ele, Sophie contou o que estava acontecendo. E Colin resolveu o problema em um instante, como era seu costume, pois tinha grande habilidade para lidar com as pessoas.

— Está deixando os cabelos crescer, Kyra?

— Não de propósito.

— Você está com uma ótima aparência.

— Não comece, Colin.

— Mas é verdade.

Ela o fitou. Colin exalou um suspiro. Kyra foi a primeira a se desviar, pegando a sacola com suas coisas. Ele a tomou de sua mão e indicou para que fosse na frente.

Na cozinha, Sophie se vasculhava a geladeira.

— Vocês também querem?

— Não, filha. Obrigada.

— Eu, sim — disse Colin.

Sophie fez dois sanduíches grandes. Kyra encheu um copo com água mineral e bebeu devagar, enquanto os dois comiam.

A garota falou sem parar. Apesar disso, terminou o lanche primeiro. Indo de um lado para o outro, afirmou:

— Já volto.

— Aonde você vai?

— Ver meu quarto.

Sophie saiu antes de Kyra poder imaginar um bom motivo para fazê-la ficar.

Silêncio pesou entre ela e Colin.

Ele pôs no prato o que restava do sanduíche. Era evidente que não tinha apetite, só quis fazer companhia para a filha. Aquilo seria mais fácil se Colin fosse um péssimo pai.

Mais fácil para ela, mas não para Sophie. E a menina era quem mais importava.

— Juro que ela cresceu uns três centímetros desde a última vez que a vi.

Kyra duvidava disso, mas compreendia o que Colin dizia. Ele sentia falta da filha.

Ela olhou para os tampos de granito e aço inoxidável, o grande fogão de seis bocas e a geladeira imensa.

— A cozinha está brilhando.

— Portia usou um limpador especial. Kyra ergueu o rosto e o flagrou a fitá-la.

— Eu não devia ter feito aquilo, Colin. Ele deu de ombros.

— Sei que mereci.

Ela decidiu falar logo, antes que Colin tivesse a impressão errada:

— Só vim porque...

— Olhe, não quero deixá-la desconfortável. Estou feliz porque veio. A decisão é sua. O que você quer fazer? Dar um passeio? Sophie pode querer tomar um sorvete.

— É uma boa ideia. Colin sorriu.

— Vai ser bom se você passar algum tempo com ela. O sorriso dele sumiu.

— Tudo bem, Kyra. Vou perguntar a nossa filha.

— O quê? — Sophie vinha entrando.

— Quer tomar sorvete?

— É claro! Você vai, mamãe?

— Não desta vez — Colin se adiantou.

Sophie observou atentamente os pais, mas não fez comentário.

Ela e o pai saíram logo. Enquanto isso, Kyra andou pela casa toda, afundando os pés no carpete caríssimo, passando os dedos nas belas antiguidades.

"O que direi a Colin quando eles voltarem?" Kyra devia estar furiosa, mas o que mais sentia era tristeza.

Ele e Sophie demoraram mais de uma hora para voltar, e chegaram trazendo um filme que a garota queria ver. Os três assistiram ao DVD, mas Kyra se manteve dispersa.

Bocejando, Sophie abraçou o pai, beijou a mãe e foi para a cama, como uma criança muito obediente.

— Lembra como Sophie brigava para não ir dormir? — Colin meneou a cabeça.

Kyra assentiu, mas não encorajou a continuarem com reminiscências.

— Guardei o Château Latour. Você quer?

Ela pensou na última vez em que bebeu e na dor de cabeça da manhã seguinte.

— Falei algo errado? Kyra ergueu as duas mãos.

— De jeito nenhum. É só que... — Quase contou como Sara e ela haviam bebido, fazia alguns dias.

— Sim?

— Não quero beber agora. Colin, temos de ter uma conversa.

— Não hoje, Kyra. Amanhã. Hoje não, por favor. Ela preferia que ele não tivesse dito "por favor".

— Está tarde. Você fez uma viagem longa. Não quer dormir?

— O problema não desaparecerá.

— Eu entendo. Três semanas de solidão fazem um homem compreender muitas coisas.

Ela se virou para a televisão. Tinha acabado o noticiário das onze. Não havia muito o que fazer.

Os dois subiram juntos. No alto, Kyra virou para a direita, e não para a esquerda. Foi ver Sophie, que já dormia. Fechando a porta, dirigiu-se ao quarto de hóspedes.

— Kyra?

— Vejo-o pela manhã.

— Você não tem de fazer isso.

Ela engoliu em seco. Havia um convite naqueles olhos azuis?

— Posso dormir no quarto de hóspedes, e você fica em nossa cama.

— Tenho dormido numa cama de casal em Alcott. Fique você com nosso quarto. Durma bem.

Sophie era a única descansada no dia seguinte.

— Você não vai trabalhar hoje, pai? — quis saber, durante o desjejum.

— Eu devia, mas vou dar uns telefonemas e tirar o dia de folga.

Kyra tomou um gole de café.

— Está trabalhando em alguma coisa importante, Colin?

— Encontro-me no meio de negociações imensas. Ajuda a passar o tempo.

— Não é melhor ir cuidar de seus afazeres?

— É o que você quer que eu faça?

— Eu tinha planejado levar Sophie para fazer compras. Podemos encontrá-lo para o almoço, depois. E conversar.

Sophie olhou para os dois. Colin piscou para a filha.

— Sua mãe trabalhou duro para fazer esta refeição. Você pode cuidar dos pratos. Kyra, não quer ir comigo até o carro?

Kyra acompanhou Colin.

Lá fora, ela cruzou os braços e respirou fundo.

— Acho que é uma boa ideia. Precisamos pensar sobre o que iremos dizer a Sophie.

— Ainda não, Kyra.

— Temos de contar a ela.

— Contar o quê? Que você quer se divorciar de mim porque tive um caso? Não posso suportar a ideia de minha filha me odiar.

— Ela não irá odiá-lo. Sophie o adora. E além do mais, não contei nada sobre Deirdre, e não pretendo fazê-lo.

— Por favor, Kyra, me dê outra chance.

— Fiz isso há dois anos. Não repetirei o erro. Está acabado, Colin.

— Recuso-me a acreditar nisso.

Ela o olhou, a boca um pouco aberta. Lembrou o que Natalie Harper dissera. Kyra seguiu os conselhos, anotando números de contas e fazendo transferências de dinheiro. A casa estava no nome dos dois, um carro no dela, outro no dele. A conta no banco era conjunta, mas os investimentos tinham sido divididos ao meio em contas com o nome de cada. Financeiramente, achava-se protegida. Assegurara-se disso dois anos antes. E, emocionalmente, queria acabar com aquilo.

— acredite no que quiser, mas está acabado, Colin. E devemos lidar com isso.

— Por que a pressa? Se não quer reconsiderar por minha causa, por nossa causa, pense em Sophie.

— Isso é um golpe baixo. Não quero que Sophie fique com nenhuma esperança falsa. Nem você.

Colin pareceu magoado. Quando tornou a fitá-la, já retomara o controle.

— Quem disse que minha esperança é falsa? Casamentos sobrevivem a coisas muito piores do que isso. Eu assumo toda a responsabilidade.

Aquela era nova.

— Tentarei mudar seu modo de pensar.

— Não funcionará, Colin.

— Se não der, vamos contar juntos para Sophie no final do verão.

— Não adianta nada esperar até lá.

— Eu te amo, Kyra. — Ele estendeu a mão, tocou seu rosto, entrou no carro e foi embora, sem dizer mais nada.

Sophie tinha espuma até os cotovelos. Deixando a filha lavando a louça, Kyra foi para o andar de cima. A princípio, não saberia dizer, por que seguiu direto até o terceiro andar.

Entrou no escritório de Colin, sentou-se à mesa e ligou o computador.

Digitou a informação pertinente e apertou as teclas corretas para entrar na conta pessoal de e-mail do marido. Três semanas atrás, fizera o mesmo, com resultados devastadores.

Dessa vez, entretanto, o computador informou que a senha estava incorreta. Kyra tornou a tentar, com o mesmo resultado.

Colin mudara a senha.

Por que, se não tinha nada a esconder?

Talvez tivesse terminado a relação com Deirdre. Ou não. Fazia cinco minutos, afirmou que a amava.

Kyra ficou imaginando quando Colin alterara a senha. Três semanas antes? Ou na véspera, quando soube que elas estavam chegando?

Por mais que Colin dissesse que a amava, Kyra não confiava mais nele. E como o amor poderia sobreviver sem confiança?

— Você e o papai vão se divorciar?

Kyra e Sophie nem tinham ainda chegado ao subúrbio da Filadélfia e a menina já disparou a

pergunta.

Kyra e Sophie ficaram mais uma noite. Colin foi gentil, cuidadoso, educado e atencioso, o que não era pouco para alguém acostumado a usar persuasão para conseguir o que queria. Mas continuou se recusando a conversar sobre o divórcio, contudo, Sophie não se deixou enganar.

— Seu pai e eu conversamos sobre isso.

— Papai não quer se divorciar.

— Colin lhe falou isso?

— Sim.

"Muito esperto, Colin..."

— Não acho que alguém queira de fato um divórcio, Sophie.

— Mas vocês se divorciarão assim mesmo.

Era por isso que Kyra gostaria que os três tivessem se sentado juntos para falar disso. Porém, Colin a manipulou mais uma vez. E ela deixou.

— Não irei mentir para você, filha. Nunca. Isso não é algo que surgiu de repente. Seu pai e eu vimos tendo problemas faz alguns anos. Tentamos mantê-la à margem dos acontecimentos, mas nos mudamos para Society Hill porque pretendíamos começar de novo.

— Mesmo?

— Sim.

— Então vocês foram a um psicólogo e coisas assim?

— Fomos.

— Conversou com Daniel sobre isso?

— Não, meu bem, mas você pode, se quiser. E há também outros especialistas em ajudar crianças que passem por isso.

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Sophie.

— E você sempre pode conversar comigo. Seu pai e eu te amamos muito. É o que há de mais importante em nossas vidas, Sophie. Isso nunca vai mudar.

— Jura?

— Eu juro.

— E onde eu vou morar?

Elas conversaram por horas. Sophie acabou dormindo. Quando acordou, entravam em Alcott.

Olhando pela janela, ela virou-se para a mãe.

— Devo contar para as pessoas ou o quê?

— Quanto a isso, querida, faça como achar melhor. Sophie suspirou.

— Já falei para Archie.

— Disse para Archie que eu e Colin vamos nos divorciar?

— Conte para ele sobre o espinafre. Kyra ficou curiosa.

— Ora...

— Archie afirmou que, só porque as pessoas se divorciam, não quer dizer que não se amem. E também que poderia ser um bom momento para eu pedir um cavalo.

## CAPÍTULO X

Os passarinhos estavam atarefados naquele dia. Fazia algumas semanas que Daniel instalara um alimentador e um banho para pássaros no pequeno pátio diante da janela de seu estúdio.

Os vasos de flores foram ideia de Greta. As cinco pacientes que se reuniam toda quarta-feira não notaram, mas Sara Kemper comentou a respeito no mesmo instante. Ela sempre sentava-se na velha cadeira de balanço perto da vidraça. Era nessa cadeira em que estava naquela tarde.

Em vez de olhar pela janela, Sara falava com o rosto virado para o colo, onde mantinha as mãos contraídas.

— Ele deslocou o ombro e quebrou o pulso e duas costelas dela. Janet não veio para o grupo de apoio na semana passada, lembra? Foi porque voltou para Roger.

Daniel estava mesmo com receio de que Janet Phillips voltasse para o marido canalha. Acontecia com frequência com mulheres que apanhavam.

— Janet precisa descansar, para sarar e sentir-se melhor. Se ficar no hospital, estará em boas mãos. Em segurança.

— Será mesmo? — Sara o encarou, os olhos marejados. — Até quando? Lily Smith ligou hoje cedo. Roger está na prisão, e o Serviço Social levou as crianças. Eles os entregaram para outra família.

Sara não se conteve mais e começou a chorar. Daniel apoiou o queixo na mão e esperou até ela se controlar, antes de prosseguir:

— Roger prometeu que não ia bater nela se voltasse. Ele prometeu!

— Eles sempre prometem. Você sabe disso.

— Janet não devia ter aceitado.

— Mas o fez. Talvez essa tenha sido a última vez.

— Ele bateu muito nela... Por que, doutor?

Daniel não sabia o que dizer. Passara anos estudando a psique humana, lendo livros e relatos sobre quase todo problema emocional que já foi documentado. Escreveu trabalhos, pesquisou, assistiu a palestras, escutou e avaliou. E não sabia o que dizer para Sara Kemper.

Por que Janet Phillip havia voltado para o animal que abusava dela? Por que outras mulheres o fazem?

Talvez Janet não tivesse opção. Quem sabe, de alguma forma perversa, acreditasse que merecia aquele tratamento. Ou apenas o amasse.

É possível que, para Janet, estar com alguém, mesmo um homem que lhe causava tanta dor e sofrimento, fosse melhor do que estar só.

Ou estaria Sara perguntando por que alguns homens batiam nas esposas? Claro que existiam inúmeras explicações, mas, no fundo, eles o faziam porque podiam. Mas isso não era o que Sara precisava ouvir naquela tarde.

— E agora ela perdeu as crianças...

— Isso não tem de ser permanente, Sara. A assistente social avisou Janet, da última vez. Aquelas crianças viram o pai bater na mãe. Ouviram os gritos e viram o sangue dela. Pense neles. (O)s garotos necessitam de proteção. Se e quando Janet provar que é capaz de protegê-los, o caso será revisto, e a situação, reavaliada. É possível que os recupere.

— Janet não devia ter voltado para Roger — repetiu. — Os homens não mudam. Não importa o que digam.

Daniel conhecia as estatísticas, que repetia sempre nas terapias de grupo e no aconselhamento particular. Com terapia, e às vezes com ajuda de remédios, os homens podiam mudar o modo de reagir à raiva. Muitos dos que espancavam as esposas não mudavam porque se recusavam a admitir que tinham um problema. Era comum que aqueles que não conseguiam convencer ou forçar a mulher a retomar o casamento arrumassem outra pessoa de quem abusar.

— Fui consultar uma advogada. Eu e a Kyra. Daniel ficou imóvel.

— E o que a advogada disse?

— Falou sobre meus direitos e que metade da casa é minha. — Sara olhou pela fora. — É tranquilo aqui, na travessa do Capitão. Mas não sou dessas pessoas que gostam da quietude. Quase ninguém sabe disso.

— Por que não gosta da tranquilidade?

— É solitário. Passei muitos dias sozinha com meus pensamentos me fazendo uma pergunta. Sabe qual? Por que Roy batia em mim? Por que torcia meu braço e me dava tapas no rosto? Em sonhos, ainda vejo a expressão de ódio no rosto dele. E tudo o que eu queria era que ele me amasse.

— Você merece ser amada.

— E então vieram todas aquelas dúvidas. Se partíssemos, do que Seth e eu iríamos viver? Não tínhamos dinheiro. E quanto a minha mãe? Quem a sustentaria? No entanto, por mais que Roy diga que não tenho valor e que não teria nada se não fosse por ele, não voltarei. Tenho meu filho, um teto sobre nossas cabeças e a possibilidade de uma ordem judicial, se Roy se aproximar demais. Não quero ficar como Janet.

— Se é assim, não deixe acontecer. Ela baixou a cabeça.

— Quero ouvi-la dizer, Sara.

A princípio, Daniel achou que Sara ia se recusar. Mas, após alguns minutos, ela sussurrou:

— Não serei como Janet. Não mesmo!

— Acredito em você. Sara, por fim, fitou Daniel.

— De verdade, não é? Ele assentiu.

Daniel sempre torceu para Sara conseguir encontrar dentro de si mesma a força para se manter em pé sem a ajuda de ninguém, mas até aquela sessão não saberia dizer se conseguiria. Ainda era possível que retornasse ao padrão anterior, mas isso tornava-se menos provável a cada dia que passava.

Sara Kemper alcançara a curva em sua estrada para a independência. E esse era um ponto crucial para aqueles que sofriam abusos. Todavia, muitas mulheres na situação de Sara sucumbiam à insegurança, às dúvidas e à baixa autoestima, e retomavam os relacionamentos que eram a raiz de todo o problema.

— Lily ligou para Tânia e para mim. Ela acha que devemos ir ao hospital visitar a Janet, para lhe dar apoio moral.

Sara, Lily e as outras haviam se conhecido no grupo de terapia, pouco depois de Daniel ter chegado em Alcott. Lily Smith conseguiu sair de uma situação em que quase morreu. O marido batera nela pela primeira vez na noite de núpcias. Ela sofreu abusos por seis anos antes de finalmente decidir escapar daquilo. Com apenas um metro e meio de altura, tornou-se uma grande defensora de mulheres espancadas.

— Mary e Tânia não podem ir. Acho que têm medo, porque sabem que podem ser as próximas. Não seria fácil para elas olhar para Janet e ver seu futuro. Mas a Janet precisa saber que não está sozinha.

— Quer dizer que você vai?

— Sim.

E Daniel percebeu que Sara tinha mais força do que imaginava. Não podia dizer se ela algum dia voltaria a confiar em algum homem, mas vinha aprendendo a confiar em si mesma. E Daniel tinha orgulho dela.

Quando a hora terminou, Sara se levantou. Era assim toda semana. Sara controlava com cuidado o horário.

— Por favor, diga a Janet e Lily que estarei aqui, caso precisem conversar. — Daniel também ficou de pé. — E isso vale para você.

Ele respirou fundo. Um cheiro delicioso invadia a casa. Kyra devia ter chegado com o jantar de Archie. Isso queria dizer que ela retornara da Filadélfia e estava ali na casa na travessa do Capitão. O que o encheu de alegria.

Kyra estava de volta!

— Deixe-me entender isto direito. — Cláudia Reynolds estava parada diante de Sophie e Kyra na grande cozinha da residência de Archie. — Você saiu da Filadélfia às sete e meia da manhã, dirigiu quase quatrocentos quilômetros e ainda preparou o jantar para um velhote que se tornou amigo da madre Teresa aqui. — Apontou para Sophie.

Sophie e Kyra sorriram, dando prosseguimento à rotina de colocar o jantar de Archie em uma bandeja.

Kyra se esquecera de como a vida podia ser leve com Cláudia por perto. Ela aparecera sem se anunciar na porta da Casa de Pedra fazia uma hora. E levou cinco minutos para enturmar-se com Kyra e Sophie.

Cláudia achou que Sophie era linda, e para Sophie, Cláudia era a maior. E Kyra concordava com as duas.

O vento destruíra o penteado de Cláudia, que viera com suas roupas do tipo casual requintado. O que era adequadíssimo para ela, que sempre foi muito divertida, mesmo quando não se sentia feliz por dentro. Kyra estava em dúvida se esse não seria um daqueles momentos.

Com tudo arranjado, Sophie empunhou a bandeja e caminhou com cuidado para a sala. Cláudia a observou por um momento.

— Ela é igualzinha a você com essa idade.

— Vou aceitar isso como um elogio.

A piscada de Cláudia não confirmou nem desmentiu, e ela apontou para a comida.

— O que foi que preparou para o tal senhor?

— Lagosta e salada de tangerina. E framboesas com merengue de sobremesa. O merengue derrete na boca, e as framboesas fazem você lamber os lábios e pedir mais.

— Ainda está falando sobre comida?

Kyra notou que Cláudia esfregava o dedão do pé.

— Você sempre teve o dom de ler pensamentos.

— E você é a única pessoa que conheço que consegue fazer comida parecer quase tão boa quanto sexo. Note que eu disse "quase".

Kyra começou a rir, quando escutaram passos.

— Sara! — gritou Cláudia.

Sara correu para elas. As três convergiram para o centro da cozinha, uma cheirando a tangerina e framboesa, outra a perfume exótico, e a terceira a sabão e água.

Quando se separaram, Sara foi a primeira a falar:

— Que bom vê-la! Eu sabia que era você, reconheci a voz. Estava dizendo isso para o dr. Mackenzie, não foi, doutor?

Três pares de olhos voltaram-se para o homem parado à entrada. Daniel sorriu para todas, deixando Kyra por último. Quando seus olhares se encontraram, ela ficou sem ar.

Por sorte, Sara fazia as apresentações:

— Cláudia, este é o dr. Daniel Mackenzie. Doutor, Cláudia Reynolds. Ainda é Reynolds?

— Você consegue me imaginar casada?!

— Prazer em conhecê-la. — Daniel estendeu-lhe a mão.

— O prazer é meu. — E mediu-o de alto a baixo. E para o alto de novo.

Mas Daniel estava ocupado demais encarando Kyra para notar.

— Eu não sabia que vocês tinham voltado.

Os cabelos dela estavam caídos sobre um lado do rosto, e ele sentiu vontade de afastá-lo.

— Como foi a viagem?

— Bem, considerando tudo. E como está Archie? Daniel deu de ombros.

Cláudia ergueu a mão diante do próprio rosto, em seguida diante do de Sara.

— Consegue ver minha mão, querida?

— Sim, Cláudia, por quê?

— Isso quer dizer que não ficamos invisíveis.

Kyra não lembrava muito da viagem de dezoito quilômetros até Portsmouth. Recordava ter deixado o jantar para Greta e Daniel, e dizer alô para Archie e adeus para Sophie, que quis ficar lá mais um pouco.

De alguma forma, as Três Tagarelas saíram juntas da residência. Parecia que tinha sido ideia de

Cláudia deixarem Sara no hospital perto de Portsmouth para visitar uma amiga, mas Kyra não saberia afirmar, porque sua última lembrança clara era de se despedir de Daniel.

Verificou a temperatura de sua testa.

Cláudia a fitou por cima da mesinha na calçada. O vento fazia seus cabelos ondular, e os olhos pareciam veludo marrom por trás das lentes esverdeadas dos óculos escuros.

— Não se sente bem?

— Por que, Cláudia, você também está sentindo alguma coisa?

Ela sorriu.

— Acho que eu deveria mencionar um ditado... Que tal "O caminho para o coração de um homem passa pelo estômago"?

Kyra a encarou, surpresa.

Cláudia sugou o chá gelado pelo canudinho.

— Esses tipos confiantes, fortes e intelectuais são difíceis de resistir.

— Teve a impressão errada.

— Então não está interessada no bom doutor? Kyra engasgou.

— Nunca fui infiel a Colin. Nem uma vez.

— Entendo...

— Falo sério, Cláudia. Não há nada entre Daniel e mim. -Você faz aquelas comidas sofisticadas para mais alguém em Alcott?

A refeição não é para o Daniel, mas para o pai dele, que esta morrendo.

— A quem pensa que engana?

— Como assim?

Cláudia deu de ombros.

— Fiquei com a sensação de que você e o dr. Mackenzie não conseguiam tirar os olhos um do outro. Acredite, eu compreendo. Aconteceu comigo faz três anos, e não sou mais a mesma desde então.

— Daniel e eu somos apenas amigos. Não nos estabelecemos em Alcott. Ele veio por causa do pai, e eu... bem, você sabe por que vim. É natural que Daniel e eu tenhamos sobre o que conversar. Eu adoro cozinhar, e a situação de Archie me dá a chance de fazer o que gosto. Tudo faz sentido quando cozinho, lembra? E Daniel é capaz de queimar água. Não estou brincando. Ele quase pôs fogo na cozinha esquentando pão.

Cláudia colocou açúcar no chá e mexeu.

— Tudo bem, já sabemos o que não está acontecendo entre você e o dr. Mackenzie. O que há com a Sara?

Kyra contou sobre a situação da amiga. O gelo já havia derretido nas bebidas delas quando terminou.

— Vejamos. Você resolveu deixar um marido infiel, e Sara, um que a espancava... De repente me bateu uma saudade de Julian!

Kyra atirou nela o guardanapo, e as duas caíram na risada.

Sara entrou no quarto do hospital na ponta dos pés. As cortinas estavam fechadas, o cômodo, envolto em penumbra.

Lily já se encontrava ali, segurando a mão de Janet. Um pouco menor que Sara e muitos anos mais nova, Lily Smith tinha um daqueles rostos que sempre atraía uma segunda olhada. Não porque fosse bela, mas por ser muito expressiva. E naquele dia, sua face demonstrava grande tensão.

Sara puxou uma cadeira para perto do leito.

— Olá, Janet.

Era difícil encarar o olhar distante da amiga, ver as faces machucadas, os lábios partidos e inchados. O braço repousava em uma tipoia.

— Isso não foi culpa sua.

Janet virou o rosto e começou a chorar. Por causa da dor, dos machucados e dos filhos. Sara sentia muita falta de Seth. Não conseguia imaginar como seria se ele fosse levado pelo Serviço Social.

— Nunca é tarde demais para começar a lutar, Janet. De fato, hoje é o dia perfeito para isso.

— Lily está certa, Janet. Ninguém pode mudar o passado, mas todos temos controle sobre o hoje e o amanhã.

— Estou cansada. Quero dormir.

Não havia mais nada que Lily e Sara pudessem fazer.

Assim, desceram no elevador caladas. Despediram-se no saguão.

Sara encontrava-se na porta giratória quando percebeu que não havia ninguém olhando para ela, pelo menos com ar estranho. Saiu para a luz do sol. Era óbvio que ninguém a fitava, pois não tinha machucados, lábios inchados, nem chorava. Era apenas uma mulher comum, e era ótimo sentir-se desse modo.

Não precisou andar muito para começar a ouvir as risadas, e foi se encontrar com as amigas.

— O que é assim tão engraçado?

Kyra e Cláudia se voltaram para ela.

— Sente-se. Você não vai acreditar, mas Cláudia encontrou um homem que beija os pés dela!

— Por que não coloca a notícia no jornal de Portsmouth?! — Cláudia pôs as mãos na cintura, fingindo indignação.

Sara observou ao redor. Durante séculos, Portsmouth fora uma cidade portuária. Agora virara um centro turístico, cheio de gente de fora que não prestava atenção a três mulheres tomando chá gelado e rindo muito.

Conseguia ver o hospital dali. Pensando em Janet, torceu para que um dia a amiga conseguisse rir daquela forma. Talvez a amizade fosse a chave para sobreviver a algo semelhante. Ou melhor: para sobreviver a qualquer coisa.

— Às Três Tagarelas! — Cláudia ergueu seu copo.

— Reunidas outra vez. — Kyra levantou o dela.

— Até que enfim. — Sara conseguiu sorrir.

Estava tudo quieto na travessa do Capitão. A noite caíra, mas o ar continuava quente.

Os lavradores locais rezavam para chover, mas Kyra achava que não ia acontecer. Ficou pensando no clima, mas no momento em que Daniel abriu a porta, todo raciocínio coerente sumiu de sua mente.

Ele vestia calça escura, camisa clara e nada de gravata. Fazia horas que se barbeara. Não acendera a luz do saguão. A penumbra fazia a camisa parecer mais clara, e os olhos de um verde mais profundo.

Kyra torceu para não estar ruborizando.

— Há algum motivo especial para você estar usando a porta da frente? — ele quis saber.

— Para ser franca, sim. Cláudia acha que tem algo acontecendo entre nós.

— A moça do chapéu?

— Garanti a ela que não é verdade.

— E a moça acreditou?

Kyra não esperava por aquela pergunta.

— Por que diz isso?

— Sem motivo, mas Cláudia me pareceu ser muito astuta.

— Não existe nada entre nós, Daniel.

— Certo.

Ela respirou, por fim.

— Mas é possível que Cláudia tenha notado que sinto-me muito atraído por você.

— E isso é algo perigosíssimo para uma mulher cujo ego está ferido porque o marido procurou outra.

Daniel a encarou.

— Quer entrar? Kyra fez que não.

Ele saiu para ficar com ela. No momento em que a porta se fechou, Kyra se deu conta de que cometera um erro. A pequena varanda de acesso era estreita, as casas da travessa do Capitão, isoladas demais, e a noite de verão, quente e tranquila.

Tomando cuidado para não tropeçar, Kyra se afastou o quanto pôde. Uma brisa muito leve passou por eles, e ela suspirou.

— Você nota quando eu entro na sala, não importa com quem esteja falando ou quantas pessoas se encontrem presentes?

— Meu Deus! — Ela levou a mão à boca.

Cláudia dizia que era ótimo Kyra não ter optado por uma vida de crimes, porque não conseguia esconder nada do que lhe ia no íntimo.

— Foi o que imaginei.

Virando-se devagar, Kyra olhou para ele. Tinham comentado antes sobre a atração mútua, mas aquilo era bem diferente. E você percebe quando eu entro na sala, Daniel? Sem importar com quem esteja falando ou quantas pessoas se encontrem por lá?

— Sim. Kyra cerrou as pálpebras.

— Lamento ter perguntado.

— Desde o momento que a vi pela primeira vez, tenho vontade de beijá-la.

— Não diga isso.

Não importava que o cavalheiro nele o impedisse de mencionar que fora ela quem iniciara aquela conversa. Ouvi-lo dizer aquilo a punha louca.

Daniel notou que Kyra girava a aliança no dedo.

— Sophie contou que você vai se divorciar. Ela baixou as mãos.

— Não devia ficar surpresa por minha filha ter falado. Sophie disse para Archie, também. Ele falou que não é porque as pessoas se divorciam que deixam de amar uma à outra.

— Está tentando dizer que ainda ama seu marido?

— Não sei o que sinto por ele. Penso que Archie se referia sua mãe.

— Mesmo?

— Ela nunca casou de novo, não é? Nem ele. Já quis saber o porquê?

— Sempre tive a sensação de que mamãe gostava da liberdade que tinha.

Kyra teve de se conter para não admoestá-lo. Homens eram tão obtusos! Mesmo sendo psiquiatras.

— Pode ser. Ou talvez fosse outra coisa. Pergunte para seu pai.

— Seria melhor se eu pedisse para Sophie perguntar. -Daniel sempre fazia piada com assuntos sérios. O que a fez lembrar-se das cinco classificações de Carter para os homens. Mas só conseguia recordar quatro delas.

Por que estava ali, no escuro, ponderando sobre isso, não sabia dizer.

— Tem algo que quero esclarecer, Daniel.

— Estou ouvindo.

— Temo ter lhe dado uma impressão errada. Entenda, Cláudia sugeriu que o caminho para o coração de um homem passa pelo estômago...

Ele riu.

— Creio que sua amiga concordará que existem também outros caminhos além desse.

A quinta classificação de Carter emergiu de sua memória. Daniel, sem dúvida, era um espertalhão.

— Preciso ir.

— Se quiser...

— Então, boa noite.

— Boa noite, Kyra. Nenhum dos dois se moveu.

— O que faremos quanto a isso? O suspiro dele soou alto.

— Como assim?

— Quero que você pare de ser um psiquiatra e me responda. As sobrancelhas dele se arquearam.

— Não analisei a questão. Não me permiti estudá-la. Tudo o que sei é que parece algo perigoso, proibido e estimulante. Não faço ideia do que fazer, além de procurar resistir.

— Claro. Você conseguirá. Eu também. Nós dois vamos resistiremos.

Daniel pegou uma rosa da treliça ao lado da porta. Cheirou-a e entregou-a para Kyra.

— A lagosta e a salada de tangerina estavam deliciosas. E a sobremesa! Foi só experimentar, e não pude parar de comer.

— Talvez seja melhor eu trazer algo um pouco menos...

—... suntuoso?

Sim, sem dúvida ele era um espertalhão.

— Archie comeu?

— Um pouquinho.

Suspirando, Kyra começou a descer a escada, levando a flor.

— Eu perguntaria a ele, Daniel. Antes do final do verão.

Daniel ouviu o som que vinha da televisão de Greta ao passar diante do quarto dela, quando foi ver como estava o pai. O som não encobria o ronco da enfermeira. Ouviu barulho vindo da sala, o que significava que Archie continuava desperto.

"Eu perguntaria a ele", dissera Kyra. "Antes do final do verão." Ou seja, antes que fosse tarde demais.

Archie não devia sair da cama sem assistência. Mas insistia em usar um andador, e colocar um pé diante do outro era uma diligência que seria admirável se não fosse alimentada por pura teimosia. Levava um longo tempo para ele ir e voltar do banheiro. Seria muito mais simples se aceitasse auxílio. As vezes Greta o ajudava, mas Archie não permitia que Daniel o apoiasse.

Archie não usando mais outra roupa além de pijama. Apesar do elástico na cintura, era incrível como não caía, pois estava muito magro e encovado, os olhos e a pele amarelados.

— Você não comeu muito no jantar, pai.

Segurando-se nas grades, Archie sentou-se no colchão. Tinha de recuperar o fôlego antes de conseguir falar:

— Esposas e comida caseira amolecem um homem. Com uma lentidão dolorosa, ele se deitou de costas. Daniel teve de ficar observando aquele senhor frágil entrar sob as cobertas.

— E as esposas de outros homens o fazem... — E foi acometido de um ataque de tosse. Quando passou, Archie cerrou as pálpebras.

Imaginando se o pai sabia sobre seus sentimentos em relação a Kyra, Daniel sentou-se na cadeira mais próxima.

— As esposas de outros homens fazem o que, pai?

Com a respiração pesada por causa do esforço, Archie moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Você ia dizer que as esposas de outros homens fazem dele um estúpido?

— A maioria de nós não precisa de ajuda para ser estúpido.

— E daí? O que ia falar?

— Esqueça.

— É por isso que mamãe o deixou? Porque você teve casos com mulheres casadas?

Archie olhou para o teto ao responder:

— A primeira vez que vi Yvonne, soube que precisava tê-la. E também não levou muito tempo para conseguir.

Daniel podia jurar que Archie adorava ser rude.

— Ela se entregou bem depressa. Yvonne sabia como eu era. Conhecia os planos. Grandes planos... Conteí a sua mãe sobre o que eu queria no dia em que nos conhecemos. Eu a olhei por trás do balcão da Saks, e foi como se alguém tivesse atingido minha nuca com uma pá. Nunca tinha acontecido antes. Nem tornou a acontecer.

— Está dizendo que todas as outras não significavam nada? Daniel compreendeu que Archie amava sua mãe.

— Então por que a enganou, pai?

— Não a enganei. Não no começo.

— Quando começou? Archie meneou a cabeça.

E Daniel achou que havia uma questão melhor.

— Por que começou?

A expressão de Archie mudou, assumindo uma frieza e amargura que Daniel nunca compreendeu.

— Talvez esse seja o tipo de homem que sou. E não disse mais nada.

Daniel não acreditou. Havia algo por trás daquilo.

— Agora, vá embora. Saia daqui e deixe um moribundo dormir.

## CAPÍTULO XI

Kyra trancou a porta da frente. Eve e Sophie conversavam sobre um livro que ambas estavam lendo ao mesmo tempo. Os comentários de Sophie pareciam mais lamentações.

As três pararam com o que faziam quando a perua da floricultura estacionou diante da Casa de Pedra. Samantha Bell desceu dela, trazendo uma caixa branca longa e estreita.

Samantha era amiga de Eve desde a infância, e se casara com Jay Bell, o filho do dono da loja de flores, e passou a trabalhar lá como se tivesse nascido no negócio.

— Olá, Kyra. E você deve ser Sophie. Sua tia Eve me falou que era uma garota linda.

— Essas flores são para mim?

— Não, Sophie, são para sua mãe. Mas diga, você costuma receber flores?

— Bem... não.

Samantha entregou a caixa para Kyra, sorrindo, como de hábito.

— Quem mandou? — perguntou Sophie. Samantha piscou para ela.

— Ele garantiu que sua mãe saberia. Kyra sentiu algo inesperado e agradável dentro do peito, e ergueu a tampa. Havia um cartão sobre o papel macio: "Com todo meu amor, Colin".

— Kyra?

— Hum?

— Não quer pôr as flores na água? — sugeriu Eve. Kyra fez força para voltar ao normal.

— Sim, claro. Já volto.

Kyra colocou-as num vaso. Duas dúzias de rosas brancas. Ali perto, uma latinha velha de refrigerante continha o solitário botão de rosa vermelha que Daniel lhe dera. Enquanto olhava, uma pétala caiu do botão. Ela podia jogá-la fora. Mas, sem saber por que, guardou-a.

Voltando as costas para as flores e para as emoções conflitantes, saiu da casa. Samantha tinha ido embora. Sophie sentara-se no banco de trás do carro.

— Agora Colin resolveu mandar flores? — Eve a esperando a soleira.

Kyra assentiu. Não contou que achara que o presente fosse de Daniel. E também não comentou de seu grande desapontamento por não ser.

Daniel não ligava mais de noite. Era terça-feira, e não o via desde sábado. Não imaginava por que sentir falta dele, mas volta e meia seus pensamentos se voltavam para as conversas noturnas.

Sophie tinha ido mais cedo visitar Archie, mas voltou logo porque ele dormia. Aliás, Archie dormia cada vez mais.

Entrando no veículo. Kyra levou Sophie e Eve até a loja de noivas para experimentarem pela última vez os vestidos. O casamento seria em apenas duas semanas e meia. Os convites foram enviados, os preparativos finais estavam sendo realizados.

Como a união fora decidida de repente, não havia tempo para mandar fazer os trajes, por isso Eve

escolheu um já pronto.

Mais tarde, ao retornarem, Sophie colocou Fofura no colo e pôs-se a acariciá-la. Mantinha-se calada desde que o mimo de Colin chegara para sua mãe.

Animou-se um pouco quando Rebecca Callaway ligou para convidá-la para pernoitar em sua casa, mas ficou quieta durante o trajeto até a fazenda.

— O que a está preocupando, Sophie? A menina deu de ombros.

— Você não falou muito a tarde toda, filha. Não gostou de seu vestido?

— É bonito.

— Eve esperava que você tentasse convencê-la de que devia entrar na igreja a cavalo.

Ela esboçou um rápido sorriso.

— Acha que titia pode concordar?

— Duvido. Sophie suspirou.

— É estranho...

— O que, meu bem?

— Tia Eve e Carter vão se casar logo. E você e papai irão se divorciar.

— É, parece mesmo esquisito.

— As rosas não ajudaram um pouco?

Kyra olhou para a filha. Como explicar algo assim sem pôr a culpa em alguém?

Pete Callaway acenou da cerca que consertava, perto da entrada. Atrás dele, dois potrinhos corriam de um lado para o outro, no cercado. No mês anterior, um dos cavalos dos Callaway se assustou por um trovão e pulou a cerca, causando o estrago, antes de ser atropelado por um caminhão. Como resultado, o animal ficou cego de um olho e tinha uma pata engessada. Voltaria a andar, mas não serviria mais de montaria.

— As flores são lindas, Sophie, mas flores não podem refazer um casamento, da mesma forma como não podem consertar Stomper. Entende?

— Está dizendo que se papai fosse um cavalo ele estaria no pasto com o velho Stomper?

Kyra engasgou.

— Não foi bem isso, Sophie.

— Rebecca diz que se o pai delas ao menos olhasse para outra mulher, Ginger o mandaria para a fábrica onde usam cavalos velhos para fazer cola.

Ginger estava coberta de razão.

— Não sabia que seus pais ainda são donos do lugar.

— E não são, Kyra. Minha mãe é. — Cláudia examinava o conteúdo de um grande baú casa da rua Maple, onde crescera.

Os Reynold enriqueceram com a Bolsa de Valores. Ter sorte era comum na família. Cláudia não parecia achar que isso era necessariamente algo bom. A família foi morar no sul da França pouco depois de Cláudia terminar o colégio, e o casal se divorciou pouco depois.

— Minha mãe ainda é ligada demais a esta casa para vendê-la, por isso paga uma limpeza uma vez por ano para acabarem com as teias de aranha.

Kyra pensou nisso. Seus pais preferiam vidas calmas e bem ordenadas, e a mãe de Sara nunca gostou de Cláudia. Agnes não gostava de ninguém, na realidade. Mas as meninas iam sempre ali, naquela casa. E naquela noite parecia com os velhos tempos.

— Voltando a Sophie, o que você disse para ela?

Kyra puxou o zíper de um antigo vestido de baile que experimentava.

— Que são necessários dois para fazer um casamento funcionar.

— Essa sua auréola nunca parece um pouco apertada? Auréola? Kyra virou-se, tentando olhar as próprias costas.

Sara ajudou-a com o zíper.

— Acha que eu devia dizer que o pai dela é um idiota?

— Agora que você mencionou...

— Não quero ensinar minha filha a ser vingativa. Não é fácil me conter para não falar certas coisas sobre Colin. Acha que seria melhor se ela odiasse o pai?

Kyra imaginou que a vontade de Cláudia era afirmar que sim, mas ela não conseguiu.

— Você está certa. Sophie terá muito tempo para odiá-lo depois que crescer. Além do mais, em seu caso, são precisos mesmo dois para fazer um matrimônio dar certo. Um para ser cretino, outro para perdoá-lo.

Até Sara achou graça do comentário.

— O que Sophie diz sobre o que está acontecendo entre vocês dois?

— Ela não gosta, mas acho que está se adaptando.

— É brincadeira, não é?

— Conversei com minha filha a respeito, Cláudia.

— E?

— E às vezes ela fica triste, ou pensativa, mas no geral, creio que consegue lidar bem com a situação.

— Sem querer ofender, amorzinho, mas conheci sua filha, e Sophie não me pareceu do tipo que aceita algo assim sem lutar.

Kyra se voltou para Sara.

— Já notou como as pessoas que não têm filhos sempre querem dar conselhos sobre como lidar com eles?

— Pode falar quanto quiser, mas prepare-se para uma explosão de Sophie. Foi o que eu fiz quando descobri que meu pai ia morar com uma garota só alguns anos mais velha que eu.

— Isso foi algo bem diferente, Cláudia. E você era mais velha. Sophie sabe que Colin a ama. E tudo o mais está fora do controle dela.

— Mais um motivo para ficar furiosa.

Kyra ainda pensava nisso quando Sara deu um passo para trás.

— O que você acha? — ela indagou, tímida. Cláudia e Kyra a analisaram.

— Que devia haver uma lei contra vocês duas experimentarem minhas roupas velhas. — Cláudia sorriu.

Kyra mirou o reflexo delas duas no espelho do outro lado do quarto. A antiga saia e blusa que Sara pusera estavam amassadas e com buracos de traça. E o vestido de Kyra não tinha um dos enfeites do ombro.

Kyra fitou Cláudia, que pusera uma calça de jogador de futebol americano.

— Isso aí não era de Jason Zimmerman?

— Sem dúvida. Ele a usou na noite em que fez o touchdown da vitória nos últimos três segundos da última partida do campeonato. Fomos campeões estaduais naquele ano.

— E como você acabou ficando com a calça dele? Cláudia respondeu sem tirar se desviar da carta que lia.

— Dei algo para ele. Era apenas justo que Jason me desse algo em troca.

— Quer dizer que... você e Jason... Cláudia assentiu.

— Não está brincando, está? — insistiu Sara.

Cláudia primeiro deu de ombros, então fez que não com a cabeça.

— Nunca brinco quando o assunto é sexo.

— Quem foi seu primeiro, homem?

— Acho que foi ele, Sara. Kyra e Sara se espantaram.

— E você nunca nos contou?!

— Não havia muito a contar. Jason era muito melhor jogando futebol americano, pode acreditar. Escutem isto. — Cláudia mostrou o papel amassado. — "Cláudia, Cláudia. Vim te ver. Muito humilde e curvado com meu joelho machucado. Por que, você quer saber? O que posso querer? Pedir por um simples beijo no rosto. E lhe darei outro nos lábios com muito gosto. E então em meus braços vou tomá-la."

— De quem é isso? — Kyra arqueou uma sobrancelha. Cláudia examinou a folha, na frente e atrás.

— Não está assinado.

— Um garoto escreveu uma carta de amor com rimas para você, e não lembra quem foi?

— Ah, muitos garotos me escreviam. Metade das mensagens eu nem mesmo lia. — Cláudia empurrou a caixa de cartas na direção delas. — Vejam, se quiserem. Talvez consigam reconhecer a letra do poeta.

Kyra piscou para Sara.

— Sempre me perguntava o que ela fazia enquanto eu estava na equipe de debates e você estudava piano.

A verdade era que Cláudia fizera parte de mais clubes e organizações do que as outras duas. As três haviam se formado no colégio perto do alto da lista. E depois da formatura, a vida as levou em direções diferentes. E era curioso o fato de se reunirem ali, onde tudo começou.

Permaneceram na casa de Cláudia por mais de uma hora.

Sara contou sobre sua vida com Roy, Kyra relatou o incidente com o espinafre, e informou que Colin mudara a senha do computador. Sara e Cláudia concordaram que era algo suspeito.

— Conte sobre Julian — pediu Kyra.

— Bem...

— Vamos lá, Cláudia. Onde foi achar um homem que adora artelhos?

Ela respirou fundo.

— Conheci Julian na Inglaterra. Vocês não iam acreditar no sotaque de Hugh Grant dele.

— Há quanto tempo estão juntos?

— Não estamos.

— Vocês romperam?

— Não. — Cláudia sentou-se no chão, de pernas cruzadas. Usando a calça vinho e um chapéu roxo que achou por ali, apontou para uma página no livro de formatura. — Olhem estas fotos. Kyra, você levou a equipe de debates ao concurso nacional três anos seguidos, e Sara tocou piano em todos os cantos.

— Esqueça a equipe de debates. O que quis dizer com isso de você e Julian não terem rompido?

— Julian e eu não somos um casal, e nunca seremos.

— Sendo assim, como é que você... e ele... — Sara não sabia como continuar.

— Está dizendo que conheceu um sujeito na rua que faz coisas deliciosas com os dedos de seus pés, entre outras coisas?

— Claro que não o encontrei na rua, Kyra. Julian cresceu em Londres, em um local de alta classe chamado Astwood Mews. Os pais dele ainda vivem lá. Eu os conheci. São muito bem educados e riquíssimos.

— E o que eles acharam de o filho ser visto com uma americana?

— Estavam tão ocupados ficando bravos com Julian que mal me notaram.

— E por que ficaram bravos com ele?

— Julian tende a não terminar o que começa.

— Tal como?

— Foi o campeão nacional de sinuca no ano em que o conheci, mas nunca mais jogou. Quase se formou em administração e advocacia.

— É advogado?

— Não fez o exame da ordem.

— Então esse homem...

— Na verdade, é mais um rapaz...

— Qual é a idade dele?

— Tinha vinte e cinco quando o conheci, Sara. Acho que tem vinte e oito, agora.

— Esse jovem homem.. — disse Kyra, com ênfase — ...e você não são um casal, mas o sexo entre os dois é maravilhoso? O que ele faz?

— Isso é pessoal, Kyra!

— Quero saber o que ele faz para viver, boba! Com o que Julian trabalha?

— Ah, isso... Bem, é vice-presidente da *Chapéus*. Kyra e Sara arregalaram os olhos.

— Você dorme com seu vice-presidente?!

— Julian não era meu vice-presidente quando o conheci,

Sr a. Mas, falando sério, ele e eu não dormimos quando estamos juntos.

As três gargalharam.

— E o que você veio fazer aqui em Alcott?

— Eu queria saber, Kyra. Quando meu dedão começa a coçar, é porque está na hora de mudar.

— Voltou por causa do seu dedão?! — Sara ficou confusa. Cláudia olhou para as amigas.

— Acho que sim. E havia também aquele recado em minha secretária eletrônica de duas queridas garotas, completamente bêbadas.

— Você é louco, Brian! — Cláudia afirmou. — Estou surpresa por ninguém tê-lo processado.

Aquela era a abertura perfeita para Carter contar sobre suas cinco classificações dos homens. Kyra tomou um gole do vinho, e Cláudia bebeu sua cerveja. Sara preferira ir para casa.

O grupo na Taverna da Dusty era bastante curioso. Os três irmãos McCall estavam lá. Jack com a mulher, Liza, que Kyra conheceu naquela noite; Brian e a noiva, Natalie Harper, e Carter e Eve. Ao redor deles encontravam-se os frequentadores costumeiros do bar, a duas outras mesas, além da dona do estabelecimento, o garçom e um jovem pescador em uma ponta do balcão.

O grupo dos irmãos McCall celebrava o resultado dos testes preliminares da última quimioterapia do filho de Jack. Tommy melhorara, e Jack e Liza ficaram mais otimistas.

Kyra não conseguia sequer imaginar pelo que eles vinham passando. Mas Tommy vinha melhorando, e isso era um excelente motivo para juntar três mesas no fundo da taverna, perto da mesa de sinuca, e convidar Kyra e Cláudia para acompanhá-los.

Kyra se acomodou em um lugar diante de Eve e Cláudia, de onde podia ver o pescador no balcão.

A Taverna da Dusty ficava na praça da cidade, entre a farmácia e a floricultura. Kyra não entrava lá fazia quinze anos. O assoalho ainda era de tábuas de pinho riscadas pelos pés das pessoas, as paredes, de painéis de madeira, o teto, alto e escuro.

Kyra gostou da ruiva casada com Jack, Liza, e, apesar das óbvias diferenças entre Natalie e Brian, os dois pareciam muito ligados um ao outro. Eve ia tornar-se parte de uma família muito interessante.

Kyra pensava nisso quando notou o pescador indo até a jukebox. E ela não foi a única. Vendo Cláudia correr para ajudar com a escolha da música, Kyra imaginou se a amiga não iria conseguir satisfazer seu desejo naquela noite. Tentou lembrar se alguma vez presenciara Cláudia não conseguir o que queria.

Cláudia e seu novo amigo passaram os vinte minutos seguintes conversando junto da máquina, selecionando uma música depois da outra. Quanto mais falavam, mais perto iam chegando um do outro, até que a mão dele foi parar nas costas dela, e os lábios chegaram a centímetros de sua orelha. Pareciam

muito entrosados quando vieram para a mesa dos amigos.

— Pessoal — disse Cláudia —, este é Si Colter. Si, estes são Kyra, Eve e Carter, Brian e Natalie, Jack e Liza.

Si não era tão jovem quanto parecia, de longe. E também não era um pescador, mas tripulante de um barco de observação de baleias.

— Eu me lembro de você — Liza comentou.

Jack recordou que tinham se conhecido em uma excursão para observar baleias alguns meses atrás, o que fez todos começarem a conversar sobre aqueles magníficos animais. O clima era jovial, a conversa, animada.

E, lógico, Cláudia era a mais animada de todos. Inclinando-se sobre o tampo, na direção de Kyra, sussurrou:

— Se eu jogar as cartas direito, nós duas vamos realizar nossos desejos esta noite.

— Como assim?

— Ei, Daniel! Venha aqui!

"Cláudia disse Daniel!" Kyra virou-se na cadeira, e ali estava ele, aproximando-se. Engoliu em seco.

Não havia nada de novo ou de especial nele, mas ela não se sentia assim esfuziante quando algum outro homem entrava.

Portanto, isso era felicidade, alegria borbulhante.

Carter fez as apresentações e pediu mais uma rodada de bebidas.

O único lugar vazio era aquele à cabeceira, entre Kyra e Eve. Daniel sentou-se ali, com o joelho tocando o de Kyra. Ela afastou a perna, continuando a conversa com o grupo.

Daniel também falou, mas na maior parte do tempo Kyra o pegou a olhá-la, como se estivesse tão contente em vê-la quanto ela.

Não podia evitar. Gostava dele, de sua aparência, do modo como falava, das coisas que dizia. Até mesmo da forma como Daniel resistia. Era tão honrado, difícil e atraente...

Cláudia desafiou Carter para um jogo de sinuca, e ele cometeu o erro de aceitar. Sendo um McCall e um cavalheiro, deixou que ela comesse. Sendo mulher e não tendo nada de boba, Cláudia aceitou e começou a encaçar uma bola após a outra. A cada uma que caía, mais gente se juntava para ver. De repente, Kyra e Daniel eram os únicos que restaram à mesa.

— Você vem sempre aqui?

— Não esperava encontrá-la aqui — Daniel disse ao mesmo tempo em que ela.

Os dois sorriram.

— Não — ele afirmou.

— Foi ideia de Cláudia.

Mais uma vez, falaram ao mesmo tempo.

Silêncio.

Aquela sensação de estranheza entre os dois era nova.

— Você joga, Kyra?

— Sinuca? Não como Cláudia. E você?

— Prefiro xadrez.

Por razões que não tentou explicar, Kyra apreciou aquilo também. Contou a Daniel sobre os planos de casamento de Eve e o aniversário de Sophie, que estava chegando, e de algumas das cartas de amor de Cláudia. Não mencionou as flores de Colin. Daniel falou mais sobre os pais, onde estudou, a vida em Boston e Greta.

— Acho que não devia ficar surpreso por ela gostar de fígado.

— Greta comeu o patê? Daniel assentiu, e ela deu risada.

— Era para ser uma piada. Não achei que alguém fosse comer.

— Greta o passou em alguns biscoitos e dividiu com meu pai.

Kyra notou outra vez que seu joelho estava apoiado no dele. Moveu-o. E a cada vez ficava mais difícil afastá-lo. Atrás deles, Cláudia e os demais comemoraram.

— acredite, Carter, o fato de ninguém compreender você não o torna um artista.

— Arrume as bolas de novo, moça do chapéu, e prepare-se para engolir essas palavras. Dessa vez, eu começo.

Kyra e Daniel não prestavam atenção. Conversavam sem parar, reparando apenas um no outro.

Os amigos voltaram para a mesa, Carter resmungando e os demais rindo.

— Meu Deus! — exclamou Cláudia. Todos se voltaram para onde ela olhava.

— Não sei se ele é um deus — dizia Natalie —, mas o camarada é bonito o bastante para ser.

Si colocou o braço nos ombros de Cláudia, que indagou:

— Julian Bartholomew, o que está fazendo aqui?!

## CAPÍTULO XII

- Ela disse Julian Bartholomew?

— Sim, Eve, você o conhece? — quis saber Liza.

— Não, mas é um belo nome.

— E algo me diz que é um homem e tanto... — comentou Natalie.

Cláudia fitou o teto, pois já ouvira tudo aquilo antes. As mulheres sempre adoravam Julian. Incluindo as inteligentes e educadas. Até as que odiavam homens. Já vira avós de cabelos brancos fazerem propostas para ele, além de donas-de-casa, executivas, prostitutas... enfim, todo tipo de mulher, e um ou outro homem também.

O que Cláudia podia dizer? Ele era belo, um Davi de Michelangelo, com uma ou outra exceção óbvia.

— Com licença? — Jack McCall sorriu.

— Vocês se lembram de nós, não é? — Brian acenou a mão.

— Os homens por quem estão perdidamente apaixonadas, lembram?

Liza, Eve e Natalie passaram os braços pelos de seus homens. Kyra achou graça, e encorajou Cláudia:

— Você está bem?

— Quem, eu? Não estou sempre bem?

A jukebox do Taverna da Dusty não continha nenhuma música mais nova do que quando Dusty Anderson herdou o lugar do pai, em 1983.

Uma velha canção do conjunto Abba tocava naquele momento. Era uma infelicidade, porque a mesma melodia tocava na noite em que Cláudia e Julian se conheceram. Ele a chamou de sua rainha da dança na primeira vez em que eles...

Ela afastou a lembrança. Mas coincidências como aquela eram perturbadoras. E também, se pudesse acusar apenas a música por seu coração acelerado...

— Vamos recomeçar. É Julian, não é?

Se Carter estivesse mais perto, Cláudia teria chutado a canela dele. Decidido, anos atrás, que existia uma conspiração entre os homens, e a melhor coisa que uma mulher podia fazer era aprender a lidar com isso.

— Não quero me intrometer. — Julian olhava para ela e para Si.

"Deus, Si, o observador de baleias um tanto bêbado, que acaricia minhas costas, torcendo para ter a chance de explorar outras áreas..." Cláudia se esquecera dele.

— Bobagem.. — Carter sorriu de maneira franca. — Quanto mais, melhor.

O olhar duro que Cláudia lançou para Carter foi uma completa perda de tempo. Ele não a fitava. Ninguém o fazia. Todos mantinham os olhos fixos em Julian.

Si enlaçou a cintura dela.

— Não se preocupe. — Si devia achar que sussurrava. — Se o sujeito lhe causar problemas, acabo com ele.

Ela tentou libertar-se de Si.

— Ninguém vai acabar com ninguém — declarou o xerife McCall.

Julian aproximou-se do bar.

— Pode me dar uma cerveja?

Julian vestia jeans desbotado e uma camisa de fio fino, que lhe caía como uma luva. Só um inglês podia usar algo naquele estilo e naquelas cores. Era um rapaz lindo, e costumava administrar isso muito bem.

Si, por outro lado, não estava aceitando bem a chegada de Julian. Mais um pouco e o jovem marinheiro ia tentar marcar seu território.

Antes de as coisas ficarem feias, Cláudia se dirigiu a Julian.

— Você devia estar em Baton Rouge. Ele demorou para responder:

— Terminei mais cedo.

— E o acordo?

— Ah, isso... Falei para eles esquecerem. Aumentaram muito a oferta antes de eu sair. Você estava certa. Deixou de ser difícil. Eu trouxe os contratos.

— E é algo assim urgente? Julian deu de ombros.

— Então me seguiu até aqui?

— Você me conhece bem melhor do que isso. Estou tirando férias. E também pode me chamar de curioso.

— Eu o chamaria do que ele quisesse, Cláudia — Natalie brincou.

O comentário fez Cláudia se dar conta de que não estavam sozinhos. E era terrível que precisasse ser lembrada de algo assim.

Kyra fez as apresentações, enquanto Dusty, a proprietária, veio com uma bandeja trazendo a cerveja de Julian. Cláudia pegou a garrafa da bandeja e a empurrou na mão dele.

— Sente-se — convidou-o Cárter.

— Agradeço o convite, porém, estive sentado por horas. Acho melhor ficar em pé. Mas bem que poderia jogar sinuca.

— Você joga? — Cárter arqueou uma sobrancelha.

— Estou enferrujadíssimo.

— Mesmo?

Como Cárter tinha convidado Julian a se sentar contra sua vontade, Cláudia não viu razão para salvá-lo dos tubarões. Foram todos para a mesa de sinuca de novo. Dessa vez, Kyra e Daniel os acompanharam.

Julian fez um show do processo de escolher um taco.

— Bela cidadezinha vocês têm aqui, Cárter.

— Parece.

— Este bar fez com que eu me lembrasse das tavernas lá de Londres.

— É mesmo? que interessante.

— Adoro a Inglaterra.

Cárter pareceu ficar pensando naquilo. Não tinha ideia de que Julian só estava lhe dando linha.

— Sou um artesão local, e acho que a conversação é uma arte perdida em si.

— Boas falas. — Julian meneou a cabeça. — A conversa é barata porque a oferta excede a demanda.

— Um otimista acha que este é o melhor dos mundos. E um pessimista teme que isso seja verdade.

— Em apenas dois dias, amanhã será ontem.

— Um dia sem um raio de sol é como a noite. Cláudia teve vontade de gritar.

Eles deviam estar jogando sinuca. Em vez disso, trocavam frases absurdas como se fosse uma partida de pingue-pongue. A conspiração entre os homens seguia firme e forte.

— Vocês vão jogar ou ficar só falando? — reclamou Brian. Cláudia poderia ter lhe dado um beijo.

Carter venceu no cara ou coroa e acertou a bola cinco na caçapa do meio com a primeira tacada, e encaçapou outras três, antes de errar. Não foi mal. Ele até que jogava bem.

Então foi a vez de Julian, que acabou com as bolas todas.

Carter não ficou feliz.

— Você chama isso de enferrujado? Julian sorriu.

— Se eu estivesse em forma, teria vencido o cara ou coroa também.

Querendo ganhar alguma coisa, Carter colocou os cabelos por trás da orelha e se empertigou.

— A consciência é aquilo que dói quando tudo o mais parece ótimo.

Julian apoiou as mãos nos quadris.

— Mesmo que esteja no caminho certo, você é atropelado se parar.

Eles começaram de novo. Cláudia não conseguia acreditar.

— A diferença entre obstáculos e tijolos é...

—... o modo como você os usa — completaram os dois em uníssono.

— Ah, eu não aguento mais! — declarou Cláudia. Julian suspirou.

— Acho que essa é minha deixa para ir embora.

— Para onde vai? — perguntou ela.

— Para onde eu quiser. Concordamos que você só é a chefe no escritório.

— Ele trabalha para você?! — sussurrou Natalie.

— Quando está com vontade, sim.

Julian se despediu de todos e foi na direção da saída. Parando ao lado da jukebox, inseriu moedas e apertou um botão. Todos na taverna olhavam para ele.

— Céus... — comentou Natalie.

— É... — disse o noivo dela.

As mulheres sorriram. Exceto Cláudia.

Julian deu ao barman uma nota de cem dólares.

— Mais uma rodada para todos.

Si levou a mão ao pescoço de Cláudia quando o Abba começou a cantar outra vez. Ela se empertigou. Não, não Fernando. Qualquer música, menos essa.

Afastando-se de Si, encarou-o.

— Se você me tocar de novo, arrancarei seu braço e baterei em você com ele!

Decidindo que sexo, ainda que com uma mulher como Cláudia, não valia tamanha dor, Si resmungou algo e foi para o balcão.

Kyra voltava da casa de Cláudia quando seu celular começou a tocar, mas preferiu não atender.

Ela e Cláudia deixaram a taverna pouco depois de Julian sair. Cláudia estava muito quieta.

— Alguma ideia de onde Julian vai ficar? — Kyra a ajudava a tirar os panos que cobriam os móveis na casa onde amiga ficaria, em Alcott.

— Não, mas fará outra grande entrada quando estiver pronto.

— Você não parece assim tão infeliz com isso.

— Sim, bem... Alguns erros são divertidos demais para serem cometidos uma vez só. — Tirou o chapéu.

Cláudia era uma pessoa livre, e Kyra invejava isso nela. Se fosse mais parecida com a amiga, teria aceitado a oferta de Daniel de lhe dar uma carona.

— Carpe diem — foram as palavras finais de Cláudia, antes de Kyra partir.

"Aproveite o dia."

Entretanto, Kyra não era assim. Apreciara a noite com Daniel. Estava com saudade dele. Teve o cuidado de não admitir isso em voz alta, assim como se cuidou para não ficar perto demais. Descobriram que podiam resistir sem ter de evitar um ao outro.

Eram amigos outra vez. Certo, nenhum deles se sentia atraído pelos outros amigos, mas ela e Daniel nutriam uma forte amizade. Só isso.

O telefone tornou a tocar. Kyra o encontrou no escuro e apertou o botão adequado.

— Estava imaginando se você não ia ligar — disse ela, sorrindo.

— Pensei que você fosse fazê-lo. O sorriso sumiu.

— Colin! Olá...

— É meia-noite.

Ele usou um tom de acusação ou era imaginação dela?

— Sim, é mesmo. — Kyra entrou na Casa de Pedra e acendeu a luz.

— Não recebeu as flores?

— Sim. Ia ligar depois. Obrigada. São muito bonitas. Ela o ouviu suspirar.

— Está chegando em casa?

— Saí com alguns amigos.

— Amigos? No plural?

— Lembra-se de Cláudia. Ela esteve em nosso casamento.

— Pelo menos você se lembra de que é casada. Kyra se empertigou, porque aquilo era uma acusação.

— Parece-me que foi você quem se recusou a conversar quando Sophie e eu estivemos aí.

— Quando estive em casa. Não está tornando isso fácil, Kyra. Mas tudo bem. Eu mereço. Então, vá em frente.

— Colin, isso não é algo que preciso pôr para fora. Não estou tentando puni-lo. Nossos dias de discussões em público terminaram.

— Sophie estava com você esta noite?

— Não. Foi dormir com os Callaway. Ela ia ligar para você. Fico surpresa por não tê-lo feito.

— Ah, sim, as meninas com os cavalos... Sophie deve ter estado ocupada demais. Sabe como nossa filha fica perto desses animais. Escute, o aniversário dela é na outra semana. Você acredita que nossa menininha irá completar treze anos?

— Pois é...

— Recordo a primeira vez que a segurei no colo. Éramos felizes naquela época, não é mesmo?

— Está tarde, Colin. E mais uma vez, as rosas são lindas.

— Kyra, espere. Estive aqui sentado sozinho, nesta casa enorme e vazia sentindo saudade de você e de Sophie. Tanto que mal consigo respirar. Quero vê-las.

— Mas mal viemos daí.

— Quero ir visitá-las.

— Aqui?

— Sim.

Colin odiava Alcott.

— Quando?

— Seu entusiasmo é animador. Mas acho que mereço isso, também. Pensei que poderia ser bom ir até aí no fim de semana antes do aniversário de Sophie.

— Isso é semana que vem.

— Sim, já determinamos isso faz um minuto. Sophie também é minha filha, e quero vê-la no aniversário dela. Quero ver vocês duas.

O telefone de Kyra começou a emitir bipes, indicando que havia outra ligação. Ela olhou o visor. Era Daniel. Deixou tocar.

— Tenho certeza de que Sophie vai adorar vê-lo no aniversário dela. E podemos conversar direito

quando você estiver aqui.

— Assim será um aniversário inesquecível.

— Ela não é idiota, Colin.

— Se temos de contar para ela, que seja no momento adequado.

— Sophie já sabe.

— O que ela quer de aniversário?

Colin sempre escolhia o que selecionar ou ignorar. Kyra respirou fundo.

— Um cavalo.

— Vamos ver o que podemos fazer. Liguei de novo em alguns dias para dizer quando vou chegar.  
Boa noite, meu bem.

E desligou. E, como de hábito, dera a última palavra. Não importava o que Colin dissesse, não ia funcionar. Nunca estivera tão certa de algo na vida como estava sobre o divórcio.

Daniel reconheceu a mulher correndo mais à frente. Conhecia aqueles passos suaves, os cabelos claros, o modo como mantinha os ombros para trás.

Kyra virou na rua do Porto bem diante dele. Era todo o Incentivo de que Daniel precisava para correr mais depressa.

A rua do Porto era estreita, calçada com pedras, com poucas casas e quase nenhum tráfego. Sendo uma corredora treinada, Kyra sempre olhava ao redor. Quando o notou, acelerou. Alcançou a rua do Pontão, e ambos pararam. Ofegante, fitou para Daniel e sorriu.

— Somos competitivos, então?

— É preciso ser também para reconhecer. Recuperando o fôlego, olharam para o mar.

Gaiotas voavam baixo, as ondas quebravam com força nas pedras. As melhores praias ficavam ao sul de Alcott. A maior parte da costa de New Hampshire era pedregosa. Ali ao lado da rua do Pontão havia uma estreita faixa de areia branca.

— Quando Eve e eu éramos crianças, nossos pais nos traziam aqui todo verão. Eles não gostavam de multidões, assim a praia Hampton ficava fora de questão. Mamãe sempre insistia que a água aqui mais para o norte era fria demais para nadar.

Kyra sorriu, imaginando a família ali.

— E vocês entravam no mar assim mesmo?

— Era mamãe quem tomava todas as decisões sobre nós, mas neste caso papai sempre se sobrepunha. Eve e eu nadávamos e brincávamos, insistindo que a água estava morna. No fim, nossos lábios ficavam roxos, e os dedos, adormecidos, e ornamos para a toalha estendida ao sol. Eu não lembrava disso fazia anos. E, agora que estou aqui, parece que foi ontem.

Daniel apontou um barco a vela no horizonte.

— Já velejou?

— Sempre fui mais uma garota de praia.

— No verão em que fiz catorze anos meu pai me levou para velejar em um barco que construiu com as próprias mãos. Não era comum eu passar as férias com ele, e nunca havia velejado, mas aprendi

depressa, ainda mais com Archie. Estávamos a uma boa distância das Keys da Flórida quando o vento ficou mais forte e entrou uma tempestade. Quase naufragamos.

— Você ficou com medo?

— Eu sabia que ele nos levaria de volta.

Daniel confiava em Archie. Por mais que houvesse algo de errado entre os dois, o fato era que também existia confiança. Ninguém sabia melhor do que Kyra como isso era importante.

Seguindo um impulso, ela se abaixou e tirou os sapatos.

— O que está fazendo?

— Quero entrar neste mar. — E Kyra saiu correndo. Daniel a alcançou

— Como está?

— Morna.

— Você é uma péssima mentirosa!

Mas ele também tirou os calçados e as meias e mergulhou os pés. "Meu Deus!" Daniel estremeceu e manteve-se atento para a aproximação de icebergs.

Os dois usavam shorts de malha. Kyra vestia uma camiseta grossa e um sutiã forte. Daniel preferia o outro, mais solto, que a viu usando da outra vez. Mas, querendo resistir, tentou pensar em outra coisa.

— Então, qual é a história entre Cláudia e Julian?

— Não sei de tudo, mas tem algo a ver com os dedos dos pés dela.

— Como é?

— Não pergunte.

— Ok...

Kyra achou graça. No momento em que Daniel decidiu se aproximar, uma onda lançou água em seu rosto, e ela, percebendo, se afastou.

Daniel passou a persegui-la.

— Quer dizer que está no clima para uma aventura perigosa...

Kyra gritou quando foi alcançada.

Virando-a de frente para ele, Daniel fixou os olhos nos lábios de Kyra. Deixou as mãos nos braços dela.

— Não é fácil resistir a uma mulher como você.

— Obrigada.

— O que está acontecendo, Kyra?

— É possível que eu venha a precisar ter minha cabeça examinada.

— E quem não precisa?

O vento fez os cabelos dela caírem sobre a face.

— O que você me diria se eu fosse sua paciente?

— Está tentando conseguir aconselhamento de graça?

Ela fez que não e sorriu. Kyra era mesmo uma péssima mentirosa.

E aquele sorriso o fez sentir um desejo profundo.

— Teria de recusá-la como paciente.

— Você iria me rejeitar?!

— Não seria ético agir de outro modo.

— Prossiga.

Apesar de a respiração dela estar mais calma, havia um ar de troça em Kyra que era novidade.

Kyra gostava dele. Era algo óbvio, e mútuo. E existia mais naquilo do que simples volúpia. Pelo menos para Daniel, que adorava estar com ela e fazê-la sorrir.

Queria beijá-la, e fazia muito tempo que não sentia vontade de beijar uma mulher apenas porque se importava com os sentimentos dela. Não que fosse algo simples. Mas queria muito beijar Kyra.

— Vamos, Daniel, explique.

— Não seria ético tratar uma mulher que eu quero levar para a cama.

Os olhos acinzentados dela demonstraram surpresa.

— Bem... vejamos. Está dizendo que não costuma fazer sexo com nenhuma de suas pacientes?

Ele mal balançou a cabeça, e Kyra continuou:

— Sempre tive curiosidade sobre psiquiatras e... Sabia que fica muito parecido com Archie quando faz assim com a boca?

— Assim como?

— Quando a torce para o lado direito enquanto arqueia a sobrancelha esquerda.

Daniel fez força para não rir.

— Você ficaria desapontado.

— Em que sentido?

— Não sou muito boa na cama.

Daniel fez um esgar de descrédito. Colin Valentine era quem precisava ter a cabeça examinada.

— Duvido. Você tem olhos de pecadora, e toda mulher com olhos assim é um furacão.

— E você conheceu muitas com olhos de pecadora?

— Estava falando de forma hipotética.

Kyra sentiu os braços dele envolverem-na, puxando-a para mais perto.

— Quer dizer que tenho olhos de pecadora?

— Eu disse que tem, não disse?

— Você está errado.

A posição do queixo dele sugeria que não costumava abandonar suas ideias. Era evidente que não era comum que afirmassem que cometera um erro.

— Sou uma boa garota, e sempre fui assim. Boa amiga, boa filha, boa irmã, boa esposa. Pelo menos até há pouco. E estou tentando com todo o afinco ser uma boa mãe.

— Há muita informação nessa sua declaração. Vou precisar de algum tempo para analisar tudo. Mas uma coisa é certa: você é tudo isso, e mais. É uma boa mulher e tem olhos de pecadora. Neles existem a verdade e a contradição.

Daniel começou a baixar o rosto devagar, para beijá-la. Tudo o que ela tinha de fazer era permitir. Era o que queria, a conexão que desejava, pela qual ansiava. Mais um momento, um instante, apenas um beijo...

— Colin está vindo para Alcott.

Seus rostos se achavam a milímetros um do outro, a água fria colidia em seus tornozelos, as gaiivotas passavam por cima. Daniel foi o primeiro a abrir os olhos.

— Quando?

— No fim de semana que vem. Por causa do aniversário de Sophie.

Uma onda quebrou, batendo nas pernas deles. Kyra tremeu, ele endireitou o corpo.

— Isso é que é acabar com o clima, não é? Mas ela não sorriu.

Daniel passou a mão pelos cabelos.

— Talvez agora seja uma boa hora para eu contar sobre Colin. ela o encarou.

Sem dizer mais nada, os dois saíram do mar e sentaram-se na areia, deixando os pés secarem.

Kyra arrancou uma folha de mato do chão e ficou brincando com ela entre os dedos.

— Colin e eu nos conhecemos no colégio e estamos casados faz catorze anos. Ele é atlético, inteligente e determinado. É inflexível, mas costuma ser gentil e generoso. Teve dois casos, até onde sei. E não quer admitir que nosso casamento acabou.

— Não deve ser fácil perder alguém como você.

— Obrigada por isso.

Sem entrar em detalhes desnecessários, Kyra falou sobre os primeiros anos com o marido. Às vezes Daniel fazia alguma pergunta, mas na maior parte ficou ouvindo.

Na noite anterior, Carter disse que a conversação era uma arte perdida. Kyra pensou que ser um ouvinte, um ouvinte de fato bom, era algo ainda mais raro.

No momento em que seus pés secaram, Kyra bateu a areia fina. Colocou as meias e os sapatos, mas notou que Daniel colocou uma meia e o sapato de um pé antes de repetir o processo no outro pé.

Colin também calçava primeiro um pé. Quando ela teria mudado? E atrás dessa questão vieram outras: quando começara a se pesar todo dia? Desde quando sofria por ignorar seus sonhos e sucumbir aos desejos de Colin?

— Tornei fácil demais para ele me moldar. Não foi culpa de Colin, mas minha. Cláudia nos visitou pouco depois que Sophie nasceu. Após ver Colin e o bebê, ela disse que eu havia me casado com um homem que era como minha mãe. Naquela época, achei que era loucura dela. Agora acho que Cláudia estava certa. Também nunca consegui definir com quem Sophie se parece. Minha filha tem alguns dos maneirismos do pai, a inteligência dele, mas várias coisas minhas. Quando tinha quatro anos, nós a levamos à Disneylândia, e ela e Colin...

Daniel adorou ficar ali sentado na areia ouvindo Kyra falar sobre sua vida com outro homem. Ele sabia ouvir. Sabia escutar o que uma mulher dizia, o que ela queria dizer e muitas vezes o que não dizia.

Kyra era mais resignada que triste, e ficara mais brava consigo mesma por ser uma tola do que com Colin por ter sido infiel, apesar de ainda estar zangada com isso.

Daniel acreditou nela quando disse que o casamento acabara, mas permanecia o fato de que Colin Valentine viria para Alcott.

Algo muito importante aconteceu naquele segundo: Daniel compreendeu que a amava.

O desejo também importava, e ficar sentado assim tão perto de Kyra não ajudava.

— Tenho de buscar Sophie às dez, Daniel.

— Dê-me um segundo para amarrar o sapato e caminharemos juntos.

Ela saltou de pé.

— Tenho uma ideia melhor.

Batendo a areia do short, começou a correr.

— Vamos ver quem chega primeiro!

Aquilo não chegava perto do que ele estava imaginando. Daniel se apressou para amarrar depressa os cadarços.

— Ei, você está com uma vantagem injusta!

— Carpe diem!

Daniel tinha trinta e nove anos, era Ph.D de Stanford e psiquiatra praticante fazia treze anos. Para ele era fácil fazer um auto diagnóstico preciso: não passava de um idiota.

Também se achava próximo demais de um motim emocional. O instante em que se encontraram não podia ser pior nas vidas dos dois.

Kyra corria a toda velocidade. Daniel tinha uma ótima vista dela por trás, de onde estava. Homens são estimulados pela visão. Era um fato comprovado. Daniel teve ali toda a prova de que necessitava.

Com vantagem injusta ou não, ele corria o quanto podia. A razão começava a perder. Afinal de contas, vinha sendo um homem por muito mais tempo do que era um Ph.D.

## CAPÍTULO XIII

Sara tomou um gole do chá quente. Detestava de chá quente, mas Agnes Walsh ensinara sua única filha a ser bem-educada. Depois de colocar a xícara no pires de porcelana enfeitado Com desenhos dourados, ela uniu as mãos no colo.

Seth retornara do acampamento de beisebol. Ah, como sentira saudade dele! Mas com a alegria veio também a realidade. A manteiga de amendoim estava no fim, e não tinha dinheiro pura comprar mais.

Sara tentava não se preocupar. O ar estava parado, o céu \* encoberto, o jardim, uma bela paleta de azuis e lavanda, brancos e rosas e amarelos, folhas verdes e manchas vermelhas.

Como iria arrumar um jantar para o filho? Seu estômago reclamava. Ignorando-o, Sara voltou a atenção para as mulheres ao redor da mesa no jardim.

Kyra e Cláudia passaram para fazer uma visita. Para Addie e Rose Lawson, visitas significavam companhia. Companhia era tratada como nobres, e nobres bebiam chá Earl Grey, de preferência no jardim que elas tanto amavam.

Sura não tinha o costume a receber amigas. Nem a conversas constantes ou chás no jardim. Mais que tudo, não estava acostumada a ser tratada como companhia. Desejava ter algum modo de retribuir a generosidade e hospitalidade delas. Kyra e Cláudia ao menos deixaram que levasse a bandeja com os bolinhos e biscoitos que Kyra fizera, assim como o bule e as xícaras.

As irmãs Lawson eram antiquadas, cordiais e, de acordo com Cláudia, um pouco malucas. Sara gostava de pensar nelas como excêntricas. Sempre discutiam uma com a outra, usavam vestidos com colarinhos de rendas e falavam em um inglês impecável. Amavam a casa, uma à outra, lembranças, o chá e suas tradições.

A sita. Addie servia o chá, e a sita. Rose reclamava com ela por colocar açúcar demais.

Os braceletes de Cláudia faziam barulho a cada gole que ela tomava. Com os cabelos escuros soltos, o vestido mais largo, cor de bronze e a pele dourada, parecia um gato malhado, mimado e sensual. A seu lado, Kyra, mais refinada e bela com calça de linho e uma blusa sem manga decorada com estampa de margaridas. Até mesmo as tias, que tinham mais de oitenta anos e com saúde declinante, mostravam-se mais vibrantes que Sara em seu vestido caseiro desbotado.

— É tão bom ver gente jovem lendo... — disse a srta. Addie. Kyra levava com elas Sophie e Rebecca Callaway. As duas estavam no banco do outro lado do jardim, com alguns livros sobre cavalos.

Os braceletes de Cláudia fizeram barulho outra vez.

— Se eu gostasse de jogo, apostaria nove contra um que as duas só vieram para tentar ver Seth quando ele voltar do trabalho de cortar grama.

Sara e Kyra trocaram olhares espantados.

— Nossa! — exclamou Sara. Kyra concordou.

Sophie não tem nem treze anos ainda. E não é quando tudo começa? — Cláudia pôs leite em seu chá. — Eu já havia beijado um rapaz com essa idade. Nunca é cedo demais para ter aquela conversa. Novas doenças estão em mutação enquanto nós, aqui, conversamos.

A que se refere, meu bem? — perguntou Addie. Sara estava curiosa de ver como Cláudia explicaria aquilo para duas senhoras idosas que nunca se casaram.

— Agora temos a AIDS, e coisas assim.

— A AIDS ainda é um problema? — Rose quis saber.

— Não se fala mais nela — completou a irmã.

Cláudia fitou Sara, Kyra e as duas senhoras de novo. Pegando um cubo de açúcar, sorriu largo.

— É verdade. Não se fala mais nisso. Imagino que já está tudo certo. Ai! Por favor, pode me passar o açúcar? Kyra devia tê-la chutado por baixo da mesa. Sara passou-lhe o açúcar

— Não me deem crédito. — Cláudia meneou a mão. — venho operando com apenas meio cérebro desde que Julian apareceu na Dusty, ontem à noite.

— Quem é Julian? — Sara ajeitou uma mecha. -Julian Bartholomew. todas encararam Addie.

— Ele é da Grã Bretanha, e foi no passado um campeão internacional de sinuca. E sei que é muito atraente também.

Ela sorriu para Cláudia. — Encontrei-me com Guenivere Sorrenson após da reunião das Mulheres Peregrinas, esta manhã. O garoto dela, Will, frequenta a Taverna da Dusty.

— O garoto dela está com mais de quarenta, srta. Addie. Guenivere mencionou onde Julian se hospedou?

Addie fez que não.

— Quando começou a falar sobre Kyra e o dr. Mackenzie, ela não tornou a mencionar seu jovem homem, meu bem.

— Ele não é meu jovem homem!

— E o que foi isso sobre o dr. Mackenzie e mim? — sussurrou Kyra, fitando as duas meninas no banco, do outro lado do jardim.

— Não creio que elas ouviram — disse Sara.

— Não se preocupe. — Rose tomou um gole. — Garanti a Guenivere que você seria a última mulher no mundo a fazer alguma coisa... desgraciosa.

Sara não sabia como lidar com a expressão de Kyra.

— Parece que perdi muito vindo para casa enquanto vocês foram para Dusty.

— Agora você não está arrependida de ter fugido? — Cláudia arqueou uma sobrancelha. — Desculpe-me, não quis dizer isso.

Sara baixou os cílios. Parecia que cada uma das Tagarelas vinha lutando com demônios internos naquele dia. Mas Cláudia tinha razão. Ela tivera medo de ir ao bar com os amigos.

— Sou uma covarde. Sempre fui fraca.

— Você não é nada disso! — garantiu Rose. — Carvalhos crescem mais fortes com o vento contrário, e diamantes são criados sob grande pressão.

— É isso mesmo — Addie deu-lhe apoio. — Nós, mulheres, somos como saquinhos de chá. A maioria não conhece a própria têmpera até se ver na água quente.

Sara não ouviu muito bem a conversa, voltando a pensar na despensa vazia, na bolsa vazia e em sua

coragem inexistente.

Tinha um filho para alimentar, vestir e terminar de criar. O que poderia fazer?

— Acho que está começando a chover, irmã.

Todas olharam para cima. O céu estava nublado, e uma garoa fina começava a cair.

Sara passou a recolher o aparelho de chá.

— Por que vocês duas não entram antes que se molhem?

— disse ela para as irmãs.

— Vamos fazer isso, meu bem. Obrigada.

Addie e Rose se deram os braços e entraram na grande casa vitoriana.

Rindo, Sophie e Rebecca correram para abrir a porta e seguiram atrás delas. Sem as vozes das quatro, o jardim ficou quieto, exceto pelo som da chuva.

Sara passou a bandeja para Kyra e o bule para Cláudia.

— Vão em frente. Eu pego o resto.

Kyra segurou a bandeja, mas não saiu dali.

— Algo a incomoda, Sara?

Ela lutou para conter as lágrimas. A gentileza magoava. Controlando-se, fitou-a.

— Minha mãe ligou esta manhã.

— Não diga. E tentou mais uma vez fazê-la se sentir culpada.

— E ela conseguiu, Cláudia.

— Sabe muito bem que Agnes é quem devia ter remorsos

— Kyra afirmou, com suavidade.

— Vocês ficarão ensopadas se não entrarem logo.

— Não vamos derreter — brincou Cláudia. — Kyra e eu vimos como Agnes a tratou a vida toda. Acho perfeito que ela fique presa em uma casa de repouso com a idade que tem. Isso só prova que o que aqui se faz, aqui se paga.

Sara olhou para as amigas. Cláudia baixou o rosto.

— Pronto, agora sou eu fazendo isso.

— Sara, tem certeza de que está bem? — insistia Kyra. Ela assentiu. Mas não estava certa. E não sabia o que fazer a respeito.

— Agora, entrem. Eu pego o resto das coisas.

Kyra e Cláudia foram para dentro. Depois de se despedirem de Addie e Rose, chamaram as meninas foram embora.

Sophie e Rebecca correram na frente, para o carro. Kyra virou-se para a Cláudia.

— Tem alguma outra coisa incomodando Sara.

— Também acho.

— O que poderia ser?

— Não sei, mas vou ligar para ela mais tarde.

— O que mais irá fazer hoje?

— Pensei em ir até a loja de produtos de beleza mais próxima e comprar tudo o que preciso para um maravilhoso banho de espuma, tratar da pele, fazer as mãos e os pés. Quais são seus planos?

Sophie tocou a buzina.

— Vou dar uma aula de culinária para as meninas e Daniel. Cláudia assentiu.

— Você vai cozinhar, e eu, não fazer nada. Se Sara estivesse tocando piano, seria como no passado.

Desceram os degraus e puseram-se a correr quando a chuvarada as atingiu.

Sara tirou a toalha de linho da mesa de ferro e a sacudiu. Seth chegaria a qualquer instante. Eram apenas três da tarde, mas ele estaria com fome.

Havia ainda um ovo e meia xícara de farinha. O leite azedou, a última maçã apodreceu. O que poderia preparar com tais ingredientes?

— Olá, Sara. Ela congelou.

— Não corra — disse Roy. — Por favor. Só quero conversar. Primeiro, Agnes. E agora, Roy.

Sara olhou para cima. Por quê? O firmamento estava com a mesma tonalidade do chumbo, uma cor bastante adequada para aquele dia.

— Não vai nem olhar para mim, Sara?

Ela virou-se devagar. Erguendo a toalha até o peito, encarou Roy.

Ele sorriu, e o coração dela acelerou por um momento.

— Viu? Você pode constatar por si mesma, não pode? Não sou mais o mesmo de alguns meses atrás.

Uma voz sussurrou dentro dela: "Os homens não mudam de um momento para outro". O dr. Mackenzie afirmara que levava anos de terapia e tratamento com drogas para um homem aprender a lidar e controlar sua raiva.

Sara deu um passo para trás.

— Mas que droga! Só quero ter uma conversa!

— Do mesmo modo como em todas aquelas vezes em que me bateu, foi a primeira vez que respondeu para ele em anos. Roy ficou tão surpreso quanto ela.

Eu disse que lamento por ter feito isso. Está tudo no passado, agora. Você está com uma boa aparência, sabia?

Chovia muito forte naquele instante. E Sara sabia qual era mui aparência. Desbotada, cansada e perdida. O que houve com suas mãos?

Os dedos mancharam de arrancar mato, a pele se feriu nos espinhos e muros, as unhas quebraram. Sara forçou-se a não esconder as mãos nas dobras da toalha.

— Tenho trabalhado pesado.

— Vamos para casa, Sara. Sei que sente minha falta. Posso ver em seu rosto.

O que ele via era fraqueza e solidão, e talvez um pouco de desespero.

— Tenho de ir ver Addie e Rose.

— Aquelas duas velhotas...

— Elas têm sido muito boas para mim. Roy torceu o nariz.

— Diga isso para as bolhas em suas mãos. Minha esposa não tem de ser empregada de ninguém. Deixei minha picape parada aqui na esquina. Vou levá-la para casa.

Sara cerrou as pálpebras.

— Não me deixe de lado, Sara. Olhe para mim.

Ela o fez. Os cabelos dele estavam ficando molhados, a camisa, grudando nos ombros. Ele era mais alto do que a média, além de forte. Muito tempo antes, Sara o considerava muito atraente.

— Você quer mesmo conversar?

O sorriso no rosto dele era de vitória. Avançou para ela.

— Não aqui.

— Por que não?

— Addie e Rose estão em casa. E Seth chegará em breve, pensou.

— Vamos conversar em nossa casa. Você ia gostar disso, não ia?

A garganta dela se fechou.

— Sei como ama nossa casa, Sara. Sente saudade dela. Eu sei. Você sente falta das cortinas que fez, daquele tapete, das cobertas que tricou. Todas as coisas que produziu estão lá a sua espera.

O estômago dela revirou. Sara adorara fazer daquela casa um lar para seu marido e filho.

— Não lá.

— Então onde? — Os olhos dele se estreitaram numa expressão de suspeita.

Sara estava com tanta fome que poderia desmaiar.

— No Restaurante Cooper?

Roy a avaliou através da chuva.

— Está bem, se é o que prefere. Podemos comer alguma coisa. Vamos.

— Tenho de tirar este vestido molhado. Eu o encontro lá em... meia hora? — Sem esperar a resposta, foi para a entrada dos fundos.

— Estou feliz que tenha recuperado o bom senso, Sara. E você também ficará. Garanto.

Ela entrou sem dizer mais nada e ficou ali, tremendo, a água pingando no chão que lavava todas as manhãs.

Por algum motivo, viu-se admirando o piano do qual tirava pó toda semana. Aprendera a tocar em um parecido com aquele. Passara a infância tocando, perdendo-se nas notas e na música que naquela época tinha dentro de si.

Roy vendeu o piano de sua mãe junto com a residência, levou Agnes para morar com eles, insistindo que o móvel pesado não ficaria bem em sua sala. Mas não fez diferença, porque àquela altura Sara já não tinha mais música dentro de si.

Bloqueando as imagens do que poderia ter sido, levou a toalha para a lavanderia, disse às irmãs que ia sair um pouco e atravessou correndo o jardim.

Tinha meia hora para secar os cabelos e trocar-se. E parar de tremer.

O cheiro da comida a atingiu assim que entrou no Restaurante Cooper. Ofegava, mas os cabelos permaneciam secos.

Dixie, a proprietária, ergueu os olhos da lousa onde escrevia o especial para o jantar.

— Já vou atendê-la, meu bem.

— Ela está comigo — anunciou Roy, que já se instalara a uma mesa.

O lugar estava quase vazio. Havia apenas um reservado ocupado, mais no fundo.

Vendo Roy, Sara teve de se forçar a ir até lá. Ele não se levantou. Roy era educado o bastante para comer com os talheres corretos, e mastigava com a boca fechada, mas não passava disso.

— Estou feliz que você tenha vindo.

— Achou que eu não viria?

Roy a analisou por um longo momento.

— Digamos que isso não me surpreenderia.

Sara notou que Roy não disse que não a culparia se não aparecesse. Seu estômago produziu um barulho alto. Ela ficou embaraçada.

— Seth e eu estamos quase sem comida.

— Tem bastante nos armários lá de casa.

Dixie apareceu para pegar os pedidos, tirando o lápis que mantinha atrás da orelha.

— O prato do dia é linguado. E a sopa é de mariscos. Mas as costeletas de porco derretem em sua boca.

— Traga a sopa e o linguado para Sara. Eu quero um filé. No ponto. E quando digo no ponto, é mesmo no ponto. Sem estar sangrando, mas que não seja uma sola de sapato. Você quer pão, Sara?

Ela fez que sim, certa de que o rosto ficara vermelho.

— E aquela salada de repolho que comi outro dia — continuava Roy. — Decidiremos sobre a sobremesa mais tarde.

Dixie se afastou, e Sara forçou-se a olhar de novo para Roy.

Não sabia por onde começar. Gostaria de falar de Seth e do que ele precisava. Roy não perguntou pelo filho. O dr. Mackenzie sugeriu que ela lesse um livro que a ajudaria a compreender. De acordo com os especialistas, era dela que o ego de Roy precisava. Eram como baterias descarregadas. As mulheres em quem batiam tornavam-se a fonte de sua energia, e eles faziam qualquer coisa para controlar a corrente, sugando-as pouco a pouco.

Roy quase conseguira.

— Preciso de dinheiro para a comida, Roy.

Ele a encarou sem piscar, então levou a mão até o bolso. Sara prendeu a respiração.

Pegando um lenço, Roy secou a testa.

— Está vendo? Viu como reagiu, mesmo depois de eu ter lhe dito que nunca mais bateria em você? Eu não vou. Mas você entende por que eu o fiz?

Três meses antes, Sara teria assentido só para atrasar um pouco o próximo golpe. Mas agora era uma pessoa diferente. Apenas ficou olhando para ele, sem dizer nada.

Dixie apareceu com uma cestinha com o pão. Apesar da tensão, Sara se encontrava faminta. Pegou a faca e cortou duas fatias. Por puro hábito, entregou a primeira para Roy. Mordeu a sua, sem se preocupar em passar manteiga. Mal mastigou antes de engolir.

— Está mesmo esfomeada, não é?

Sara quase acreditou que ele se preocupava.

— Temos muita carne em nosso freezer, além de peixe. E aqueles legumes que você plantou no jardim, no ano passado.

Seria possível que ele estivesse lhe oferecendo algo?

Sara tentara entrar na casa enquanto Roy trabalhava, pouco depois de deixá-lo. Mas sua chave não abria mais a fechadura.

E Roy mudou de assunto, contando como Hal continuava aborrecido, e sobre sua promoção na fábrica. Sara terminou a fatia de pão e cortou outra.

— Não precisa ficar com fome nunca mais, Sara. Ela o olhou.

— Só precisa ir para casa.

O ruído de pratos anunciou que Dixie se aproximava. Colocou os pratos e talheres diante deles e perguntou se queriam mais alguma coisa. Em seguida, foi até a outra mesa.

A boca de Sara ficou cheia de água ao ver a comida.

— Não concordei em vir aqui conversar com você sobre voltar para casa, Roy.

Ele parou de cortar o bife.

— Acha que não sei disso? Mas já falei, lamento o que fiz. Deixei-me levar, da última vez. Não se repetirá. Se você me perdoar por isso, eu a perdorei por ter me abandonado.

"Ele iria perdoá-la?"

Sara não conseguia acreditar naquilo.

— Liguei para sua mãe, antes de ir vê-la, hoje.

— Por quê?

— Agnes falou que já faz um tempo desde que você a visitou. Que tipo de filha é você? Eu contei que íamos nos ver.

Ela ficou muito contente por saber que é apenas questão de tempo até a levarmos de volta.

— Você não devia ter feito isso, Roy.

Apareceu um brilho rápido nas pupilas dele. Em geral, aquilo a fazia ficar imóvel.

— Eu não vou voltar. Vim aqui para informar que quero o divórcio.

Ele fechou os punhos.

— Do que é que está falando, Sara?

— Fui procurar uma advogada. Podemos fazer isso de forma civilizada, ou então um juiz decidirá quem fica com o quê.

— Sua cretina, desgraçada!

Ouvindo a comoção, Dixie se aproximou.

— Está tudo bem?

— Acho que não posso comer isso — disse Sara.

— Algo errado com a comida, meu bem?

— Não, de modo algum. — Sara olhava com desejo para o prato. — O cheiro está excelente. Você poderia embalar para mim? Vou levá-la para meu filho.

— Em um minuto. — E Dixie levou tudo. Roy baixou a entonação:

— Acha que não entendi o que está fazendo? Você me usou para conseguir ter o que comer. Você não é melhor que uma vadia de rua!

O homem que estava no reservado se levantou. O xerife McCall não chegou perto, mas garantiu que Roy o visse.

— Chamou o xerife?!

— Por que eu faria isso, depois de você ter garantido que havia mudado?

Sara não sabia por que Jack McCall estava ali, mas sua presença lhe conferiu coragem para continuar:

— Nunca mereci apanhar, Roy.

— Eu devia ter batido com mais força!

Sara já conhecia aquele olhar. Raiva, ganância, ódio. Era apenas isso que Roy tinha por dentro.

Jack McCall devia ter notado isso também, porque se aproximou. Sara o deteve com um leve aceno.

— Não, Roy, ninguém merece ser agredido. E isso é algo que não posso perdoar. Eu não vou voltar.

— Você tem um namorado. É isso, não é? Sara teria rido, se conseguisse.

— Acha mesmo que algum homem olharia duas vezes para mim?

Isso fez Roy acalmar-se um pouco.

— Uma vez eu o amei, mas cada vez que bateu em mim, cada vez que tirou sangue de meu rosto, um pouco daquele amor sumiu. E agora é tarde demais. Não existe mais nada.

— Você mereceu tudo o que recebeu, e ainda mais. Você não passa de uma... — Observou ao redor. Percebendo que havia testemunhas, Roy sussurrou: — Esqueça. Demorou demais antes de vir rastejando até mim. Está muito certa, está tudo acabado! Olhe para você. Está um lixo, Sara. Ninguém vai querer tê-la. E eu, sem dúvida, não quero!

Jogando a cadeira para trás, Roy se ergueu e saiu, batendo a porta do restaurante.

Sara não percebeu que estava em pé até seus joelhos se recusarem a sustentá-la. Caiu na cadeira. As pernas tremiam, mas conseguira. Havia enfrentado Roy!

E temia vomitar.

— Você está bem? — Jack McCall se pôs a seu lado. Sara levou algum tempo antes de conseguir falar:

— Como você sabia?

Naquele momento, Natalie Harper saiu da cozinha.

— Eu liguei para o xerife assim que você saiu de meu escritório com a ordem judicial. Pensei que alguma ajuda não seria ruim.

Sara nunca ficou tão aliviada em ver alguém em toda sua vida.

— Nem consegui tirar o papel de minha bolsa.

— Acha que precisará dela? — a advogada quis saber. Sara fez que não.

— De acordo com tudo o que li, Roy vai procurar alguma outra mulher a quem explorar.

— Posso me sentar?

— Claro, Natalie.

— Eu tenho de voltar ao trabalho — disse Jack. — Pedirei a um de meus homens que fique de olho na casa das Lawson por alguns dias.

Sara assentiu, calada. Estava acabado. Fora capaz de terminar com aquilo.

Jack e Natalie trocaram algumas palavras, mas Sara mal escutou. Ele saiu, e Dixie retornou com uma caixa de isopor. Olhando para ela com tristeza, Sara se dirigiu à dona do restaurante.

— Não posso levar isso.

— Por que não?

— Roy não pagou, e eu não tenho dinheiro. Natalie abriu a bolsa, mas Dixie a deteve.

— Não é necessário.

— Não posso aceitar caridade, Dixie.

— Se você não levar, irá tudo para o lixo. E isso seria um grande desperdício, não é?

— Seria tolice não aceitar — acrescentou Natalie.

Sara ponderou por um momento. A ideia de estar sendo tola a atingiu. Então, concordou.

— Obrigada.

— Sabia que você era uma garota esperta. — Natalie esboçou um lindo sorriso.

Sara notou que também conseguia sorrir. Dixie sentou-se numa cadeira próxima.

— Você tem um trabalho, meu bem?

— Entrego jornais de manhã e limpo a casa das irmãs Lawson, além de cuidar do jardim delas.

— Bem que preciso de uma garçonete por meio período. Sei que não é de minha conta, mas meu primeiro marido também batia em mim. Por fim, cansei daquilo e o acertei com uma frigideira grande. Lembra-se daquelas frigideiras velhas de ferro? Aquilo o fez parar. Nos dias de hoje, eu teria sido presa por fazer algo assim. Mas me dei muito melhor na segunda vez. Casei-me de novo, com um homem que sabe cozinhar. Muita gente não percebe só de olhar para ele, mas Coop é um sujeito e tanto.

Sara não soube dizer por que ouvir aquilo a fez chorar. Dixie apontou para os pés.

— Eles têm dóido muito. Então, o que acha, Sara? Está interessada?

Ela passara ali fazia um mês à procura de emprego. Dixie não estava, na ocasião. Mas achou mais sensato não tocar no assunto.

— Não trabalho desde o colégio... Dixie pareceu não ouvi-la.

— Poderia começar amanhã às oito?

Sara teria de acordar mais cedo para entregar os jornais, mas fez que sim.

Chegue meia hora antes e eu lhe ensino tudo. — Levantando-se, Dixie pegou o prato do Roy. — Espere um instante e coloco isto em uma embalagem, também.

Quando ficaram sozinhas, Natalie virou-se para ela.

— No futuro, eu deixaria sua falta de experiência fora de seu currículo. E olhe que não dou conselhos de graça. Aliás, meus parabéns. Você conseguiu.

O sino da porta tocou.

Sara ficou tensa.

As três mulheres se viraram naquela direção. Na mente de Sara, tocava uma música ao piano.

## CAPÍTULO XIV

Sara preparou-se para o pior. Imagens de manchetes sobre predadores que caçavam e matavam as mulheres que espancavam não paravam de surgir em mente.

Casos assim eram raros. Não achava que Roy se encaixasse nessa categoria. No entanto, já cometera erros antes.

Seus olhos focalizaram, e o terror sumiu. Não era Roy que voltava para aterrorizá-la, mas seu precioso Seth. Ali estava ele, com uma expressão brava no rosto, pronto para o pior.

— Addie e Rose me disseram que você veio encontrar papai aqui. — Ele ofegava.

— Você veio correndo desde lá?!

Seth assentiu, e Sara entendeu que viera para salvá-la. Garotos de quinze anos não deviam ter de salvar suas mães.

— Roy já foi, Seth.

Os ombros dele relaxaram. Talvez fosse alívio, ou a simples ausência do pavor.

Seth não gostava de demonstrações explícitas de afeição, mas Sara o abraçou assim mesmo. O garoto era bem mais alto que ela, e cheirava a chuva, grama e suor, e tinha também um aroma só dele.

— Está tudo bem, meu amor. Está acabado. Tudo terminou, Eu vou me divorciar. Conte para Roy. A casa será vendida, e não passaremos mais por dificuldades.

— E ele não bateu em você?

— Bem que quis, mas sabe que agora não pode mais fazer isso.

Seth se empertigou, desejando se soltar.

— Ah... — Sara murmurou, relutando em se afastar. —... e eu consegui um emprego.

— De que tipo?

— Sua mãe vai me ajudar aqui no restaurante — contou Dixie, que retornava com a segunda embalagem de isopor.

— Começo amanhã. — Vendo que Seth olhava para as caixas de comida, Sara continuou: — Isso quer dizer que não precisaremos mais ter de comer pasta de amendoim todos os dias.

— Não ligo para a pasta de amendoim, mãe. Às vezes. O que é isso?

— O jantar. Quer um bife ou peixe?

— Nossa, um bife?!

Seth podia estar com quinze anos, mas naquele instante parecia tão entusiasmado com a refeição como quando tinha oito e chegava ao fim da tarde em casa, cheirando o jantar, depois de passar a tarde correndo com os amigos.

— Quer comer aqui?

Ele ficou tímido, vendo Natalie e Dixie.

— Não, vamos para casa. Casa...

Não era mais o local onde Roy morava, mas sim o local onde os dois se sentiam seguros.

Saíram do restaurante. Parara de chover, porém não havia um arco-íris no céu. Todavia, Sara possuía algo melhor. Tinha comida, um emprego e também seu orgulho.

— Sua mãe sabe mesmo cozinhar.

Sophie e Rebecca estavam deitadas na cama, Sophie de bruços, Rebecca de costas, Fofura olhando de uma para a outra como que decidindo se devia ficar ali ou correr para debaixo do leito.

— Ela faz as melhores panquecas de amora que já comi. — Apoiada no cotovelo, Sophie aproximou mais a revista sobre cavalos e releu um parágrafo.

— Kyra não parece estar muito triste.

— Como assim?

Rebecca se sentou e se espreguiçou.

Sophie vira a irmã Callaway mais velha fazer os mesmos movimentos. Rachel tinha quinze anos, e já tivera três namorados.

Rebecca completara treze anos fazia quatro meses, e ficava toda esquisita quando via Seth Kemper. Sophie concordava que ele era bonito e tudo o mais, mas não entendia tanto entusiasmo. Claro que sabia que aquilo tinha a ver com crescer. Mas não queria que isso lhe acontecesse, porque crescer significava mudar, e sua vida já estava mudando muito.

— Quero dizer que sua mãe não parece triste por estar se• divorciando.

— Mamãe está triste por dentro.

Nesse momento, escutaram Kyra rir. Daniel a acompanhou, com sua risada mais grave.

Pegando a gata, Sophie caminhou até a porta, e Rebecca a acompanhou. Podiam ver parte da cozinha dali. A mãe de Sophie mexia algo em uma panela, enquanto Daniel falava.

— Eles gostam um do outro, não é, Sophie?

— Lógico, são amigos.

— Kyra ri assim com seu pai também?

— Não muito.

— Acha que ele ainda tem outras?

Sophie se empertigou. Queria que Rebecca não tivesse dito aquilo.

— Claro que não.

— Como sabe?

— Papai é muito esperto. Ele aprendeu a lição. É o homem mais bonito do planeta, e é muito sofisticado.

— Alguma vez os viu se beijando?

— Quem?

— Seus pais. Quem mais seria?

— Meu pai é da Linha Principal.

Fofura não estava gostando do carinho um tanto duro e tentou ir para o chão. Mas por algum motivo

Sophie precisava do contato com ela naquele momento, por isso não deixou. Mas passou a acariciá-la com mais suavidade.

— O que quer dizer Linha Principal?

— Quer dizer que papai é de uma boa linhagem. Todos os parentes dele sempre viveram em locais antigos e elegantes que são chamadas cidades da Linha Principal.

— Parece mais uma linha de trem, para mim.

De fato. As cidades da Linha Principal ficavam a oeste da ferrovia Pensilvânia Railroad. Todos que eram alguma coisa sabiam disso. E aqueles que pertenciam à Linha Principal não mandavam seus filhos para qualquer escola, nem dirigiam qualquer carro, nem usavam botas de vaqueiro. Jamais.

Exasperada, Sophie virou-se para a amiga.

— Bem, talvez porque você seja uma menina idiota, vivendo nesta cidadezinha sem importância, montando cavalos sem raça e limpando excremento de vaca.

— E talvez você seja uma esnobe mimada.

— Não sou.

— Nem eu não sou idiota.

— É, sim.

— Retire o que disse.

— Qual é o problema? — Sophie provocou. — Você não aguenta a verdade? Pelo menos minha amiga Makayla sabe que não se usa bota com short.

O rosto de Rebecca ficou vermelho, e um momento depois ela atravessou correndo a cozinha e saiu da casa.

A porta de tela mal havia batido quando Sophie chegou até lá.

— Algo errado com a Rebecca, filha?

— Tem muita coisa errada com ela. Rebecca é louca por garotos, é uma imbecil e tem cabelos ruivos.

— Não podemos escolher os cabelos com que nascemos. Além do mais, os dela são bonitos. E Rebecca não é imbecil, não é mesmo? — Kyra olhou pela janela. — Sophie, ela está chorando.

Sophie estava pronta para dizer as piores coisas possíveis, mas ao olhar pela vidraça confirmou o que a mãe dizia. Kyra apanhou uma caixa de lenços de papel.

— Por que não leva isto para ela e acertam tudo?

— Porque não quero.

Sophie também queria chorar, mas odiava quando a mãe lhe dizia o que fazer.

— Eu já volto. — Kyra se afastou.

Descobrendo-se sozinha na cozinha com Daniel, Sophie pensou que seria melhor se tivesse levado os lenços para Rebecca. Fofura miou, tentando descer outra vez. Sophie a soltou.

— Sua amiga fez algo que a deixou brava? — Daniel quis saber. — Ou vice-versa?

— Rebecca só sabe falar sobre garotos.

— E nada de cavalos? Ela deu de ombros. Daniel não disse nada.

— É fácil para Rebecca.

— O quê?

— Garotos. Amigos. Tudo. Afinal, com o que mais ela teria de se preocupar?

Daniel apoiou-se no balcão. Cruzando braços e pernas, assumiu uma posição mais confortável.

Não era muito bom em relações entre pais e filhos, a começar pela sua, mas sabia lidar com mulheres. Fora criado por elas. Gostava delas. E adorava achar que as compreendia.

Não tivera muita experiência com namoradas na adolescência, mas seu passado lhe dava uma confiança só superada por mui vontade de ajudar.

Os longos cabelos claros de Sophie estavam presos em uma tranca frouxa. Alguns cachos se soltaram, emoldurando seu rosto estreito. Se o tamanho das pernas fosse uma boa referência, um dia ela seria mais alta que a mãe. Mas ainda tinha um grande caminho a percorrer antes de ser adulta. E algo a incomodava.

— Rebecca não tem muito com o que se afligir. E quanto a você? Algo a preocupa?

Ela pareceu se concentrar em uma rachadura no linóleo do piso.

— Kyra contou que seu pai vira para Alcott, para seu aniversário.

Sophie suspirou.

— Eles vão se divorciar.

— Rebecca comentou sobre isso?

— Ela acha que sabe tudo, porque os pais dela ainda se beijam. Que nojo!

— Está brava com seus pais?

— Não!

— Mas?

— Está tudo mudando...

— E isso a preocupa. Sophie tornou a dar de ombros.

— Sua mãe e seu pai sempre asseguraram que você estivesse segura, feliz e bem cuidada?

— Acho que sim.

— E imagina que isso mudará?

Sophie pensou um pouco antes de responder:

— Creio que não.

— E imagina que você vai ficar bem?

— Penso que sim.

— Meus pais se divorciaram quando eu era um bebê, e cresci sem problemas. E meu pai era Archie!

Sophie, por fim, olhou para ele. Daniel a deixou olhar, mas não pôde evitar de imaginar a causa.

— Se tiver algo a dizer, vá em frente.

— Não consigo imaginar.

— O quê?

— Você.

— Eu?

— Como bebê. Mas deve ter sido um, no passado. Ele piscou uma, duas vezes.

Sophie olhou pela janela.

— Mamãe está voltando. Vou lá dizer para a Rebecca que lamento ter dito que ela é uma idiota. E tudo o mais.

— É uma boa ideia.

A menina saiu, trocando algumas palavras com a mãe. Kyra retornou e foi lavar as mãos.

— Rebecca não quis dizer o que houve. Teve mais sorte com a Sophie?

— Acho que ela ficará bem.

— O que quer que seja que disse a ela, parece ter ajudado, Daniel. Obrigada.

— Sophie fez tudo sozinha. Eu só escutei. Não costumo aconselhar meninas adolescentes. Agora sei por quê.

— E por quê?

— Deixe para lá. Mas você sabe onde posso comprar uma boa bengala?

A risada de Kyra foi suave, e ele riu também.

— Esta será uma longa semana. Ela o analisou, incomodada.

— É isso o que estamos fazendo? Esperando a visita de Colin?

— Para ser honesto, Kyra, não sei o que estou fazendo. Nunca estive apaixonado antes.

Kyra ficou pasma.

— Você me ama?!

Os lábios de Daniel se contraíram um pouco. Ele parecia tão feliz quanto alguém que acabara de ouvir que tinha mais um mês de vida.

Daniel a amava.

Kyra não sabia dizer o que sentia. E, mesmo que soubesse, não diria.

No entanto, ele a amava, e ser amado é algo inebriante.

As meninas conversavam à sombra de uma árvore no jardim da frente. Kyra e Daniel encontravam-se na cozinha cheia de vapor olhando um para o outro, resistindo, e não gostando nem um pouco daquilo.

Algo zumbiu. A princípio Kyra achou que fosse o timer do forno. O zumbido soou de novo.

Era o celular de Daniel.

— Alô? Sim, Greta?

Daniel franziu o cenho. Kyra calculou que a situação era séria.

— Quando?

Ele ouviu com atenção.

— E é muito sério? Certo, já estou indo. — Daniel fechou o aparelho.

— Archie? — Kyra perguntou. Daniel assentiu.

— Ele...

— Ainda não. O dr. Greyson está a caminho.

— Quer que eu vá com você? — Ela apoiou a mão no braço de Daniel.

— Sob essas circunstâncias, acho que seria melhor se você não fosse.

Kyra o acompanhou até a saída e ficou ali até o automóvel dele desaparecer pela rua. Abraçando-se, ela virou-se e olhou para a cozinha.

E assim terminou a aula de culinária.

## CAPÍTULO XV

Cláudia foi com o carro alugado até a praça, estacionou e entrou no pequeno restaurante.

Era muito mais cedo do que seu horário habitual de jantar. Pelo visto, era cedo demais para os cidadãos locais também, pois pôde escolher a mesa.

Decidiu-se por um reservado, de onde se via a porta. Mal acomodou-se, e uma sombra surgiu sobre a superfície marcada do tampo.

Ela ergueu o rosto.

— Olá, Julian.

— Esta mesa está ocupada, Cláudia.

Exceto pelos talheres embrulhados em um guardanapo, não havia mais nada ali. Mas se Julian afirmava que estava ocupada, não ia discutir. Preferia guardar sua energia.

— Quer que eu vá para outro lugar ou prefere se juntar a mim aqui?

Ele a fitou com aquele seu jeito de quem sabe tudo, vê tudo, que era sua marca registrada. Sem pressa, sentou-se diante dela.

Só então Cláudia notou a pasta de couro sob o braço dele.

— Achei que estivesse de férias.

— Pode dizer que sou um idiota maluco por trabalho. Cláudia se inclinou para a frente e baixou a voz.

— Julian, nós dois sabemos que você não tem nada de idiota. — E adorou ver o calor espalhar-se pelas feições dele.

Teria feito seu movimento ali mesmo se Dixie Cooper não interrompesse:

— Pensei que você tinha ido embora!

— Sem pagar pelo chá?

Cláudia achou que a mulher ia dar uma risadinha como a de uma adolescente.

— Eu não teria limpado a mesa se soubesse que ia voltar.

Então Julian não mentira.

— Aprecio um estabelecimento asseado, Dixie.

Era como se ele tivesse dito que apreciava os quadris dela. Acostumada àquela reação nas outras mulheres na presença de Julian, Cláudia não se incomodou.

— Pode me trazer um chá com gelo quando tiver um minuto? E quem sabe um menu?

— Claro, meu bem. — Dixie foi para a cozinha com passos hesitantes, como se tivesse dor nos pés.

Julian abriu a pasta e procurou algo dentro dela. Cláudia não ligava por ser ignorada, pois podia ficar observando-o. Ele gostava de ser observado.

Sabia muito sobre Julian. Gostava de barbearias antigas, dos Knicks, da rainha mãe, de museus, chá,

bourbon e chuva. Havia sempre pelo menos um livro na cabeceira que Julian não terminava nunca.

Certa vez, Cláudia perguntou a respeito, e ele disse que gostava de manter por perto um livro que lhe causasse uma boa imagem, caso morresse durante a noite.

Com toda a beleza, juventude e o incrível apelo masculino, às vezes Julian era... digamos... um pouco estranho. Talvez por isso se dessem tão bem.

O dedão dela coçou um pouco, só para lembrar que estava ali.

— Que trabalho você trouxe?

— Os contratos de Baton Rouge. Esta tarde me esqueci da hora brincando com algumas ideias que tive para a *Chapéus*.

Cláudia sempre gostava das sugestões dele. Costumavam ser sobre marketing e distribuição. E em geral eram tão criativas quanto seus *Chapéus*.

Quando ele terminou de contar sobre suas últimas ideias, já tinham comido, e os pratos foram removidos. Os dois, apoiando os cotovelos no tampo, bebiam seus cafés.

— Julian, isso é brilhante!

Ele passou o guardanapo nos lábios.

— Estou falando sério — ela insistiu.

— Sei o que você está pensando.

— Sabe que concluí que você tem boca de poeta?

— Deve dizer isso para todos seus vice-presidentes... — E sorriu ao falar.

Descalçando a sandália, Cláudia deslizou o pé para o colo dele. Julian cerrou as pálpebras por um momento.

— Ah... — Com gentileza mas determinado, Julian empurrou o pé dela. — Não haverá nada disso.

— Nada do quê?

— Nada desses namoros.

— Refere-se a sexo?

— Não.

"Nossa, que alívio!"

— Estou falando que não vai haver sexo.

— Você está bem, Julian Ele não respondeu.

Estendendo o braço, Cláudia deu tapinhas na mão dele.

— Existem pílulas para tudo hoje em dia, Julian. Não é nada do que se envergonhar...

Ele tomou um gole de água, moveu-se no assento e tamborilou os dedos.

— Não preciso disso. Estou de férias. Da *Chapéus*. E disso.

— Férias...

Alguém gritou, pedindo mais café. Ouvia-se ruído de talheres.

— Não me entenda mal. — Julian sorria. — Você pode olhar.

Ela já estava olhando.

— Ah, eu posso?

— Mas não pode tocar.

— Não entendo!

Todos os olhos no restaurante voltaram-se para eles. Sem se abalar, Julian lançou um sorriso para todos.

Dixie chegou quando ele tirava o dinheiro do bolso.

— Fique com o troco, Dixie.

Era uma quantia obscena de dinheiro pelo serviço medíocre e a comida sem graça. Não era de admirar o entusiasmo de Dixie com Julian.

Ele saiu do reservado, colocou dois dedos nos lábios e apontou-os para Cláudia. Pegando a pasta, caminhou para a porta.

Os outros clientes voltaram a conversar. E o dedão de Cláudia começou a coçar como nunca.

Ela tomou o café, pensando. "Posso olhar, mas não tocar?"

Não ia deixar aquilo assim.

O sol estava se pondo.

Daniel não havia se movido desde que o dr. Grayson verificou os batimentos cardíacos de Archie, uma hora antes. Um nó do tamanho de um punho tinha se formado entre suas omoplatas. A dor o impedia de dormir. Ou talvez fosse o medo.

Os raios de sol que entravam pelo vidro ondulado da porta da frente pouco a pouco invadiram o saguão, avançando pela sala. A respiração do pai ficara mais e mais lenta, até que Daniel começou a esperar que cada uma fosse a última.

Podia ouvir o dr. Greyson e Greta falando aos sussurros na sala de jantar.

Archie suspirou.

Daniel ficou imóvel na cadeira ao lado da cama. O pai tinha oitenta e quatro anos. O coração estava fraco. Ele sentia-se cansado. Um homem mais frágil já teria desistido e morrido.

Archie lutou para abrir os olhos. Quando por fim conseguiu, seu olhar percorreu a sala e pararam no filho.

— Ah, é você...

O que Daniel esperava? Alegria? Gratidão? Desculpas pela véspera, ou pelo dia antes daquele, ou o Natal, quando estava com doze anos? Pela ocasião em que fez dezoito? "Estou orgulhoso de você, filho"?

Um sorriso frágil teria sido o bastante. Daniel sabia que não devia esperar por isso, mas ainda assim sentia-se desapontado.

Archie vinha morrendo faziam dois meses. E logo estaria tudo acabado.

— Está confortável, pai?

— Que diferença faz?

O homem fora um tremendo mal-educado a vida toda. E parecia que ia manter a coerência até o fim.

— Quer que eu ligue para alguém?

Dessa vez, Archie respondeu com os olhos fechados:

— Quando estiver tudo acabado, ligue para sua mãe.

— Pode deixar, pai.

Mesmo perto da morte, os lábios de Archie curvaram-se em uma expressão maliciosa.

As mãos ossudas caíram ao lado do corpo. O peito subia e descia devagar.

— Podemos fazer isso do jeito que você quiser. Posso ficar. Ou posso sair. Decida.

— Agora está falando igual a ela.

Daniel não ficaria surpreso se Archie o mandasse dar o fora dali. Mas não se preparara para aquilo.

— Como quem?

Claro que Archie não respondeu.

— Como minha mãe?

Daniel concluiu que o som rascante que saiu dos lábios do pai era um sim.

— Mamãe me diz sempre que eu a faço lembrar você. Archie não pareceu ficar mais feliz com aquele comentário do que Daniel ficava ao ouvi-lo.

— Você a ama. Sempre a amou.

— Rápido, rapaz, pegue os violinos.

— Pegue você, Archie. Poderia ter feito qualquer coisa que quisesse. Podia ter sido fiel à mamãe. Se tivesse sido, ela não teria o deixado!

— Isso é mentira, garoto. Daniel se calou.

— A escolha foi dela. Não minha.

Archie já dissera aquilo antes. Daniel não compreendeu melhor dessa vez. Mas preferiu não perturbar o pai naquela situação.

— Sei que não tivemos um relacionamento pai e filho normal, mas apreciei as coisas que você me ensinou, Archie.

— Cale a boca.

Aquilo era bem diferente de "eu me orgulho de você, filho".

— Eu nunca quis ser pai.

Muitos homens não queriam, mas acabam se ajustando.

— Não fique ofendido. Não é nada pessoal. Era pessoal para Daniel.

— Yvonne sabia. E viver comigo teria sido um inferno. Sendo assim, tornei tudo mais fácil para ela.

— O que você tornou fácil para minha mãe?! Por fim Daniel compreendeu.

— Teve casos para que mamãe tivesse um motivo para largá-lo!

Enfim, tudo se encaixava.

— É isso o que quer dizer quando fala que minha mãe teve a escolha. Não se referia ao divórcio.

Não queria um filho. Nenhum filho. Mas eu apareci, e ela escolheu a mim, e não a você. Teria preferido se mamãe tivesse me dado para adoção?

— Não adoção!

— Por todos aqueles anos você desejou que ela tivesse optado por me abortar. Que pai! Você pode ir para o inferno!

— Ela... — Archie ofegou. —... fez... Ofegou de novo.

—... a escolha. — Dizer aquilo requereu toda a energia dele. O sol sumiu atrás do horizonte, levando os últimos raios consigo. Os olhos de Archie não se moveram. O peito não tornou a subir.

Daniel continuou olhando para o rosto do pai, apesar de saber.

Archibald Mackenzie estava morto.

— Eu a acordei?

— Daniel! — Kyra ergueu-se na cama. Já passava da meia-noite. — Não. Eu estava aqui com Fofura, pensando. Ele...

— Sim.

Kyra cerrou as pálpebras por um momento. Percebeu como as menores palavras eram sempre as mais fortes, as mais difíceis de dizer e as mais duras de superar.

Lançou as pernas pela beirada da cama, fazendo a gata pular. Queria ir ver Daniel. Sentar-se com ele. Estar com ele. Passar o tempo a seu lado.

Chegou até a porta do quarto de Sophie. A filha dormia, a boca um pouco aberta, os braços abertos. Apesar de Sophie ter quase treze anos, Kyra não se sentia bem deixando-a sozinha no meio da noite.

— Tem alguém aí com você, Daniel?

— Eu estou bem.

Não foi o que ela perguntou.

— Giles Grayson e o legista acabam de sair. Minha mãe está vindo de Seattle. Greta foi dormir um pouco.

— Vou ligar para a Cláudia. Se não a achar, ligarei para a Eve. Tenho certeza de que ela não se importará de vir ficar com Sophie. Quando ouvir alguém batendo na porta, serei eu.

— Não é necessário, Kyra.

— Para que servem os amigos?

Archie Mackenzie foi colocado em sua última morada na manhã seguinte. Não houve velório, nem flores ou elogio fúnebre.

Ele fora um homem bem conhecido, uma espécie de pioneiro, um escritor premiado e hábil contador de histórias, um aventureiro que conviveu com diplomatas e estrelas.

Segundo seus desejos finais, apenas um punhado de pessoas reuniu-se no pequeno cemitério na colina perto de Alcott. Daniel compareceu, com a mãe. O médico e a enfermeira de Archie também, além de Kyra, Sophie e o reverendo McCall.

Ninguém chorou. Foi exatamente como queria o homem que parecia ser maior do que a vida.

Ventava. Ninguém ficaria surpreso se isso também fosse coisa de Archie.

Brian McCall fez uma breve oração, depois convidou os outros a dizerem algumas palavras. Daniel não quis. Kyra não tinha nada a acrescentar. Greta e o médico também não.

Um tanto tímida, Sophie se adiantou. Sem largar a mão da mãe, disse:

— Archie às vezes era um idiota, como meu pai. Mas eu o amava assim mesmo.

Todos se espantaram. Mas decerto ninguém podia contestar aquilo!

Por fim, Yvonne Mackenzie começou a rir.

— Muito bem colocado!

Com setenta e dois anos, Yvonne Taylor Mackenzie tinha uma silhueta enxuta e feições clássicas. Os cabelos prateados deviam ser pintados, e as roupas tinham muito estilo. Era um exemplo de elegância. Mas sua risada era o oposto. Kyra reagiu a ela, e Sophie também. Todos ali ficaram mais relaxados.

Greta abraçou Daniel, deu a mão para a mãe, piscou para Kyra e agradeceu ao reverendo. Deu um beijo em Sophie e foi para seu velho Malibu, a caminho do próximo trabalho. Giles Grayson foi o seguinte a se despedir.

Brian conversou um pouco com todos. Com a Bíblia na mão direita, também foi embora. O que deixou Kyra, Sophie, Daniel e Yvonne.

Kyra temia que Sophie tivesse dificuldades para lidar com o falecimento de Archie, com quem travara amizade. Ficou surpresa na noite anterior, quando a filha não quis ir com a mãe levar a comida, dizendo que ela e Archie já haviam se despedido. Kyra não sabia o que Archie disse para a menina, mas ele parecia ter preparado bem Sophie. Apesar de a garota chorar ao ouvir a notícia, parecia estar lidando com a situação muito bem.

Daniel se mostrava muito cansado, assim como na véspera, quando ela chegou. Fizera um café, mas os dois mal tocaram nele.

E Daniel não contou como se sentia. Em vez disso, falou sobre os últimos desejos do pai, do clima, de um barco que viu passar no mar naquele dia. Ele não precisava falar de nada mais profundo. Bastava que Kyra estivesse ali. Pouco depois das três da manhã, ela saiu deixando instruções estritas para que descansasse.

Sophie e Cláudia estavam dormindo na Casa de Pedra quando Kyra voltou. Em vez de acordar a amiga, espalhada em sua cama, ela deitou-se no sofá e adormeceu de imediato.

Parecia que Daniel não pregara os olhos. O que a fez lembrar-se da primeira vez em que o viu. O dia em que ele a confundiu com a mulher mandada pela agência de empregos.

Nunca estivera em um funeral como o de Archie. O caixão era uma caixa de pinho muito simples, feita por um amigo dele, anos antes. O fato de Archie ter milhões de dólares e ainda assim escolher ser enterrado de maneira tão simples falava muito sobre seu caráter.

O serviço foi rápido, sem nenhuma pretensão ou tradição, bem como o indivíduo que estava sendo enterrado.

Ao fim, todos se sentiam sem jeito. Kyra podia reparar que Yvonne Mackenzie a observava. Estava curiosa sobre aquela mulher, que amara Archie Mackenzie por todos aqueles anos. E que criara Daniel.

— Podemos ir agora, mãe?

— Claro, Sophie.

— Até mais, Daniel.

— Até, Sophie.

— Prazer em conhecê-la, sra. Mackenzie.

Enquanto Yvonne respondia à cordialidade de Sophie, Kyra olhou para Daniel.

O vento fazia a gravata balançar e tirava os cabelos de sua testa. O chapéu de abas largas que Kyra usava fora ideia de Cláudia. Antes que a ventania o levasse, Kyra o tirou.

Quando Daniel a encarou, Kyra esboçou um sorriso rápido, e pela primeira vez em toda a manhã a expressão dele ficou mais relaxada.

— Vamos, mamãe?

— Sim, querida. — Mas Kyra não parava de fitá-lo.

Em vez de dizer algo, ela assentiu com a cabeça, virou-se, e as duas se foram.

## CAPÍTULO XVI

Enfim, aconteceu — declarou Yvonne Mackenzie, /tirando os brincos de pérolas, andando pela cozinha da velha casa de Archie.—Começava a pensar que não acabaria nunca.

— Sabíamos que papai estava morrendo há dois meses.

— Eu não me referia a Archie. Daniel suspirou e olhou para a mãe.

— Se tem algo a dizer, mãe, é melhor falar de uma vez.

— Falo de você e Kyra Valentine, meu bem. Daniel cruzou os braços.

— Não precisa ficar sem graça, filho. Kyra é linda, inteligente e bem educada. Greta disse que é uma ótima cozinheira. Lembra que você não quis aprender a cozinhar quando era garoto? Ela parece perfeita para você.

— Talvez Kyra lhe apresente o marido um dia desses.

As sobrancelhas de Yvonne subiram um pouco, mas ela acabou dando de ombros.

— Ninguém jamais afirmou que o amor é algo simples. E ninguém sabe disso melhor do que eu.

Yvonne gostaria de resolver para Daniel tudo o que o incomodava, mas não havia como. Essa era uma das realidades mais terríveis da existência. Criara um garoto inteligente e charmoso que às vezes se comportava com uma inflexibilidade alarmante. Ele tornou-se um homem inteligente, charmoso e carinhoso, que podia ser duro demais.

Era difícil acreditar que já estivesse com trinta e nove anos.

— Adorei ser sua mãe, sabia? Comentei sobre isso alguma vez.

— Uma ou duas. Por mês. O olhar dele suavizou.

— Foi uma honra, meu querido. Sua avó costumava dizer que eu o mimava demais. Talvez tenha mesmo feito isso em algumas áreas, mas não onde importava.

A cafeteira começou a assobiar. As janelas estavam abertas, o vento era delicioso. Não era de admirar que Archie gostasse tanto daquele lugar.

E Archie não existia mais. Yvonne vinha repetindo isso para si mesma desde a ligação de Daniel, na véspera. Era algo com que demoraria bastante para se acostumar.

— Vamos levar para o pátio o café e o prato com estes deliciosos biscoitos que Kyra fez, está bem?

Daniel concordou, apesar de estar com vontade de ir correr. Contudo, poderia fazer isso mais tarde. Antes, havia algumas coisas que a mãe queria lhe dizer.

Enquanto servia o café e arrumava a bandeja, Yvonne não pôde deixar de reparar nos itens que pertenciam a Kyra e a filha dela. Travessas e panelas sobre o balcão. O refrigerante predileto de Sophie na geladeira. E um livro que Kyra emprestara para Daniel na mesinha na entrada.

Ele levou a bandeja, colocando-a sobre a mesa entre duas cadeiras de jardim, então esperou a mãe se sentar antes de se acomodar também. Sempre foi um cavalheiro. Yvonne experimentou um biscoito. E gemeu.

— Nossa, está delicioso! Você experimentou?

— Experimentei muitos. São excelentes. Mas acho que você não veio aqui para falar sobre biscoitos.

— Sempre foi muito astuto, mocinho. E sempre tentei ser aberta com você, não é?

Daniel se acomodou melhor e deu de ombros.

— Sempre se abriu comigo sobre tudo, exceto meu pai.

— Isso porque fiz uma promessa para Archie há muitos anos. Sabe, querido, não me preocupe quando você escolheu sua carreira, nem quando demonstrou não ter pressa para se casar. Só queria que fosse feliz. Vai concordar que sempre o apoiei, não é?

— Deu-me apoio e compreensão, sem dúvida, mãe, e também sempre foi manhosa e manipuladora.

Ela riu. E ele quase riu junto.

Daniel bocejou. Nunca se sentira assim tão cansado. Yvonne o fitou com gentileza e suspirou.

— Está tudo bem, querido. Levou algum tempo, mas eu acabei compreendendo. E só quero que saiba que aceito.

— Aceita o que, mãe?

— Sua preferência sexual. Ele engasgou.

— Como é?!

— Não há nada com o que ficar embaraçado, ainda mais nesta época em que vivemos.

Daniel olhou para o céu. A mãe sempre insistia nisso. No começo, ele a deixou pensar o que quisesse. Mas quando Yvonne tentou apresentá-lo ao filho do contador dela, Daniel teve de fazê-la mudar de opinião. Ao que tudo indicava, não fora bem-sucedido.

Notou as rugas ao redor dos olhos de Yvonne e a vivacidade deles. Apesar dos defeitos, ela sempre foi uma boa mãe.

Yvonne comeu o último biscoito.

— O que foi, querido? O que está pensando? Não se preocupe. Você pode me contar.

— Sempre imaginei por que não podia ter pais normais.

— Não, você tinha Archie e a mim. Fiz todo o possível para educá-lo direito, para deixá-lo livre e para que soubesse que eu sempre estaria à disposição se precisasse de algo. E mesmo assim você nunca encontrou a mulher certa. Decidi que era tudo culpa de seu pai. Porém, Archie nunca o aceitou. Creio que é esse seu problema.

Daniel observou um navio petroleiro passando no horizonte.

— Quando eu tinha vinte anos, escrevia tudo o que queria dizer a papai. Planejava transformar aquilo em uma peça. Seriam três atos, e cada um seria dito em volume cada vez mais alto. Mas jamais elevei a voz para ele. Até trinta segundos antes de seu último suspiro.

— Vocês dois brigaram?

— Eu disse a Archie para ir para o inferno. E ele deu a última palavra morrendo.

— Que bom!

Daniel olhou para a mãe. Só uma vez, uma única vez, gostaria que ela reagisse como esperava que fosse reagir.

— A única coisa de que Archie gostava mais do que vencer uma boa discussão era vencer uma discussão ruim.

Ele ponderou sobre aquilo.

— A única coisa que ele amava era você, mãe. Yvonne conhecera Archie com trinta e dois anos. Àquela altura, não era nem ingênua, nem inocente. Sabia o que estava fazendo. Óbvio, houvera homens em sua vida antes e depois do divórcio, mas Yvonne nunca se casou com nenhum deles. Casou-se apenas com Archie. E menos de dois anos depois, divorciou-se dele.

— Archie disse que você fez sua escolha.

— Ele contou sobre isso?

O petroleiro sumiu de vista. O oceano parecia imenso e vazio.

— Archie estava falando sobre mim. Disse que você me escolheu. E ele se ressentia comigo por causa disso.

— Ah, mas não era uma questão de escolha para mim, querido! Eu amava seu pai, mas não poderia conviver comigo mesma ou com ele se tivesse feito o que Archie queria que fizesse. Sabe, criei a fantasia de que ele ia aprender a amá-lo quando o conhecesse.

— O que nunca aconteceu.

— Evidente que sim! Era a única coisa que o aterrorizava de verdade. Archie tentou não amá-lo, Daniel, mas não conseguiu. Como ele poderia evitar? E, para sua informação, uma mulher não precisa escolher entre o homem que a ama e o filho que nasceu desse amor. Sabe tão bem quanto eu que o coração é um órgão fascinante. É do tamanho de um punho, mas tem a capacidade de amar centenas de pessoas, cada uma de uma turma diferente. Archie queria acreditar que só amava a mim, mas eu sabia que não era fato. E ele também.

— Mas...

— Aconteceram coisas na infância dele, meu amor. Nunca houve nada de errado com você. Era ele. Archie era um homem maravilhoso e excitante. Mas fizeram coisas com ele naquele período crucial, quando os comportamentos e conceitos são formados, quando era jovem demais para se proteger. Uma parte de Archie foi formada pelo indizível e grotesco. Mas sobreviveu, e o mais incrível, quase intacto.

Daniel supusera algo assim. Mas só agora ficava sabendo.

— Archie fez isso se fechando nele mesmo.

Os livros técnicos estavam repletos de casos semelhantes. Yvonne assentiu.

— E foi assim até me conhecer.

— Ele disse que soube, no momento em que a viu.

— E eu também.

— Que o amava?

— Isso mesmo. Mas senti a agitação nele. Eu era o bálsamo dele. Archie não podia me compartilhar com ninguém, nem mesmo com nosso filho. Descobri isso mais tarde. Archie superou quase tudo, mas existia uma parte dele que permanecia danificada pelo que viu e experimentou ainda muito pequeno. Quando descobrimos que eu estava grávida, Archie me contou uma coisa e outra. Ele nunca comentou com mais ninguém, e eu jurei que não o faria. Mas chorei. Às vezes ainda choro. Seu pai fez muitas

coisas maravilhosas, mas eu ainda gostaria que fosse tudo diferente entre vocês dois.

Ela também se virou para o mar.

— Ele me disse que a escolha foi sua.

— Se fosse assim simples! Não vê, Daniel? Não havia alternativa para mim. Jamais deixei de amá-lo. Era esse tipo de amor. Archie percebeu o que eu havia descoberto no começo. Eu não podia reparar o que tinha sido feito com ele, e ele também não.

— Então papai podia fazer tudo, menos isso.

— Em sua formatura na faculdade, perguntei a Archie se não tinha nenhum arrependimento. Sabe o que ele me falou?

Daniel não tinha certeza se queria saber.

— Olhou-me com dureza e então olhou para você, balançou a cabeça e garantiu: "Não, Yvonne, não me arrependo de nada". Vê? Archie não lamentava por você ter nascido. Muito pelo contrário.

— Mesmo sabendo que você teria ficado com ele se não tosse por minha causa?

— Teria mesmo? Tê-lo e criá-lo foi a melhor atitude que já tomei, foi meu propósito na vida. E juro que não acredito que seu pai lamentava por você ter nascido.

Daniel ainda não estava muito certo disso.

— Por sua causa, meu bem, parte dele ainda está viva. — Yvonne se ergueu e tocou o ombro dele. — Acho que vou me deitar um pouco. O voo ontem à noite foi longo.

— Sim, mãe, vá descansar. — Daniel foi para dentro com ela, e procurou seu equipamento para correr.

No segundo dia de Sara como garçoneite, ficou claro que o Restaurante Cooper não tinha um grande movimento durante a semana entre o almoço e o jantar.

Coop estava arrumando o grande refrigerador na cozinha, e Dixie sentada com os pés para cima, assistia à televisão na sala dos fundos. Assim que Sara terminasse de fechar todos os saleiros, poderia ir para casa.

Foi uma surpresa agradável quando a porta se abriu e Kyra e Cláudia entraram. As duas carregavam sacolas de compras.

Sara foi até elas.

— Escolham a mesa que quiserem.

— Nós não viemos comer — disse Cláudia.

— Viemos dizer alô.

— Compramos algumas coisas.

Sara reconheceu o logotipo da loja nas sacolas. A Cabana dos Vestidos de Sharla, era uma loja muito exclusiva na praça da cidade. As pessoas vinham das proximidades para comprar lá. Estava sempre na moda e era cara, e Sara não entrava lá fazia anos.

— O que compraram?

— Kyra optou por um vestido que lhe caiu como uma luva. Você o verá esta noite, no ensaio do jantar. O meu é para o casamento de amanhã, e é vermelho. — Então, Cláudia mostrou uma roupa de seda

sem manga, com decote em V na frente e atrás. — O que acha?

A cor fez Sara pensar nas rosas de Addie e Rose logo antes de os botões abrirem.

— É lindo! E não me lembro de jamais tê-la visto usar cor-de-rosa.

— Não é minha cor preferida. — Cláudia colocou o vestido nas mãos de Sara. — Mas sim sua.

— Como?

— Comprei para você.

— Não devia ter feito isso, Cláudia.

— Claro que devia!

— Não posso aceitar.

— E por que não?

— Tenho roupas suficientes.

— Suficiente é um termo relativo. Mulheres podem ter meias suficientes. Podemos até ter meias demais. Mas nunca roupas demais.

— Não aceito caridade.

— Custou menos do que a maioria de meus *Chapéus*.

— Não é esse o ponto.

— Estava em liquidação. E você acaba de dizer que é lindo.

Sara olhou para Kyra, que apenas ergueu os ombros, sorridente. Fitando Cláudia, ela fez que não outra vez.

— Está falando sério? Sara assentiu.

Cláudia não era uma boa perdedora.

— Nossa, ninguém aprecia coisa nenhuma que eu faço por aqui...

— Aprecio sua amizade.

— E tem um jeito esquisito de demonstrar isso.

— Ela está assim agressiva com todos. — E Kyra moveu os lábios para formar o nome "Julian".

— Você tem visto Julian? — Sara quis saber.

— Sujeito teimoso! Descobri onde ele está, onde come, até mesmo onde bebe seu conhaque de noite.

— Quer dizer que falou com ele?

— Sim, e Julian fica sempre muito feliz em me ver, se é que me entende.

Sara e Kyra trocaram um olhar.

— Mas não me deixa chegar mais perto. Só diz "você pode olhar, mas não tocar". Voei até a sede da *Chapéus*, e descobri que Julian esteve lá um dia antes. Quando voltei para cá, ele já estava aqui. É desconcertante. Eu o convidei para ir comigo ao casamento de Eve, e aceitou na hora. Veremos se me mantém a distância quando dançarmos.

Cláudia tentou outra vez dar o vestido para Sara, que não aceitou. E o mais incrível foi que Cláudia

parou de insistir.

Indo com as amigas até a porta, Sara pensava em todas as vezes que sucumbira à vontade dos outros naqueles anos todos. Aquele verão se mostrava sendo cheio de primeiras vezes. Opusera-se a sua mãe, a Roy e até mesmo a Cláudia.

Voltou para colocar os saleiros e pimenteiros nas mesas, tirou o avental, despediu-se de Dixie e Coop e saiu do estabelecimento.

A primeira coisa que fez ao chegar à rua foi tirar o elástico dos cabelos, deixando-os soltos. Assim sentia-se mais ela mesma.

Acordara às quatro e meia para entregar os jornais, e depois trabalhara sete horas em pé no Cooper. Mas, por incrível que parecesse, não se sentia cansada. Pelo contrário, estava bem animada. Seth se mostrava muito feliz. Ambos tinham saúde, e Sara tinha suas amigas e o emprego, o que a tornava rica, sem necessidade de mais nada.

Admirou as flores na vitrine da floricultura, e os vestidos na Sharla, e sorriu porque lembrou-se de Cláudia.

Seu reflexo na vitrine a fez parar. Parecia uma menina abandonada, com a cabeleira escorrida daquele jeito. Usava-a assim fazia anos.

Tentando não se lembrar dos machucados que as mechas soltas ajudavam a esconder, observou os cabelos bem arrumados de uma senhora que saiu do salão de beleza ao lado. Era onde Agnes a levava, quando criança.

Sara enfiou a mão no bolso no qual guardara o dinheiro das gorjetas. Em seguida, empurrou a porta e entrou.

Daniel reconheceu as vozes de Kyra e Sophie, mas não sabia de quem era a terceira voz. Entrou na cozinha de Kyra, e três pares de olhos o fitaram.

— Olá, dr. Mackenzie — Rebecca Callaway o cumprimentou. — Sophie está me ensinando a jogar xadrez.

"Que bom, as meninas fizeram as pazes!"

Kyra mexia algo no fogão. O aroma era estupendo, e ela, maravilhosa.

Eram três da tarde da sexta-feira, e Daniel não a via desde o funeral, fazia dias.

— O que está preparando?

— É a cobertura de framboesa para as tortas de queijo para o ensaio do casamento, esta noite.

— Mamãe vem cozinhando há dois dias — comentou Rebecca. — E nosso trabalho é experimentar tudo.

O que explicava as travessas e os pratos de doces e entradas espalhados por todos os lados.

As meninas estudavam o tabuleiro de xadrez. Estendendo a mão, Rebecca fez sua jogada.

— Xeque. Posso fazer isso, certo?

Sophie assentiu, e Rebecca ficou muito satisfeita. Até a oponente fazer o movimento dela.

— Xeque-mate.

Sophie apoiou o queixo nas mãos.

— Para alguém que acaba de vencer, você não parece muito animada — comentou Daniel.

— Meu aniversário será em três dias. Mamãe disse que não posso ganhar um cavalo este ano, mas talvez no ano que vem... Daniel, você está indo a algum lugar?

A menina era mesmo observadora. Daniel tirou uma carta do paletó.

— Acabo de vir da leitura do testamento de Archie. Sua mãe pode querer pensar em outro presente para seu aniversário do ano que vem.

— Como assim? — Kyra se voltou.

Ele mostrou o papel. Enquanto ela o abria, as garotas se aproximaram.

— O que diz aí?

— Archie a incluiu no testamento dele, Sophie.

— Deixou para mim o xadrez dele?

— Não, mas se quiser, poderá ficar com ele — Daniel afirmou.

— Cavalos, Sophie. — A mãe a encarou. — Archie deixou dois cavalos para você.

— Quero ver isso! — Sophie apanhou a carta. As meninas a leram juntas.

— Meu Deus! Ele deixou para você um apaloosa de dois anos do rancho dele no Kentucky e um paint que está muito velho e quase cego que não pode ser montado. Que estranho...

— Eu sei ler, Rebecca. Não sabia que Archie tinha um rancho no Kentucky. E não é nada estranho. Archie sempre disse que a vida devia ser metade prazer e metade responsabilidade. Deu-me um cavalo para me divertir e outro para cuidar.

— Você tem cavalos, Sophie!

As amigas dançaram pela cozinha.

— Não posso acreditar!

— Era o que você mais queria!

— E bem em meu aniversário!

— Temos de contar para alguém!

— Mãe, podemos ir à casa de Amanda?

Kyra olhou para a filha. Há algumas semanas, ela teria ido correndo ligar para Makayla. Amanda Baker morava a duas quadras dali e estava na classe de Rebecca.

— Sim, mas volte em meia hora.

Elas saíram, e Daniel e Kyra ficaram se olhando por vários segundos.

Kyra tinha centenas de coisas para fazer para o ensaio do jantar naquela noite. O aniversário de Sophie seria na segunda. No dia seguinte, o casamento. E Colin, que devia chegar a tempo de assistir à cerimônia.

— Você tem um sorriso lindo.

— Eu estava sorrindo?

— Não, Kyra. Mas se não disser alguma coisa, eu vou fazer alguma coisa, e falar é mais seguro.

Ela sorriu. Essa era a intenção dele.

— Não se preocupe sobre como cuidar dos animais. Archie incluiu na herança um valor suficiente para isso.

— Seu pai não era um homem fácil de compreender. Mas e quanto a você? Archie se lembrou de você no testamento também?

— Ele me deixou o barco a vela.

— O mesmo em que o ensinou a velejar? Daniel fez que sim.

— Sendo assim, deve ter sido algo muito importante para ele também.

— Como você disse, papai não era um homem fácil de compreender.

Kyra observou Daniel com atenção. Ele estava mais quieto, triste. O paletó escuro lhe dava um ar de cultura e refinamento, mas havia algo de não civilizado nele. Mais cedo, Cláudia fora muito direta ao perguntar sobre o relacionamento dos dois: Então, está dormindo com Daniel?

Dormindo com ele? Não tinham sequer se beijado!

Ocorreu a Kyra que estavam os dois em silêncio outra vez. Compreendia o que significava quando um homem fitava uma mulher daquela forma. E compreendia o que acontecia quando uma mulher entendia esse significado.

Cláudia achava que deviam se beijar e acabar logo com aquilo. Kyra sabia que Daniel a desejava. Mas não era apenas um caso de se sentir desejada. Não existia nada de simples naquilo.

Carpe diem, ela dissera na semana anterior. Aproveite o dia.

Parecia um bom conselho, mas não ia fazer isso sabendo que Colin estava para chegar.

— O que pretende fazer agora? Daniel observava seus lábios.

— Acho que eu devia ir embora daqui. Ele estava mais perto?

— Acredito que seria mesmo o melhor a fazer. Ela havia se aproximado?

Ouviram passos de alguém correndo, e a porta de tela foi aberta. Kyra recuou.

— Amanda não estava em casa? — Kyra indagou, antes mesmo de Sophie entrar.

— Não chegamos lá.

— Olhe quem está aqui, sra. Valentine! Kyra encarou a filha.

— É papai!

## CAPÍTULO XVII

Olá, Kyra. — Colin se colocou entre ela e o fogão, e a beijou no rosto.

— Colin... — Kyra sentiu o sangue sumir do rosto. — Esperava que chegasse só amanhã.

— Pensei em fazer uma surpresa. — E fitou Daniel.

Por causa do fogão, a cozinha estava bem quente. Ninguém se moveu, e Kyra não sabia o que dizer. Sophie, muito sensível, mantinha-se muito séria, só observando.

Apenas Rebecca não percebeu o que acontecia.

— Conte a seu pai sobre os cavalos, Sophie.

— Que cavalos? — perguntou Colin, mas sem tirar os olhos de Kyra e Daniel.

— Conte você, Rebecca.

Vinda de uma família de faladores, Rebecca não precisou mais incentivo:

— O dr. Mackenzie trouxe uma carta que conta que o pai dele deixou dois cavalos para Sophie, em testamento. Aliás, meu nome é Rebecca Callaway, e sei tudo sobre seus ancestrais das cidades da Linha Principal.

Colin dirigiu um dos seus sorrisos carismáticos para a menina.

— Prazer em conhecê-la, Rebecca. Eu sou Colin Valentine. — E lançou um olhar duro para Kyra.

Ela quase se esquecera de como Colin conseguia fazer com que se sentisse inadequada.

— Colin Valentine, este é o dr. Daniel Mackenzie. Seguiu-se outro silêncio tenso.

Daniel ganhava a vida observando a linguagem corporal e as mudanças sutis nas expressões das pessoas. Não foi difícil concluir o que Colin pensava dele.

Antes mesmo de se darem as mãos, Daniel soube que Colin o detestara a primeira vista. E o sentimento era recíproco.

Até mesmo Rebecca notava a quietude muito eloquente.

Dessa vez foi Sophie quem agiu. Passando o braço pela cintura do pai, abraçou-o.

— Estou tão feliz por você ter vindo! Dois cavalos, pai. Você pode acreditar?

— Agora eu acredito em tudo, meu bem. Daniel decidiu que era hora de ir embora.

— Se não a vir na segunda-feira, feliz aniversário, Sophie. Até mais, Rebecca. — Encarou Kyra e saiu sem dizer nada para Colin.

— Muito aconteceu desde nossa última sessão, dr. Mackenzie — dizia Sara, com timidez, sentada no mesmo lugar de sempre. — Não sei se Kyra ou Sophie contaram, mas agora sou garçonete no Restaurante Cooper, na praça.

Ouvir o nome de Kyra fez Daniel se empertigar um pouco. Conhecer Colin o deixara com um gosto amargo na boca. E a imagem dos três Valentine juntos não saía mais de sua cabeça.

— Não, eu não sabia. Parabéns.

Mal reconheceu Sara quando ela chegou para a sessão. Os cabelos estavam bem curtos, permitindo ver seu rosto delicado, o nariz estreito e os olhos grandes. Quando Daniel comentou que era uma Halle Berry branca, ela ruborizou. Mas ficou satisfeita.

— Por que resolveu cortá-los?

— Não preciso mais deles compridos.

— E você sempre os usou longos?

— Eram curtos no ginásio, mas não tanto assim. Eu tocava piano, por isso não deixava que crescessem para não ter de prendê-los o tempo todo.

— Você toca piano?

— Tocava.

Sara baixou os olhos, e Daniel sentiu que se achava a ponto de compreender algo importante sobre ela.

— Quando parou?

Era evidente que ela não queria responder.

— Faz tempo?

— Não foi assim do dia para a noite. Tratou-se de um processo gradual.

Daniel imaginou a música se esvaindo dela no correr dos anos.

— E tocava bem, Sara?

Mais uma vez, ela demorou para responder.

— Fui aplaudida de pé mais de uma vez.

— Deve ter sido muito gratificante.

— Eu não tocava para ser aplaudida. — Por quê, então?

Sara deu de ombros. - Você tinha aulas quando criança?

— Não com um músico famoso nem nada assim. Meu pai morreu quando eu era muito pequena, e não havia dinheiro para extras. Quando comecei a escola, sexta-feira se tornou meu dia predileto, porque havia aula de música de tarde. Adorava o som do piano. Tocava de ouvido e ia sempre lá escondida, no recreio. Tentava tocar baixinho para ninguém ouvir, mas um dia uma professora me flagrou. Fui para a sala da diretora. Não conseguia nem falar, de tanto que soluçava. No entanto, em vez de me castigar, a sra. Ferguson deu-me minha primeira aula de piano. Aprendi depressa. Levava jeito para a coisa. Mas era mais que isso.

— Você sentia a música.

— Sim. — Era como se ela não esperasse que ele compreendesse. — Você toca?

Não era comum Sara fazer perguntas. O fato de estar interessada no assunto àquele ponto era muito significativo.

— Minha mãe era um terror. Se eu quisesse andar em minha *mountain bike*, tinha de tocar um instrumento.

Sara achou graça.

— Sua mãe me parece bem esperta.

— Sim, vocês mulheres sempre se unem. — Daniel sorriu. Ele a viu olhando para o piano do outro lado da sala. Sara parecia ter de fazer força para se desviar dele.

— Não sei o que faria sem minhas amigas. Homens são diferentes. Não estou dizendo que não se importam, mas...

— Sei o que quer dizer. Homens também têm necessidades, mas sim, somos diferentes das mulheres.

Daniel notou que Sara ficou aliviada por não tê-lo ofendido. Ele odiava o sujeito que a fez chegar ao ponto de ter medo de expressar sua opinião.

— Fiquei sabendo que seu pai morreu. Lamento muito.

— Obrigado, Sara.

Ela olhou ao redor e levantou-se devagar. A hora acabara. Daniel não a viu consultar o relógio, mas de alguma forma ela sempre sabia.

— Vai voltar logo para Boston, doutor?

Essa era a questão. A imagem de uma mulher de cabelos castanhos passou por sua mente.

— Preciso tomar decisões importantes sobre meu futuro. Ele imaginou o que Archie teria feito.

— São as mais difíceis, não é? — De novo Sara fitava o piano.

— Sim, de fato. Tenho algumas oportunidades que gostaria de aproveitar. E encontrei uma pessoa para me substituir aqui. Creio que você vai gostar dela.

— Não estava pensando em mim, mas em Kyra. Então eram dois.

O telefone tocou em outro ponto da residência. Daniel costumava deixar a secretária eletrônica atender, mas seguindo um impulso, levantou-se.

— Tenho de atender, Sara. Não demoro. Se esperar um pouco, lhe darei o cartão da dra. Gregory. — E correu até o escritório para atender à importantíssima ligação do telemarketing de uma editora vendendo assinaturas de uma revista.

Sara ia até aquela casa na travessa do Capitão uma vez por semana durante todo o verão. Pelo visto, o dr. Mackenzie planejava ir embora de Alcott.

Onde a dra. Gregory iria realizar as sessões? Decerto não seria numa casa como aquela.

Analizou a decoração. Era tudo antigo. Estantes, cadeiras, sofás... E o piano.

Esforçava-se por não reparar no piano.

Girando, passou as mãos pelo que restava de seus cabelos. O que fizera? Não importava. Tornaria a crescer.

Indo até a janela, olhou para fora. Joe Maclelli a levava lá de noite para ver o oceano. Não que fosse possível enxergar o oceano à noite, mas convidá-la para vê-lo era melhor do que perguntar se queria ir para se beijarem. Joe adoraria fazer mais que isso, mas Sara não estava pronta, e ele nunca forçou a situação.

Um ano depois, quando Joe já havia rompido com ela e partido de Alcott, Roy forçou muito a situação. Se pudesse refazer só uma coisa na vida, Sara não guardaria sua virgindade para Roy.

E duvidava que isso tivesse mudado alguma coisa. Joe ainda iria para a faculdade, e ela teria se casado com Roy. Amava-o, naquela época. Mas era o nome de Joe Maclelli que estava gravado em seu coração.

Imaginou onde ele estaria, e se pensava nela. Óbvio que não. Por que o faria?

Aproximou-se do piano em silêncio, como fazia nos recreios escolares. Abrindo a tampa, tocou a tecla dó central, e a pressionou.

Logo, tocava escalas. O instrumento estava desafinado, mas o som era maravilhoso.

Mordendo o lábio, sentou-se na banquetela. Com os dedos sobre as teclas, cerrou as pálpebras.

Na sala ao lado, Daniel desligou o telefone e se recostou na cadeira. O que iria fazer com uma assinatura de uma revista sobre mecânica. Não sabia sequer trocar o óleo do carro.

Então, o som do piano encheu a grande casa da travessa do Capitão. Sara Kemper redescobria a música dentro de si. E Daniel precisava de algo assim naquele dia.

— Só espero não tropeçar na barra e cair de nariz no chão — disse Sophie, colocando o vestido diante do corpo.

— Você é mais graciosa que uma gazela, filhinha. Lógico que não vai tropeçar.

Sophie deu uma risadinha.

— Ah, papai, estou tão feliz por você ter vindo antes!

Na cozinha, Kyra terminava de arrumar a confusão, sem o menor entusiasmo pela surpresa de Colin.

Mais cedo, no ensaio do jantar, Sophie se aproximou dela em um canto.

— Como meu presente de aniversário, quero que papai fique conosco, e não em um hotel.

A vontade de Kyra foi dizer "não". Sabia que aquilo era uma tentativa desesperada da garota de reaproximá-los. E na Casa de Pedra havia apenas dois quartos. Mas, suspirando, ela disse:

— Seu pai pode ficar aqui. A menina ficou radiante.

— Mas não será seu presente de aniversário.

— Como assim?

Os convidados vinham chegando, e não havia tempo para explicar.

— Colin poderá ficar aqui porque é seu pai e sempre será. Mas tenho algo para você.

— O que é?

— Você vai ter de esperar até a segunda.

Depois, ao arrumar a cozinha, Kyra viu Colin analisá-la.

— Está tarde, Sophie — disse ele. — E você terá um grande dia amanhã.

A menina olhou cheia de esperança para os dois, então os beijou e foi para a cama, sem reclamar. Kyra voltou ao trabalho.

— Nossa, como senti falta dela!

— E ela sentiu a sua falta, Colin. Garanto que Sophie vai adorar se você for até o quarto dela.

— Não acha que Sophie está grande demais para isso?

— Meninas nunca são grandes demais para o pai.

Colin sorriu, e Kyra lembrou-se do que vira nele aqueles anos todos.

Após alguns minutos, ele bateu na porta do quarto da filha e entrou. Kyra terminou de limpar a cozinha.

Apagando as luzes e trancando as portas, parou ao lado da porta dos aposentos da filha.

Colin falava sobre um livro que lera. Uma das coisas que Kyra admirava nele era a voracidade com que lia. Ele era apaixonado por muitas coisas.

Kyra foi para o quarto, tirou o colar, os brincos, o relógio e o bracelete. Puxava o cobertor da cama quando ouviu uma tábua do chão ranger. Colin parou à soleira.

— Sophie está dormindo?

— Sim. Acho que falei tanto que a aborreci.

— Duvido.

Ele ficou em silêncio um momento.

— Você mudou, Kyra.

— De que modo?

— Não deixou que ela a conduzisse, mais cedo. E, aliás, estava muito bonita.

Fofura apareceu. Olhando ao redor, como que para ter certeza de que todos os convidados tinham ido embora, esfregou a cabeça na perna de Colin, então fez o mesmo com Kyra.

— E estou vendo que fez amizade com a gata.

Kyra sorriu pela primeira vez desde que Eve apertou sua mão, quando ela e Carter partiram.

— Segui o conselho de Carter.

— Qual?

— Ele falou que eu estava tentando demais.

— Entendo. Sabe, depois que me recuperei dos cabelos compridos e dos brincos, descobri que o Carter é um ótimo sujeito.

— Ele e Eve estão felizes.

— Fico contente pelos dois.

Depois da chegada de surpresa e o confronto com Daniel, Colin tinha se comportado de forma exemplar. Fez piadas com Carter, abraçou e cumprimentou Eve, conversou com todos no ensaio.

O maior susto da noite foi Sara. Quando Kyra demonstrou espanto ao ver os cabelos dela, Sara mexeu neles e sussurrou:

— Para ser honesta, não sei o que me deu. Sinto-me tão exposta!

Kyra se virou para Colin, que a fitava. Sim, ela sabia qual era a sensação.

O marido a observou a noite toda. E continuava a fazê-lo ali, da porta do quarto.

— Posso ajudá-la com alguma coisa? — Ele entrou.

— O sofá abre e vira uma cama.

— Não faça isso, Kyra. — Parando atrás dela, Colin segurou seus braços.

Não fazer o quê? Kyra se virou e se assustou com a expressão de Colin. Ele ia beijá-la.

Quantas vezes ansiara que ele a olhasse daquela forma? Quantas vezes desejara que a beijasse com volúpia, com paixão?

Colin se aproximou, as mãos quentes nos ombros dela.

E Kyra conseguiu respirar e arquear uma sobrancelha.

Endireitando-se, ele a soltou sem dizer nada, pegou um travesseiro da cama e o cobertor que ela dobrara. Saiu antes de Kyra perceber que Colin dissera "boa noite".

Fechando a porta, ela olhou para o leito e reparou que Colin apanhara o travesseiro de seu lado. Aquela briga pelo mesmo lado da cama existia desde o começo do casamento. Talvez fosse um indício de que não podia mesmo durar.

Ouviu o barulho do sofá sendo aberto. Já era quase meia-noite e, no dia seguinte, sua irmã ia se casar. Kyra e Sophie ajudariam a decorar o salão. Em seguida, iriam fazer cabelo, unhas e maquiagem. Ela e Colin não iriam ter tempo para conversar.

Assim que se deitou, Fofura se instalou no lugar de sempre, perto de sua cintura. Ela acariciou a gata por um longo tempo. Uma brisa suave ondulava as cortinas.

Colin quase a beijou..

Mas ele não era o homem que desejava beijar. Estava muito certa disso.

## CAPÍTULO XVIII

Sophie, Kyra e Eve saíram do salão de beleza. Um pouco mais além, três homens e um garoto deixavam o barbeiro, o sol refletindo nas cabeças rapadas.

— Aquele é Carter?! — perguntou Kyra.

— Tio Carter?!

— Meu Deus! — Eve arregalou os olhos. Eles se aproximaram.

— Olhe para nós, tia Eve — disse o pequeno Tommy McCall.

Eve estava olhando. Jack meneou a cabeça.

— O momento da verdade — murmurou Brian.

— Eve, eu posso explicar.

— Seus lindos cabelos, Carter! — exclamou Eve, olhando para o noivo.

— Os meus caíram. Por isso, resolveram rapá-los. — Tommy perdera-os por causa da quimioterapia.

— Eve, você ficou brava?

— Brava? — Ela fitava os três irmãos.

— O que tia Eve vai fazer, mamãe?

— Não sei, Sophie.

Eve aproximou-se deles e deu um beijo na boca de cada um dos três. Tommy ficou por último. Ele riu ao ser beijado, e Eve o abraçou.

Carter se aproximou e tirou o menino dos braços dela.

— Você. Pare de agarrar minha noiva. — Tomou-a pela mão. — E você, venha aqui. Quero mais disso.

Carter a beijou para valer, bem ali na praça, perto do local onde a beijara pela primeira vez, alguns meses antes. Brian bateu com o cotovelo em Jack.

— Espero que Natalie fique brava assim desse jeito. E o que você acha que a Liza dirá?

— Ela já sabe.

— Ah, que pena! Ei, alguém está sentindo um ventinho?

— Vento? Nós vamos é ficar com uma bela queimadura de sol!

— Tommy, você tem outros *Chapéus*?

— Vários!

Eve e Carter, por fim, se separaram.

— Eu não disse que ela ia gostar?

— Escute esse camarada...

— Como se ele não estivesse apavorado! Carter fitou a noiva.

— Não escute esses dois.

Suspirando, Eve passou a mão pela careca de Carter.

— Qualquer homem que faça algo assim pelo sobrinho, sobretudo um que sempre se orgulhou da cabeleira, é mesmo um sujeito incrível.

— Se você quer ver um homem incrível, espere até hoje à noite.

— Eu achava que dava azar o noivo ver a noiva antes do casamento.

— Acho que este caso é a exceção, Sophie.

Eve sorriu, serena. Virando-se, enlaçou os braços da irmã e sobrinha, e as três foram para o carro. Era oficial. Sua tremenda ansiedade terminara.

Colin as aguardava quando elas chegaram à Casa de Pedra.

— Papai!

— Nossa, como vocês estão bonitas! — Arrumando a gravata, ele olhou para Kyra. — Vocês têm um minuto?

— Temos de estar na igreja em meia hora para tirar fotos. E ainda não nos vestimos.

— É só um minuto.

— Colin...

— Venha aqui, Sophie.

Como vinha fazendo nas últimas vinte e quatro horas, Sophie observou os dois com atenção.

— O que foi, pai?

— Sei que seu aniversário será só na segunda, mas não posso mais esperar. — E entregou um envelope para ela.

Kyra achou que havia algo errado naquilo.

Abrindo o envelope, Sophie encontrou três passagens aéreas.

— São para Seattle, filha.

— Seattle, Washington?!

— Isso mesmo. E de lá poderemos ir para Hollywood. Os olhos de Sophie estavam enormes.

— Mas são três, papai.

— Colin...

Ele ignorou a expressão de advertência de Kyra.

— Uma para cada um de nós.

— Quando? — Sophie quis saber.

— Partimos na manhã de segunda.

— Em meu aniversário? — Sophie não sabia o que fazer em seguida. Olhou para a mãe, depois para o pai, sem conter a animação. — Mãe, era essa a surpresa de que você falou?

— Não, não era. Colin?

— Você não está trabalhando, meu bem. — Ele esboçou um sorriso encorajador.

Mas Kyra não se deixou enganar.

— Férias em família será ótimo para todos nós.

Só alguém que o conhecesse bem perceberia o tom de crítica na entonação.

— Essa não é uma decisão que você devia tomar sem me consultar, Colin.

— Senti saudade de vocês duas. Não diga nada agora. Pense um pouco.

— Mãe, papai quer que sejamos uma família.

Colin não podia fazer aquilo. Kyra sentiu vontade de gritar.

— Sophie, sua mãe está certa. Eu não devia ter feito isso sem conversar antes com ela. — Tomou as passagens da mão dela. — Vão se vestir, meninas. Falaremos a respeito mais tarde.

Não sendo nada boba, Sophie não se moveu. Não ia sair dali antes da mãe.

Kyra tentou raciocinar, mas não podiam se atrasar.

— Sem dúvida vamos falar disso mais tarde.

Mãe e filha saíram juntas da sala. Quando chegaram ao pequeno corredor, Sophie virou-se para Kyra.

— Por favor, não diga "não", mãe.

Kyra não falou nada. Pelo menos em voz alta.

Cláudia se abanou com uma das mãos. Verificando o relógio, desejou que já fosse mais tarde.

Saiu do quarto e desceu a escada. Seu bloco e lápis encontravam-se na mesa da sala de jantar. Procurando o desenho de uma semana antes, pegou o lápis e fez pequenas correções.

Concentrada em desenhar, de repente ergueu os olhos. E sorriu para Julian. Sentiu o bloco ser tirado de seu colo, e dedos ágeis massagearam sua mão.

— Você devia ter me feito parar.

— Nunca a farei parar. Sei como adora criar. O dedão dela coçou.

Julian cortara os cabelos.

— Ouvi os sinos da igreja agora pouco.

— Faz uma hora, Cláudia.

Uma hora. Desenhava fazia um bom tempo.

— Perdemos o casamento de Eve e Carter.

— Duvido que tenham notado nossa ausência. Julian se afastou, folheando o bloco.

— Estes esboços são incríveis, Cláudia.

— São *Chapéus* para noivas.

Ela fizera dez croquis. Alguns com véus, outros com redes. Um deles tinha uma pena imensa.

— Uma linha para noivas. Brilhante!

Cláudia quase foi tomada pelo desejo por Julian.

— Estamos atrasados.

— E podemos nos atrasar ainda mais. Ele fez que não.

— Que jogo está jogando, Julian?

— Diga-me uma coisa, até onde você iria pelo que quer? Cláudia levantou-se devagar. Mantendo o olhar tão firme quanto a postura, disse:

— Você me conhece, Julian. Vou até o fim pelo que quero.

— Mesmo?

Ela sentiu o primeiro sinal de apreensão, e não foi no dedão.

— O que está querendo dizer?

— Quanto você me quer? Aproximando-se, ela baixou a voz:

— Penso em você quando acordo, quando entro no banho, quando tomo o primeiro gole de café. Toda vez que o telefone toca, quando tiro a roupa de noite e vou sozinha para a cama. Pronto. Feliz?

— Eu sinto o mesmo.

— Então por que isso tudo?

— Oras, é pela descoberta, lógico! Cláudia estreitou os olhos.

— Descobrimo que podemos ficar sem sexo, se precisarmos? Mas não precisamos!

— Não tem sido fácil para mim também.

— Então, o que está esperando, Julian?

— Não sabe?

Ela chegou mais perto.

— Não. O que você quer?

— Além de seu corpo? Você é tão inocente, Cláudia... Ela gemeu e o encarou.

— Tenho trinta e cinco anos e sou tão inocente quanto um ladrão com uma fronha cheia de talheres de prata.

Ele sorriu, e Cláudia poderia jurar que Julian nunca fora tão belo.

— O que quer, Julian?

— Que você se case comigo.

Foi como um gongo chinês soando na cabeça dela.

— O que disse?

— Creio que decidi não ir à recepção do casamento com você.

— O quê?

— Sou apenas um homem, Cláudia. Acabo de pedir-lhe que se case comigo. Sua resposta foi a que eu imaginei que seria, mas não bem a que eu desejava ouvir.

— Não pode querer se casar, Julian. Você é quase um menino.

— Cresça. Aproveite o casamento de seus amigos! — Ele parecia bravo.

— Não pode estar falando sério...

— Fique sabendo que tenho sido sério desde o primeiro dia. Julian se dirigiu à saída.

— Aonde vai?

— Você já está falando como uma esposa.

— Isso não tem graça!

— Eu sei. Vê-la desenhar, me fez perceber que não quero mais participar de jogos.

— Mas o que temos é perfeito!

— E o que temos? Ele parecia triste.

— Julian...

— Foi o que pensei. Estarei na Taverna da Dusty mais tarde, se você quiser conversar. — E se foi. Ele foi embora. E Cláudia deixou. Julian queria casar-se ou enlouquecera? Ou seria ela a maluca?

## CAPÍTULO XIX

Sara se inclinou para a frente, cotovelos na mesa, de costas para a pequena pista de dança. As velas já estavam acabando, a recepção aproximava-se do fim.

Noiva e noivo haviam partido para a lua de mel na motocicleta de Carter. O destino era secreto. Muitos dos quatrocentos convidados também tinham ido embora.

O clima era perfeito para um casamento. Quando a cerimônia começou, a maioria dos cachos havia sumido dos cabelos de Eve, que desceu pela passagem atrás de Kyra e Sophie.

Natalie Harper, cunhada de Eve e advogada favorita de Alcott, tocava o órgão. Saxon McCall, o sogro de Eve, a conduziu.

As flores vinham do jardim de Rose e Addie, e foram arranjadas pela melhor amiga de Eve, Samantha Bell. O reverendo McCall realizou a cerimônia, e o outro irmão McCall foi o padrinho.

O fotógrafo capturou os principais momentos, desde o carregador das alianças dormindo encostado no ombro do pai até a luz nos olhos dos noivos, sem esquecer a luminosidade que se refletia nas cabeças dos irmãos McCall.

A tranquilidade da madrinha também estava lá. Kyra parecia uma gazela parada diante das luzes de um carro. Apesar de não aparecer nas fotos, Cláudia mostrava uma expressão parecida.

Sara tentou tirar o buque da mão da amiga. Sem largá-lo, Cláudia continuou a arrancar as pétalas das flores.

— Todos acharam hilariante quando peguei o buque. Muito engraçado... Eu não o peguei. Ergui a mão para proteger o rosto quando ele estava passando.

Kyra assentiu.

— Eve jogou-o com força demais.

— Jogadores no campo de beisebol não lançam com tanta energia!

Kyra e Sara sorriram.

O jantar terminara, o resto do bolo secava na bandeja. As luzes estavam mais fracas na pista de dança, onde alguns casais ainda circulavam com a música lenta.

— Teve sorte com Sophie? — perguntou Sara. Kyra fez que não.

— Pelo menos ela está falando com você de novo.

— Se considera falar comigo indagar se podia pernoitar com as Callaway e depois dizer que queria que Ginger e Pete a adotassem...

— Tem de admitir que a menina tem garra. — Cláudia ajeitou os cabelos.

— Por que Colin teve os casos, mas eu é que sou a malvada?

— Porque você é a mãe, e Colin, o espertinho que se foi da recepção logo após o jantar para não enfrentar a situação.

Foi a vez de Kyra soltar um som de desapontamento.

— Fui honesta com a Sophie desde o começo, ou pelo menos tento, quanto necessário, para o bem-estar dela. Ela sabe que nossa união acabou. Ela estava começando a aceitar isso, e Colin aparece e acaba com tudo com as três passagens para o outro lado do país. E ele achava que eu ia adorar?!

— Não diga isso para nós, mas para ele.

Kyra e Cláudia olharam para Sara, que baixou a cabeça, tímido.

— Ela está certa. — Cláudia pulverizou as pétalas das margaridas. — Tem de dizer a Colin, com todas as letras e de uma vez por todas.

Desacostumada a ver suas opiniões valorizadas, Sara alisou uma ruga no vestido cor-de-rosa que a princípio rejeitou. Ele estava a sua espera quando ela chegou da sessão com o psiquiatra, após tocar piano.

Ela havia tocado piano!

O bilhete com a roupa dizia: "Vista-o ou use-o para limpar embaixo da cama. Você é quem sabe".

— Nós três concordamos que Kyra tem de falar com Colin. E quanto a você, Cláudia? O que fará?

— Sobre o quê?

— Sobre Julian. — Inclinando-se, Sara a encarou. — Ele a pediu em casamento. É um moço gentil, inteligente e admirável, e, segundo suas próprias palavras, uma amante sensacional. Do que é que tem medo?

— Primeiro, ele não me pediu. Apenas disse que queria se casar comigo. E de onde tirou a ideia de estou com medo?

Kyra e Sara se entreolharam. Estendendo a mão, Sara bateu de leve nos dedos da amiga.

— Todos temem alguma coisa. Eu tenho de ir buscar Seth. Boa sorte para vocês duas. Boa noite. — Dizendo isso, Sara se foi.

— Por que é que uma mulher que apanhava do marido está se saindo melhor que nós duas? — Cláudia meneou a cabeça.

Kyra também se levantou.

— Você já vai?

— Sim. Vou falar com Colin. E você, o que irá fazer? Cláudia não sabia. Julian queria se casar. Mas não podia estar falando sério. Casamento não estava nos planos dela. E ele sabia disso.

— Cláudia?

Achou difícil olhar para a amiga.

— Não se preocupe, Kyra. Estou bem. Vá acabar com Colin.

— Posso ouvir as engrenagens se movendo em seu cérebro. O que tem em mente?

— Acho que vou pagar para ver o blefe de Julian.

Cláudia chegou a seu destino sem um plano definido.

Precisando pensar, dirigiu por Alcott. Cruzar a cidade toda levou cerca de cinco minutos, o que fez com que se lembrasse de que cidades pequenas não eram bons lugares para guiar quando se dispunha de muito tempo.

Foi até a praça, estacionou perto da Taverna da Dusty e entrou. Estava bem vestida demais para o

ambiente, mas não se importou com isso!

Era noite de sábado, e havia muita gente ali. Julian foi o único que não olhou quando ela entrou. Mas sem dúvida sabia que havia chegado.

Julian passava giz no taco de sinuca. Cláudia permaneceu perto da entrada, esperando. Ninguém ia estragar sua entrada.

Ele tirara o terno preto. Não era justo... Só ela continuava enfeitada demais.

Julian, por fim, a fitou. E ela caminhou em sua direção.

— Olá, Cláudia — cumprimentou-a Jeremy Baker.

— Como vai, Cláudia? — perguntou Russ.

— Ei, Jeremy e Russ...

Julian assoprou a ponta do taco e inclinou-se para dar uma tacada.

Cláudia parou e olhou para seu dedão. Nada.

— Perdeu alguma coisa? — Jeremy quis saber.

— Rapazes, vocês se importariam de nos deixar a sós por um momento?

— Estamos jogando. Russ puxou o amigo.

— Vamos, Jer, eu lhe pago uma cerveja. Eles se afastaram.

— Temos de conversar, Julian.

Ele terminou a tacada. As bolas cinco e sete caíram nas caçapas, e a branca parou perto da oito, em uma jogada perfeita.

— Russ e Jeremy são rapazes interessantes. Pelo que entendi, você já saiu com os dois.

Ela fitou o teto.

— Sobre o que quer falar, Cláudia? Aliás, belo buque. Ela colocou o arranjo destroçado na beirada da mesa de sinuca.

— Eu o peguei no casamento.

— Sério?

— Acho que dei sorte. — Cláudia chegou mais perto. — Pode me dizer o que aconteceu antes?

Julian deu outra tacada, encaçapando outra bola.

— Sei por que você fugiu de mim. — Não fujo de ninguém, Julian.

— É porque ninguém nunca lhe disse para não fazê-lo. Ela abriu a boca para contestar.

— Você estala os dedos e a vida cai no lugar. Aprendeu a ler com três anos, formou-se no ginásio um ano antes, ignorou a faculdade toda e iniciou um negócio quando sabia muito bem que noventa por cento dos pequenos negócios não dão certo.

— Só ignorei a faculdade para aborrecer meu pai. Como poderia saber que não ia necessitar de um diploma para ter sucesso com a *Chapéus*?

— A *Chapéus* deu lucro no primeiro ano e continua a crescer em um ritmo impressionante. A pobre, inteligente e entediada Cláudia precisa de um desafio.

— E essa a questão? Está tentando me desafiar? Eu devia despedi-lo.

— Minha demissão está sobre sua mesa, em Charleston. Cláudia ficou incomodada ao se descobrir aflita. Imaginar a *Chapéus* sem Julian era terrível. E decerto não teria graça.

— Recuso-me a aceitar sua demissão.

— Está bem. De qualquer forma, ela não está de fato em sua mesa.

Ela ergueu as mãos para os céus.

— Pronta para ouvir o restante, Cláudia?

— Lógico, por favor, conte-nos tudo. — Indicou diversas pessoas que se calaram para ouvi-los.

Algumas sorriram.

— Onde parei?

— Eu estava estalando meus dedos.

As mulheres acharam graça. A expressão de Julian não se alterou.

— Como dizia, você estala os dedos e eu vou correndo. Dirijo a companhia quando você não está. Negocio os contratos e deixo seus competidores para trás. Aqueço sua cama e lhe dou prazer. E sempre que seu dedão coça... bem, você sabe o que faço pelos dedos de seus pés.

— Ele disse dedos dos pés? — Russ arqueou uma sobrancelha.

— Quem se importa? — comentou outro homem.

— Quando você começa a ficar agitada, tudo o que tem de fazer é entrar em um avião. Só que não quer mais escapar de mim, e isso a assusta.

— Está maluco! Eu? Assustada? Mas Sara afirmara algo parecido antes.

— Não tenho medo de você, Julian.

Ele parou de fingir que se concentrava no jogo.

— Não falei isso. Você está com medo do amor.

— Quem falou em amor?

Cláudia foi até ele e não parou até estar a milímetros de distância.

— Nós temos algo, Julian: paixão, respeito. E nos divertimos. Além disso, temos liberdade. — Ela passou a sussurrar, e os demais foram forçados a ler seus lábios. — Sei que você me quer, meu bem.

Ela passou a mão pelas costas dele.

— Vê a mão dela? — disse alguém.

— Está no traseiro dele, e agarrando!

— Nada disso. — Julian se afastou. — Pode olhar, mas não tocar. Não me faça ter de dizer de novo.

— Por quê? Vai me dar umas palmadas?

— Após o casamento, lhe darei quantas palmadas quiser.

Algumas mulheres soltaram exclamações.

— Que ideia ridícula é essa de casamento?!

— Não tem nada de ridículo, Cláudia. Retomaremos nossa vida sexual depois do matrimônio. E

teremos de recuperar o tempo perdido, não é?

— Não me casarei com você.

— Então eu não poderei baixar o zíper desse seu vestido incrível. Nem tirar seu sutiã, nem brincar com sua calcinha.

Os olhos dela se fecharam um pouco.

— Julian... — Não iria implorar.

— Não haverá mais lenços de seda, nem óleos perfumados, nem beijos molhados. Em lugar nenhum.

— Querida, se você não se casar com ele, eu caso! — gritou Tate, a esposa de Russ. — Desculpe-me, Russ.

— Isso é absurdo — disse Cláudia.

— Pelo contrário.

— Pelo contrário — ela imitou. Então, fitou a audiência. — É impressão minha ou ele parece estar maluco?

— Para mim, o moço tem um ótimo plano — declarou Jeremy para sua cerveja.

Cláudia olhou feio para ele.

— E quem lhe perguntou? Julian sorriu pela primeira vez.

— Cláudia, Cláudia, Cláudia... Você já sabia, quando entrou aqui, que ia concordar em se casar comigo. Até trouxe o buque.

— Eu quis pagar para ver. Refiro-me a seu blefe.

— Não estou blefando.

— Você se casaria com alguém que não o ama? A audiência soltou uma interjeição.

Um a zero para Cláudia.

— É óbvio que você me ama.

— Está dizendo que o amo, mas não sei?

— Não, nada disso.

Julian baixou o taco e sentou-se na beirada da mesa de sinuca. Cláudia já o vira assumir aquela posição em mesas de negociação e no quarto.

— Você sabe, Cláudia, só não quer admitir. Ela riu, mas o som saiu fraco.

— Você me ama desde o começo. Não acha que eu teria ficado a seu lado por três anos se achasse que não me amava, não é?

— Estão juntos há três anos? — O barman se espantou. — Isso deve ser o recorde da Cláudia!

E o barman estava certo.

Muito bem. Cláudia ficou sem saber o que dizer. Não lhe veio à cabeça nenhum comentário esperto. Falando em recordes...

— Você o ama? — perguntou alguém. — Porque, se amar, devia se casar com ele.

Cláudia deixou escapar um som desesperado e passou as duas mãos pelo rosto.

— Como posso saber? Estou tentando raciocinar, e gostaria muito de um pouco de paz e silêncio.

— Vocês deviam decidir com um jogo de sinuca! — sugeriu um frequentador.

Julian saltou da mesa e foi até ela com a leveza de um Baryshnikov, o bailarino com quem Cláudia sonhava vir a ter um caso, quando era menina. Depois, ela apaixonou-se pelo príncipe Andrew. Ainda acreditava que, se tivesse conhecido o príncipe, ele não teria se casado com Fergie.

Olhou para Julian. Havia algo naquele sotaque inglês...

Ele se inclinou e falou tão próximo que seus lábios raspavam no lóbulo de sua orelha:

— O que acha, Cláudia? Está preparada para um jogo de sinuca?

Ela sentiu um calor por dentro. Sua vontade retornou. E Cláudia sorriu.

— Sem dúvida. Decidiremos isso de uma vez por todas. Mas antes vamos impor as condições.

— Se eu vencer, você se casa comigo. Esta noite.

— Então, se eu vencer, vai comigo para minha casa e eu farei com você o que quiser. Esta noite.

— Eu queria ser uma mosquinha na parede... — ouviu-se o comentário.

— O que será que ele faz com os dedos dos pés dela? — imaginava outra pessoa.

Cláudia estendeu a mão. Julian a segurou. Mas em vez de sacudir, beijou-lhe a palma e a colocou sobre seu peito, dentro do qual seu coração batia com um ritmo lento.

— Nossa! — exclamou alguém.

— Não disseram que ele foi campeão de sinuca faz alguns anos?

— É mesmo? Se é assim, o que a Cláudia está fazendo?

— Talvez ela queira perder. Sei que eu ia querer perder.

— Cláudia não gosta disso...

— Bem, a sorte está lançada.

Ao terminar, Julian soprou a ponta do taco, como se fosse uma arma fumegante. Todos aplaudiram. Cláudia encarou a plateia.

— O quê?! Vocês estão do lado dele?!

— Julian a venceu — disse um pescador.

— Acha que não sei? — Ela levou a mão à testa.

— Nós ainda não nos casamos, querida. Não me diga que já está com dor de cabeça.

Todos acharam graça.

— O que vai fazer agora, Cláudia? — Julian quis saber. Era quase como se estivesse com pena dela.

O que a irritou.

— Oras, vou me casar com você, o que mais poderia fazer?! Ele sorriu.

— Parte de seu termo era que nos casaríamos, certo?

— Certo.

— Esta noite.

— Exato.

Sorrindo com doçura, Cláudia acrescentou:

— Mas, Julian querido, isso é impossível. Não temos uma licença de casamento.

Ele apontou para um papel na mão de um dos pescadores.

— Claro que temos.

Cláudia arrancou o documento da mão do homem.

— Não lembro de ter assinado isto. Julian deu de ombros, e ela sussurrou:

— Você falsificou minha assinatura.

— Não se preocupe. A outra, na certidão, será autêntica. — Julian parou de sorrir. — Quer se casar comigo? Quer viver a meu lado, trabalhar, brigar, fazer amor comigo? Será minha esposa, minha amante, minha colega, minha amiga?

Ela ficou olhando, muda, enquanto grandes lágrimas corriam de seus olhos. Quantas vezes Julian a olhara daquela forma, e ela sempre ficara imaginando o que estaria pensando?

Um milhão de vezes.

Seu dedão, por fim, começou a coçar.

Ela o amava.

— Mas que droga! Julian sorriu.

— Você não é jovem demais para mim. Ele fez que não.

— Nem bonito demais. Julian meneou a cabeça.

— Você é como eu. Ele assentiu. E esperou. Mais uma lágrima correu.

— Eu te amo, Julian Bartholomew. — Cláudia correu em sua direção. — Quem diria? E se você disser que só posso olhar mais uma vez, eu...

— Você o quê?

—... caso com você hoje!

Julian ergueu as sobrancelhas e baixou o queixo. A caminho de beijá-la, parou.

— Você só pode olhar... A audiência aplaudiu.

Depois do beijo, Julian e Cláudia caminharam para a porta.

— Não se esqueça do buque!

— Jogue aqui — pediu Cláudia a Tate.

Pela segunda vez naquela noite, apanhou o buque tentando se defender. A última coisa que ouviram quando saíram da taverna foi a voz de Dusty:

— Até quando perde, Cláudia sai ganhando. E ela gostou muito da ideia.

Quantas vezes ansiara que ele a olhasse daquela forma? Quantas vezes desejara que a beijasse com volúpia, com paixão?

Colin se aproximou, as mãos quentes nos ombros dela.

E Kyra conseguiu respirar e arquear uma sobrancelha.

Endireitando-se, ele a soltou sem dizer nada, pegou um travesseiro da cama e o cobertor que ela dobrara. Saiu antes de Kyra perceber que Colin dissera "boa noite".

Fechando a porta, ela olhou para o leito e reparou que Colin apanhara o travesseiro de seu lado. Aquela briga pelo mesmo lado da cama existia desde o começo do casamento. Talvez fosse um indício de que não podia mesmo durar.

Ouviu o barulho do sofá sendo aberto. Já era quase meia-noite e, no dia seguinte, sua irmã ia se casar. Kyra e Sophie ajudariam a decorar o salão. Em seguida, iriam fazer cabelo, unhas e maquiagem. Ela e Colin não iriam ter tempo para conversar.

Assim que se deitou, Fofura se instalou no lugar de sempre, perto de sua cintura. Ela acariciou a gata por um longo tempo. Uma brisa suave ondulava as cortinas.

Colin quase a beijou...

Mas ele não era o homem que desejava beijar. Estava muito certa disso.

## CAPÍTULO XX

Kyra seguia, determinada, até a Casa de Pedra, mas parou de súbito na escada da frente. Uma música suave vinha de lá de dentro. Chopin. Seu compositor erudito favorito. E Colin sabia disso.

Ela não gostou muito daquilo.

Entrando, descalçou os sapatos. Havia um paletó escuro no espaldar de uma das cadeiras da cozinha. E uma garrafa de Château Latour sobre o balcão.

— Olá, Kyra.

A voz grave de Colin a fez virar-se. Em meio à sombra da sala, ali estava ele, com Fofura dormindo a seu lado. Tinha um cálice de vinho na mão.

— Quer uma taça? Ela fez que não.

Colin levantou-se, esperando que ela se aproximasse.

— Não quero perdê-la, Kyra.

— Você já me perdeu! — Ela acendeu um abajur, fazendo-o proteger os olhos.

— Onde está Sophie?

— Vai dormir nos Callaway. Você não pode ficar aqui esta noite, Colin.

— Está brava...

— O que você fez não tem perdão!

— Vou ajeitar as coisas. Desculpe-me, Kyra. Você é a única mulher que eu amo.

Kyra havia acreditado nas palavras dois anos atrás.

— Eu não estava falando de seu caso. Ou deveria dizer "casos"? O que você fez com Sophie hoje é um crime. Alimentou a esperança dela, e isso foi cruel.

— É cruel tentar manter a família unida?

— Sem dúvida você se preocupou muito em unir a família quando abraçava Deirdre.

— Deirdre foi um erro. Sei disso agora. Não sinto saudade dela, mas lamento sua falta muito mais do que consigo dizer.

Kyra recuou um passo quando ele chegou mais perto. Mas Colin passou por ela, foi até a cozinha e serviu-se de mais vinho. E dessa vez trouxe-lhe um cálice para também. Kyra tornou a recusar.

— Como posso acertar as coisas, Kyra? Eu estou implorando. Como? — Ele a segurou pelos ombros, fazendo com que se virasse.

Kyra afastou-se.

— Não pode. Eu lhe dei uma segunda chance. Agora, quero o divórcio.

— E quanto a Sophie? Já pensou no que isso irá fazer com ela? Vamos para Seattle, só nós três. Iremos nos divertir. Levaremos Sophie à Space Needle e ao Pike Place Market. Aquela cidade é maravilhosa, e linda nesta época do ano. Nossa filha vai adorar, e você também.

Kyra o fitou, furiosa.

— Acabo de lhe dizer que quero o divórcio. Não tenho a energia nem o desejo de perdoá-lo, Colin. Provou que não merece meu perdão. Você não escuta. E tudo o que consegue falar é sobre como Seattle é linda nesta época?!

Kyra o observou com mais atenção. Colin estava a três metros, alto, esguio e atraente demais.

— Quando esteve em Seattle? — ela quis saber. As sobrancelhas dele se arquearam um pouco.

Kyra ficou esperando pela mentira. E era como se ele soubesse.

— Estive lá duas semanas atrás.

— A trabalho ou prazer?

A pergunta atingiu o alvo. Mas ele não reagiu.

— Recebi uma proposta de consultor em uma empresa nova.

— Entendo.

Ela estava vendo tudo. O "presente" na forma das passagens era mais um esquema para levá-las e convencê-las a morar em Seattle. Tudo segundo os interesses pessoais dele.

— Estão oferecendo um bom salário, Kyra, e um ótimo pacote: participação nos lucros, horário flexível... Você não terá de trabalhar se não quiser. Podemos recomeçar em um lugar excitante e novo. Será como quando Sophie era pequena. Seremos felizes de novo. Vai ser perfeito.

E tudo ficou muito claro. Seria sempre assim com Colin. Ele estaria sempre procurando a excitação, o novo começo.

— Não, Colin.

Os olhos dele se estreitaram, outro gesto comum do passado.

— Você fala como minha mãe. "Não, não, Colin." Também dará um tapa nas costas da minha mão?

Pouco tempo atrás, aquilo a teria afetado, e Kyra sentiria vontade de satisfazê-lo. Bastava uma pequena crítica para ela ceder e lutar para conquistar a aprovação dele.

— Devia ter falado comigo antes de comprar as passagens.

— Sophie também é minha filha.

Kyra desejara ter mais filhos. Colin não quis. E, como de hábito, a vontade dele triunfou.

— Tudo o que você faz é sempre por algum motivo. Seus motivos. Apareceu em Alcott um dia antes do combinado para ter mais espaço para me convencer.

— E você se afasta sempre que a toco. É como passar manteiga no peru de Ação de Graças que ainda está congelado.

— Mas há um detalhe que está esquecendo, Colin. Não fui eu quem teve um caso.

— Não mesmo?

— O que isso quer dizer?!

— Você e o psiquiatra pareciam bem à vontade quando cheguei, ontem. Sophie contou que Você o vê sempre. Está fazendo terapia, Kyra?

Sentindo o rosto corar, ela decidiu que não havia motivo para aquilo. Zangou-se com ele e consigo

mesma.

— Desde que saí de casa, nem mesmo beijei outro homem, quanto mais fazer amor. Você pode dizer o mesmo?

— É claro... A sra. Perfeita...

— Achei que o que você queria era a perfeição!

— Talvez, se você abrisse a boca quando nos beijamos, eu não tivesse precisado ir procurar alguém que fizesse isso!

— Ah, certo... — Avançou um passo na direção dele. — Então eu o levei a ter casos para eu poder vir para cá me apaixonar por outro homem.

A mão de Kyra subiu até a boca, então baixou devagar. Ela havia chocado os dois.

Colin ficou ali, estático, com os punhos cerrados, abaladíssimo.

E ela tremia.

Claro que ele se recobrou primeiro.

— Ora, ora, ora! Então a sra. Perfeita não é assim tão perfeita.

Pegando o paletó na cadeira e a garrafa de vinho, saiu sem dizer mais nada.

A luz da varanda na casa dos Callaway estava acesa. Ginger abriu a porta antes de Kyra bater.

— Sei que é muito tarde... — desculpou-se.

— Não se você for uma coruja como eu. Quem precisa de campainha quando se tem Duke e Rusty? Calma, rapazes! — disse aos cachorros. — Venha, entre, Kyra.

— Sophie está acordada?

— As meninas ainda conversavam agora há pouco. Como você está?

Ginger usava um robe. Ainda vestido, Pete ressonava na poltrona diante da televisão.

Algo na confusão da casa com quatro meninas, dois cachorros e o marido dormindo fez a garganta de Kyra se apertar.

— Colin sabe que está acabado. Vim buscar a Sophie. Ela chorou muito?

— Meninas nessa idade estão sempre chorando. Foi um dia muito emocionante para ela, mas acho que ficará aliviada em vê-la.

— Ela está brava comigo.

— Sophie não é boba. Já sabe o bastante sobre a vida para entender que tem algo errado. E sabe que você a ama, meu bem. Não se preocupe. Tenho muitas filhas, sei como é.

Kyra sorriu, algo que não esperava fazer.

— Eu já volto.

Ginger subiu a escadaria.

Em minutos, passos desciam os degraus. Sophie apareceu, um pouco à frente de Rebecca e Ginger. As pálpebras estavam inchadas, e o pijama emprestado era um pouco pequeno para ela.

Kyra adiantou-se e abraçou a filha.

— Vamos para casa, Sophie.

— Para a Filadélfia?

— Esta noite, nosso lar é a Casa de Pedra. — Kyra foi para a porta.

— Mãe, estou de pijama. Você veio da festa? Mas está de chinelo...

Surpresa, Kyra fitou Ginger, que lhe deu um sorriso e piscou.

— Isso é o melhor com as filhas. Elas sempre sabem onde você se localiza no departamento da moda, entre outros.

Foi incrível como a sensação de ser compreendida lhe fez bem.

— Obrigada por tudo, Ginger. Devolveremos o pijama da Rebecca amanhã.

— Boa noite.

A ruivinha acenou para Sophie. Ninguém se despediu do homem dormindo na poltrona.

— Homens são engraçados, mãe...

— Às vezes, Sophie.

— O que papai fez não teve graça. -r- Não, mesmo.

— Ele foi embora?

— De Alcott? Não.

Kyra deu a partida no motor.

— Como sabe?

— Ele não iria embora sem se despedir de você.

— Queria tanto que ele não fosse tão idiota...

Kyra deu tapinhas no joelho da filha.

— Mas eu o amo mesmo assim, sabe, mamãe?

— Eu sei, Sophie. E ele te ama, também. A garota suspirou.

— Desculpe-me se de vez em quando ajo como uma criança mimada.

— Você não é mimada. É um ser humano.

— Eu te amo, mãe.

— E eu amo você, querida.

O dia terminou bem melhor do que começara.

Fofura foi atrás de Kyra por todos os cômodos, passando entre suas pernas e ficando no caminho. Kyra se abaixou para acariciá-la.

— É estranho estar aqui sem Sophie, não é? A gata ronronou.

— Não deixe isso incomodá-la muito. — Pegou Fofura no colo e a carregou.

Retornara do aeroporto em Manchester fazia uma hora. Sophie e Colin estavam a caminho do Kentucky para conhecer os cavalos que a menina ganhou.

Colin apareceu aquela manhã, mostrando-se mais inseguro do que nunca. Tiveram, enfim, aquela conversa difícil com Sophie. Os três choraram.

Colin não gostava da ideia de que Kyra não podia, ou não conseguia, perdoá-lo, mas entendeu que ela falava sério. Como não tinha o costume de perder, teria de aprender a lidar com isso. Apesar de divórcios nunca serem divertidos, o deles não seria terrível.

Ele cancelou as passagens para Seattle. Ou, sendo Colin, ele as adiou. Kyra não se deixou enganar.

Colin se ofereceu para levar Sophie à Disneylândia pelo aniversário dela, mas a garota preferiu ir conhecer os cavalos. Essa era a surpresa de que Kyra falara. Ela mostrou as passagens que tinha escondido. Depois de uma longa conversa, decidiu-se que Colin iria com Sophie dessa vez, e Kyra, na próxima.

Teriam de aprender a dividir a filha. Não seria fácil. Vendo o avião decolar, Kyra ficou desolada.

Ela e Colin tinham muito a decidir. Kyra não sabia o que o futuro reservava, mas, ali na cozinha da Casa de Pedra, sentia-se capaz de lidar com o que quer que fosse. Essa serenidade devia estar aparente, porque Colin olhou para ela por vários minutos naquela manhã. Talvez tivesse, enfim, se dando conta do que perdera.

E pensou em Daniel.

Sentia falta dele, das risadas que compartilhavam. Colin sabia que ela se apaixonara por outro homem.

Talvez estivesse na hora de contar para Daniel.

Sem dúvida ele ia saber o que passava em sua cabeça se batesse em sua porta no meio de uma tarde de domingo usando um vestido leve e esboçando um largo sorriso. Ótimo.

Onde deixara as chaves do carro?

Daniel abriu a porta e deparou com Kyra, que mordida o lábio, nervosa.

— Algo errado?

— Sim.

A brisa fazia seus cabelos ondular, assim como a barra do vestido amarelo-claro.

— É que... estou apaixonada por um homem que ainda não beijei. — Kyra o encarou com firmeza. — Daniel, não quero lidar com o ontem, com dúvidas e arrependimentos, nem com o amanhã, preocupações e lógica.

— E o que você quer?

Ela sentiu-se derreter. E deu um sorriso que o atingiu em cheio.

— Quero apenas fazer amor com você. Ele escancarou a porta.

## CAPÍTULO XXI

Daniel abraçou Kyra. Por fim ela estava em seus braços. Por fim a beijava.

Comprimiu o corpo contra o dela, tomado pela sensação, o calor dos lábios, a dança erótica das línguas, o calor dos deles se procurando, querendo mais.

Os dedos cobriram um seio, acariciando-o. Ela não estava usando sutiã. O que mais Kyra não estaria vestindo? O desejo o dominou, tornando-o mais rude, devorador.

Teve de ir com mais calma, ou a tomaria ali mesmo.

— Kyra...

— Sim?

— Onde está Colin?

— Sumiu.

— Da face da terra? Ela achou graça.

— Não exatamente.

— Que pena...

— Ele adorou você.

— Mente tão mal, meu bem!

Kyra gemeu por causa das carícias.

— Disse a Colin que quero me divorciar.

— Ele não deve ter ficado contente por perdê-la. Posso fazer algo a respeito?

— Estou diante de um dilema. — Kyra respirou fundo.

— Sou bom com dilemas.

— Talvez neste caso eu deva ser a juíza. Daniel parou o que fazia e olhou nos olhos dela.

— Estou ouvindo.

Kyra acariciou o rosto dele.

— Disseram que não sou muito boa nisso. Talvez eu deva parar de falar antes que estrague tudo, mas estava imaginando como uma mulher faz para perguntar para um homem onde fica a cama dele.

— Ora! — Daniel tomou a mão dela e a beijou.

Foram para a escada, passando por caixas de papelão no caminho.

— Você vai a algum lugar, Daniel?

— Encaixotei as coisas de meu pai.

— Entendo... Olhe, eu falei sério antes. Não quero lidar com dúvidas, arrependimentos, preocupações e lógica. Chega de falar.

— Como você preferir.

E subiram as escadas, direto para os aposentos dele.

Muito depois, Daniel se afastou um pouco. Kyra não conseguia se mover.

— Quem quer que tenha dito que você não é boa nisso estava completamente enganado.

Ela sorriu.

— Eu te amo, Daniel.

— Bom.

Kyra, por fim, reuniu energia suficiente para mover a cabeça.

— E? — Ela não ia mais bancar o capacho.

— Estou com trinta e nove anos e nunca estive apaixonado antes. Amo você, Kyra. Nunca disse isso para ninguém, antes.

— E eu estou com trinta e seis, e nunca amei desta forma. Agora, conte-me sobre aqueles caixotes.

Daniel a observou daquela forma extraordinária, analisando-lhe a expressão. O que quer que ele dissesse, Kyra sabia que seria a verdade.

— Ofereceram-me uma posição na Comissão Internacional de Pesquisa Psiquiátrica.

— Isso parece muito bom. Ele deu de ombros.

— Onde?

Daniel beijou os dedos dela até que relaxassem.

— Na França.

— Maravilhoso...

— Não precisa mentir para mim, Kyra, nem que seja para proteger meus pensamentos.

De súbito, Kyra tomou consciência da luz da tarde e de que estava nua. Ficou sem graça.

— Quando partirá?

— E quem disse que vou partir? Ela o encarou, sem compreender.

— Então o que fará?

— O que for necessário para passar o resto da vida a seu lado.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Claro, se você me quiser.

Kyra se apoiou em um cotovelo e olhou para ele.

— Primeiro, tenho algumas perguntas.

— Sei que há a questão do divórcio e, é óbvio, o bem-estar de Sophie.

— Sim. Acho que com Sophie não haverá problema. Mas não é disso que estou falando.

— Ah, um teste?

— Não coloque palavras em minha boca. Você tem uma mente suja, dr. Mackenzie.

— Só quem também tem consegue ver. O que você estava dizendo?

Deitando-se de novo, Kyra desenhava círculos com o dedo no ombro dele.

— Se eu fosse uma comida, onde estaria?

— Está com fome?

— Sua resposta é importante para mim. Daniel a olhava com intensidade.

— Se você fosse uma comida, sem dúvida seria uma sobremesa.

Ela não sorriu.

— Que tipo?

— Algo ao mesmo tempo completo e decadente. Suave úmido, saboroso. Como morangos maduros recém-colhidas, com chantilly e chocolate derretido.

As sobrancelhas dela se arquearam um pouco, e ele soube que a resposta a agradou.

— Isso é bem melhor do que ser um peru de Ação de Graças congelado.

— O quê?

— Deixe para lá.

Mas não, ela não ia se safar assim fácil.

— E eu, Kyra, o que seria?

— Alguma carne bem temperada, creio. Algo com um gosto diferente em cada bocado, forte, macio e que dá água na boca. Pronto para a segunda questão? De que lado da cama prefere dormir?

— Eu durmo no meio.

— Nem hesitou! Isso significa que posso escolher qualquer lado e ainda assim estar perto de você.

— Tem mais uma coisa que deve saber, Kyra. Foi a vez dela escutar.

— Não é fácil para os Mackenzie amar, mas quando o fazemos, é para sempre.

— Oh, Daniel... Estou tão feliz por ter vindo para Alcott neste verão!

— Meu bem, você não é a única.

Recomeçaram as carícias, e dessa vez foi tudo mais lento e cuidadoso, com mais exploração e descobertas.

— Cláudia me disse que devia fazer isso.

— A moça dos *Chapéus*? Kyra gemeu.

— Ela não está atendendo ao telefone. Queria saber por quê.

— Cláudia fugiu para se casar com o inglês.

— O quê?! — Kyra deixou de lado os afagos e arregalou olhos.

Mas Daniel seguiu em frente, e ela quase esqueceu o assunto. Eu estava no pub quando... quando ele a venceu no jogo sinuca.

Kyra gemeu alto quando ele descobriu outro ponto muito sensível em sua anatomia.

— Daniel, acho que esse lugar não estava na lista do livro. Ele não parou, e ela tornou a gemer.

— Que livro?

— Eu lhe conto mais tarde. — Ela não conseguia mais continuar pensando.

## EPÍLOGO

Era verão outra vez. Lá no fundo, Daniel sabia do cheiro, da sensação da estação, mas estava ocupado demais para prestar atenção.

Percorrera a distância desde sua nova clínica em Manchester em um ótimo tempo. Virar à direita na rua Marsh, depois à esquerda na Maple e o desvio rápido logo a seguir para a travessa do Capitão se tornara automático naquele ano, e ele sempre ficava mais e mais ansioso quanto mais perto chegava.

Mas naquela tarde a ansiedade era diferente, pois os alunos de Sara ensaiavam para o recital de piano daquela noite, na residência ao lado.

Daniel parou na entrada de sua casa. Pegando o paletó, correu pelo jardim inclinado.

Achou as Três Tagarelas na cozinha, quando entrou. Não era raro encontrá-las ali. Afinal, a cozinha era a base da empresa de fornecimento de comida de Kyra, e o restante do primeiro andar, a escola de música de Sara. Como os dois negócios foram ideia de Cláudia, não era de admirar que ela passasse tanto tempo em Alcott quanto em Charleston. Desde a reunião, as três eram muito solidárias umas com as outras.

Sara sorriu, tímida, e Cláudia piscou um olho.

— O que vocês estão aprontando?

Kyra inclinou a cabeça um pouco, a expressão, parte convite e parte desafio.

Apesar de Daniel reagir a isso do modo mais fundamental, também não perdeu o olhar rápido que a esposa lançou na direção das amigas. Nem elas.

Cláudia segurou uma bandeja de doces que Kyra preparara para os alunos de Sara e os pais deles, e Sara correu atrás dela para acender o grande candelabro em cima do piano de cauda.

Elas não eram nada sutis.

Daniel se aproximou de Kyra.

— Certo, o que você está aprontando?

— O que o faz pensar que apronto alguma? — Fitou-o com o olhar mais inocente do mundo. Mas o sorriso a entregava.

— Conheço as mulheres. E você acima de todas.

Ela riu alto, e Daniel soube que, o que quer que fosse, era algo bom.

A porta se abriu.

— Mãe, Rebecca disse que acha que vai vomitar. Olá,

Daniel!

Sophie e a melhor amiga entraram.

— Jogue água fria no rosto, Rebecca — Kyra aconselhou. — E depois, levem estas bandejas para dentro, está bem?

— Ninguém me leva a sério... — Rebecca suspirou, mas obedeceu.

Sophie também.

— Ginger falou para ela imaginar que todos na audiência estão de roupa de baixo. Acho isso horrível, portanto fingirei que são todos cavalos.

— Por que cavalos? — quis saber Daniel.

— Porque todos sabem que cavalos são clementes. As duas se foram.

— Nem dá para imaginar que ela pôs um piercing no umbigo, na semana passada — comentou Daniel.

Kyra sorriu.

O divórcio foi concluído no meio do inverno. Ela e Daniel casaram-se em fevereiro, em uma cerimônia pequena. E, como Sophie decidira estudar em Alcott, viviam agora na casa de Archie, na travessa do Capitão.

Daniel construiu um estábulo nos fundos, e toda manhã os cavalos de Sophie assistiam do pasto ao nascer do sol sobre o mar. E Kyra nunca imaginara que poderia ser tão feliz.

— Dá para imaginar que Eve e Carter vão ter gêmeos? — Ela ajeitou outra bandeja de doces.

Daniel fez um daqueles sons que os homens fazem para mostrar para as mulheres que estão ouvindo.

— E Cláudia comentou que estão fazendo muito mais pedidos dos *Chapéus* de noiva do que ela pode produzir.

— Hum...

— E chegaram os últimos testes de Tommy. Ele parou a quimioterapia faz três meses, e continua bem.

— Que ótimo, Kyra! É tão incrível quanto nesta manhã, quando você me contou antes de eu ir para a clínica. Você se lembra desta manhã, não?

Como sempre, o calor na voz dele a aqueceu.

— Talvez seja melhor você refrescar minha memória. Mais tarde.

Daniel a beijou.

Eles todos tinham avançado muito naquele ano, mas de longe quem mais progrediu foi Sara. Infelizmente, Rose Lawson falecera, no outono. Sara e Seth mudaram-se para a casa grande com Addie. Cláudia e Julian trabalhavam em outra linha de *Chapéus*, agora para crianças. E o teste de gravidez de Kyra dera positivo.

— Você contou para ele?

Daniel se virou para Cláudia, que voltava para a cozinha.

— Contou o quê?

— Céus! — exclamou Cláudia. — Esse suspense está me matando!

Kyra encarou o marido e levou a mão ao ventre.

— O dr. Bradley fez outro ultrassom hoje.

— Por que você não me ligou, querida?

— Queria fazer uma surpresa.

— Está tudo bem?

— Tudo perfeito. Eu lhe mostro a imagem depois. Sophie retornou.

— Sara disse que é melhor irem todos para seus lugares. — E saiu outra vez.

Daniel pegou o ponche, indicando para as mulheres irem na frente.

— Ela vai ter pernas longas como as da Sophie?

— Pernas? — Cláudia arqueou as sobrancelhas. — Serão muitas pernas!

Daniel estacou de tal modo que quase derrubou o ponche.

— Não é menina?

Ela fez que não, e sorriu. Quando já estavam sentados, Cláudia sussurrou-lhe.

— Afinal de contas, você terá a oportunidade de experimentar a relação pai e filho.

Daniel levou um susto. Sempre imaginara-se rodeado por mulheres. Adoraria que Sophie tivesse uma meia-irmã. Adoraria criar uma menina.

— Você está feliz?

Um filho? Ele ia ter um menino!

Kyra tomou-lhe a mão.

Tommy McCall sentou-se ao piano, os pés balançando acima dos pedais.

Na imaginação de Daniel, seu filho teria os olhos da cor dos de Kyra, o sorriso dela e um pouco do temperamento de Archie.

Ainda pasmo, olhou para sua mulher. Feliz? Estava aterrorizado. E maravilhado.

Tommy terminou a apresentação. Em seguida, foram as irmãs Callaway. E depois Sophie. Ninguém aplaudiu mais alto do que Daniel, no final.

Quando tudo terminou, Sara, sempre com timidez, agradeceu à presença de todos.

— Ainda não acabou! — gritou Cláudia.

Sara não entendeu. Todos os alunos haviam se apresentado. Cláudia levantou-se.

— Você ainda não tocou, Sara. Ela tentou protestar.

— Hoje é o dia das crianças.

— Então, toque para elas.

Sem graça, Sara ficou em dúvida. Mas Cláudia não cedeu. Sara pensou que, por mais que tivesse melhorado naquele ano, ainda não era páreo para Cláudia.

E seus alunos apoiaram a ideia, fazendo coro pedindo que tocasse.

Sem ter como escapar, Sara foi para o piano. Umedeceu os lábios, nervosa. Fez-se um silêncio completo no salão.

Como não precisava ler nenhuma partitura, cerrou as pálpebras.

E sua música fluiu pelo salão, alegre como uma risada, triste como lágrimas, honesta como a vida. Saiu pelas janelas, passou pelos cavalos no pasto e espalhou-se pelo oceano.

Quando Sara terminou, houve um momento de quietude. Em seguida, veio a explosão de aplausos.

Sentindo-se ruborizar, ela abriu os olhos.

Kyra e Cláudia estavam a seu lado.

— Veja, Sara, estão aplaudindo de pé!

— E você bem que merece!

Ela deixou que as amigas a levassem para frente da audiência.

— Nós três merecemos.

— Mas é você a pianista talentosa — Kyra afirmou.

— E não teria feito nada sem vocês. Querem discutir comigo? Ou vamos agradecer logo e ir comer?

Cláudia e Kyra trocaram um olhar.

— Acho que criamos um monstro... — Cláudia sorriu largo. Juntas, rindo alto, as Três Tagarelas se curvaram.

**FIM**

**Disponibilização do livro: Rosangela**

**Digitalização: Joyce**

**Revisão: Maria R.**

**Versão ePub: AZ**